

LIVRO DO
PROFESSOR

VEM DESCOBRIR!

ARTE

Renato de Carvalho Cardoso (coord.)

Aline Nunes

Brunna Pinheiro Cardoso

Mariana Gomes Maziero

Taís Ferreira

3^o
ano



Anos Iniciais do
Ensino Fundamental

Arte

 **Editora
do Brasil**

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

VEM DESCOBRIR!

ARTE

Renato de Carvalho Cardoso (coord.)

- Bacharel, Mestre e Doutor em Música pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp)
- Professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Autor de livros didáticos de Arte para o Ensino Fundamental (Anos Finais) e o Ensino Médio
- Autor de livros e artigos acadêmicos na área de Música
- Experiência em projetos sociais; atuação no Ensino Superior e na formação de professores em Música

Aline Nunes

- Bacharel e Licenciada em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
- Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
- Doutora em Arte e Cultura Visual (PPGACV) pela Universidade Federal de Goiás (UFG)
- Professora do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Ensino de Pesquisa (Pibid Arte) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Autora de artigos acadêmicos na área de Artes Visuais
- Professora e formadora de professores da Educação Básica, em Artes Visuais e Educação, na rede pública de ensino

Brunna Pinheiro Cardoso

- Licenciada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
- Especialista em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
- Coordenadora editorial com experiência nos componentes Arte, Língua Portuguesa e Linguagens
- Autora de suplementos literários e livros para a educação de jovens e adultos

Mariana Gomes Maziero

- Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)
- Licenciada em Música pela Universidade Metropolitana de Santos (Unimes)
- Especialista em Educação Musical pela Faculdade Cantareira (FC)
- Mestre em Música pelo Instituto de Artes da Unesp
- Doutoranda em Música pelo Instituto de Artes da Unesp
- Autora de artigos acadêmicos na área de Música
- Experiência em musicalização, projetos sociais e instituições de ensino de Música

Taís Ferreira

- Bacharel em Artes Cênicas – Interpretação Teatral pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Doutora em Arti Visive, Performative e Mediali pela Università di Bologna (Itália)
- Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
- Professora na área de Artes – Teatro da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Pesquisadora e autora de livros, capítulos, material didático e artigos acadêmicos na área de Pedagogia das Artes Cênicas, Infâncias e Formação de Professores

3^o ano

Anos Iniciais do
Ensino Fundamental

Arte

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

“Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada”

1ª edição
São Paulo, 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vem descobrir! : arte : 3º ano : ensino fundamental : anos iniciais / Aline Nunes...[et al.] ; Renato de Carvalho Cardoso (coord.). -- 1. ed. -- São Paulo : Editora do Brasil, 2025. -- (Vem descobrir!)

Outros autores: Brunna Pinheiro Cardoso, Mariana Gomes Maziero, Taís Ferreira.
ISBN 978-85-10-10755-6 (aluno)
ISBN 978-85-10-10754-9 (professor)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Nunes, Aline. II. Cardoso, Brunna Pinheiro. III. Maziero, Mariana Gomes. IV. Ferreira, Taís. V. Cardoso, Renato de Carvalho. VI. Série.

25-298274.0

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

© Editora do Brasil S.A., 2025
Todos os direitos reservados

Direção-geral: Paulo Serino de Souza

Diretoria editorial: Felipe Ramos Poletti

Gerência editorial de conteúdo didático: Tatiany Telles Renó

Gerência editorial de produção e design: Ulisses Pires

Supervisão de design: Catherine Saori Ishihara

Supervisão de arte: Abdonildo José de Lima Santos

Supervisão de revisão: Elaine Cristina da Silva

Supervisão de iconografia: Léo Burgos

Supervisão de digital: Priscila Hernandez

Supervisão de controle e planejamento editorial: Roseli Said

Supervisão de direitos autorais: Luciana Sposito

Supervisão editorial: Nathalia Cristine Folli Simões

Consultoria técnico-pedagógica: Paloma Franca Amorim

Produção editorial: Transforma Editorial

Tratamento de imagens: Estúdio M Imagens

Projeto gráfico: Estúdio M Imagens

Capa: Talita Lima

Imagem de capa: Jéssica de Almeida

Edição de arte: Ricardo Brito

Ilustrações: Andréa Martau, Estúdio Abel Design, Jessica Maltezo, Leo Teixeira,

Leandro Francisca e Vanessa Alexandre

Editoração eletrônica: Abel Design

Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Marianna Moretti, Solange Rodrigues e Tainá Esposto

Controle e planejamento editorial: Bianca Gomes, Isabel Ferreira, Julia Narvas, Juliana Gonçalves, Larissa Facco, Liliam Gagliardi, Maria Trofino, Renata Vieira e Valéria Alves

1ª edição / 1ª impressão, 2025
Impresso no parque gráfico da...

As capas desta coleção reúnem o talento vibrante de ilustradores de todas as regiões do Brasil, oferecendo um mosaico visual da cultura e da criatividade brasileira.



Editora do Brasil

Avenida das Nações Unidas, 12901
Torre Oeste, 20º andar
São Paulo, SP - CEP: 04578-910
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

QUERIDO ESTUDANTE,

Você já dançou, cantou, brincou de faz de conta, imitou alguém, desenhou, observou formas nas nuvens ou batucou para fazer som?

Tudo isso (e muito mais!) é a arte presente no dia a dia. Esses gestos fazem parte da vida, nos ajudando a perceber e a conhecer o mundo de jeitos diferentes.

Nesta coleção, você vai aprender sobre artes visuais, dança, música e teatro, sendo protagonista em jogos e brincadeiras e desenvolvendo a percepção e a imaginação.

Para isso, convidamos você a se movimentar, cantar, tocar, encenar, imitar, pintar, fotografar, montar, improvisar e se divertir!

Então, prepare-se para conhecer e usufruir as artes em suas diferentes linguagens, levando essas experiências da infância para toda a vida!

As autoras, o autor e a equipe editorial

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

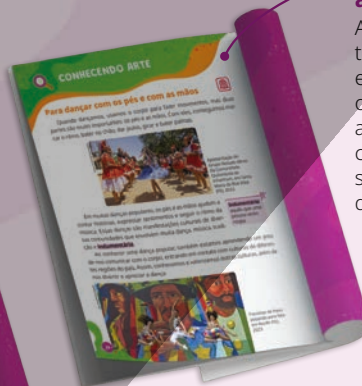
CONHEÇA SEU LIVRO

As seções de seu livro são interessantes, variadas e lúdicas. Saiba mais sobre elas a seguir.



Abertura de unidade

Traz duas imagens que são o ponto de partida para iniciar uma conversa sobre o tema da unidade.



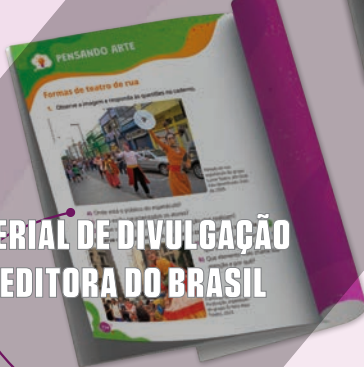
Conhecendo arte

Apresenta textos, imagens e áudios sobre obras de arte, além de curiosidades sobre os mais diversos artistas.



Aquecendo

Oferece atividades interessantes e divertidas para preparar você para o estudo da unidade.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Pensando arte

Propõe atividades de reflexão e de experimentação que ajudam na aprendizagem.

Expressão de artista
Mostra como os artistas se expressam cada um a sua maneira.



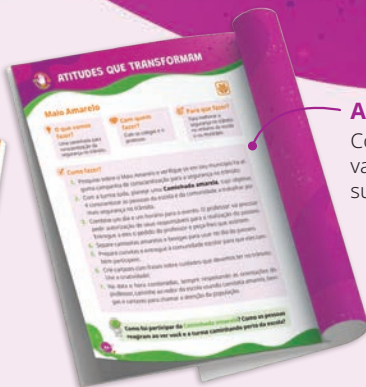
Maleta de artista

Traz diferentes materiais e técnicas que os artistas utilizam para criar arte.



Universo digital

Aborda o uso de tecnologias digitais, seus benefícios e os cuidados para explorá-las.



Atitudes que transformam

Contém atividades que incentivam a prática de valores como ética, cidadania, cultura de paz, sustentabilidade, entre outros.



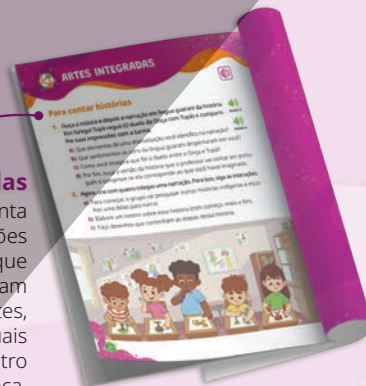
Fazendo arte

Traz uma proposta de produção artística que explora os conceitos apresentados na unidade.



O mundo que nos cerca

Propõe questões sobre temas importantes para reflexão.



Artes integradas

Apresenta manifestações artísticas que integram diferentes artes, como artes visuais e música, teatro e dança.



Nesta unidade, vimos

Retoma os principais conceitos e procedimentos trabalhados na unidade.



Mapa da arte

Apresenta um mapa mental que tem como objetivo a síntese e a avaliação do que foi estudado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

- ATIVIDADE ORAL
- ATIVIDADE EM DUPLA
- ATIVIDADE EM GRUPO

Objetos digitais:



ÁUDIO



INFOGRÁFICO CLICÁVEL

Temas contemporâneos transversais (TCTs):



MEIO AMBIENTE



ECONOMIA



CIDADANIA E CIVISMO



SAÚDE



MULTI-CULTURALISMO



CIÊNCIA E TECNOLOGIA

SUMÁRIO

Unidade 1: Quais são os sons de quem sempre esteve aqui? 8

Aquecendo.....	10
Conhecendo arte.....	12
Maleta de artista.....	15
Expressão de artista.....	16
Pensando arte.....	18
🔊 Áudio 1.....	18
Conhecendo mais arte.....	19
🔊 Áudio 2.....	19
Artes integradas.....	20
🔊 Áudio 3.....	20
🔊 Áudio 4.....	20
Fazendo arte.....	22
🔊 Áudio 5.....	22
Nesta unidade, vimos.....	24
Mapa da arte.....	25

Unidade 2: Como se dança na sua terra? 26

Aquecendo.....	28
🔊 Áudio 6.....	28
Conhecendo arte.....	30
Expressão de artista.....	31
🔊 Áudio 7.....	31
🔊 Áudio 8.....	33
Pensando arte.....	36
Conhecendo mais arte.....	37
Maleta de artista.....	37
🔊 Áudio 6.....	37
Fazendo arte.....	38
Nesta unidade, vimos.....	40
Mapa da arte.....	41

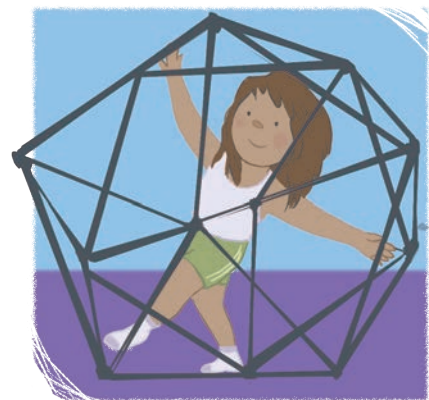
Unidade 3: Vamos fazer teatro em comunidade? 42

Aquecendo.....	44
Conhecendo arte.....	46
Maleta de artista.....	50
📍 Infográfico clicável.....	50
Expressão de artista.....	51
Pensando arte.....	52
Fazendo arte.....	55
Nesta unidade, vimos.....	58
Mapa da arte.....	59

Unidade 4: Quando a arte encontra a terra? 60

Aquecendo.....	62
Conhecendo arte.....	64
Pensando arte.....	66
📍 Infográfico clicável.....	66
Conhecendo mais arte.....	68
Expressão de artista.....	68
Maleta de artista.....	69
Fazendo arte.....	70
Nesta unidade, vimos.....	72
Mapa da arte.....	73

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Unidade 5: Como fazer música juntos? 74

Aquecendo.....	76
Conhecendo arte.....	78
🔊 Áudio 9.....	78
🔊 Áudio 10.....	78
Maleta de artista.....	80
Expressão de artista.....	81
🔊 Áudio 11.....	81
O mundo que nos cerca.....	82
Atitudes que transformam.....	84
Pensando arte.....	85
🔊 Áudio 11.....	85
Fazendo arte.....	86
🔊 Áudio 11.....	87
Nesta unidade, vimos.....	88
Mapa da arte.....	89

Unidade 6: Você conhece seu espaço? 90

Aquecendo.....	92
Conhecendo arte.....	94
🌐 Infográfico clicável.....	94
Pensando arte.....	96
Universo digital.....	97
Conhecendo mais arte.....	98
🌐 Infográfico clicável.....	98
Maleta de artista.....	99
Expressão de artista.....	100
Fazendo arte.....	102
Nesta unidade, vimos.....	104
Mapa da arte.....	105

Unidade 7: Teatro de rua é para todo mundo? 106

Aquecendo.....	108
Conhecendo arte.....	110
🌐 Infográfico clicável.....	110
Pensando arte.....	114
Conhecendo mais arte.....	116
Maleta de artista.....	116
Expressão de artista.....	117
Fazendo arte.....	119
Nesta unidade, vimos.....	122
Mapa da arte.....	123

Unidade 8: A natureza inspira a arte? 124

Aquecendo.....	126
Conhecendo arte.....	128
🌐 Infográfico clicável.....	128
Pensando arte.....	134
Conhecendo mais arte.....	136
Expressão de artista.....	136
Maleta de artista.....	137
Fazendo arte.....	140
Nesta unidade, vimos.....	142
Mapa da arte.....	143

Bibliografia 144



Andréa Marrau

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Objetivos da unidade

- Conhecer músicas e artistas indígenas.
- Identificar instrumentos de sopro, de cordas e de percussão usados em músicas indígenas.
- Reconhecer a importância da respiração ao tocar instrumentos de sopro.
- Identificar os contextos em que a música indígena está presente.
- Conhecer uma narrativa tupi.
- Experimentar a marcação de ritmo de música indígena usando os pés e as mãos.

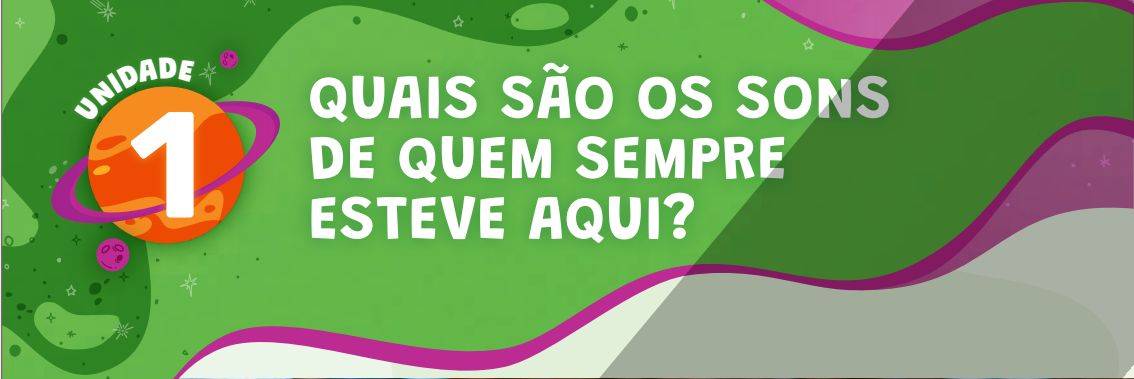
Dicas de organização

- Nas propostas que envolvem criação artística, providencie com antecedência os materiais necessários; por exemplo, o aparelho para reproduzir os áudios, as garrafas PET limpas e outros materiais que por ventura for usar.
- Providencie também o espaço disponível para as experimentações que envolvam movimentos corporais. O ideal é utilizar um espaço mais amplo, como pátio ou quadra da escola.
- Durante as conversas, lembre sempre a turma de manter uma escuta ativa e respeitosa quando os colegas estiverem com a palavra. Dê preferência à organização da sala em círculo ou semicírculo.

Orientações

Nesta unidade, serão apresentados alguns instrumentos indígenas, bem como músicas produzidas por algumas etnias. É importante tomar cuidado para que as referências a povos indígenas não sejam reduzidas a estereótipos, mas, ao contrário, que ampliem o repertório cultural, sonoro e imagético dos estudantes.

Por meio da comparação entre as imagens, os estudantes terão o primeiro contato com instrumentos de duas classificações diferentes: de sopro e de percussão. Portanto, verifique o que eles já conhecem desses instrumentos, fazendo uma leitura de imagem por meio das perguntas propostas, que buscam descrever os elementos das fotografias. Se julgar pertinente, você



Criança da etnia Tuyuka da aldeia Utapinozona tocando flauta pan, em Manaus (AM), 2022.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



pode ampliar a conversa, questionando os estudantes sobre outros aspectos que surgirem com base nas respostas.

Apreciar as imagens comparativamente no início da unidade oferece uma oportunidade de avaliação diagnóstica do repertório dos estudantes. Mesmo que eles não saibam os nomes dos instrumentos, podem falar o que conhecem dos instrumentos de sopro e percussão. Nessa faixa etária, é fundamental abarcar uma apreciação de imagens ativa, em que os estudantes possam se expressar de formas diversas, como imitando com a voz um som que reconhecem pela imagem ou fazendo movimentos corporais que sugiram como se toca determinado instrumento.

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

Competências específicas de Arte: 1, 2, 3, 4, 5, 8 e 9.

Habilidades: EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR17, EF15AR23, EF15AR24, e EF15AR26.

Os **Temas Contemporâneos Transversais (TCTs)** abordados nesta unidade são **Multiculturalismo e Ciência e Tecnologia**.

1. Em qual das imagens há instrumentos de sopro?
2. Em qual delas há instrumentos de percussão?
3. Você conhece algum dos instrumentos que aparecem nas imagens? Como você acha que é o som deles?

Respostas

1. Na primeira imagem, o menino no primeiro plano e uma das pessoas ao fundo estão tocando flauta pan, instrumento de sopro.
2. Na segunda imagem. As quatro pessoas que se apresentam estão tocando maracá.
3. Respostas pessoais. Incentive os estudantes a falar livremente sobre o que sabem. Espera-se, nesse momento, que eles já tenham certo conhecimento sobre o som de instrumentos de percussão e de sopro. Peça a eles que descrevam os sons dos instrumentos que aparecem nas imagens da forma como souberem e comente que eles vão confirmar as hipóteses no decorrer da unidade.



Ceslar Diniz/Pulsar Imagens

Indígenas da etnia Kaimbé tocando maracá, em Mairiporã (SP), 2023.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- Fruir as manifestações artísticas dos povos originários.
- Apreciar músicas de artistas indígenas.
- Conhecer instrumentos indígenas.

Orientações

Para a realização desta atividade, é importante que cada estudante esteja com uma garrafa PET vazia e higienizada. Será preciso ter um trabalho prévio de trazer garrafas com um bocal pequeno para a sala de aula. Caso a escola não tenha esse material, solicite com alguma antecedência a cada estudante que traga uma garrafa ou faça uma solicitação à comunidade escolar. Se as garrafas forem de diferentes tamanhos, mesmo vazias, já produzirão sons diferentes.

Tenha com você outra garrafa com água para colocar um pouco do líquido nas garrafas dos estudantes e, assim, obter diferentes sons. A altura do som muda conforme o espaço vazio dentro da garrafa, podendo obter notas mais agudas ou graves. Quanto mais água, menor o espaço vazio e mais agudo o som.

Nessa atividade, trabalha-se a **embocadura**, ou seja, o posicionamento dos lábios usado para tocar um instrumento de sopro com bocal de aresta, como a flauta transversal, o pí-fano e a flauta pan (um dos instrumentos abordados na unidade). Os instrumentos de aresta são os que o ar passa pela borda de um dos lados de onde se assopra ou que se tem uma aresta dentro do instrumento por onde o ar circula, como na flauta doce e no apito.

A garrafa funciona como uma câmara de ressonância, então, explique para a turma que, com menos ar (e, portanto, mais água), o som fica mais agudo, e, com mais ar, fica mais grave.

As flautas estão presentes na instrumentação indígena. O instrumento que é a flauta pan, a qual se experimentado pelos estudantes na atividade proposta.

Na impossibilidade de se ter garrafas para todos, sugerimos: (1) trabalhar em pequenos grupos – de mais ou menos cinco crianças – por vez; (2) utilizar garrafas PET pequenas, cujo bocal não seja muito largo; (3) no lugar das garrafas, utilizar pedaços pequenos de mangueira (aproximadamente 10 cm), fechando o fundo com uma fita-crepe (nesse caso, a mangueira com tamanhos diferentes também gera sons diferentes, assim como quando se colocar a água na garrafa).



AQUECENDO

Vamos assoprar?

Material

- Garrafa PET limpa

1. Você vai experimentar sons assoprando. Siga as orientações.

- a) Segure uma garrafa PET vazia com as duas mãos e assopre dentro dela algumas vezes. Reflita sobre os sons que você produziu.



- b) Assopre novamente dentro da garrafa vazia e ouça os diferentes sons que estão sendo produzidos na sala de aula quando todos os estudantes assopram ao mesmo tempo.



Encoste a ponta do lábio inferior na borda do bocal da garrafa. Projete o lábio superior para a frente e assopre para baixo.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

10

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR14 A prática lúdica de experimentar sons ao assoprar uma garrafa PET vazia e com água, explorando diretamente os elementos de altura e intensidade do som, permite a percepção de como diferentes sons podem ser gerados e como eles variam com o contexto de execução.


EF15AR15 A experiência de manipular garrafas e identificar diferentes sons e suas variações permite o reconhecimento de diversos recursos sonoros, tanto naturais quanto corporais, como objetos do cotidiano, ao mesmo tempo que propicia o aprendizado sobre as características dos instrumentos musicais.

- c) Coloque um pouco de água dentro da garrafa. Assopre mais uma vez, prestando atenção em como sairá o som.



Ilustrações: Estúdio Abel Design

- d) Ao comando do professor, você deve assoprar a garrafa com água junto com os colegas. Preste atenção em como são os sons produzidos e no que eles transmitem a você.

2. Para encerrar a experiência, converse com os colegas sobre as questões seguintes. 



2. a) Resposta pessoal. Oriente os estudantes a responder com as próprias palavras, descrevendo o som como souberem.

- a) Como é o som que você produziu sozinho com a garrafa vazia?
 b) Como você descreveria o som que a turma produziu coletivamente?
 2. b) Resposta pessoal. 2. c) Resposta pessoal, pois, dependendo do nível de água na garrafa, como é o som produzido com a garrafa com água? os sons podem ser mais agudos ou mais graves.
 d) Você percebe alguma diferença entre o som produzido com a garrafa vazia e o que foi produzido usando a garrafa com água? Qual?
 2. d) Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes digam que sim e argumentem diferenciando os sons.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

11

Orientações

Na produção do som com as garrafas, espera-se que os estudantes explorem jeitos de assoprar, o que é um exercício de tentativas, erros e acertos, até que eles encontrem a angulação do ar para dentro da garrafa. Em um segundo momento, cada estudante pode descobrir diferentes sonoridades ao perceber que garrafas de tamanhos distintos produzem outros sons (o que vai variar de acordo com o tamanho de cada garrafa), ao conseguir ouvir a produção sonora dos colegas e ao perceber que diferentes notas são produzidas ao acrescentar ou tirar a água de dentro da garrafa.

É possível resgatar o conceito de altura, para que os estudantes possam fazer relações de grave e agudo na observação do som que algum colega faz e de outro colega que está com uma garrafa diferente ou com a mesma garrafa antes e depois de colocar água.

Sobre a avaliação

A seção **Aquecendo** tem por objetivo iniciar o estudo da unidade por meio de uma proposta que pode envolver aquecimento corporal, sensibilização ou apreciação dirigida. As atividades são compostas de forma a permitir que os estudantes tenham uma vivência prática logo no início do trabalho, de forma a ficar mais ativamente envolvidos e engajados com o restante do conteúdo.

Por se tratar de uma atividade de experimentação, é importante deixar que os estudantes encontrem o próprio modo de produzir diferentes sons e explorem as possibilidades criativas do objeto sonoro.

Orientações

Faça a leitura compartilhada do texto com os estudantes, aproveitando o momento para propor também a leitura das imagens. Ao apresentar os instrumentos de cada classificação, pergunte a eles o que esses instrumentos têm em comum, por que estão agrupados juntos, entre outras questões que surgirem.

Comente com os estudantes que os instrumentos indígenas podem variar de acordo com a etnia indígena, seja por meio dos sons, seja por meio de grafismos ou materiais de que são feitos.

Se possível, sugerimos que leve para a sala de aula mais imagens ou instrumentos das classificações apresentadas para que os estudantes apreciem e/ou manipulem.

A apreciação de artistas indígenas mobiliza o TCT **Multiculturalismo**.

Saiba mais

No site Guia de Museus, é possível fazer um *tour* virtual em uma exposição com muitos instrumentos indígenas. Se houver possibilidade, aproveite o momento para explorar o site com os estudantes. Disponível em: https://guiademuseus.com.br/inicioGuia.aspx?fk_ponto=76. Acesso em: 30 jul. 2025.

Em relação à música indígena, leia o texto a seguir para ampliar seus conhecimentos sobre o assunto.

Cultura: a música nas tradições indígenas

A música tem papel de destaque na cultura das comunidades indígenas do país, sendo um importante meio de preservação da grande parte das memórias e tradições nas aldeias. A música dessas populações representa não somente a riqueza cultural das diferentes etnias, mas também um forte instrumento de socialização, promovendo conexão com a ancestralidade indígena e a natureza em suas mais variadas expressões.

A transmissão das composições mais antigas é passada oralmente de uma geração a outra, existindo, dessa maneira, canções que privilegiam diferentes momentos da vida cotidiana nas aldeias, como em ritos de passagem, festas em homenagem aos mortos, celebrações cíclicas, cultos aos ancestrais e festas guerreiras. Há, predominantemente, o uso de poucas notas e qua-



Ocarinas e apitos de diferentes tamanhos e



Indígenas da etnia Mehinako, da aldeia Uyapiyuku, tocando flauta *uruá* durante preparativo para o Kuarup, Parque Indígena do Xingu (MT), 2022.

se nenhuma variedade de andamento durante a sua execução. O ritmo geral é **binário** ou **ternário** e, às vezes, alternam-se em um mesmo verso.

Os instrumentos musicais mais comuns são o chocalho (ou maracá), a flauta, o reco-reco, feito com casca de tartaruga, as trombetas de cuia, percussão, sopro e os bastões de ritmo. O maracá é usado para acompanhar o canto. Para fazer esse instrumento, os indígenas pegam uma cabaça e colocam dentro dela pequenas pedras e sementes. Depois, fecham o buraco, colocam no chocalho um cabo de madeira e o enfeitam com penas. Outro instrumento utilizado é o pau-de-chuva, feito com um longo canudo de bambu ou madeira, onde se colocam várias sementes.

Na cultura indígena, os instrumentos musicais se classificam predominantemente como membranófonos [*membrafonos*], cujo som é produzido pela vibração de uma membrana ou pele esticada num suporte que pode ser percutida com baquetas ou dedos, como os tambores e outros instrumentos de percussão; e aerófonos, que soam por uma coluna de ar posta em vibração, tais como as flautas, trombetas e apitos.

A produção musical indígena apresenta composições com funções específicas, e é baseada no canto e em instrumentos construídos com aquilo que é encontrado na natureza. Os sons da natureza se fazem bastante presentes na música indígena, que procura, muitas vezes, mimetizar os sons de aves e

- Percussão: maracás, chocalhos de pé, bastões, tambores, etc.



Jovens da etnia Xerente durante apresentação da Dança do Maracá, em Tocantínia (TO), 2025.



Ritual de passagem da Moça Nova da etnia Ticuna, na aldeia VendaVal, São Paulo de Olivença (AM), 2018.

- Cordas: arco de boca, violão, *ravé* (rabeca guarani), etc.



Indígena da etnia Kaingang tocando violão, em Jordão (AC), 2021.



Indígena da etnia Guarani, na aldeia Tekoa Ytu, tocando *ravé*, em São Paulo (SP), 2017.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

▶ de animais silvestres. A fusão entre música e dança é uma forma de celebração e culto dos usos, costumes e crenças de cada etnia.

CULTURA: a música nas tradições indígenas. Fundação Nacional dos Povos Indígenas, 4 nov. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/cultura-a-musica-nas-tradicoes-indigenas>. Acesso em: 30 jul. 2025.

Glossário

Ritmo binário: refere-se ao compasso musical de dois tempos, em que o primeiro é mais forte e o segundo, mais fraco.

Ritmo ternário: refere-se ao compasso musical de três tempos, em que o primeiro é mais forte e os outros dois, mais fracos.

Orientações

Explore com os estudantes o boxe **Para ir mais longe**. Na página indicada, é possível fazer um *tour* virtual pela exposição *Fruturos* e ouvir os sons de cada instrumento apresentado. Se possível, promova um trabalho interdisciplinar com Geografia, explorando as diferentes culturas e tradições dos povos indígenas do Brasil.

- Canto: pode se apresentar como uma fala cantada, com variações de ritmo, uso da voz com contrastes (do grave para o agudo, e vice-versa), gritos, assobios, entre outros recursos vocais.

Mulher da etnia Pataxó, da aldeia Reserva da Jaqueira, canta em evento em Porto Seguro (BA), 2024.



Luciana Whitaker/Pulsar Imagens



Cesar Diniz/Pulsar Imagens

Apresentação do Coral Guarani M'Bya da aldeia Takuari-Ty de Cananeia no Revelando SP, em Iguape (SP), 2024.

PARA IR MAIS LONGE



SITE

- Para saber mais sobre alguns instrumentos indígenas, acesse a página do Museu do Amanhã, leia os textos e ouça os sons de cada instrumento descrito. Disponível em: <https://fruturos.museudoamanha.org.br/amazonia-milenar/instrumentos-musicais-indigenas/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

14

Maleta de artista

No começo desta unidade, você teve a experiência de emitir sons assoprando uma garrafa PET. Geralmente, quando fazemos uma respiração profunda, estufamos o peito, enchendo o pulmão. Agora, você vai tentar fazer uma respiração profunda, só que pelo diafragma, que é um músculo que fica abaixo dos pulmões e acima do estômago, para entender na prática como é a respiração para tocar instrumentos de sopro.

Se puder, deite-se de barriga para cima e coloque as mãos logo abaixo das costelas. Feche os olhos e inspire puxando bastante ar. Em vez de estufar o peito, você tem de sentir suas mãos subindo, como se a barriga fosse uma grande bexiga enchendo. Esse tipo de respiração é utilizado para tocar diversos instrumentos de sopro, incluindo a flauta pan. Isso significa que, além do instrumento musical, o corpo humano também é fundamental para produzir os sons dos instrumentos de sopro.



PERGUNTA EM CASA

Há alguma etnia indígena na região em que você mora? Caso não saiba, pergunte em casa aos familiares e pesquise com eles. Se houver, amplie sua pesquisa, perguntando às pessoas que moram em sua comunidade se existe algum instrumento que seja característico dessa etnia. Tome nota das respostas que receber para compartilhar com a turma na próxima aula. Lembre-se de que esse registro deve ser feito no caderno.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Luís Salvatore/Pulsar Imagens



Jovem da etnia Tatuyo tocando flauta pan, em Manaus (AM), 2022.

Orientações

Na subseção **Maleta de artista**, além dos instrumentos de sopro, apresentamos o corpo humano (mais precisamente o sistema respiratório) como fundamental para a execução de sons por meio desse tipo de instrumento. Assim, optamos por mostrar aos estudantes como deve ser a respiração para tocar um instrumento de sopro e como é importante conseguir controlá-la para isso.

Oriente os estudantes a experimentar o exercício de respiração e comente que eles precisam ter tranquilidade para observar o próprio corpo. Providencie tatames ou colchonetes e convide-os a se deitarem no chão da sala ou vá com eles até uma área da escola em que possam fazer isso. Caso não seja possível fazer o experimento com os estudantes deitados, convide-os a realizá-lo sentados. Chame a atenção deles para a posição das mãos e o movimento que envolve o peito (portanto, os pulmões) e a barriga.

Articulação interdisciplinar

O estudo da execução dos sons que envolve um exercício de respiração possibilita um trabalho interdisciplinar com Ciências.

Para o trabalho com o boxe **Pergunta em casa**, se sua comunidade for indígena ou se em sua região houver alguma comunidade indígena, verifique a possibilidade de solicitar aos responsáveis pelos estudantes de fazer uma visita, incentivando a pesquisa de campo. Caso não seja possível, peça aos estudantes que pesquisem na internet, com a mediação dos responsáveis, algumas comunidades e anatem os resultados no caderno a fim de compartilhar com a turma na aula seguinte.

Orientações

A subseção **Expressão de artista** trata um pouco sobre a musicalidade indígena. Para os povos indígenas, a música está presente não só em momentos de lazer, mas também em momentos sagrados, de ritos e em celebrações. Se possível, apresente vídeos de alguns desses eventos indígenas em que há música para que os estudantes possam apreciar os movimentos feitos, os instrumentos usados, o canto, entre outros.

Quando chegar aos questionamentos “Você conhece algum ritual que envolva música, história e movimento? Que instrumentos são utilizados nesse ritual?” do Livro do Estudante, pare a leitura e abra espaço para uma discussão oral. As respostas podem ser diversas, envolvendo rituais religiosos, alguma festa tradicional regional, uma brincadeira ou até mesmo um trabalho (uma vez que a música está presente, por exemplo, nos cantos de trabalho).

Apresente à turma a artista indígena Kaê Guajajara e, se possível, outros grupos musicais indígenas como Brô MC's, primeiro grupo de *rap* indígena do Brasil, e Arandu Arakuaa, banda de *rock* cujas canções são em tupi-guarani.

Saiba mais

Visite a página indicada a seguir para conhecer outros grupos de música indígena e apresentar aos estudantes. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/7-grupos-de-musica-indigena-que-voce-precisa-conhecer/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

Expressão de artista

A música indígena está presente em rituais, cerimônias, celebrações e na transmissão de conhecimentos. Para algumas pessoas que estudam música, a musicalidade indígena envolve os seguintes aspectos:

- **Ritos:** celebrar colheitas, curar doentes, brincar, colher, caçar, etc.;
- Instrumentos: geralmente, a sonoridade do instrumento refere-se a um mito e/ou uma história;
- **Mito/oralidade/canto:** os relatos e a transmissão de conhecimento são feitos por meio das histórias orais;
- Movimento/dança: muitas vezes, quem está contando a história também vai dramatizá-la, reproduzindo os sons e os gestos da natureza, incluindo danças.

Ritos: celebrações para agradecer, fazer pedidos, contar histórias, etc.

Mito: história que tenta explicar a origem do mundo, dos fenômenos da natureza, entre outros.



**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

Índigenas da etnia Waurá durante ritual da Dança dos Peixes, na aldeia Topepeweke, no Parque Indígena do Xingu (MT), 2024.

16



Mulheres de diferentes etnias celebrando ritual feminino durante encontro na aldeia urbana multiétnica Maracanã (Marakana), instalada no antigo Museu do Índio, no Rio de Janeiro (RJ), 2024.

Você conhece algum ritual que envolva música, história e movimento? Que instrumentos são utilizados nesse ritual? Compartilhe com os colegas.

Atualmente, há diversos artistas que levam a cultura indígena para um público não indígena, ampliando o reconhecimento dos **povos originários**.

Esses artistas têm se utilizado das temáticas que envolvem o universo indígena brasileiro para se expressarem por meio de diferentes gêneros musicais.

É o caso de Kaê Guajajara, artista que une a música à luta por direitos indígenas, valorização da cultura e defesa do meio ambiente.

O estilo musical de Kaê combina elementos da música tradicional indígena com outros gêneros musicais como **pop, reggae e folk**.

Povos originários: povos indígenas que já estavam no território antes da colonização.
Pop, reggae e folk: estilos de música popular.

QUEM É KAÊ GUAJAJARA?

Kaê Guajajara (1993-) é cantora e compositora. Nasceu em Mirinzal (MA) e cresceu na favela da Maré na cidade do Rio de Janeiro (RJ).



Yuri Murakami/Fotoarena

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL Kaê Guajajara em show musical, em São Paulo (SP), 2023.

Orientações

Antes de propor a apreciação da canção e a reflexão sobre ela, ressalte para os estudantes que a população indígena brasileira é constituída de diversos povos que têm características distintas entre si. Outro fator a ser destacado é que algumas sonoridades podem parecer mais comuns para os estudantes e outras menos. Isso se deve à maior ou menor proximidade da comunidade escolar em relação à população indígena.

A canção “Kyringüé Nhě’ë” faz parte do projeto Yv’y poty, yva’á – Flores e frutos da terra, que reuniu aldeias Guarani Mbya do Rio Grande do Sul.

Após a audição da canção, faça a leitura compartilhada dos itens da **atividade 4** e deixe os estudantes à vontade para respondê-los. No **item a**, peça-lhes que justifiquem as opiniões com base em argumentos fundamentados em dados da canção, evitando que a resposta fique apenas no nível do sim e do não. Se necessário, instigue-os com outras questões. No **item b**, converse com a turma sobre os possíveis instrumentos que podem ter sido usados na gravação. Se julgar pertinente, retome os instrumentos apresentados anteriormente. Ainda que os estudantes não conheçam o real som de cada um dos instrumentos, eles podem reconhecer sonoridades similares, como maracás e chocalhos de pés (ou algum outro tipo de chocalho), a voz cantada (por crianças e adultos), a *ravé* (rabeca ou algum outro instrumento de cordas com arco) e possíveis sons do corpo (batidas de pés, por exemplo). No **item c**, deixe que os estudantes falem livremente, mas peça que justifiquem suas opiniões, treinando a argumentação. O **item d** pode ser um pouco mais desafiador para a turma. Leia a tradução da canção com eles e depois pergunte o que entenderam do trecho. Espera-se que eles percebam que a letra da canção fala da esperança de haver uma terra em que os povos indígenas possam viver em harmonia e com alegria.

A apreciação de exemplo de música indígena dialoga com o TCT **Multiculturalismo**.

Objeto digital

Para apoiar o estudo desta seção, oriente os estudantes a acessar o **áudio 1** disponível no Livro Digital do Estudante.



PENSANDO ARTE

Música indígena

Os Guarani são uma das maiores populações indígenas da América do Sul e está presente em diversos estados brasileiros. Fazem parte desse povo os Mbya, os Kaiowá, os Nandeva e os Chiriguano.



AUDIO 1

1. Para conhecer um pouco da música indígena brasileira, ouça “Kyringüé Nhě’ë” (Anjo das crianças), do grupo Nhě’ë Ambá, do povo Mbya.
2. Ouça uma segunda vez a canção e acompanhe a letra.

Kyringüé Nhě’ë

Kyringüé nhě’ë
Nhambojeroviá kyringüé nhě’ë
Nhambojeroviá kyringüé nhě’ë
Yv’y ju mirim jaupity aguã
Yv’y ju mirim jaupity aguã jaupity aguã

3. Agora, conheça o significado da letra da canção.

Tendo esperança no anjo das crianças
Tendo esperança no anjo das crianças
Para alcançar a terra sem males
Para alcançar a terra sem males
O fruto da terra vai gerar alegria e harmonia

4. d) Resposta pessoal. O sentido da letra pode variar de acordo com os conhecimentos que os estudantes possuem. No entanto, espera-se que eles percebam que é sobre a esperança por um mundo mais harmonioso para os povos indígenas.

Maria Elizabeth Lucas e Marília Stein (org.). *Yv’y poty, yva’á – Flores e frutos da terra: cantos e danças tradicionais Mbyá-Guarani*. 2. ed. Porto Alegre: Iphan/Grupo de Estudos Musicais/PPGMUS/UFRGS, 2012. p. 86.

4. Por fim, converse com os colegas e o professor sobre as questões a seguir.
 - a) O que você achou da canção? Justifique. 4. a) Resposta pessoal.
 - b) Que instrumentos você acha que são usados? 4. b) Resposta pessoal.
 - c) Que sensações e sentimentos essa música provocou em você? 4. c) Resposta pessoal.
 - d) Sobre o que fala a letra da canção?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

18

Sobre a avaliação

A seção **Pensando arte** é indicada como um momento de avaliação formativa. A avaliação das respostas às questões tem a função de propiciar a inclusão dos estudantes e a regulação de suas aprendizagens. Dessa forma, você pode ajustar sistematicamente suas práticas pedagógicas às necessidades de cada um. Recomenda-se que sejam feitos registros escritos do acompanhamento dos estudantes no **diário de bordo**, pois essas anotações oferecem fundamentação para os ajustes das estratégias de ensino.



A música de Kaê Guajajara

Para compreender um pouco mais sobre a diversidade da música indígena, ouça “Território ancestral”, de Kaê Guajajara.

Durante a escuta, preste atenção nos instrumentos musicais que estão presentes na composição. Depois, leia parte da letra da canção.



ÁUDIO 2

Território ancestral

Alô mãe, você sente minha falta?
Por que eu também sinto falta de mim
Alô mãe, canta que o corpo transpassa o tempo
E nos faz resistir
Deixei meu cocar no quadro
Retrato falado, escrevo daqui
Num apagamento histórico
Me perguntam como eu cheguei aqui
A verdade é que eu sempre estive
Vou te contar uma história real
Um a um morrendo desde os navios de Cabral
Nós temos nomes, não somos números
Pra me manter viva, preciso reexistir
Dizem que não sou de verdade
Que não deveria nem estar aqui
O lugar onde vivo me apaga e me incrimina
Me cala e me torna invisível
[...]

Kaê Guajajara. Território ancestral. [Belo Horizonte]: Letras, c. 2003-2025. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/kae-guajajara/territorio-ancestral/>. Acesso em: 12 set. 2025.

Ouçã uma vez mais o áudio e converse com os colegas e o professor sobre a canção.

- MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL**
- a) Aponte os instrumentos que você pode perceber na canção.
a) Resposta pessoal.
b) Com a turma, busque compreender a mensagem da letra da canção.
b) Resposta pessoal.

Orientações

Nesta seção, proporciona-se a oportunidade de ampliar os conhecimentos sobre artistas indígenas; no caso, uma artista indígena que circula nas mídias e, por isso, alcançou também um grande público não indígena.

Para promover a escuta da canção “Território ancestral”, da artista indígena Kaê Guajajara, pergunte aos estudantes se eles imaginam do que trata a canção apenas com base na leitura de seu título. Permita que eles levantem hipóteses e depois passe à escuta do áudio, reforçando a recomendação de que prestem atenção nos instrumentos utilizados no arranjo da música. Após a audição, faça com eles uma roda de conversa para verificar se as opiniões deles mudaram e continuar coletivamente a interpretação da mensagem da letra da canção. Ajude nessa construção levando-os a perceber que a canção fala sobre a luta pela valorização dos povos indígenas e de seus territórios.

Objeto digital

Para apoiar o estudo desta seção, oriente os estudantes a acessar o **áudio 2** disponível no Livro Digital do Estudante

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR13 A apreciação das músicas e a reflexão sobre suas letras proporcionam uma compreensão crítica dos usos da música em contextos de transmissão de saberes dentro da vida cotidiana indígena, além de contribuir para o reconhecimento de funções culturais e sociais da música indígena.

Orientações

O vídeo *Xivi ha'eguí tupã reguá – O duelo da Onça com Tupã* foi elaborado por pesquisadores guarani Mbyá e Juruá (não indígenas), de diferentes comunidades do Rio Grande do Sul, e pelo Grupo de Estudos Musicais (GEM), do programa de pós-graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMUS-UFRGS).

O duelo entre a Onça e Tupã (divindade) foi narrado nesse vídeo por Neusa Benites da Silva, na Tekoá guarviraty (Santa Maria/RS), e os desenhos foram feitos pelas crianças e jovens na Tekoá pindó mirim (terra indígena de Itapuã, Viamão/RS).

Na gravação original, é possível ouvir uma voz feminina, um coro de vozes de crianças, alguns instrumentos de percussão, como maracás e chocalhos de pé, e *ravé* (rabeca guarani).

Explique para os estudantes que o duelo entre Tupã e a Onça é um desafio, ou seja, um teste de coragem. Em seguida, conte a eles a versão da história, apresentada a seguir. A Onça se aproxima de Tupã, rugindo e com a boca como se fosse engoli-lo, mas Tupã não se mexe e decide revidar, escurecendo uma nuvem no céu, que passou a trovejar e relampejar, assustando a Onça. A Onça correu para se esconder na caverna, mas os trovões eram tão fortes que destruíram tanto a caverna quanto a Onça, que achou que se salvaria fugindo para a caverna, mas não se salvou.

Essa história é o que justifica o motivo de, quando chove e troveja, as onças não saírem da toca.

Esse é um projeto de muitas etapas até a edição final. Se julgar necessário, promova a atividade formando o único grupo com todos os estudantes e dividindo-os por funções, de forma que todos possam participar da produção do vídeo. Se esse for o caso, é importante que a discussão inicial sobre a escolha da história seja feita pela turma toda.

Por se tratar de um projeto de médio prazo, separe algumas aulas para sua execução. Além disso, pesquise e baixe previamente aplicativos e/ou softwares gratuitos que possibilitem a gravação do vídeo. Caso não seja possível gravar o vídeo, organize uma apresentação teatral (com a narração de história) e uma exposição dos desenhos para a comunidade escolar, mantendo as funções dos estudantes na participação ativa do projeto.



ARTES INTEGRADAS



Para contar histórias

1. Ouça a música e depois a narração em língua guarani da história *Xivi ha'eguí Tupã reguá* (O duelo da Onça com Tupã) e compartilhe suas impressões com a turma.
 - a) Que elementos de uma dramatização você identifica na narração?
1. a) Resposta pessoal.
 - b) Que sentimentos os sons da língua guarani despertaram em você?
1. b) Resposta pessoal.
 - c) Como você imagina que foi o duelo entre a Onça e Tupã?
1. c) Resposta pessoal.
 - d) Por fim, ouça a versão da história que o professor vai contar em português e comprove se ela corresponde ao que você havia imaginado.
2. Agora, crie com quatro colegas uma narração. Para isso, siga as instruções.
 - a) Para começar, o grupo vai pesquisar outras histórias indígenas e escolher uma delas para narrar.
 - b) Elabore um roteiro sobre essa história (com começo, meio e fim).
 - c) Faça desenhos que contenham as etapas dessa história.



ÁUDIO 3



ÁUDIO 4



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

20

Objeto digital

Para apoiar o estudo desta seção, oriente os estudantes a acessar os **áudios 3 e 4** disponíveis no Livro Digital do Estudante.



- d) Exponha os desenhos, na ordem da história criada pelo grupo.
- e) Escolha alguém do grupo para narrar a história.
- f) Ensaie a gravação com a ajuda dos colegas de grupo.



Ilustrações: Estúdio Abel Design

3. b) Espera-se que os estudantes mencionem a pesquisa da história e a escolha do que narrar, a divisão de tarefas, os desenhos da história e sua ordem, a gravação da narração e a produção do vídeo. Resposta pessoal.

- g) Use a música que você ouviu na **atividade 1** como trilha sonora de fundo durante a gravação da narração.
- h) Com o dispositivo disponível na escola, faça uma gravação em vídeo da apresentação dos desenhos junto da narração.
- i) Exiba o vídeo para a comunidade escolar.



3. Por fim, converse com os colegas sobre as perguntas a seguir.
- a) Como foi trabalhar em grupo narrando uma história? 3. a) Resposta pessoal.
 - b) Que etapas foram necessárias para fazer a narração em vídeo? De que etapas você mais gostou? 3. b) Resposta pessoal.
 - c) Você precisou usar conhecimentos em artes visuais e teatro, além de música? Justifique. 3. c) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reconheçam a integração entre as diferentes linguagens artísticas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

É importante observar como os estudantes constroem a narração da história, que elementos chamam a atenção deles e se conseguem uma elaboração com início, meio e fim.

Instigue-os para que identifiquem linguagens artísticas na elaboração da atividade, como a música inicial e o som ambiente, a sonoridade e a teatralidade da fala da narradora (música e teatro), os personagens que aparecem na história (teatro), as ilustrações dos ambientes (artes visuais) e dos personagens e da própria linguagem audiovisual em si, integrando música, teatro, artes visuais e audiovisual.

Após as apresentações, peça aos estudantes que formem uma roda e converse com eles lançando as questões da **atividade 3**. Para o **item a**, o objetivo é verificar como foi a divisão de tarefas e o engajamento dos estudantes. Deixe que eles comentem livremente sobre como foi a experiência e valorize atitudes de respeito às opiniões dos colegas.

A atividade mobiliza o uso de tecnologias digitais, permitindo o diálogo com o TCT **Ciência e Tecnologia**.



Atividade complementar

Se possível, exiba o vídeo de *Xivi ha'egui tupã reguá – O duelo da Onça com Tupã* para que os estudantes assistam à narração e às ilustrações. Depois, converse com eles sobre a sonoridade da língua guarani, os desenhos e o vídeo, pedindo-lhes que argumentem do que mais gostaram e por quê.

Saiba mais

Ao conduzir a atividade usando recursos digitais, você precisa fazer a mediação, contribuindo para o letramento digital dos estudantes. Para compreender melhor seu papel nessa mediação, sugerimos a consulta e a leitura do material *Crianças, adolescentes e telas: guia sobre usos de dispositivos digitais*, lançado pelo Ministério da Educação (MEC), em 2025. Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes/guia/guia-de-telas_sobre-usos-de-dispositivos-digitais_versao-web.pdf. Acesso em: 30 jul. 2025.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR17 A seção promove a experimentação criativa de diferentes formas de improvisação e composição sonora, em que os estudantes colaboram para desenvolver e sonorizar a narração, utilizando recursos sonoros convencionais e não convencionais.

EF15AR23 A criação da narração com base no áudio permite que os estudantes integrem diversas linguagens artísticas, como música, teatro e artes visuais, ao produzirem, desenharem e narrarem coletivamente uma história.

EF15AR26 No **item h** da **atividade 1**, os estudantes são incentivados a utilizar tecnologias digitais para gravar suas narrações de histórias e compor vídeos. A atividade integra o uso de dispositivos eletrônicos e gravação digital, proporcionando aos estudantes a experiência de criar e registrar suas produções artísticas por meio de recursos tecnológicos, ampliando as possibilidades de expressão artística digital.

Orientações

A seção propõe uma experimentação artística em que os estudantes vão explorar sons da natureza para tocar junto com o áudio de uma canção indígena da etnia Kambeba. É uma proposta lúdica, que envolve exploração e investigação dos próprios estudantes, ao mesmo tempo que valoriza a cultura Kambeba e dialoga com a elaboração da instrumentação indígena, que tem por origem elementos da natureza.

Na **atividade 1**, auxilie a turma no passeio para o recolhimento de elementos da natureza. Se a unidade escolar tiver ambiente propício, faça a caminhada nela, mas, caso não seja possível, ela pode ser realizada também no quarteirão da escola. Para a caminhada no quarteirão, lembre-se de consultar a gestão da escola, pedir a autorização das famílias, definir uma rota segura e garantir uma proporção adequada de estudantes por adulto responsável. No retorno da caminhada, cuide para que os materiais recolhidos sejam higienizados. Entretanto, se a caminhada não for uma alternativa viável, a opção é pedir aos estudantes que providenciem os elementos da natureza com antecedência para usar nessa aula.

Na **atividade 2**, cuide para que haja diversidade sonora nos grupos, organizando a distribuição dos elementos naturais recolhidos de modo que cada um dos grupos possa trabalhar com boa variedade deles, a fim de propiciar critérios diferentes para os momentos em que se vai tocar. Durante a experimentação propriamente dos elementos, **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL** mais comuns no manuseio de instrumentos de percussão, como bater (percutir), raspar ou agitar. Por exemplo, bater uma pedrinha na outra, raspar as folhas no chão ou na superfície da mesa e ainda agitar cascas, gravetos e pedrinhas fazendo um copinho com as mãos. Além das sugestões mencionadas na atividade, incentive a criação de novas possibilidades.

No **item c da atividade 6**, proponha espaços adequados para que os grupos possam ensaiar, a fim de que tenham liberdade para experimentar os sons em diversas intensidades sem perturbar outras turmas.

FAZENDO ARTE



1. Caminhe pela escola ou pelo entorno e recolha elementos da natureza que possam produzir diferentes sons, como sementes, folhas e pedrinhas.
2. Pesquise as possibilidades sonoras que os elementos recolhidos podem oferecer. Procure perceber se, ao usar os materiais, eles permitem obter: sons que duram mais tempo e sons que duram menos tempo; sons mais fortes e sons mais fracos.
3. Escute uma canção da etnia kambeba, que vive no Amazonas, e procure identificar nela o nome de um conhecido personagem.
3. *Espera-se que os estudantes tenham identificado o nome Curupira.*



ÁUDIO 5

QUEM É O CURUPIRA?

O Curupira é uma figura do folclore brasileiro caracterizada por ter os cabelos vermelhos e os pés virados para trás, com origem nas culturas indígenas. Ele é reconhecido como protetor da floresta e dos animais.



imagetico/Shutterstock.com

4. Escute mais uma vez a canção acompanhando a letra.

Zana makatipa, Kurupira

Zana makatipa, Kurupira [2 vezes]
Usutá iawaxama kurupira
Zana makatipa, Kurupira [2 vezes]
Iuka sane kurupira
Zana makatipa, Kurupira [2 vezes]
Awi iawaxima Kurupira
Iapã nakurata paiwaru Kurupira [4 vezes]
Iapã iapuraxi kurupira [4 vezes]
Iapã pinani kurupira [4 vezes]
Iapã iriwa kurupira [4 vezes]
Ierina kurupira [4 vezes]

Zana makatipa, Kurupira. [S. l.]: Cantos da Floresta, c2025. Disponível em: <https://www.cantosdafloresta.com.br/audios/zana-makatipa-kurupira/>. Acesso em: 11 set. 2025.

Na **atividade 7**, incentive os estudantes a compartilhar percepções sobre a experiência: se gostaram e do que gostaram; o que sentiram durante a atividade, etc.

A apreciação de exemplo de música indígena e sua exploração para a produção de um arranjo mobiliza o TCT **Multiculturalismo**.



Objeto digital

Para apoiar o estudo desta seção, oriente os estudantes a acessar o **áudio 5** disponível no Livro Digital do Estudante.



Desenvolvendo a BNCC

EF15AR24 A atividade com a canção inclui brincadeiras e danças tradicionais, com uso de palmas e batidas de pés para marcar o ritmo. A experiência de cantar e dançar em grupo estimula a exploração de diferentes matrizes estéticas, proporcionando aos estudantes uma vivência lúdica das manifestações culturais de diversos povos.

5. Leia a letra em português e observe que, nessa versão, se diz “a Curupira”.

Tuxaua, cadê a Curupira?
Vou chamar a Curupira
Tuxaua, cadê a Curupira?
Lá vem a Curupira!
Tuxaua, cadê a Curupira?
Já chegou a Curupira!
Vamos tomar *paiarú*, Curupira
Vamos dançar, Curupira!
Vamos dar voltas, Curupira!
Vamos embora, Curupira!
Vamos dar adeus a Curupira!

Zana makatipa, Kurupira. Transcrição e tradução de Márcia Vieira. [S. l.]: Cantos da floresta: iniciação ao universo musical indígena, c. 2025. Disponível em: <https://www.cantosdafloresta.com.br/audios/zana-makatipa-kurupira/>. Acesso em: 11 set. 2025.

6. Depois de explorar os sons da natureza e escutar a canção, junte-se aos colegas para produzir um arranjo musical.



- a) Em um grupo de cinco integrantes, verifique os elementos sonoros que cada um de vocês recolheu durante a caminhada e experimente tocá-los em alguns momentos da canção.
- b) Para essa exploração, você pode: tocar um elemento que soe a música inteira; um que apareça apenas durante o trecho “Zana makatipa”; um que soe apenas quando se canta o nome “Kurupira”, etc.
- c) Ensaie bastante com os colegas. Você pode cantar a melodia junto.
- d) Por fim, o grupo vai apresentar o arranjo que fez com sons da natureza para toda a turma.

7. Para finalizar, troque ideias com a turma sobre a experimentação.



- a) Como foi conhecer mais uma música indígena? O que achou dela?
7. a) Respostas pessoais.
- b) Do que você mais gostou na atividade? E do que você menos gostou?
7. b) Respostas pessoais.
- c) O que você achou de explorar os sons de elementos que estão na natureza e tocá-los junto com a música? 7. c) Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

23

Atividade complementar

A canção “Zana makatipa, Kurupira” tem uma melodia que pode ser reconhecida por alguns estudantes, pois lembra a cantiga “A machadinha”, de origem portuguesa, que foi difundida também no Brasil.

Para aproveitar essa semelhança e um eventual reconhecimento por parte dos estudantes, pesquise uma gravação de “A machadinha”, coloque para o grupo escutar e proponha uma discussão sobre as semelhanças entre as duas canções, enfatizando a diferença de origem entre elas como um ponto de reflexão.

Orientações

Antes de propor as respostas, converse com os estudantes sobre a trajetória da unidade: como foram as experimentações e as produções, do que mais gostaram e do que não gostaram, em que sentiram mais dificuldade e como foi trabalhar em grupo com os colegas.

Depois, leia os tópicos elencados com eles e comente cada um ou peça a algum estudante voluntário que fale a respeito do que lembra. Lance as questões para que a turma converse. Para isso, você pode organizar a sala de aula em círculo ou semicírculo.

Embora as respostas sejam pessoais, é importante que você instigue os estudantes a sempre argumentar com base em experiências e vivências que tiveram e a compartilhar contrapontos e/ou similaridades às respostas de colegas. Outras perguntas podem ser formuladas a partir das sugeridas e das respostas compartilhadas. No entanto, atente-se para que as colocações sejam respeitadas, sobretudo ao se tratar de processos e culturas diversas. Caso haja estudantes de alguma etnia indígena, verifique se eles se sentem confortáveis para compartilhar mais informações sobre suas culturas, a fim de ampliar o repertório da turma.

Sobre a avaliação

As seções **Fazendo arte**, **Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte** são destinadas a uma etapa de avaliação formativa e somativa de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos nos estudos. Elas são **formativas** no sentido de terem a função de sustentação dos percursos de aprendizagem e de ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados no componente Arte. São **somativas** no sentido de sistematizarem processos individuais, coletivos, de natureza conceitual e prática. É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas ou conceitos e exercitar com os estudantes a reflexão contínua de seus processos. Nessa etapa, é preciso celebrar o sensível, o criativo, a colaboração, o ajuste de

NESTA UNIDADE, VIMOS

- Instrumentos musicais indígenas, divididos em sopro, percussão, cordas e canto.
- Manifestações artísticas de diferentes povos indígenas.
- A música da artista indígena Kaê Guajajara
- A narração de uma história guarani.
- Como produzir uma narração utilizando diversas linguagens e elementos das culturas indígenas.



Para finalizar, responda:

1. O que você mais gostou de aprender sobre música indígena?
1. Resposta pessoal.
2. Qual foi o instrumento indígena de que você mais gostou?
2. Resposta pessoal.
3. O que achou das músicas indígenas? Você gostou de conhecê-las?
3. Resposta pessoal.
4. Como foi a experiência de bater palmas e pés ao mesmo tempo que canta?
4. Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

24

conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária. Essas seções finais são destinadas à autoavaliação dos estudantes e a uma avaliação dos conhecimentos adquiridos após a unidade. Caso algum estudante tenha dificuldade em completar o mapa, retome oralmente o que foi visto com a turma toda e compartilhe com os estudantes a consulta do portfólio para analisar os registros feitos durante o percurso.

Por fim, lembre-se de retomar, sempre que possível, as imagens das manifestações estudadas, a fim de reforçar alguns aspectos específicos de cada uma delas. A cada proposta de criação, reveja as produções dos estudantes, observando suas transformações e os indícios de aquisição dos conhecimentos específicos trabalhados em cada atividade. Se necessário, pratique novamente as propostas, inserindo algumas mudanças (introduzindo novas referências artísticas, trocando os materiais, criando outras dinâmicas de trabalho, etc.)

Copie o mapa mental no caderno e complete-o com os desenhos que faltam.



Música em celebrações, rituais e cerimônias



União de elementos da música indígena a gêneros diversos, como pop, rap, etc.



História guarani Xívi ha'eguí Tupã reguá – O duelo da Onça com Tupã

Gravação de história do grupo

25

Orientações

Comunique aos estudantes que a ilustração interativa se trata de um mapa mental. Esse dispositivo permite organizar informações e conceitos de forma visual, utilizando recursos próprios do componente Arte, como a visualidade, a apreciação e a intervenção prática, para concretizar uma avaliação final da unidade. O aspecto lúdico do mapa mental auxilia os estudantes a consolidar os conceitos, as habilidades e as competências da unidade pela perspectiva da ligação de saberes, que busca conectar e construir significado nos processos de aprendizagem pela conjunção dos elementos estudados, criando um sentido maior do que a soma de suas partes isoladas.

O objetivo de convidar a turma para inserir as próprias intervenções no mapa mental é propiciar um ambiente de aprendizagem ativa. Ao optar por fazer isso com a turma toda ou organizar os estudantes em grupos, é possível oportunizar a negociação de ideias e significados sobre o conteúdo de forma dialógica entre os estudantes.

Faça a atividade da seção **Mapa da arte** de forma coletiva. Leia com eles as imagens e os textos e oriente-os a completar os desenhos que faltam no mapa no caderno, incentivando que se expressem livremente.

Após a realização dos desenhos por parte dos estudantes, é fundamental promover a socialização deles. Comunique a eles as relações positivas entre suas criações, informando como elas se complementam ou destacando detalhes de certos desenhos que chamaram mais atenção, seja pelo aspecto estético, seja pela assimilação do conteúdo estudado. Essa é uma etapa em que os estudantes podem compartilhar oralmente o que pensaram ao fazer seus desenhos e justificar suas escolhas de composição da imagem, de cores e de dimensões dos objetos, entre outras.

Saiba mais

O livro *A floresta canta!* faz um passeio por diferentes etnias de povos indígenas do Brasil com foco em música, instrumentos e sonoridades.

PUCCL, Magda; ALMEIDA, Berenice. *A floresta canta!* Uma expedição sonora por terras indígenas do Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2014.

Objetivos da unidade

- Reconhecer e valorizar manifestações da cultura popular brasileira por meio da vivência de danças tradicionais, como frevo e catira, compreendendo suas origens e relações socioculturais.
- Desenvolver a consciência corporal pela observação e experimentação de movimentos específicos dessas danças, com ênfase na coordenação de mãos e pés, reconhecendo o corpo como instrumento expressivo.
- Estimular a criatividade e a expressão individual e coletiva em atividades práticas de exploração, improvisação e criação de movimentos, ampliando o repertório expressivo e promovendo a fruição estética.

Dicas de organização

- Nas propostas que envolvem experimentação e/ou criação artística, oriente os estudantes para providenciar com antecedência roupas confortáveis a fim de que possam executar os movimentos livremente.
- Providencie um espaço apropriado para as experimentações. O ideal é utilizar uma área mais ampla, como o pátio ou a quadra.
- Reserve antecipadamente algum equipamento de reprodução de áudio disponível na escola.
- Durante as discussões, lembre sempre a turma de manter uma escuta ativa e respeitosa quando os colegas tiverem a palavra. Dê preferência pela organização da sala em círculo ou semicírculo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

A abertura da unidade permite reunir conhecimentos prévios sobre danças brasileiras e refletir sobre a importância do movimento. Dançar é realizar com o corpo uma sequência ritmada de gestos, geralmente acompanhados de música.

A primeira imagem mostra mulheres dançando carimbó, ritmo de roda com origem indígena e influências africanas e europeias, muito praticado no Pará. A segunda apresenta adultos e uma criança dançando catira em uma festa popular. Ambas pertencem às tradições culturais do Brasil.

UNIDADE

2

COMO SE DANÇA NA SUA TERRA?



Mulheres dançando carimbó na Comunidade Quilombola e Ribeirinha Mangabeira, em Mocajuba (PA), 2025.

26

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 3, 4, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3 e 5.

Competências específicas de Arte: 1, 3, 4, 8 e 9.

Habilidades: EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR12, EF15AR23, EF15AR24 e EF15AR25.

Os **Temas Contemporâneos Transversais (TCTs)** abordados nesta unidade são **Multiculturalismo e Cidadania e Civismo**.



1. O que as pessoas estão fazendo nas imagens?
2. Quais são as diferenças entre os espaços, os movimentos e os figurinos nas danças representadas?
3. Você conhece alguma dessas danças? Você acha que elas fazem parte da cultura brasileira?

3. Leia as legendas das imagens com os estudantes, ouça as respostas e ajude-os a situar em que locais as danças são praticadas. Comente com eles que os dois tipos de dança fazem parte da cultura brasileira, pertencendo a diferentes regiões do país. A primeira imagem traz um grupo da região Norte, no Pará, dançando carimbó, e a segunda mostra um grupo dançando catira, dança típica do interior do Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR08 Por meio das imagens do frevo e da catira, os estudantes são convidados a observar diferenças de espaços, figurinos e movimentos, o que permite experimentar e apreciar manifestações de dança em diferentes contextos culturais, ampliando a percepção e o repertório corporal.

Sobre a avaliação

As seções de abertura e **Aquecendo** apresentam conjuntamente elementos que permitem o exercício da **avaliação diagnóstica**. As perguntas propostas têm como finalidade identificar os conhecimentos prévios dos estudantes em relação às danças populares brasileiras, bem como sua capacidade de observação, interpretação e relação com elementos culturais. A primeira questão permite verificar se os estudantes conseguem reconhecer a atividade corporal como expressão artística, além de introduzir o olhar atento às linguagens do corpo em diferentes contextos. Já a segunda pergunta estimula a análise comparativa e o desenvolvimento do vocabulário descritivo, essencial para o trabalho com apreciação e leitura de imagens no ensino de arte. A terceira pergunta possibilita levantar referências culturais já conhecidas pelos estudantes, conectando suas experiências pessoais com o conteúdo que será explorado. Essas respostas oferecem subsídios para planejar intervenções pedagógicas mais adequadas ao perfil da turma, respeitando a diversidade de repertórios e ampliando o acesso às múltiplas expressões da cultura brasileira.



Grupo dançando catira em apresentação na Festa do Divino Espírito Santo, em São Luiz do Paraitinga (SP), 2014.

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- Conhecer as danças populares catira e frevo.
- Aprender a importância do corpo e principalmente das mãos e dos pés para a dança.
- Fazer atividades de exploração e criação de movimentos corporais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. Em ambas as imagens as pessoas estão dançando. As fotografias fazem referência a dois tipos de dança da cultura brasileira, representadas por dançarinos de duas regiões do Brasil, cada um com suas características culturais.
2. Na primeira imagem, as mulheres estão girando o corpo de um lado para o outro, em roda, usando saias longas e coloridas e blusas leves. As roupas soltas permitem maior liberdade de movimento, as saias esvoaçantes ajudam a destacar os giros e os passos da dança, trazendo mais beleza e fluidez aos movimentos. Muitas dançarinas estão descalças, o que reforça a conexão com o chão e facilita movimentos mais naturais, pois

estão dançando ao ar livre, em um espaço aberto com chão de terra batida. O ambiente natural e a ausência de palco sugerem que é uma dança feita em um contexto comunitário, que é mais espontâneo. Na segunda imagem, os dançarinos fazem movimentos com os pés, com base em uma coreografia. O grupo usa roupas típicas de quem vive no campo, como camisas de manga comprida, calças *jeans*, botas e chapéus de palha. Os dançarinos estão vestidos de forma padronizada, como se fosse um traje próprio para a apresentação. As botas parecem amortecer os movimentos que fazem com os pés. As pessoas estão dançando em um palco coberto, durante uma festa popular na cidade.

Orientações

O objetivo da seção **Aquecendo** é o de estimular a percepção corporal, a atenção e o cuidado com o próprio corpo por meio da dança, enfatizando os pés como ponto de contato com o solo. Isadora Duncan (1877-1927) foi pioneira da dança moderna e valorizava a liberdade do corpo, principalmente os movimentos naturais, fluidos e orgânicos, como o caminhar descalço. Para a artista, os pés em contato com o chão representavam uma conexão com a natureza e com o impulso interno do movimento.

Antecipadamente, comente com os estudantes que eles ficarão descalços durante a atividade, para evitar surpresas. Se possível, leve as crianças para um local mais amplo da escola, como o pátio ou a quadra, de maneira que todos possam se movimentar de forma mais confortável. Se optar pela sala de aula, prepare-a para a atividade prática afastando mesas e cadeiras e verificando se o chão está limpo e livre de objetos que possam machucar os pés dos estudantes. Também é possível fazer a atividade com meias, caso ache mais apropriada para a sua turma.

Se algum estudante não puder fazer os movimentos propostos, sugerimos que a atividade seja adaptada, valorizando o que o corpo de cada um pode fazer, sem impor um modelo fixo de deslocamentos. Incentive a escuta corporal e o respeito ao tempo e limite de cada estudante. Na primeira etapa, os estudantes com dificuldade motora podem usar as mãos para sentir as pernas e os joelhos, assim como o apoio de objetos para fazer a massagem, como bolinha de espuma, ou mesmo contar com sua ajuda ou a de um colega. Os estudantes que não conseguirem participar da atividade de pé devem sentir o chão com as mãos ou outra parte do corpo. Na exploração dos comandos de movimentação, eles devem explorar as texturas de cada elemento e realizar os movimentos que podem ser feitos ou reproduzi-los sentados, usando o tronco e os membros superiores.

Observe se os estudantes seguem as instruções com cuidado, se conseguem identificar as sensações nos pés e se demonstram interesse e envolvimento corporal durante a vivência.



AQUECENDO

Quando os pés encontram o chão

1. Que tal brincar prestando atenção especial nos seus pés? Vamos começar acordando o corpo!



ÁUDIO 6

- Tire o calçado e faça uma roda, depois sente com seus colegas no chão. Vamos começar acordando o corpo ao som da música.
- Pegue seu pé direito com as duas mãos e massageie-o devagar, apertando cuidadosamente a superfície com movimentos circulares.
- Com a mão em formato de concha, dê leves batidinhas na sola dos pés e nos calcanhares.
- Agora, chacoalhe o pé lentamente, para ambos os lados.
- Repita todos os passos com o pé esquerdo.



DICA

Deixe o seu calçado e meias organizados atrás de você na roda.



2. Levante-se e fique com os dois pés descalços apoiados no chão da sala, sentindo-o, e responda às questões a seguir.

- Como está a temperatura do chão da sala? 2. a) Resposta pessoal.
- Qual é a textura do chão da sala? Ele é liso ou áspero? Duro ou macio? 2. b) Respostas pessoais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

28

Na **atividade 4**, crie um ambiente acolhedor, onde todos se sintam à vontade para compartilhar ideias e sensações, incentivando respostas espontâneas e valorizando a percepção da turma. Registre na lousa algumas palavras que surgirem durante a conversa e explore o significado de cada uma.

No **item b**, espera-se que os estudantes tenham percebido se o chão estava frio ou quente e se é liso ou áspero. Caso eles não conheçam os significados das palavras, faça analogias com outros materiais escolares ou do cotidiano, como a capa do caderno, o tecido da mochila,

a superfície da lousa, a água que sai da torneira, o asfalto da rua, o piso frio de casa, para que tenham elementos comparativos. Pergunte a eles se seria possível perceber a temperatura e a textura do chão usando sapatos.

No **item c**, retome a atividade com a turma para que eles possam refletir, agora de forma dirigida, sobre os movimentos que fizeram durante a atividade.

Objeto digital

Para subsidiar a atividade prática, solicite à turma que acesse o **áudio 6** disponível no Livro Digital do Estudante.



3. Agora é hora da caminhada criativa! Ainda descalço, você vai andar pela sala seguindo as orientações do professor. A cada comando, mude o movimento dos pés utilizando diferentes partes deles!

- a) Caminhe utilizando a ponta dos pés como apoio.
- b) Ande usando os calcanhares como apoio.
- c) Caminhe como se estivesse pisando em tinta fresca.
- d) Ande como se estivesse pisando em bolinhas de gude.
- e) Finalmente, crie um comando e fale para os colegas o que fazer.



DICA

Lembre-se de usar também os braços e o tronco para manter o equilíbrio durante a brincadeira!



Jessica Maltz

4. Agora, converse com os colegas e o professor sobre as questões a seguir.

- a) Como você se sentiu durante a atividade? 4. a) Resposta pessoal.
- b) Gostou de explorar movimentos e sensações utilizando seus pés? 4. b) Resposta pessoal.
- c) Qual dos movimentos você mais gostou de fazer com os pés? 4. c) Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



29

Sobre a avaliação

A seção **Aquecendo** vai iniciar o trabalho com a unidade por meio de uma atividade prática que envolve uma sensibilização, com o intuito de suscitar maior engajamento com o restante do conteúdo. A proposta de atividade prática tem caráter investigativo e sensorial, funcionando como uma avaliação diagnóstica que permite observar como os estudantes se relacionam com o próprio corpo, em especial com os pés – parte fundamental na expressão corporal da dança. Por meio de massagem, percepção tátil e caminhada criativa, é possível identificar o nível de consciência corporal, equilíbrio, coordenação motora e escuta sensível dos estudantes em relação aos estímulos propostos. As perguntas inseridas ao longo da prática promovem momentos de escuta ativa e autorreflexão, que ajudam no mapeamento das experiências prévias e estimulam o interesse e o envolvimento de cada estudante com a linguagem da dança.

Além de proporcionar um diagnóstico, essas propostas funcionam como avaliação formativa, pois acompanham o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes ao longo da atividade. A diversidade de comandos e a liberdade para a criação favorecem a expressão individual e o protagonismo, ao mesmo tempo que oferecem informações concretas sobre a compreensão dos comandos, a criatividade e a participação ativa. A avaliação não se limita à execução técnica, mas também considera a disposição para explorar o corpo, experimentar sensações e refletir sobre a própria experiência, aspectos fundamentais na formação estética e sensível nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR09 As propostas de aquecimento dos pés, como massagear, chacoalhar e apoiar diferentes partes no chão, ressaltam a importância da integração entre os pés, as mãos e o corpo inteiro no movimento dançado, estimulando a consciência corporal dos estudantes.

EF15AR10 A caminhada criativa propõe deslocamentos variados, como andar na ponta dos pés ou sobre os calcanhares, explorando planos, direções e ritmos diferentes já no início da unidade, o que amplia as possibilidades de orientação espacial na dança.

Orientações

O objetivo da seção **Conhecendo arte** é fazer com que os estudantes reflitam sobre como as mãos e os pés são utilizados nos movimentos dançados. Para iniciar a conversa, mostre a eles o vídeo **Brincar e dançar – Pés brincantes**, da São Paulo Companhia de Dança, que reúne diferentes tipos de amarelinha que utilizam os pés como principal elemento (15min23s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJ1lyhdPLLM>. Acesso em: 17 jul. 2025.

As mãos e os pés são partes do corpo que ajudam a marcar o ritmo e a explorar diferentes planos e direções no espaço. Vale destacar que os gestos das mãos e os passos dos pés não são apenas técnicos, mas carregam intenção e emoção, sendo partes fundamentais da expressividade corporal. Além disso, explorar esses movimentos permite que os estudantes conheçam e vivenciem diferentes tradições culturais, como o frevo e a catira, nos quais as mãos e os pés têm papel fundamental nas coreografias. Com isso, amplia-se o reconhecimento da diversidade cultural brasileira, valorizando seu repertório e promovendo o respeito às manifestações tradicionais brasileiras.

No início da seção temos uma foto de reisado, com uma fila de pessoas batendo palmas, ilustrando a importância dos pés e das mãos nos movimentos feitos nessa manifestação.

Para trabalhar a subseção **Expressão de artista**, comece uma conversa com a turma sobre os passos do frevo. Se possível, mostre a eles a apresentação de frevo **Sarandeiros**, que reúne uma grande diversidade de passos (5min10s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IS8r3wG8-Js>. Acesso em: 25 abr. 2025.

Comente com os estudantes que a origem da palavra frevo vem da pronúncia popular da palavra “ferver”, e que esse significado tem relação com o ritmo intenso, a energia contagiante e os movimentos rápidos e vibrantes da dança. Peça a eles que pensem em como algo se move quando algo está “fervendo” e como isso se traduz em saltos, giros e passos ágeis, característicos do frevo.

A apreciação e a análise de danças tradicionais brasileiras dialogam com o **TCT Multiculturalismo**.



CONHECENDO ARTE

Para dançar com os pés e com as mãos



Quando dançamos, usamos o corpo para fazer movimentos, mas duas partes são muito importantes: os pés e as mãos. Com eles, conseguimos marcar o ritmo, bater no chão, dar pulos, girar e bater palmas.



Apresentação do Grupo Reisado Mirim da Comunidade Quilombola de Inhanhum, em Santa Maria da Boa Vista (PE), 2023.

Em muitas danças populares, os pés e as mãos ajudam a contar histórias, expressar sentimentos e seguir o ritmo da música. Essas danças são manifestações culturais de diversas comunidades que envolvem muita dança, música, tradição e **indumentária**.

Ao conhecer uma dança popular, também estamos aprendendo um jeito de nos comunicar com o corpo, entrando em contato com culturas de diferentes regiões do país. Assim, conhecemos e valorizamos outras culturas, além de nos divertir e apreciar a dança.

Indumentária:

aquilo que uma pessoa veste; roupa.



Passistas de frevo posando para foto em Recife (PE), 2023.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

30

No frevo, uma dança e um ritmo musical tradicional do Brasil, originado em Pernambuco, os pés não param. Eles se movem com muita velocidade, fazendo passos saltados, giros e até movimentos acrobáticos. Os dançarinos seguram sombrinhas coloridas nas mãos, que ajudam no equilíbrio e dão mais graça à dança. As mãos levantam a sombrinha, giram e acompanham os passos dos pés, deixando tudo mais alegre e divertido.

Expressão de artista

O frevo

A origem do nome frevo vem do verbo ferver. O que você acha que essa informação revela sobre o ritmo da dança?

Essa dança, que é praticada nas ruas e nos salões durante o Carnaval, surgiu no Recife com bandas militares e ganhou passos influenciados pela capoeira. O frevo é dançado com passos rápidos e improvisados, que acompanham o ritmo da música. Conheça alguns deles e experimente fazer esses movimentos ao som da música.



ÁUDIO 7

Ferrolho



Jessica Mathezo

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

DA EDITORA DO BRASIL

Nesse passo, abra um pé e apoie o corpo usando o calcanhar direito. Depois, troque o pé e apoie o corpo usando o calcanhar esquerdo.

31

Atividade complementar

Após assistir ao vídeo da São Paulo Companhia de Dança, você pode brincar de amarelinha com os estudantes para promover um momento lúdico e de vivência de movimentos. Mesmo que não seja possível assistir ao vídeo, comente com eles sobre esse espetáculo e promova a brincadeira como uma sensibilização prática para o conteúdo da seção.

Orientações

Incentive os estudantes a fazer associações com situações do cotidiano em que “ferver” represente agitação, entusiasmo ou alegria – como quando brincam, pulam ou correm. Isso ajuda a criar uma ponte entre o significado da palavra e a vivência corporal da dança. Se desejar, proponha uma brincadeira: “Como seu corpo se mexe quando ferve de alegria?” – e deixe que cada um experimente um movimento que escolher.

Comente com a turma que os passos do frevo, como o ferrolho e o plantando mandioca, são expressões corporais ricas em criatividade e história. O ferrolho é marcado por um movimento cruzado das pernas com o corpo curvado, criando um visual ágil e ritmado, enquanto o plantando mandioca simula o gesto repetitivo e forte de enfiar um objeto no chão, em alusão ao trabalho no campo. Esses passos mostram como o frevo transforma movimentos do cotidiano em arte, valorizando saberes populares.

Promova a escuta do áudio uma primeira vez, mas peça antes aos estudantes que prestem atenção e depois descrevam como é a música que ouviram. Em seguida, toque novamente e reconstitua os passos apresentados. Se possível, incentive a turma a experimentar os passos de frevo trabalhados na unidade. Oriente-os a começar bem devagar e, só depois de entender a sequência de movimentos, aumentar a velocidade. Para um tutorial mais detalhado, acesse o vídeo disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/carnaval/2019/noticia/2019/02/09/tutorial-para-a-folia-passistas-ensinam-os-principais-passos-do-frevo.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2025.

Objeto digital

Para experimentar os passos do frevo, solicite à turma que acesse o **áudio 7** disponível no Livro Digital do Estudante.

Orientações

O boxe **Quem é?** apresenta a artista e mestra Zenaide Bezerra, uma das grandes referências na preservação e valorização do frevo. Dançarina, coreógrafa e educadora, ela pesquisa e ensina os mais de cem passos catalogados do frevo, defendendo a importância de sua transmissão para as novas gerações. Zenaide também atua na formação de crianças e jovens em comunidades, ajudando a manter viva a tradição do frevo como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

Saiba mais

Para conhecer mais sobre Zenaide Bezerra, acesse: **Mapa cultural – Zenaide Bezerra**. Disponível em: <https://www.mapacultural.pe.gov.br/agente/45938/#info>. Acesso em: 25 abr. 2025.

Plantando mandioca



Para fazer esse passo, agache apoiando o joelho direito no chão e mantendo o joelho esquerdo junto ao corpo.



Mude o joelho de apoio dando um leve pulo e trocando os pés de lugar.

Uma das principais passistas de frevo se chama Zenaide Bezerra. A artista pratica e promove a dança desde os 8 anos. Aprendeu a dançar com seu pai, Egídio Bezerra, grande figura da tradição pernambucana e também conhecido como o “Rei do Passo”.

QUEM É ZENAIDE BEZERRA?

Zenaide Bezerra (1949-) é uma das passistas de frevo mais antigas do país. Ela é a criadora do Grupo Folclórico Egídio Bezerra.

Dona Zenaide Bezerra, Recife (PE), 2023. Homenageados do Carnaval 2023.



Marcos Pastich/Prefeitura da Cidade de Recife/Flickr.com

PARA IR MAIS LONGE

VÍDEO

- Conheça mais sobre o frevo, seus passos e sua música assistindo ao vídeo que mostra Zenaide Bezerra e outros dançarinos durante o Carnaval em 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tQJEAoYEkks>. Acesso em: 25 abr. 2025.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

32

A catira ou o cateretê



Jovens e crianças do grupo de catira da cidade de Guarani D'Oeste (SP) em apresentação em Valinhos (SP), 2015.

A catira (também chamada de cateretê) é dançada principalmente no interior das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Ela está ligada ao universo rural e sertanejo. Ao dançá-la, os dançarinos usam os pés para sapatear no chão e as mãos para bater palmas, criando um som forte e ritmado.

Os dançarinos precisam estar bem atentos uns aos outros para estarem em sincronia. O legal é que os sons do corpo, como as palmas e as batidas de pés no chão, também viram música! Ouça um exemplo de catira.



Antigamente, apenas homens podiam dançar a catira, mas isso foi se transformando e atualmente muitas mulheres e crianças participam de apresentações dessa dança.

A dança acontece em duplas ou em duas fileiras formadas com seis a dez participantes, com movimentos marcados e repetidos. Observe a seguir alguns dos passos utilizados na catira.



Dançarinos de catira em apresentação na Festa do Divino Espírito Santo, em São Luiz do Paraitinga (SP), 2014.

Orientações

Para introduzir a catira aos estudantes, comece contextualizando a dança dentro do universo rural e sertanejo, explicando que ela faz parte das tradições do interior do Brasil, especialmente em estados como Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Conte a eles que a catira envolve influência do trabalho no campo, de histórias contadas em roda, de músicas de viola e de celebrações comunitárias. É importante que os estudantes compreendam que a catira nasceu no contexto em que a dança, a música e a oralidade andavam juntas como formas de expressão cultural.

Ao apresentar a catira, destaque os movimentos marcados por sapateados ritmados e palmas, mostrando vídeos de apresentações como a do grupo **Catireiros do Araguaia** (7min22s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S09RejvYeUQ>. Acesso em: 25 abr. 2025. Outra opção é fazer uma pequena demonstração, se possível. Proponha uma conversa com os estudantes sobre como a dança usa o corpo, principalmente os pés e as mãos, para criar sons e acompanhar o ritmo da música. Faça-os perceber que essa forma de dançar não é apenas divertida, mas também uma maneira de preservar a cultura popular, respeitar as raízes do nosso povo e valorizar diferentes formas de vida e expressão.

Abra o mapa do Brasil e mostre aos estudantes os estados das regiões Sudeste e Centro-Oeste. Pergunte a eles o que sabem sobre essas regiões e se conhecem outra dança tradicional desses lugares. Valorize a participação de todos e complemente as respostas com informações sobre esses estados.

Objeto digital

Para compreender os movimentos e o ritmo da catira, solicite à turma que acesse o **áudio 8** disponível no Livro Digital do Estudante.

Orientações

Leia com os estudantes as instruções para a realização dos passos da catira. Se achar interessante, proponha que a turma experimente realizar os passos. Para isso, prepare a sala para a dança, afastando cadeiras e mesas ou, se possível, leve os estudantes para um espaço maior da escola, como o pátio ou a quadra.

Comente com eles que a saudação pode ser feita de diferentes maneiras: por meio de um aperto de mão, do levantar do chapéu, de uma postura mais encurvada ou pode ser algo criado pelos participantes. Os estudantes devem ser incentivados a imaginar quais são as maneiras interessantes de saudar seus pares e espectadores.

As batidas simultâneas de mãos e pés indicam a exploração em comum de formas rítmicas. É interessante que o grupo consiga estabelecer uma unidade na execução, construindo uma experiência corporal-sonora bem definida.

Já o volteio é um passo muito comum em várias danças populares. A orientação para sua execução pode seguir as etapas abaixo:

- Primeiro movimento: levantar o braço e fazer uma curvatura com ele junto ao corpo, é nele que o braço do par deve se encaixar.
- Segundo movimento: o par deve ficar encaixado pelos braços, de modo que ambos fiquem com os ombros alinhados; depois disso, o par deve fazer uma volta inteira para o lado direito e outra para o esquerdo.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

Saudação



Primeiro, os dançarinos devem fazer uma saudação para seus pares. Depois, eles fazem uma saudação para o público, agradecendo a presença e começam a dançar.

Batidas de pé no chão

Nesse passo os dançarinos batem os pés no chão, intercalando o pé direito e o esquerdo, no ritmo da música.



Palhado

Nesse passo os dançarinos batem três palmas seguidas, no ritmo da música.



Volteio

Os dançarinos, ainda aos pares, encaixam seus braços, ficam com os ombros em linha e giram em torno de si mesmos, primeiro para o lado direito e depois para o lado esquerdo. Em seguida, voltam para a posição inicial e preparam um agradecimento final aos seus pares e ao público.



PARA IR MAIS LONGE



VÍDEO

- Conheça mais sobre a catira neste episódio do *Tradições do Interior* do canal TV Unesp. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ppcsSDwPUVw>. Acesso em: 17/04/2025.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR24 Nas apresentações do frevo (com os passos rápidos e o uso da sombrinha) e da catira (com o sapateado e as palmas), os estudantes vivenciam e caracterizam danças tradicionais brasileiras, reconhecendo matrizes estéticas e culturais distintas.

EF15AR25 Ao destacar o frevo como patrimônio de Pernambuco e a catira como tradição presente no interior do Brasil, a unidade incentiva os estudantes a valorizar o patrimônio cultural imaterial, compreendendo a diversidade das matrizes que compõem a cultura brasileira.

Orientações

As questões da seção **Pensando arte** têm como objetivo desenvolver a percepção dos estudantes sobre as características do frevo e da catira. Antes de iniciar as perguntas, retome as imagens das páginas anteriores e incentive a observação dos detalhes.

Na **atividade 1**, espera-se que os estudantes mencionem que o frevo tem movimentos rápidos, com pulos e uso do guarda-chuva como acessório. Já a catira tem um ritmo marcado, com sapateado, palmas e bastante repetição. O frevo costuma ser dançado individualmente ou em grupos livres, enquanto a catira tem formações organizadas, geralmente em pares. Registre no quadro as comparações feitas, destacando ritmo, movimentos e elementos culturais. É possível criar um cartaz coletivo com desenhos, colagens e palavras-chave sobre cada dança.

Na **atividade 2**, proponha uma vivência breve de cada dança, adaptada ao espaço e ao ritmo da turma. Depois, retome a questão para que falem com base na experiência corporal que tiveram, integrando prática e reflexão. Em suas respostas, espera-se que os estudantes mencionem que no frevo o corpo precisa ser ágil para executar movimentos baixos, saltos e giros, tudo com bastante equilíbrio. Para a catira, é importante ter coordenação para realizar os sapateados e bater palmas, além de manter a sincronia com o par.



Na **atividade 3**, situe no mapa os locais de origem do frevo (Pernambuco) e da catira (Centro-Oeste/Sudeste). Relacione com festas da região dos estudantes. **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL** Os estudantes percebam que as danças representam a cultura local, reforçam a identidade e são parte de festas tradicionais. São formas de se reunir, celebrar e manter vivos histórias e costumes tradicionais.

Na **atividade 4**, alguns estudantes podem se interessar pelo ritmo, pela diversão, pelo desafio ou até pelos figurinos. Outros podem demonstrar preferência por outras atividades. Use a pergunta para mapear interesses: dançar, cantar, tocar instrumentos ou conhecer mais sobre cultura popular. Esses registros podem orientar propostas futuras, como criação de coreografias, apresentações ou materiais visuais e sonoros. Também é uma oportunidade para destacar o respeito às preferências e aos limites individuais.



PENSANDO ARTE

Sobre o frevo e a catira

1. O que você achou dos movimentos do frevo e da catira? Compartilhe com os colegas impressões sobre as duas danças. 
1. Resposta pessoal.
2. Como o corpo precisa se mover para dançar o frevo? E para dançar a catira? Responda no caderno. 2. Resposta pessoal.
3. Você acha que essas danças são importantes para as pessoas que vivem nas regiões onde elas são praticadas? Responda e justifique no caderno. 3. Resposta pessoal.
4. Você gostaria de aprender a dançar frevo ou catira? Por quê? 
4. Respostas pessoais.
5. Como a dança pode ajudar a conhecer melhor o Brasil e as pessoas que vivem em diferentes lugares? Discuta com o professor e os colegas e responda no caderno. 5. Resposta pessoal.
6. Desenhe no caderno o passo de frevo ou da catira que você achou mais interessante. 6. Resposta pessoal.



Leo Caldas/Pixar Imagens

Grupo de passistas de frevo no Cais da Alfândega, Recife (PE), 2018.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR12 Nas rodas de conversa, após vivenciar o frevo e a catira, os estudantes compartilham impressões e debatem a importância cultural das danças, o que estimula o respeito, a escuta e a construção de repertórios próprios.

Na **atividade 5**, espera-se que os estudantes percebam que a dança mostra como cada região se expressa, o que valoriza e como se diverte. Ela ensina sobre os costumes, a música e a história das pessoas. É uma forma de aprender sobre o país de um jeito divertido. Promova uma roda de conversa e proponha a criação de um mural coletivo com as respostas do grupo. Essa produção reforça a ideia da dança como linguagem que comunica saberes e sentimentos.

Na **atividade 6**, reúna as criações dos estudantes no **diário de bordo**, com desenhos inspirados nos movimentos do frevo e da catira, acompanhados do nome deles e de pequenas legendas.



CONHECENDO MAIS ARTE

Maleta de artista

Podemos movimentar o corpo de diferentes formas. Às vezes, abrimos os braços, esticamos as pernas e ocupamos bastante espaço. Chamamos isso de **expansão** do corpo. Esse tipo de ação costuma aparecer quando estamos com muita energia, empolgados, alegres ou bastante relaxados.

Outras vezes, fazemos o contrário: encolhemos os braços, abaixamos a cabeça, ficamos menores. Essa ação é chamada de **contração** do corpo. Acontece quando estamos tristes, quietos, concentrados ou quando queremos nos proteger por algum motivo.

Quando dançamos com o corpo bem **expandido**, parecemos fortes, animados e cheios de energia. Já quando nos encolhemos, **contraindo** o corpo, parecemos tímidos, tristes ou pensativos. Por isso, é importante prestar atenção em como usamos o corpo para demonstrar o que estamos sentindo.

Essas ações corporais ajudam a moldar a dança e cada dançarino as executa da maneira como quiser, souber ou conseguir. É a criatividade que resulta dessa diferença que dá identidade para a dança.

Agora, que tal fazer uma experimentação com esses movimentos? Ouça o áudio e explore movimentos de expandir e contrair. Depois, discuta com os colegas se essa música faz com que o dançarino realize mais movimentos de expandir ou de contrair o corpo. Justifique sua resposta.



Resposta pessoal.



PERGUNTA EM CASA

Escolha uma pessoa da família ou alguém com quem você convive bastante e pergunte se ela conhece alguma dança que utiliza movimentos das mãos e dos pés na dança.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Desenhe no caderno um passo da dança descrita por essa pessoa para compartilhar com a turma na próxima aula.



Ilustrações: Jessica M. Neto

Orientações

A subseção **Maleta de artista** da seção **Conhecendo mais arte** propõe a realização de um trabalho lúdico com os estudantes, baseado nas ações corporais de expansão e contração, que fazem parte dos estudos de Rudolf Laban (1879-1958). Esses conceitos ajudam a observar e trabalhar a forma como o corpo ocupa o espaço, expressa emoções e constrói significados por meio da dança. Expandir envolve abrir os braços, estender o tronco, ocupar mais espaço com o corpo – movimentos que costumam estar ligados à alegria, força ou liberdade. Já o gesto de contrair envolve recolher os membros, encurvar o tronco, diminuindo assim a presença no espaço, podendo expressar medo, proteção ou introspecção. Esses contrastes são fundamentais para desenvolver consciência corporal e expressividade em sala de aula. Trabalhar essas ações com os estudantes permite que eles percebam a linguagem do corpo como uma forma de comunicação e expressão artística. Aproveite a faixa de áudio disponível para desenvolver a atividade e finalize-a com uma reflexão e discussão oral.

Oriente os estudantes a realizar a atividade do boxe **Pergunta em casa**, explicando que os desenhos serão compartilhados na aula seguinte. Essa atividade aproxima o tema trabalhado em sala de aula do cotidiano familiar da turma, valorizando saberes e experiências. Oriente os estudantes a fazer a pergunta com curiosidade, buscando escutar com atenção a resposta do entrevistado – pode ser um familiar, amigo ou alguém com quem convivem assiduamente. Ao pedir que eles desenhem um passo da dança citada, trabalhamos a imaginação e a percepção de cada estudante, em relação à dança e aos movimentos feitos nela. O compartilhamento e a apreciação dos desenhos feitos em casa, na aula seguinte, fortalecerá o vínculo entre a escola e a cultura vivida fora dela, aproximando os universos pelos quais os estudantes transitam.

Objeto digital

Para subsidiar a atividade de ações corporais, solicite à turma que acesse novamente o **áudio 6** disponível no Livro Digital do Estudante.

Sobre a avaliação

A seção **Pensando arte** é indicada como um momento de avaliação formativa. A avaliação das questões e do engajamento nas atividades práticas têm a função de inclusão dos estudantes e de regulação de suas aprendizagens. Recomendamos que faça registros escritos do acompanhamento dos estudantes no **diário de bordo**, pois essas anotações oferecem fundamentação para os ajustes das estratégias de ensino.

Orientações

A seção **Fazendo arte** propõe a criação colaborativa de uma coreografia com base em movimentos corporais vistos na unidade: girar, saltar, bater palmas, expandir e contrair o corpo. O objetivo é estimular a criatividade, a cooperação em grupo e a apropriação do espaço de forma expressiva e organizada.

Se possível, conduza a atividade em um espaço amplo da escola, para que os grupos possam se espalhar e trabalhar mais livremente. Caso não seja possível, organize a atividade para que possam utilizar o espaço da sala de aula da maneira mais harmoniosa.

Comece retomando com os estudantes cada movimento sugerido (movimentação circular, batida de palmas, saltos, expansão e contração do corpo), fazendo demonstrações práticas e propondo que eles experimentem juntos, de forma lúdica, ao som da música escolhida. Reforce que não há certo nem errado, mas que o importante é a busca por movimentos que expressem algo em comum para o grupo. Ao formar os grupos, assegure-se de que todos tenham voz na criação da coreografia e que cada etapa seja feita em conjunto, promovendo a escuta e o diálogo.

A atividade proposta, ao envolver a comunidade escolar e engajar os estudantes na criação de uma dança comunitária, dialoga com o TCT **Cidadania e Cívismo**.

TCT

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR11 Na proposta da dança comunitária, os estudantes são orientados a inventar e criar passos em grupo, construindo coletivamente uma coreografia que envolve improvisação, expressividade e aspectos estruturais do movimento.

EF15AR23 A dança comunitária integra diferentes linguagens artísticas, pois envolve música, movimento corporal e registros visuais no caderno, levando os estudantes a experimentar na prática a articulação entre expressões diversas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

38

FAZENDO ARTE

Uma dança comunitária



1. Agora, que tal criar a dança da comunidade escolar?



- Forme um grupo de até cinco pessoas.
- Escolha uma música e crie um movimento para cada item a seguir. Esses movimentos vão formar a coreografia.

- Movimentação circular:** com os colegas, crie um passo em que vocês devem girar de mãos dadas para um mesmo lado ou cada um girar individualmente no mesmo lugar.



Ilustrações: Jussica Maltz

- Palmado:** escolha um momento da dança para inserir palmas. Devem ser palmas isoladas ou em continuidade, de acordo com o ritmo da música.



- Salto:** grandes ou pequenos saltos devem ser executados em grupo ou individualmente. Lembre-se de que eles devem se harmonizar com o todo da dança: deve haver ritmo na coreografia!



- **Expansão do corpo:** escolha um momento para explorar a ação de expandir seu corpo. Vocês devem abrir os braços, as pernas, se esticar... use a criatividade!



- **Contração do corpo:** escolha um momento para contrair o corpo e deixar os movimentos mais contidos.

- c) Agora, você vai separar a coreografia em quatro partes.
- d) No caderno, copie e complete o quadro com os movimentos que serão feitos em cada parte. Exemplo:

Primeira parte	Segunda parte	Terceira parte	Quarta parte
Girar	Pular	Agachar	Palmas

- e) Utilize o quadro para ensaiar a ordem dos movimentos da dança.
- f) Ao som da música, repita algumas vezes a série e analise se a coreografia precisa de mudanças para que todos possam participar.
- g) Combine uma data para a apresentação e convide outras turmas e a equipe da escola para participar desse momento.
2. Depois da apresentação, responda às questões a seguir.
- a) Do que você mais gostou na apresentação? 2. a) Resposta pessoal.
- b) O que foi mais difícil de fazer durante a preparação da dança? 2. b) Resposta pessoal.

Orientações

Explique que a divisão da coreografia em partes ajuda a organizar os movimentos e facilita o ensaio. Incentive os estudantes a experimentar diferentes músicas e fazer ajustes nos movimentos, caso algo esteja sendo difícil de executar. No final, transforme a apresentação em uma celebração da produção coletiva da turma. Convide outros estudantes e a comunidade escolar (funcionários e familiares) para assistir às apresentações, valorizando a criação e a expressão artística de cada grupo.

Após as apresentações, conduza uma roda de conversa com base nas perguntas sugeridas na **atividade 2**. Incentive os estudantes a refletir criticamente sobre o processo, as descobertas e os desafios da proposta.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Orientações

Com os estudantes, organize a sala de aula afastando as carteiras, de modo a abrir espaço para a autoavaliação proposta na seção **Nesta Unidade, vimos**. Convide a turma a formar um círculo ou semicírculo. A seguir, são apresentadas algumas possibilidades de encaminhamento para as questões apresentadas.

Na **atividade 1**, ao propor a pergunta, incentive os estudantes a retomar os contextos trabalhados em sala de aula para que relembrem das origens dessas danças.

Na **atividade 2**, reforce que dançar também é uma forma de aprender sobre a história, a tradição e a respeitar diferentes formas de viver.

Na **atividade 3**, incentive os estudantes a perceber o potencial expressivo do corpo na dança. Se achar conveniente, peça que demonstrem por meio de gestos, com base em danças populares, como os passos e movimentos representam o trabalho, a natureza, o cotidiano ou diferentes tradições.

Sobre a avaliação

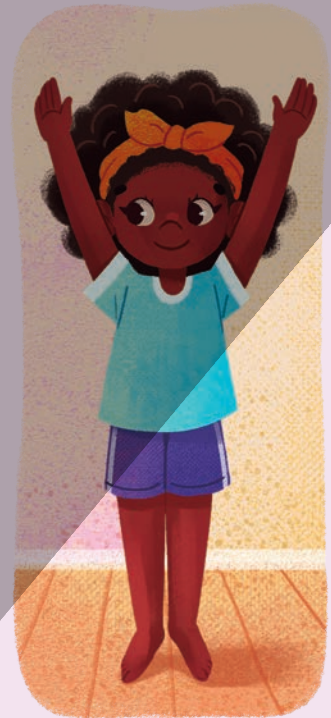
As perguntas propostas na seção **Nesta unidade, vimos** funcionam como avaliação formativa ao promover a retomada dos principais conteúdos trabalhados ao longo das aulas – como a origem do frevo e da catira, a relação entre corpo e expressão na dança e o valor cultural das manifestações populares. Ao responder, os estudantes mostram o que compreenderam, quais conexões conseguiram estabelecer e como estão integrando o conhecimento à sua vivência. Isso permite identificar avanços, dificuldades e aspectos que podem ser retomados. Além disso, estimular nos estudantes o pensamento reflexivo e a ampliação do repertório cultural e corporal.

Essas perguntas também permitem verificar se os objetivos de aprendizagem foram alcançados, se os estudantes reconhecem a diversidade cultural do Brasil e se são capazes de articular conceitos de forma crítica e significativa. O uso de perguntas abertas favorece respostas autorais e a construção de sentido, permitindo avaliar não apenas a apropriação de informações, mas a compreensão profunda e o envolvimento com a temática. A coleta dessas respostas pode compor registros avaliativos, portfólios ou relatórios de acompanhamento da aprendizagem.



NESTA UNIDADE, VIMOS

- O uso dos pés na dança é muito amplo, permitindo a realização de diferentes movimentos. Com eles é possível bater no chão, saltar, girar e marcar o ritmo.
- O frevo é uma dança tradicional de Pernambuco. Nela os passistas fazem movimentos rápidos com os pés para dançar com energia. Eles também usam vestimentas típicas e acessórios, como a sombrinha.
- A catira é uma dança presente no interior das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Nela, os movimentos são feitos, ao mesmo tempo, por uma dupla de dançarinos ou em duas fileiras com mais participantes. Os movimentos com os pés e mãos são fortes e fazem parte da música.
- Ao expandir o corpo, ocupamos mais espaço e, ao contrair-lo, nos fechamos, restringindo o espaço ocupado. Essas ações são modos diferentes de expressar com o corpo sentimentos e sensações durante uma dança ou no dia a dia.



Jessica Malheiro

1. O frevo é uma dança tradicional originada no estado de Pernambuco, no Nordeste do Brasil. A catira é uma dança típica do interior do Brasil, muito comum nas regiões do Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Para finalizar, responda: 2. As danças tradicionais são formas de expressões vivas da identidade, da história e da diversidade do povo brasileiro. Com elas as tradições são preservadas e a cultura regional se fortalece.

1. Quais são as origens do frevo e da catira?
2. Qual é a importância das danças tradicionais para a cultura do Brasil?
3. Como é possível usar o corpo para se expressar por meio da dança?
Com uma coreografia que explore as ações corporais para expressar sentimentos e sensações, usando a linguagem corporal como ferramenta. Movimentos de contração e de expansão ajudam nisso.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

40

Copie o mapa mental no caderno e complete-o com os desenhos que faltam.



Orientações

Promova a atividade da seção **Mapa da arte** de forma coletiva. Faça com a turma a leitura do mapa mental, incentivando que se expressem livremente. Retome o conteúdo com os estudantes para que possam apresentar dúvidas, expressar opiniões e fazer comentários. Faça anotações para servir como guia para as próximas aulas.

Comunique aos estudantes que a imagem interativa é um mapa mental. Esse dispositivo permite organizar informações e conceitos de forma visual, utilizando recursos próprios do componente Arte, como a visualidade, a apreciação e a intervenção prática, para concretizar a avaliação na unidade. O aspecto lúdico do mapa mental auxilia os estudantes a consolidar os conceitos, as habilidades e as competências mobilizados, de uma perspectiva da ligação de saberes que busca conectar e construir significado nos processos de aprendizagem pela conjunção dos elementos estudados, criando um sentido maior do que a soma de suas partes isoladas. Solicite que copiem o mapa e preencham-no no caderno. Depois, socialize as respostas da turma.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

Objetivos da unidade

- Promover a compreensão do teatro como uma arte eminentemente coletiva.
- Estimular o reconhecimento das manifestações cênicas das comunidades das quais os estudantes fazem parte.
- Conhecer as expressões **teatro comunitário** e **oficina de teatro**.
- Aproximar-se de grupos de teatro comunitário e de sua atuação.
- Entender os processos de aprendizagem relacionados ao fazer teatral.
- Conhecer quem foi Augusto Boal e apresentar alguns tópicos do Teatro do Oprimido.
- Perceber o teatro como um instrumento de tomada de consciência, letramento social e intervenção na sociedade.
- Experimentar jogos teatrais e exercícios que exploram reflexão, noções de concentração, atenção, propriocepção corporal, disponibilidade, escuta ativa, cooperação, confiança e trabalho em grupo.

Dicas de organização

- Nas propostas que envolvem experimentação e/ou criação artística, oriente previamente os estudantes a usar roupas confortáveis para que possam executar os movimentos livremente.
- Providencie um espaço adequado para as experimentações. O ideal é utilizar um local amplo, como o pátio ou a quadra.
- Durante as discussões, lembre sempre a turma de manter uma escuta ativa e respeitosa quando os colegas tiverem a palavra. Dê preferência pela organização da sala em círculo ou semicírculo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

UNIDADE 3

VAMOS FAZER TEATRO EM COMUNIDADE?



Grupo teatral Catalinas Sur, em apresentação do espetáculo *cOn Ojos de Pájaro*, no Galpón de Catalinas, Buenos Aires, Argentina, em 2023.

Orientações

Prepare a sala de aula para uma discussão oral e coletiva, organizando os estudantes em círculo ou semicírculo. Promova a leitura das imagens, utilizando como ponto de partida os questionamentos oferecidos pelo livro. É possível acrescentar, se for o caso, outras questões que julgar necessárias para contextualizar o tema ou aproximá-lo do contexto dos estudantes. Incentive a turma a se manifestar, promovendo um ambiente acolhedor para essa conversa inicial. Faça uma escuta ativa e empática e acolha todas as respostas com interesse, aproveitando as oportunidades de ampliação do tema oferecidas.

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3, 4 e 5.

Competências específicas de Arte: 1, 4, 7, 8 e 9.

Habilidades: EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20 e EF15AR21.

O **Tema Contemporâneo Transversal (TCT)** abordado nesta unidade é **Cidadania e Cívismo**.

1. Nestas duas imagens há muitas pessoas realizando ações juntas. Observe-as e descreva o que poderiam ser essas duas situações.
2. Na comunidade ou no bairro em que você estuda há grupos de teatro ou de dança? Em caso afirmativo, quais?
3. Você acha que qualquer pessoa pode fazer teatro? Por quê?



Apresentação da peça *Como de costume*, dirigida por Augusto Boal e montada de acordo com as técnicas do Teatro do Oprimido, em São Paulo (SP), 1980.



NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- Conhecer coletivos, grupos teatrais e manifestações cênicas comunitárias.
- Perceber que, no teatro, os processos de criação são tão importantes quanto os resultados.
- Entender o que são oficinas de teatro e como se aprende e se faz teatro por meio delas.
- Reconhecer o teatro como uma ferramenta de transformação social.
- Explorar o fazer teatral coletivo com os colegas por meio de jogos.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



Respostas

1. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a observar atentamente as duas imagens: quantas pessoas estão em cada uma delas, o que a posição delas indica e o que estariam fazendo. Deixe que levantem as hipóteses que quiserem e, posteriormente, esclareça que a primeira fotografia é de um espetáculo de um grupo de teatro que será estudado na seção **Conhecendo arte**, e a segunda é de um jogo teatral.
2. Respostas pessoais. Pode ser que alguns estudantes não tenham conhecimento dos grupos comunitários de teatro próximo ao local onde fica a escola ou de onde vivem. Nesse caso, se possível, oriente-os a realizar uma pesquisa previamente à aula, com ajuda de familiares e responsáveis, ou no laboratório de informática. Caso não exista esse tipo de trabalho nas proximidades, oriente-os a elaborar uma lista e anotar no caderno o que gostariam que fosse oferecido para a comunidade nesse sentido, a fim de utilizá-la em atividades posteriores da unidade.
3. Respostas pessoais. Permita que os estudantes falem de todas as experiências que quiserem vinculadas ao fazer teatral ou a outras manifestações cênicas ou artísticas, traçando relações entre suas práticas familiares e as realizadas na escola.

Sobre a avaliação

As seções de abertura e **Aquecendo** apresentam elementos que permitem o exercício da **avaliação diagnóstica**. Essa avaliação objetiva mapear o que os estudantes já construíram como repertório próprio de conhecimento, suas dúvidas, seus interesses e suas fragilidades. Dessa forma, você pode direcionar o trabalho com o conteúdo subsequente da unidade buscando contemplar características individuais de cada um deles.

Na abertura, a avaliação diagnóstica se dá com base na apreciação e na análise comparativa entre as duas

imagens apresentadas. A descrição dos elementos das imagens, de seu conteúdo lúdico, estético ou poético, e a reflexão do papel da criança e da cultura da infância permitem observar o desenvolvimento de cada estudante em sua individualidade. Na seção seguinte, **Aquecendo**, a avaliação diagnóstica ocorre por meio de atividades práticas de sensibilização e exploração do corpo e da ludicidade. Assim, é possível identificar o conhecimento prático do estudante sobre o próprio corpo, seus sentidos e sensações, necessário para o trabalho coletivo posterior.

Orientações

Esta proposta deve ser desenvolvida como momento de concentração e de alongamento no início de mais de um encontro. É importante que os estudantes estejam confortáveis deitados no chão da sala de aula ou em tatames. Garanta que a sala esteja limpa e adequada à prática. Dê os primeiros comandos e espere que eles se acomodem e se acalmem para iniciar a sequência. Depois, dê um tempo para que desenvolvam cada uma das etapas propostas. Nem sempre em uma primeira tentativa os estudantes vão conseguir ficar em silêncio ou de olhos fechados, pois parar em meio ao cotidiano atribulado e barulhento para desenvolver uma atenção focada e uma escuta atenta de si é uma atividade complexa. Por mais que as propostas pareçam bastante simples, conseguir o nível de concentração necessário não é fácil. Tenha isso em mente e permita que cada estudante realize a sequência de exercícios a seu modo, sem que atrapalhe os colegas.

Retome a sequência em mais de uma aula e observe se os estudantes aprimoram a capacidade de concentração e propriocepção, que é a capacidade que temos de perceber nosso corpo e nossos movimentos no espaço e em relação a outros sujeitos; a compreensão da orientação, da posição e da força que usamos ao nos movermos ou ocupar o espaço.


O exercício da “bolinha de calor imaginária”, **item c**, é bastante complexo, então é possível que as crianças consigam experienciar a bolinha movimentando-se no interior do corpo delas somente depois de algumas tentativas. O exercício do “coluna do gato”, proposto nos **itens d e e**, e uma postura clássica da *yoga* (*asana*). Você pode pesquisar outras posturas de animais da *yoga* e propor a adoção delas à turma; o importante é montar e desmontar as posturas com muita calma e consciência, percebendo como cada parte do corpo e a respiração procedem.

A **atividade 2** permitirá que os estudantes diagnostiquem suas dificuldades, inclusive as enfrentadas para conseguir se concentrar. Respeite as percepções e o ritmo próprio de cada um na tentativa de efetivar esses exercícios. Comente que eles vão retomá-los e que nas próximas vezes vão conseguir avançar na concentração e na percepção do corpo.



AQUECENDO

Explorando nossos corpos e sensações

1. O teatro é uma possibilidade de formar comunidades e de conhecer a nós mesmos. Com toda a turma, você vai realizar uma série de exercícios que envolvem as sensações e as percepções do corpo. 
 - a) Deite-se no chão da sala, de barriga para cima com os braços ao longo do corpo e os olhos fechados, em silêncio. Respire normalmente, inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Sinta o ar preenchendo todo seu corpo (tórax, abdome, etc.), entrando e saindo, em um ciclo.
 - b) A tarefa agora é escutar atentamente todos os sons da sala, de fora dela e do próprio corpo. Escute a sua respiração e a dos colegas, identifique os sons exteriores mais longínquos. Quais imagens se formam em sua cabeça com esses sons?
 - c) Após a escuta, imagine uma bolinha de calor que vai percorrer seu corpo. O professor vai nomear as partes e você vai imaginar que a bolinha em cada uma delas. Você, ao sentir a bolinha em uma parte do corpo, pode se movimentar se desejar.
 - d) Agora, aos poucos você sair da posição deitada. Comece espreguiçando-se, esticando todas as partes do corpo: braços, pernas, costas, etc. Vá se contorcendo até chegar à posição de quatro apoios (apoios das mãos, dos joelhos ou dedos dos pés no chão).



Vanessa Alexandre

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

44

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR19 Os exercícios de aquecimento, como escuta dos sons, percepção da respiração e prática da “coluna do gato”, permitem que os estudantes percebam gestos, entonações e ações cotidianas como elementos de teatralidade.

- e) Entre na posição “coluna do gato”: costas arqueadas para cima e olhar para o umbigo (gato assustado) e, depois, costas arqueadas para baixo e olhando para cima (gato curioso). A respiração pode acompanhar as posições do gato: inspirar no gato curioso e expirar no gato assustado.



Vanessa Alexandre

2. Ao final da sequência de exercícios, converse com o professor e os colegas sobre as questões a seguir.

- a) Foi difícil ficar parado e deitado no chão de olhos fechados?
2. a) Resposta pessoal.
- b) Você conseguiu perceber o caminho que o ar faz dentro do corpo na respiração?
2. b) Resposta pessoal.
- c) Que sons você conseguiu escutar?
2. c) Resposta pessoal.
- d) Foi possível imaginar a bola de calor percorrendo o interior de seu corpo?
2. d) Resposta pessoal.
- e) Como foi a experiência de fazer o exercício da coluna do gato?
2. e) Resposta pessoal.
- f) Como você se sentiu após realizar essa sequência de exercícios?
2. f) Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sobre a avaliação

O objetivo da seção **Aquecendo** é iniciar o trabalho com a unidade com base em uma atividade prática que envolva a sensibilização por meio da experimentação, a fim de suscitar maior engajamento com o restante do conteúdo. A proposta de realizar atividades práticas é essencial para diagnosticar como os estudantes percebem o próprio corpo, se colocam no espaço, controlam suas ações e reações físicas e conseguem focar em si mesmos. Nesse momento, também será possível avaliar a capacidade de concentração e de foco da turma em práticas corporais que envolvam sentidos, sensações e escuta de si e dos outros. Essa etapa é primordial para que se consiga avançar para os jogos coletivos ao longo da unidade.

Saiba mais

O teatrólogo Augusto Boal (que estudaremos ao longo desta unidade) propõe diversos exercícios de propriocepção e consciência corporal em seus livros. Ainda que tenham sido inicialmente realizados com adultos, muitos podem ser adaptados para o trabalho com crianças. Recomendase a leitura de: BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Orientações

O teatro comunitário pode acontecer de diversas maneiras e em diversos locais: escolas, igrejas e casas de religião, sindicatos, associações de bairro, sedes de projetos culturais, articulados a coletivos políticos ou ativistas, entre outros. As comunidades podem ser tanto territoriais (de vizinhos, de bairro, de município) como de ideias (coletivos feministas, ecologistas, proteção animal, etc.). As manifestações da cultura tradicional brasileira também podem ser consideradas uma modalidade de teatro comunitário, já que costumam envolver ativamente boa parte das comunidades de origem.

Essa forma teatral é uma das formas teatrais que fortalece vínculos identitários, fomenta a memória coletiva, promove debates sobre questões sociais, insere cultural e civicamente pessoas de diversas idades, pessoas com deficiência ou em vulnerabilidade social. Os grupos geralmente são amadores, mas há muitos que se profissionalizam. Ambos convivem nas produções e práticas coletivas.

Leia o texto para os estudantes, exemplificando com as imagens apresentadas o que é o teatro comunitário. Para isso, não dê respostas prontas, mas estimule a curiosidade e a capacidade de criar relações entre o que viram nas imagens e o que leram no texto.

Ao tratar da manifestação cultural cavalo-marinho, para comprovar o protagonismo feminino na cultura popular brasileira, compartilhe com os estudantes que o Cavalo Marinho Estrela Brilhante, da cidade de Pernambuco, que constitui uma das mais expressivas representações artísticas da região da Zona da Mata Norte daquele estado, é liderado pela mestra Nice Telles.

Ao conhecer e apreciar as propostas das oficinas de teatro e o trabalho de Augusto Boal, esta seção permite o diálogo com o TCT **Cidadania e Civismo**.

TCT



CONHECENDO ARTE



Teatro e comunidade

O teatro é uma arte coletiva: é necessário contar, no mínimo, com a presença de um ator e de um espectador para que aconteça o evento ou a relação teatral.

O teatro comunitário é um espaço de convívio, coletividade, valorização das identidades locais, produção cultural e problematização de questões políticas, econômicas e de comportamento que atravessam a comunidade em determinado momento.

As manifestações teatrais estão muito ligadas a seus territórios e comunidades. O Cavalo-marinho nordestino, por exemplo, é uma festa tradicional que envolve teatro, dança e música. Muitas pessoas (adultos, jovens, idosos e crianças) se envolvem desde a produção dos elaborados figurinos aos ensaios com músicos e brincantes, chegando às apresentações dentro e fora da comunidade.

Para que essa festa aconteça, há processos de formação em que os conhecimentos são passados de um mestre para novos participantes, criando uma dinâmica comunitária.



Cesar Diniz/Pulsar Imagens

O Cavalo Marinho nordestino apresentado pelo grupo Estrela de Ouro em Condado (PE), 2022.



Marco Antonio Sá/Pulsar Imagens

Sede dos grupos Cavalo Marinho Estrela de Ouro e Maracatu de Baque Solto Leão de Ouro, em Condado (PE), 2024.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

46

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR18 O contato com o teatro comunitário, por meio de exemplos como o Cavalo Marinho e o grupo Catalinas Sur, possibilita aos estudantes reconhecer e apreciar manifestações teatrais em diferentes contextos, ampliando a percepção e o repertório ficcional.

Na cidade de Buenos Aires, na Argentina, existe um grupo de teatro comunitário que há mais de 40 anos envolve moradores do bairro La Boca. Esse coletivo é o Grupo de Teatro Catalinas Sur, e seu espaço cultural no bairro se chama El Galpón de Catalinas.

Nesse espaço, semanalmente, mais de 500 pessoas de todas as gerações desenvolvem projetos sociais e artísticos por meio de oficinas de teatro, circo, teatro de bonecos, teatro para crianças, música, entre outros. Pessoas de toda a cidade vêm prestigiar os espetáculos apresentados. Algumas montagens contam com elencos de até 100 participantes em cena, que cantam, dançam, tocam instrumentos e atuam em diversas formações.

Quase todos os espetáculos criados e apresentados pelo Catalinas Sur são ligados à história e à realidade da Argentina, celebrando a memória e a identidade do bairro de trabalhadores. Nas palavras do coletivo: “Juntos, construímos, no dia a dia, uma verdadeira festa cultural para toda a comunidade”.

Assim como a proposta do grupo Catalinas Sur, o teatro escolar, os grupos de teatro amador da terceira idade, os grupos de teatro de trabalhadores, o teatro desenvolvido nas casas religiosas e nas associações de bairro, bem como grupos de teatro vinculados a projetos sociais ou a movimentos ativistas, podem ser considerados formas de teatro comunitário. Nessas iniciativas, além do fortalecimento dos vínculos coletivos, questões e temas relevantes para a comunidade são explorados por meio da linguagem teatral, tanto em oficinas quanto na produção de espetáculos.



Atividade complementar

Assista com os estudantes a dois pequenos documentários: um sobre a atuação da Mestra Nice Teles, do Cavalo Marinho Estrela Brillhante, em Condado (PE), e outro que resume o trabalho do Grupo de Teatro Catalinas Sur, em Buenos Aires (ARG). Esses dois vídeos vão ajudar no entendimento da noção de teatro comunitário e de suas possibilidades em distintos lugares: uma pequena cidade do interior de Pernambuco e um bairro popular de uma metrópole latino-americana como Buenos Aires.

Contextualizar os lugares geográficos nos quais os dois grupos desenvolvem seus trabalhos, mostrando, se possível, mapas do Brasil e da América Latina, pode enriquecer o tema. Note que o vídeo do grupo argentino está em espanhol, língua nativa dos integrantes do grupo, mas isso não deve ser um impeditivo. Acompanhe as imagens e incentive os estudantes a descrever oralmente o que estão assistindo. Explique que quase todos os países da América Latina têm o espanhol como língua oficial, além dos idiomas dos povos originários. No Brasil, a língua oficial é o português, e, no Haiti e na Guiana Francesa, é o francês.

- Programa Convida: Nice do Cavalo Marinho, do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vbM4sUejO6c&t=79s>. Acesso em: 4 ago. 2025.
- Vídeo Institucional do Grupo de Teatro Catalinas Sur. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZWQxPh3Euas>. Acesso em: 4 ago. 2025.

Saiba mais

Para as definições de comunidade, de teatro na comunidade, com e por comunidades, recomenda-se a leitura do artigo “Tentando definir o teatro na comunidade”, de Marcia Pompeo Nogueira. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/15973/10426>. Acesso em: 4 ago. 2025.

Orientações

Nesta parte da seção, você vai apresentar as oficinas teatrais como modalidade de aprendizado e de desenvolvimento do teatro. Faça a leitura do texto com a turma, tirando as dúvidas que surgirem. Oriente os estudantes a inferir os significados das palavras desconhecidas pelo contexto, contribuindo para o desenvolvimento do processo de leitura. Comente com eles que as oficinas são encontros produtivos em que se ensina algo. No caso do teatro, são espaços de vivência da arte. Apresente Augusto Boal e o Teatro do Oprimido, salientando que os estudantes poderão aprender praticando com jogos e propostas inspirados nas de Boal ao longo desta unidade.

Para apoiar a aula, utilize imagens adicionais do *site* do projeto Tanpu Intercultural (disponível em: <https://tanpuintercultural.com/>; acesso em: 12 set. 2025), no qual oficinas de arte de diversas linguagens (artes visuais, audiovisual, teatro, etc.) são documentadas com fotografias, para mostrar aos estudantes a riqueza do que se pode conhecer, aprender e produzir em oficinas de arte nas comunidades. Você encontra esse material pesquisando na página do grupo.

Outra referência importante a ser compartilhada com a turma é o Centro de Artes da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. Se possível, mostre aos estudantes o *site* do Centro e todas as possibilidades de arte comunitária que acontecem lá há mais de uma década. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/info/3/centro-de-artes-da-mare>, 4 ago. 2025.

Se houver algum centro de arte ou projeto social que envolva oficinas de arte na comunidade ou no município onde se localiza a escola, compartilhe essa informação com a turma e promova, com aval da coordenação da escola e dos responsáveis pelos estudantes, uma visita ao local, valorizando o movimento cultural comunitário.

Oficinas de teatro

Você já ouviu o termo oficina de teatro? Oficinas de teatro são laboratórios, cursos, uma sequência de encontros ou aulas que são realizados para interessados em praticar teatro. Geralmente são dadas por alguém com muita experiência e formação em teatro. As oficinas são uma das formas mais conhecidas de organização do ensino e da aprendizagem do teatro e de outras artes.

O projeto Tanpu Intercultural, no Peru, promove oficinas de artes visuais e teatro para diferentes pessoas de comunidades indígenas fronteiriças e de zonas rurais, trabalhando com histórias sobre memórias, identidades e revalorização das culturas locais.

Quando pensamos nas oficinas, podemos dizer que os encontros e o que acontece neles, ou seja, os processos desenvolvidos por cada participante, são muitas vezes mais importantes do que chegar a um resultado espetacular (uma apresentação, uma peça ou uma cena pronta). Fazer teatro nem sempre envolve apenas a apresentação para o público: nós também nos transformamos ao fazer teatro, aprendemos sobre nós, sobre os outros e sobre o mundo no qual vivemos.

As oficinas não são apenas espaços de experimentação e criação, mas locais de pesquisa e discussão de temas importantes de serem tratados pelo teatro, como os problemas verificados na sociedade.



Grupo de crianças com as máscaras confeccionadas em uma oficina de artes visuais e teatro do projeto Tanpu Intercultural, em Bagua, Peru, 2022.



Douglas Lopes/Redes da Maré

Fachada do Centro de Artes da Maré (CAM), Rio de Janeiro (RJ), 2021.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

48

Os jogos, os exercícios e as improvisações propostos nas oficinas estimulam a percepção das sensações corporais, a concentração, a atenção, a confiança, a desinibição, a disponibilidade, a cooperação, a escuta, a troca com os outros jogadores, o sentido comunitário, entre outros. Desenvolver essas habilidades é fundamental para criar teatro e não somente reproduzir o que já existe, pois o teatro pode e deve ser um lugar de criação e de aprendizado!

Augusto Boal criou o Teatro do Oprimido, um conjunto de técnicas teatrais que, por meio dos jogos, possibilita às pessoas fazer teatro e refletir sobre sua realidade. O Teatro do Oprimido é praticado e estudado em todo o mundo até hoje. Suas práticas têm lugar, principalmente, em comunidades periféricas e economicamente vulneráveis, sendo um marco do fazer teatral como instrumento de transformação social e construção coletiva.

Na cidade do Rio de Janeiro, existe o Centro de Teatro do Oprimido (CTO), que continua desenvolvendo e ampliando o trabalho iniciado por Boal.



Jovens que fazem parte do Laboratório LGBT de Teatro do Oprimido. Redes da Maré, Rio de Janeiro (RJ), 2022.

Saiba mais

Assista ao documentário sobre o Teatro das Oprimidas para refletir sobre as opressões sofridas pelas mulheres nas conjunturas atuais e no passado, o machismo e as questões de desigualdade de gênero. O documentário *Teatro das Oprimidas* está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OB63MtgOwXg&t=2s>. Acesso em: 4 ago. 2025.

Para conhecer mais aprofundadamente quem foi Augusto Boal e sua relevância no teatro nacional e internacional e para identificar as inúmeras frentes de atuação do Teatro do Oprimido e suas reverberações contemporâneas, acesse o *site* mantido pelo Instituto Augusto Boal (IAB) e o *site* do Centro de Teatro do Oprimido (CTO) no Rio de Janeiro. Disponíveis em: <https://augustoboal.com.br/>. CTO, disponível em: <https://www.ctorio.org.br/home/>. Acessos em: 4 ago. 2025.

QUEM FOI AUGUSTO BOAL?

Augusto Boal (1931-2009) foi o teatrólogo brasileiro mais reconhecido internacionalmente. Ele começou sua carreira como diretor e dramaturgo do Teatro de Arena, na cidade de São Paulo, e desenvolveu técnicas para que todos pudessem fazer teatro. Ele defendeu a ideia de que todas as pessoas podem repensar seu modo de ser e estar no mundo, a partir de sua própria sociedade por meio do jogo teatral.



Augusto Boal em 2000.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

Orientações

As duas subseções aqui apresentadas, **Maleta de artista** e **Expressão de artista**, trazem propostas inspiradas em técnicas que compõem o Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Elas foram decupadas e simplificadas para que os estudantes consigam efetivar de maneira lúdica os jogos teatrais em sala de aula, promovendo o trabalho cooperativo em grupos, a criação teatral, o debate e a reflexão sobre temas contemporâneos considerados significativos pelos próprios estudantes, sempre por meio da ação teatral. Com isso, promovemos o protagonismo infantil, tanto na tomada de consciência de problemas sociais atuais quanto na compreensão do lugar de cada um na tentativa de resolução desses problemas e no movimento de construção de uma sociedade justa e igualitária.

Em **Maleta de artista**, vamos abordar uma iniciação ao Teatro Jornal de maneira simplificada, adequada aos estudantes, por meio das técnicas desenvolvidas por Augusto Boal com um grupo de jovens atores do Teatro de Arena. Tente envolver todos na atividade, auxiliando-os a dividir as funções e a organizar o roteiro.

Para iniciar o trabalho, é necessário que os estudantes conheçam o gênero discursivo telejornal. Converse com eles sobre o que já conhecem do assunto, se já assistiram a algum telejornal, como ele é e quais são suas características. Se algum estudante não conhecer esse formato, mostre à turma algum vídeo de um telejornal selecionado por você.

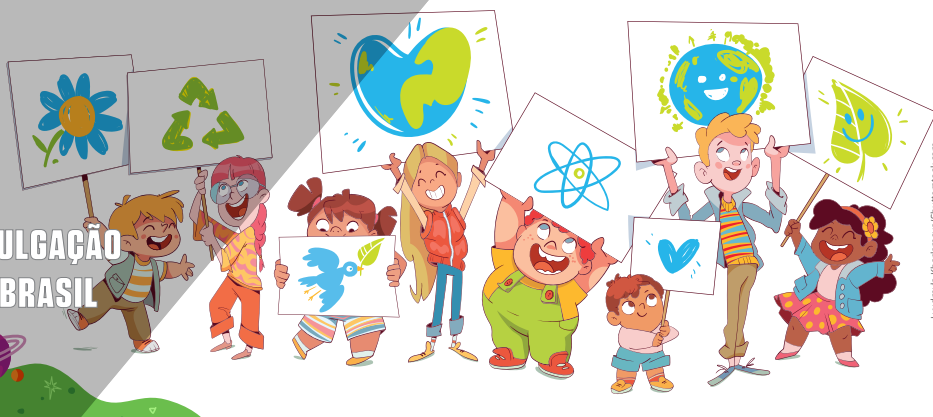
Levante, em sites e jornais locais, nacionais e globais, notícias que julgue que possam ser instigantes e adequadas à turma ou que se relacionem com algum projeto maior que a turma esteja desenvolvendo ao longo do bimestre ou trimestre. Escute as notícias que os estudantes trouxeram e apresente as que você selecionou. Converse sobre elas e as liste na lousa. Depois, auxilie na organização e na escolha das notícias.

Permita que os estudantes se organizem nos papéis ou nas funções daqueles que fazem o telejornal e re-dijam, juntos, um breve roteiro com a sequência das cenas do telejornal. Para ensinar os estudantes a montar um roteiro de telejornal, é importante orientá-los sobre a estrutura básica da

Maleta de artista

Em 1960, Augusto Boal criou com os jovens atores e atrizes do Teatro de Arena uma forma de trazer para o teatro situações presentes na mídia, em especial nos jornais. Isso ficou conhecido como Teatro Jornal. Com a turma toda, leia as orientações a seguir para inventar um telejornal da comunidade e entender como é o Teatro Jornal.

- Pesquise notícias reais sobre algo que aconteceu no bairro, no município, no país ou no mundo. O professor vai ajudar a listar as notícias.
- Organize-se e defina a divisão dos personagens: quem serão os apresentadores do telejornal, o repórter, o câmera, o técnico, o diretor, as pessoas que podem encenar o fato noticiado, etc. Veja como são os telejornais na televisão ou em outra mídia.
- Escolha duas ou três notícias interessantes e organize o telejornal: qual delas vai ser apenas anunciada pelo(s) apresentador(es), qual será uma reportagem, quem será entrevistado pelo repórter, se vai haver a seção do tempo, se algum comentarista vai fazer a avaliação de algum fato. Pense em um telejornal com começo, meio e fim, e escreva um pequeno roteiro com a sequência das cenas.
- Apresente o telejornal para colegas de outra sala ou para pessoas da comunidade escolar. Ao terminar a apresentação, peça aos espectadores que deem ideias para a resolução dos problemas, conflitos e questões trazidos pelas notícias.
- Na sequência, promova com a turma um debate das ideias oferecidas pelos espectadores para resolver os problemas e discutir as soluções encontradas.



**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

50

notícia e a clareza das informações. Explique que cada notícia deve responder às perguntas essenciais: o que aconteceu, quem está envolvido, quando ocorreu, onde foi e por que ou como aconteceu. Essas perguntas ajudam a organizar as ideias e garantir que o público compreenda os fatos com facilidade. Oriente-os a começar com uma manchete chamativa, seguida de uma introdução breve e, depois, a comunicar a notícia com base nessas perguntas, utilizando uma linguagem simples e objetiva. Incentive também a divisão do roteiro em blocos, com abertura do telejornal, apresentação das notícias e encerramento. Aproveite para promover um trabalho interdisciplinar com Língua Portuguesa.

Oriente os estudantes a trabalhar com improvisação; não é necessário ter textos prévios. Incentive a escuta e o respeito no trabalho coletivo, acolha as ideias de todos e tente contemplá-las.

Convide outras pessoas da comunidade escolar para assistir ao telejornal criado pelos estudantes. Após a apresentação, peça aos espectadores que surjam possibilidades de soluções para os problemas apresentados. Liste essas soluções.

Objeto digital

Para ampliar o estudo sobre os tipos de teatro, solicite aos estudantes que acessem o **infográfico clicável** disponível no Livro Digital do Estudante.

Expressão de artista

O teatro pode ser um instrumento de contestação daquilo que não concordamos, de denúncia de injustiças e de tomada de consciência dos problemas sociais. A esta modalidade teatral chamamos de Teatro de Protesto.

As crianças também podem ser protagonistas na formulação de propostas e na tomada de decisões relacionadas às questões que envolvam as comunidades em que vivem.

Novamente com toda a turma, que tal pensar em algum problema que acontece no dia a dia de vocês e propor soluções usando o teatro como forma de expressão?

- Em uma roda de conversa, levante questões que preocupam vocês no dia a dia. Alguns exemplos: mudanças climáticas e suas consequências, *bullying* na escola, preconceito, excesso de uso das tecnologias e pouco convívio com as pessoas, falta de espaços públicos para brincar, etc. O professor vai anotar as propostas na lousa.
- A turma deve se dividir em grupos com quatro ou cinco estudantes. Cada grupo deve escolher um tema e buscar imagens de inspiração para construir duas fotografias ou quadros que mostrem essas situações: uma na qual o problema está apresentado e outra em que está resolvido.
- O desafio é representar o conteúdo das fotografias ou dos quadros utilizando o corpo, como na brincadeira de estátua!
- Apresente as situações aos demais colegas e, depois, converse sobre a resolução desses problemas proposta pelo grupo e outras possíveis sugestões dos espectadores, com base nas seguintes perguntas:
 - a) O que poderia ser feito para melhorar a situação? **a) Resposta pessoal.**
 - b) O que os adultos com os quais você convive poderiam fazer para solucionar o problema? **b) Resposta pessoal.**
 - c) Que ações coletivas, individuais ou institucionais deveriam adotar para resolver o problema? **c) Resposta pessoal.**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR21 A proposta do Teatro Jornal e do Teatro de Protesto possibilita que os estudantes exercitem a imitação e o faz de conta, ressignificando fatos do cotidiano e criando de modo intencional cenas para levar os espectadores a refletir sobre injustiças e problemas sociais.

Saiba mais

Tanto as técnicas do Teatro Jornal quanto as do Teatro Imagem estão descritas detalhadamente nos livros de Augusto Boal, principalmente em *Jogos para atores e não atores*.

Orientações

De volta à turma, depois que os espectadores tiverem deixado o local da apresentação, debata as soluções, se são funcionais e possíveis e como as colocariam em prática.

Em **Expressão de artista**, propomos a compreensão do Teatro de Protesto por meio de exercícios simples e introdutórios da técnica que Boal denominou Teatro Imagem.

Na atividade, os estudantes serão incentivados a levantar problemas sociais reais e criar uma imagem estática (pode ser chamada de fotografia ou quadro) apresentando o problema e outra imagem estática em que alguma solução seja apresentada. No Teatro Imagem, a construção de uma imagem fotográfica com a encenação corporal ocorre por meio da composição de cenas estáticas formadas pelos corpos dos participantes, que representam uma ideia, sentimento ou situação. Explique que cada participante “congela” em uma posição que contribui para comunicar visualmente a mensagem coletiva, como se fosse uma fotografia viva, permitindo ao público interpretar e refletir sobre o tema proposto com base na força simbólica da imagem construída. Nesse jogo, as negociações para a escolha do problema por cada grupo e da resolução, assim como a composição cênica física e corporal dos problemas e de suas resoluções, ocupam igual grau de relevância. Corporificar questões sociais é um dos modos que Augusto Boal apresenta, no Teatro do Oprimido, para que se possa refletir e pensar a respeito de nossas realidades em função de sua concretude. Nesse jogo, corpo e mente não estão dissociados: queremos pensar com e no corpo.

Se as imagens criadas pelos estudantes não ficarem claras, peça a eles que as refaçam exagerando a apresentação e a resolução do problema selecionado. Avalie com a turma que modificações da imagem poderiam tornar o problema mais claro para o espectador. O recurso do exagero pode auxiliar também na expressão de protesto.

Orientações


A proposta desta seção é promover uma reflexão sobre o fazer teatral por meio do contato com outros sujeitos sociais, no caso os integrantes da comunidade que tenham alguma relação com grupos de teatro, agremiações ou coletivos de arte. É relevante construir conhecimento comum em trocas reais com agentes ativos da sociedade. Auxilie os estudantes na busca de referências e de artistas (amadores ou profissionais) ou mestres de cultura tradicional para convidá-los a participar de uma conversa na escola. Você pode propor que essa pesquisa seja feita na internet, com sua mediação, a fim de levantar grupos teatrais que estejam na ativa e que tenham disponibilidade para conversar com a turma.

Oriente os estudantes a se organizar de maneira que cada grupo pesquise um local específico do município onde fica a escola. Se a pesquisa na internet não for possível, eles podem perguntar aos responsáveis ou às pessoas mais velhas que conhecem sobre os grupos teatrais locais. Incentive a autonomia dos estudantes, deixando que eles tomem decisões, mas faça a mediação sempre que necessário.



PENSANDO ARTE

Refletir sobre teatro e comunidade


1. Com os colegas, você vai pesquisar e mapear grupos de teatro na comunidade onde vive para fazer um convite especial: conversar com os artistas para descobrir mais sobre teatro. 
 - a) Com a ajuda do professor, comece mapeando os grupos de teatro que existem perto da escola, no bairro, no município ou no estado onde você vive. Para isso, a turma pode se organizar em grupos e definir que cada grupo pesquise um local diferente.
 - b) Após a pesquisa, faça uma lista dos grupos que descobrir e compartilhe com os colegas.
 - c) Defina com os colegas os grupos que geraram mais interesse.
 - d) Escreva um convite para os integrantes dos grupos de teatro para que venham à escola conversar com vocês. Esse convite pode ser enviado por *e-mail* ou por carta.



Vanessa Alcântara


MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

52

- e) Combine uma data e um horário para que a conversa aconteça.
 - f) Caso não seja possível para os grupos visitarem a escola, a turma pode propor uma videochamada mediada pelo professor para a conversa.
2. Depois do planejamento e do envio dos convites, é hora de pensar nas perguntas que podem ser feitas aos artistas. 

- a) Com os colegas, reflita sobre o que você gostaria de perguntar e que dúvidas teria em relação ao teatro. Você pode perguntar, por exemplo, como são criados os espetáculos, como é o funcionamento de um teatro, como são os processos criativos de uma peça teatral, entre outros.
- b) Crie uma lista das perguntas para tirar todas as dúvidas da turma.



3. Com tudo pronto, é hora de conversar. 

- a) Com o professor e a turma, organize o espaço para receber os convidados. Pode ser na sala de aula ou em um local como pátio ou teatro da escola, se houver.
- b) Um colega deve ser responsável por receber os convidados e mostrar onde eles vão ficar.
- c) As perguntas devem ser feitas uma por vez. Cada estudante pode fazer uma pergunta diferente.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

É possível que os artistas se disponibilizem para falar com os estudantes por videochamada. Portanto, prepare-se caso essa seja a sua realidade. Verifique a possibilidade de fazer essa videochamada na sala de informática da escola, com auxílio do professor de Informática. Se não for possível convidar os artistas para uma conversa, você pode optar por adaptar a atividade a uma pesquisa na internet com os estudantes. As perguntas levantadas por eles podem servir de guia para pesquisar as curiosidades da turma, mas é importante que os estudantes tenham contato direto com artistas ou grupos para que vejam de perto como os espetáculos são pensados e para que notem o tempo e a dedicação necessários ao fazer artístico, pois é nesse contato que serão tecidas as articulações entre os conhecimentos desenvolvidos na escola, as experiências coletadas com as famílias e as experiências comunitárias dos estudantes.

Uma ida ao teatro também é algo altamente desejável para os processos de construção de conhecimento cênico: relembramos que a fruição e a recepção dos artefatos culturais e artísticos é uma das etapas fundamentais para se conhecer e aprender teatro. Se os grupos teatrais pesquisados tiverem uma sede ou espaço próprio, uma visita com a turma seria indicada. Caso não seja possível, solicite ou pesquise vídeos das apresentações deles.

Orientações

O boxe **Pergunta em casa** amplia a proposta apresentada na seção, convidando os familiares dos estudantes a trazer as próprias experiências com teatro. Oriente a turma a anotar as conclusões no caderno da forma como conseguirem e a compartilhá-las com os colegas. Essa atividade também pode ser feita como preparação para a atividade da seção.

Sobre a avaliação

A seção **Pensando arte** é indicada como um momento de avaliação formativa. A avaliação das respostas dadas às questões e do engajamento nas atividades práticas tem a função de inclusão dos estudantes e de regulação de suas aprendizagens. Recomendamos que você faça registros escritos do acompanhamento dos estudantes no **diário de bordo**, pois essas anotações oferecem fundamentação para os ajustes das estratégias de ensino.

d) Após a conversa, lembre-se de agradecer aos convidados pela presença.



Vanessa Alexandre

4. Finalizado o evento, converse com o professor e os colegas sobre as seguintes questões.

- a) O que você mais gostou de saber sobre o grupo dos artistas?
4. a) Resposta pessoal.
- b) A conversa mudou a sua opinião sobre como é o teatro? Por quê?
4. b) Resposta pessoal.
- c) Para você, a troca de ideias entre artistas e comunidade é importante? Por quê? 4. c) Respostas pessoais.

PARA IR MAIS LONGE

- Se em seu bairro ou município houver apresentação de teatro infantil ou teatro de rua, combine uma ida ao teatro com seus responsáveis ou com os colegas da turma. Assim, você pode ter um contato ainda maior com o teatro!

PERGUNTA EM CASA

Pergunte a familiares, vizinhos e amigos, incluindo pessoas mais velhas, se algum deles já participou de algum grupo de teatro ou se tem a lembrança de ter assistido ou participado de algum coletivo de teatro na associação do bairro, na escola, na igreja ou na comunidade. Escute as histórias contadas, questione como foi a participação deles e anote no caderno suas conclusões para compartilhar com a turma na próxima aula.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL





Jogos práticos para atores e não atores

1. Vamos realizar uma sequência de jogos propostos por Augusto Boal. A turma vai brincar com jogos teatrais e, ao final de cada um deles, debaterá para entender o que é preciso fazer para que o jogo aconteça e que noções e conhecimentos são aprendidos nessas práticas. Para isso, prepare a sala de aula, afastando mesas e cadeiras, criando um espaço vazio para as atividades.



a) Jogo do equilíbrio da turma

- Forme um grande círculo com os colegas e dê as mãos aos que estão do seu lado esquerdo e direito com firmeza, alargando-o o máximo possível. Olhe nos olhos deles e se concentre. Aos poucos, todos devem se inclinar para o lado direito, até chegar ao desequilíbrio: se estiverem de mãos dadas se sustentando, a roda não vai se desfazer e ninguém cairá. Depois, todos devem fazer o mesmo para o lado esquerdo e, na sequência, inclinar o corpo para trás. Em seguida, ainda em roda, fique de frente para as costas do colega, um atrás do outro, mas em círculo. Lentamente, tente se sentar nas pernas do colega de trás.



Vanessa Alexandre

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

55

Orientações

A seção **Fazendo arte** desta unidade traz uma sequência de jogos teatrais inspirados nas práticas propostas por Augusto Boal. Os jogos devem ser realizados com a sua orientação e supervisão. Na primeira rodada de cada jogo, sugerimos que você o inicie, a fim de que os estudantes compreendam as dinâmicas.

Dê espaço e tempo para eles experimentem os jogos, mas também zele para que as práticas sejam realizadas de modo a possibilitar o desenvolvimento das noções de teatro que queremos trabalhar de maneira lúcida e consciente. Os jogos podem ser realizados em mais de uma aula ou em uma sequência na mesma ocasião, pois o modo como estão orientados aqui é cumulativo, de forma que noções trabalhadas nos primeiros são relevantes para a efetivação dos seguintes.

Para estudantes com mobilidade reduzida, você pode adaptar as atividades para que eles participem da forma que conseguirem e que for mais adequada. Para estudantes cegos ou com baixa visão, sugerimos que as atividades sejam feitas em dupla, com um estudante de guia.

No momento de conversa posterior a cada jogo, explore as perguntas da **atividade 2** deixando os estudantes identificarem o que é necessário para que o jogo realmente aconteça de forma satisfatória. Caso eles não cheguem às hipóteses de noções pretendidas, auxilie-os levantando exemplos da sua observação sobre a realização do jogo por eles.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR20 Os jogos para atores e não atores, inspirados em Augusto Boal, incentivam o trabalho coletivo e autoral, permitindo que os estudantes improvisem e criem narrativas com base em gestos, sons e ações colaborativas no espaço.

■ Noções desenvolvidas em cada jogo

- a) Concentração, atenção, confiança, coordenação motora ampla, cooperação, sentido de grupo, propriocepção.
- b) Confiança, concentração, imaginação, lateralidade, propriocepção, escuta corporal, uso do espaço e dos níveis alto, médio e baixo, ritmos.
- c) Confiança, atenção, concentração, propriocepção, escuta ativa, cooperação, cuidado com o outro.
- d) Observação, atenção, propriocepção, níveis de altura, uso extracotidiano do corpo, criatividade, abstração espacial.
- e) Disponibilidade, observação, concentração, escuta, propriocepção, cooperação, imaginação, criatividade, resiliência, sentido de grupo, ritmos com som e movimento.

b) Hipnose com a palma da mão

- Organize-se em dupla e se coloque de frente para o colega. Um integrante da dupla será o hipnotizador e o outro o hipnotizado. O hipnotizador deve colocar a palma da mão aberta a mais ou menos um palmo ou dois do nariz do hipnotizado, mantendo sempre essa distância. O hipnotizado deve se movimentar de acordo com os movimentos feitos pelo hipnotizador. Mova-se pelo espaço em ritmos e formas diversas! Nesse jogo, a comunicação será feita pelos gestos e movimentos corporais.

c) Floresta de sons

- Forme novamente uma dupla. Uma pessoa será vendada ou manterá os olhos fechados durante todo o jogo, enquanto a outra a guiará por meio de sons. Esse jogo precisa ser feito com cuidado: quem for o guia deve começar devagar e orientar o colega de modo a evitar acidentes com outras duplas. O guia vai determinar um som que será seguido pelo guiado. Cada um deve seguir somente o som do seu guia no espaço, que estará tomado de sons diferentes, como uma verdadeira floresta de sons.

Os sons escolhidos podem ser os de uma floresta: um animal, o farfalhar de folhas secas, um riacho correndo, o vento entre as árvores, etc. Troque de posição para que cada um experiente ser guia e ser guiado.



d) Completar os espaços vazios do corpo do outro

- Forme um círculo com os colegas. Um estudante deve ir ao centro dele e fazer uma pose. O estudante seguinte vai tentar, com o corpo, preencher os espaços vazios deixados pela postura do colega. Exemplo: o espaço entre os braços, o espaço da parte superior do corpo se estiver agachado, etc. Quando o segundo estudante

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

56

estiver posicionado e estático preenchendo os espaços, o primeiro sai de cena para que um terceiro estudante preencha os espaços vazios deixados pela postura corporal do segundo colega, e assim sucessivamente, até que todos tenham preenchido os espaços vazios do corpo de um colega e tido seus espaços preenchidos. Importante: antes de entrar em cena, observe atentamente a postura dos colegas.

e) Máquina (com movimento e som)

- Sente-se em semicírculo com os colegas.

Um estudante deve ir à frente, fazer um gesto com alguma parte do corpo e produzir um som vocal (será a primeira peça da engrenagem). É importante que esse jogador consiga se manter por um longo tempo fazendo o gesto e o som; preste atenção nisso se for o primeiro. Em seguida, após observar atentamente o primeiro colega, outro estudante deve entrar em cena e compor a engrenagem criando outro gesto e outro som. Cada estudante faz seu gesto e seu som até que todos juntos formem uma máquina completa, que vai funcionar por meio de gestos e sonoridades produzidas com o corpo. A máquina poderá testar ritmos diferentes: muito lento, muito rápido, enguiçado, com óleo demais e até pifar!



Vanessa Alexandre

2. Após a realização de cada jogo, converse sobre as experiências que teve com base nas questões a seguir.

- a) O que foi necessário para que o jogo funcionasse? O que é preciso para que o jogo aconteça? **2. a) Respostas pessoais.**
- b) Qual foi a maior dificuldade para realizar o jogo? **2. b) Resposta pessoal.**
- c) Se jogar mais vezes, você acha que pode se aprimorar a cada vez que jogar? **2. c) Resposta pessoal.**
- d) Por que esse jogo ajuda a aprender a fazer teatro? **2. d) Resposta pessoal.**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

57

Sobre a avaliação

As conversas e debates ocorridos após a realização de cada um dos jogos, conduzidas por você e nas quais os estudantes tenham espaço para encontrar respostas sobre o que é necessário para a efetivação do jogo, configuram-se como um momento de autoavaliação, em que cada estudante vai perceber como seu engajamento no jogo e a postura que assumiu interferiu no coletivo. A turma também pode chegar à conclusão de que precisa desenvolver mais uma noção ou outra, por exemplo: conversar menos durante os jogos para se concentrar; perceber as propostas dos colegas e aceitá-las e não somente impor as suas; dispor-se a participar; confiar uns nos outros; ter mais cuidado com o corpo dos colegas e o próprio corpo, etc. Aqui, a proposta é que a autoavaliação da turma seja conduzida por você e sirva como diagnóstico para futuras propostas teatrais a serem desenvolvidas com os estudantes.

Orientações

Nesta seção, os estudantes são convidados a rever a trajetória que fizeram no decorrer da unidade. Eles participaram de atividades reflexivas, de experimentação e de prática ativa. Nesse momento, é fundamental conversar com eles sobre atitude empática, paciência e alternância de papéis, processo de grande incidência nas aulas de Arte, em que em dado momento os estudantes devem se apresentar e em outro devem ser espectadores dos colegas.

Com a turma, organize a sala de aula, de modo a abrir espaço para a autoavaliação, e convide os estudantes a formar um círculo ou semicírculo. Promova as questões para que eles conversem sobre as experimentações, mas faça a mediação para que respeitem os turnos de fala.

As **atividades 4 e 5** promovem reflexões individuais. Nesse momento, é importante acolher todas as falas, positivas e negativas, e entender o que funcionou e o que poderia ser melhorado em atividades práticas coletivas, em especial nas desenvolvidas nesta unidade.

Por fim, a **atividade 6** busca identificar se os estudantes se apropriaram das competências necessárias para o trabalho proposto para esta unidade e se desenvolveram algumas das habilidades desejadas. Espera-se que eles consigam nomear algumas das noções desenvolvidas ao longo da unidade, como concentração, confiança, atenção, cooperação, escuta, etc.



NESTA UNIDADE, VIMOS

- O teatro comunitário pode ser um espaço de troca, de convívio, de construção de laços, identidades e memória.
- As oficinas de teatro são uma das formas de se aprender a fazer teatro na prática por meio de processos de criação.
- A possibilidade do teatro como protesto, como denúncia das injustiças, como reflexão sobre questões sociais e como resolução de problemas atuais.
- O Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, e algumas de suas propostas.
- Jogos diversos, para perceber o corpo e os movimentos no espaço.
- Como jogar diferentes jogos para atores e não atores que possibilitam desenvolver concentração, atenção, disponibilidade, confiança no outro, escuta, sentido de grupo, cooperação, entre outras noções necessárias para o fazer teatral.

1. É desejável que os estudantes identifiquem que teatro comunitário é aquele que envolve um grupo de pessoas de uma mesma comunidade, seja territorial, seja ideológica. As pessoas envolvidas são aquelas que convivem juntas e têm interesses em comum.

3. Espera-se que os estudantes relacionem o nome de Augusto Boal com o Teatro do Oprimido e com propostas práticas que desenvolveram ao longo da unidade: Teatro Jornal, jogos coletivos, etc.

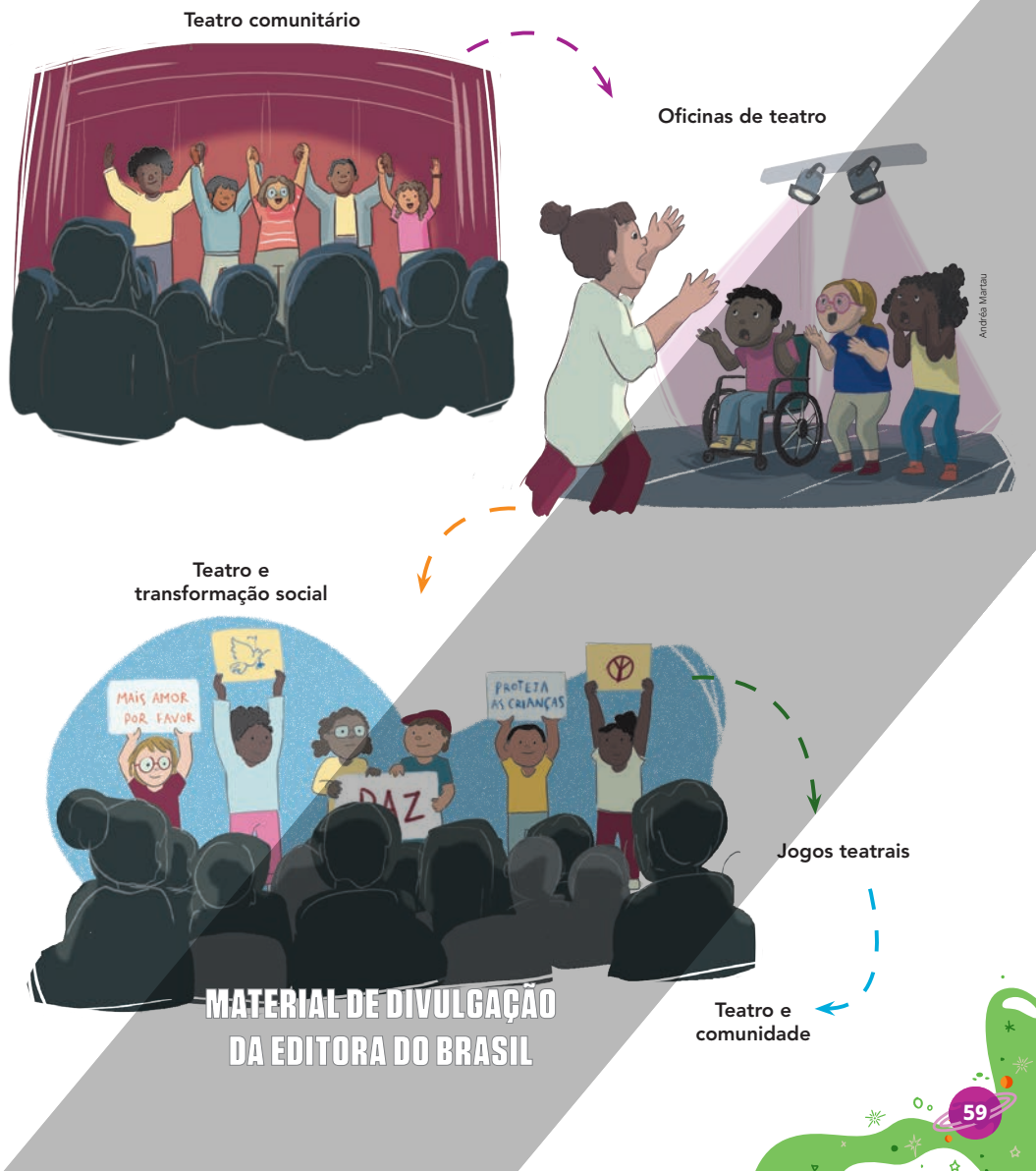
Para finalizar, responda:

1. O que é o teatro comunitário e quais são as pessoas envolvidas?
2. O que é uma oficina de teatro?
3. Quem foi Augusto Boal e o que ele criou?
4. Você gostou de jogar com seus companheiros? Como foi realizar as propostas de jogos desta unidade? 4. Respostas pessoais.
5. Quais foram as dificuldades de trabalhar coletivamente? 5. Resposta pessoal.
6. O que é necessário para fazer teatro com outras pessoas? 6. Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

2. Espera-se que os estudantes reconheçam que são cursos, aulas ou laboratórios em que se pode experimentar arte na prática, espaços de aprendizagem e de criação coletiva e individual da arte em geral, em que os processos são tão ou mais importantes que os resultados.

Copie o mapa mental no caderno e complete-o com os desenhos que faltam.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Comunique aos estudantes que a ilustração interativa se trata de um mapa mental. Esse dispositivo permite organizar informações e conceitos de forma visual, utilizando recursos próprios do componente Arte, como a visualidade, a apreciação e a intervenção prática, para concretizar uma avaliação final na unidade. O aspecto lúdico do mapa mental auxilia os estudantes a consolidar os conceitos, as habilidades e as competências da unidade pela perspectiva da ligação de saberes, que buscar conectar e construir significado nos processos de aprendizagem pela junção dos elementos estudados criando um sentido maior do que a soma de suas partes isoladas.

Convidar os estudantes para inserir as próprias intervenções no mapa mental tem como objetivo propiciar um ambiente de aprendizagem ativa. Ao optar por fazer isso com a turma toda ou ao organizar os estudantes em grupos, é possível oportunizar a negociação de ideias e significados sobre o conteúdo de forma dialógica entre eles.

Oriente-os a copiar o mapa no caderno e a completá-lo com os desenhos que faltam. Após a inserção dos desenhos por parte dos estudantes, é importante dispor de um momento de socialização das suas intervenções. Comunique a eles as relações positivas entre suas criações, informando como elas se complementam ou destacando detalhes de certos desenhos que chamaram mais atenção, seja pelo aspecto estético, seja pela assimilação do conteúdo estudado. Essa é uma etapa em que os estudantes podem compartilhar oralmente o que pensaram ao fazer seus desenhos e justificar suas escolhas de composição da imagem, de cores e de dimensões dos objetos, entre outros.

Sobre a avaliação

As seções **Fazendo arte, Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte** são destinadas a uma etapa de **avaliação formativa e somativa** dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante os estudos. Elas são formativas no sentido de ter a função de sustentação dos percursos de aprendizagem e de ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados no componente Arte, e somativas no sentido de sistematizar processos individuais, coletivos, de natureza conceitual e prática. É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas ou conceitos e exercitar com os estudantes a reflexão

continuada de seus processos. Nessa etapa, é importante celebrar o sensível, o criativo, a colaboração, o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária. Essas seções finais são destinadas à autoavaliação dos estudantes e a uma avaliação dos conhecimentos adquiridos após a unidade. Caso algum estudante tenha dificuldade em completar o mapa, retome oralmente o que foi visto com a turma toda e compartilhe com os estudantes a consulta do portfólio para analisar os registros feitos durante o percurso.

Objetivos da unidade

- Compreender o movimento artístico Arte da Terra (*Land Art*).
- Refletir sobre a relação dos artistas com a natureza.
- Apreciar manifestações das artes visuais contemporâneas do movimento Arte da Terra.
- Experimentar a produção artística com materiais naturais coletados durante saída de campo para observação.
- Compreender a Arte Conceitual.

Dicas de organização

- Procure deixar os materiais previamente separados para as propostas que envolvem criação artística.
- Providencie materiais de desenho para auxiliar os estudantes que não os tenham.
- Dê preferência para o uso de lápis grafite 6B em todas as propostas de desenho. Caso não seja possível, lápis 2B é uma alternativa.
- Oriente os estudantes a trazer os materiais para a realização da proposta da seção **Fazendo arte**.

Orientações

As imagens da abertura fazem parte de uma videoarte do Projeto Areal, dos artistas brasileiros Maria Helena Bernardes e André Severo. Nesse projeto, eles percorrem diferentes regiões do Rio Grande do Sul registrando paisagens de campos, dunas e mar. Caminham pelas áreas, vivendo as sensações do momento e registrando sobre as histórias ligadas a cada lugar.

O trabalho também investiga transformações naturais e humanas que afetam essas paisagens, como mudanças climáticas, agricultura intensiva e desmatamentos. Explique aos estudantes que o processo de arenização em áreas dos Pampas está associado à monocultura de soja e eucalipto, além da pecuária extensiva, que degradam o solo e provocam erosão.

Por ser uma temática interdisciplinar, sugerimos relacionar as propostas da unidade também à Geografia. Apresente os conteúdos das artes visuais em diálogo com o meio ambiente, estimulando a sensibilidade das crianças para o contato com a natureza e os espaços que as cercam.



André Severo e Maria Helena Bernardes. *SOMA*. Porto Alegre: Nau, 2010. (Documento Areal 8).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

60

Saiba mais

Para mais informações sobre o *Projeto Areal*, acesse a página oficial do artista André Severo, disponível em: <https://www.andresevero.com/2013-arquivo-areal-c10k0>.

Para se aprofundar no conteúdo sobre a relação da arte e da paisagem, acesse o texto "Paisagens nas artes visuais", do portal Arte em Trânsito, de um programa de extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora, disponível em: https://arteemtransito.com.br/site/pt_br/2020/04/paisagem-nas-artes-visuais/ e https://arteemtransito.com.br/site/pt_br/2020/04/paisagem-nas-artes-visuais2/. Acessos em: 7 ago. 2025.

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 3, 4, 6, 8, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3, 4 e 5.

Competências específicas de Arte: 1, 4, 8 e 9.

Habilidades: EF15AR01, EF15AR02, EF15AR03, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06 e EF15AR07.

Os **Temas Contemporâneos Transversais** (TCTs) abordados nesta unidade são **Meio Ambiente** e **Saúde**.



1. Descreva a cena da primeira imagem.
2. Onde você acha que as pessoas da segunda imagem estão?
3. Que sensações as imagens transmitem a você?
4. Para você, é possível conectar arte a essas paisagens? Como?



Acervo MAC/RS

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- Conhecer o movimento artístico Arte da Terra.
- Fruir produções artísticas do movimento Arte da Terra.
- Refletir sobre como as pessoas se relacionam com o meio a seu redor.
- Experimentar uma caminhada para observar elementos pelo caminho.
- Criar coletivamente uma produção com materiais coletados durante a observação de uma paisagem.

André Severo e Maria Helena Bernardes. *SOMA*. Porto Alegre: Nau, 2010. (Documento Areal 8).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL



Respostas

1. Na primeira imagem, em preto e branco, é possível observar um homem e uma mulher imersos em uma paisagem formada por dunas de areia. Eles estão de costas para o espectador. Os dois caminham na mesma direção, mas ela está alguns metros à frente. As pessoas da imagem usam roupas de frio (calças compridas e casacos). Não se pode ver nada à frente dos caminhantes, somente areia, que dá uma ideia de que toda a paisagem é formada por esse elemento. É possível identificar marcas/desenhos feitos na areia pelo vento. As diferentes tonalidades também indicam a formação de partes alagadiças na paisagem.
2. Resposta pessoal. Na segunda imagem, uma mulher e um homem estão parados sobre um banco de areia que forma uma pequena separação entre o que parece ser um lago ou uma lagoa. Diante deles, há a torre de um farol.
3. Resposta pessoal. Deixe os estudantes livres para narrar suas sensações diante das imagens, sem que haja certo ou errado nas respostas. Tente incentivá-los a dar respostas mais elaboradas, que mencionem suas percepções sobre os lugares das paisagens e sobre possíveis experiências vividas em lugares semelhantes (passeios, viagens, etc.). Incentive-os também a falar sobre a visualidade das imagens: parecem cenas de filmes, são imagens em preto e branco, mostram lugares insólitos e acabam por suscitar momentos de introspecção.
4. Respostas pessoais. Ajude os estudantes a construir respostas para esta questão, chamando a atenção para a função poética da arte, que nos leva a observar aspectos estéticos da paisagem, mas também é capaz de nos fazer refletir sobre a degradação do meio ambiente promovida pelas ações humanas e suas consequências e sobre a necessidade de mudanças de hábitos para diminuir o impacto humano sobre o meio ambiente. Comente com os estudantes que a arte se conecta à paisagem ao servir de inspiração aos artistas que, em diferentes épocas e estilos, recriam paisagens mostrando o quanto esse é um tema importante em suas vidas.

Sobre a avaliação

As seções de abertura e **Aquecendo** apresentam conjuntamente elementos que permitem o exercício da **avaliação diagnóstica**. Essa avaliação objetiva mapear o que os estudantes já construíram como repertório próprio de conhecimento, suas dúvidas, seus interesses e suas fragilidades. Dessa forma, você pode direcionar o trabalho com o conteúdo da unidade buscando contemplar características individuais de cada um deles. Na abertura, a avaliação diagnóstica se dá com base na apreciação e na análise comparativa entre as duas imagens

reproduzidas. A descrição dos elementos das imagens, de seu conteúdo lúdico, estético ou poético, e a reflexão sobre a arte e as paisagens permitem observar o desenvolvimento de cada estudante em sua individualidade. Na seção seguinte, **Aquecendo**, a **avaliação diagnóstica** ocorre por meio de atividades práticas de sensibilização e de exploração do corpo e da ludicidade. Assim, é possível identificar o conhecimento prático do estudante e suas disposições atitudinais no que diz respeito à participação em atividades coletivas e de criação.

Orientações

A proposta da seção **Aquecendo** será realizada de diferentes maneiras: se inicia com uma discussão coletiva entre você e os estudantes, que permitirá trocas e observações; em seguida, eles devem redigir suas respostas no caderno e criar um desenho de uma paisagem significativa. Por fim, eles vão compartilhar suas produções e ideias com os colegas. O objetivo é fomentar nos estudantes um pensamento crítico sobre a paisagem, suas transformações, os impactos ambientais provocados pelos seres humanos e, de um ponto de vista mais intimista, a relação que cada um tem com os lugares de vivência. Construa diálogos com os estudantes motivando-os a compreender a relação que nós, seres humanos, temos com o ambiente: não como organismos separados, mas como partes do todo, de um único organismo. Pensar sobre as paisagens significa estabelecer conexões sensíveis e responsáveis com o entorno, espaços habitados por nós e outros seres. Além de nos convidar a experimentar artisticamente de outros modos, o movimento Arte da Terra enfatiza a importância de nos engajarmos nas causas ambientais, a fim de produzir transformações sociais. Retome as obras de Maria Helena Bernardes e André Severo mencionando a imersão dos artistas nas paisagens e salientando como o processo de caminhar e de desbravar a paisagem faz com que nos tornemos mais próximos e pertencentes a ela.

Na **atividade 1**, incentive os estudantes a trazer as paisagens que eles já observaram e que têm a oportunidade de vivenciar em diferentes momentos de suas trajetórias. Retome histórias de viagens, passeios e visitas a familiares ou conhecidos. Promova a compreensão de que as paisagens podem ser constituídas com predominância de elementos naturais (áreas florestadas, praias, regiões montanhosas, etc.) ou de elementos culturais, ou seja, elementos construídos pelos seres humanos (como os espaços urbanos).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL


62

Na **atividade 2**, explore a temática das paisagens por meio da linguagem visual, variando os materiais usados: grafite, lápis de cor, canetinhas, giz, etc. A mistura dos materiais é sempre oportuna, uma vez que possibilita a criação de maiores efeitos e de transições cromáticas nos desenhos. Incentive a produção dos desenhos levando em conta as histórias que foram contadas pelos estudantes na **atividade 1** e as relações afetivas e de pertencimento deles com os diferentes contextos citados.

AQUECENDO



Paisagens

1. Converse com os colegas e o professor sobre as questões a seguir. Depois, escreva suas conclusões no caderno. 
 - a) Você costuma apreciar as paisagens que estão a sua volta?
1. a) Resposta pessoal.
 - b) Como são as paisagens que você vivencia quando faz uma viagem?
1. b) Resposta pessoal.
 - c) Você prefere paisagens de praia ou de montanha, de áreas rurais ou de cidades? Justifique. 1. c) Resposta pessoal.



Leandro Francisco


2. Em uma folha avulsa, desenhe uma paisagem que seja importante para você.



Leandro Francisco

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR02 O exercício de desenhar e intervir em paisagens incentiva os estudantes a explorar formas, linhas, cores e espaços, reconhecendo como esses elementos visuais podem comunicar ideias e chamar a atenção para questões ambientais.

3. Compartilhe seu desenho com os colegas e comente por que essa paisagem é importante para você. 
4. Depois desse primeiro momento, você vai modificar seu desenho, inserindo nele algum elemento que possa chamar a atenção para problemas ambientais. Leia as orientações a seguir.
 - a) Reflita sobre estas questões: Como é a paisagem que você desenhou? Ela tem mais elementos naturais ou urbanos?
 - b) Observe bem a paisagem desenhada e imagine alguma intervenção que você poderia fazer para torná-la mais atrativa, de modo a chamar a atenção para problemas ambientais.
 - c) Você pode modificar seu desenho da forma como quiser, desde que cumpra a ideia de alertar para a preservação do meio ambiente.

Orientações

Na **atividade 3**, incentive as partilhas em sala de aula: faça uma rodada de apresentações de todos os trabalhos e convide os estudantes a falar sobre o processo de criação: o que foi mais significativo, o que foi mais desafiador, quais foram as partes menos interessantes, entre outros aspectos. Peça a eles que comentem também o aspecto da paisagem e dos materiais escolhidos.

Sobre a avaliação

A seção **Aquecendo** tem por objetivo iniciar a unidade com os estudantes por meio de uma atividade prática que pode envolver aquecimento corporal, sensibilização ou apreciação dirigida. As atividades são compostas de forma a permitir que os estudantes tenham uma vivência prática logo no início do trabalho com a unidade, de forma a ficar mais ativamente envolvidos e engajados com o restante do conteúdo.

O objetivo central dessa proposta é promover a sensibilização dos estudantes para a temática paisagem, que conduzirá todas as abordagens desta unidade. Nesse sentido, espera-se que a turma dialogue sobre suas vivências em diferentes contextos, se aproprie das imagens dos artistas de referência, experimente a criação de um desenho relacionado ao tema e, assim, construa relações com os demais conteúdos que serão apresentados.



Leandro Francisco

5. Por fim, responda: Se você fosse fazer essa intervenção no local, que materiais você usaria? Por que? [5. Respostas pessoais.](#)

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



63

Orientações

Esta seção tem por objetivo introduzir o conteúdo central da unidade, podendo focalizar uma manifestação artística, uma expressão cultural, um artista ou uma obra de arte. As obras de arte escolhidas compõem com o texto uma experiência típica de apreciação e fruição artística, contextualizando fenômenos de acordo com a vivência dos estudantes e propondo reflexões conectadas com a realidade deles. A seção pode ser conduzida como uma narrativa ou uma contação de histórias por você, que pode ainda escolher determinadas palavras ou expressões do texto para reforçar conteúdos trabalhados no processo de alfabetização. Nesse sentido, a oralidade e o modo poético de conduzir o conteúdo vão aproximar os estudantes do assunto também por uma via afetiva, criando laços mais profundos entre você e a turma.

Nesta seção, a relação entre arte e natureza será introduzida com ênfase na paisagem, estabelecendo diálogos com a seção anterior. Assim, as propostas das duas seções estarão conectadas, mostrando-se interdependentes: pensar a natureza enquanto paisagem e a paisagem enquanto natureza.

Ao apresentar uma artista cujos trabalhos abordam as relações entre arte e natureza, é possível trabalhar o TCT **Meio Ambiente**



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

64

CONHECENDO ARTE

A arte e a natureza



A arte, por meio de suas manifestações e, especialmente, da sensibilidade dos artistas, estabelece uma forte relação com o mundo que nos cerca.

Com base em interesses variados, os artistas podem explorar temas muito diversos e de diferentes áreas de conhecimento, como é o caso daqueles que abordam o meio ambiente em suas obras.

As obras da artista Dani Sandrini, por exemplo, carregam muitos significados afetivos. Elas abordam vínculos familiares e ancestrais e exploram questões sobre o meio ambiente e sobre como é ser indígena em meio ao crescimento acelerado das cidades. Por isso, em seu processo de criação, a artista resgata métodos artesanais e **efêmeros** de produção. Observe as imagens a seguir.

Efêmero: característica daquilo que é temporário, passageiro.

Coleção da artista. Fotografia: Beto Asserim



Dani Sandrini.
Exposição *Terra, Terreno, Território*, 2018. Antotíпия.

Coleção da artista. Fotografia: Dani Sandrini



Dani Sandrini.
Exposição *Terra, Terreno, Território*, 2018. Antotíпия.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR03 O trabalho de Dani Sandrini valoriza práticas indígenas com o uso de um produto da terra, como o jenipapo, e de técnicas artesanais, possibilitando aos estudantes reconhecer a influência de matrizes culturais distintas nas produções artísticas brasileiras. Além disso, a artista visibiliza a presença indígena nos territórios urbanos, ao trazer suas imagens nas fotografias impressas nas folhagens, por meio da técnica da antotíпия.

QUEM É DANI SANDRINI?

Dani Sandrini (1975-) é uma artista visual, fotógrafa e educadora brasileira que vive em São Paulo (SP). Suas produções abordam temas sociais e exploram modos artesanais de produção de imagens.

Dani Sandrini em 2019.



Beuna Bombarda

A artista cria as obras tomando fotografias como base. Ela as imprime em folhas de plantas, por meio de uma técnica artesanal conhecida como antotipia, que consiste em fixar uma imagem em uma superfície com a ajuda de pigmentos naturais, como o extraído do jenipapo.

Assim, usando materiais da natureza, Dani Sandrini traz as histórias dos povos indígenas para o contexto urbano, valorizando a memória e a cultura desses povos, mas também criticando o **apagamento** histórico que sofreram.

Apagamento: desaparecimento, sumiço.

O que é jenipapo?

O jenipapo é um fruto amarelo que vem do jenipapeiro, uma espécie de árvore nativa da América do Sul e da América Central. Além de ser um alimento nutritivo, o jenipapo é utilizado por diversos povos indígenas para tingir e pintar a pele e os artefatos produzidos.



Kullson Srichotolaw/Shutterstock.com

Frutos e folhas do jenipapeiro.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

65

Orientações

A arte é um meio para experienciar-mos esses dois temas, contribuindo para que sejam desenvolvidas outras perspectivas sobre os sentidos do habitar a paisagem e de pertencer à natureza. Nesta seção, a aproximação vai se dar por meio da artista brasileira Dani Sandrini, que desenvolve projetos com aldeias indígenas, trazendo as histórias desses povos para o contexto urbano. A artista desenvolve um paralelo entre o apagamento da memória e da presença dos povos originários ao colocar suas imagens fotográficas em folhas de diferentes plantas. As imagens são gravadas por meio do processo da antotipia. Essa técnica é realizada por meio de sensibilizantes de origem natural, extraídos de folhas e frutas, por exemplo. A gravação da imagem não é perene, ou seja, vai apresentando um apagamento ao longo do tempo. Dessa maneira, Dani Sandrini faz a comparação entre o apagamento de suas fotografias e o apagamento dos povos originários. Comente com os estudantes o efeito de apagamento que as fotografias impressas pela artista sofrem e os sentidos que é possível atribuir a isso. Como os estudantes ainda estão em processo de criação de repertório, talvez seja interessante compartilhar um contexto breve sobre a questão indígena no país, aproveitando o momento para valorização dessas culturas.

Sugerimos que você se prepare para essa contextualização lendo materiais disponíveis na página Povos Indígenas no Brasil Mirim (disponível em: <https://mirim.org/pt-br/como-vivem/aprender>) e na página da Nova Escola (disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21628/como-trabalhar-a-cultura-dos-povos-indigenas-na-educacao-infantil>). Acessos em: 7 ago. 2025.

Saiba mais

Para obter mais informações sobre a artista Dani Sandrini e apresentar mais imagens aos estudantes, conheça outros projetos no perfil da artista em uma rede social. Disponível em: https://www.instagram.com/danisandrini_fotogaleria/. Na seção *Cultura viva* do site do Ministério da Cultura também há material de apoio que pode ser interessante. Disponível em: <http://culturaviva.gov.br/agente/94110/>. Se julgar conveniente, apresente para os estudantes uma reportagem com a artista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XvxVZGcYmQ>. Acessos em: 7 ago. 2025.

Orientações

A seção **Pensando arte** e o boxe **Pergunta em casa** desta unidade têm por objetivo fomentar a importância da ocupação dos espaços pelos estudantes. Ao desenvolver as noções sobre o movimento Arte da Terra, eles podem compreender o quanto os artistas vivem e experienciam ativamente as paisagens e a natureza de modo geral. Essa é uma premissa nesses dois âmbitos das artes visuais. Abordar esses conteúdos é uma maneira de expandir as formas de compreender o que é arte, mas também a noção que temos sobre como é possível desfrutar e cuidar dos ambientes que nos circundam, sem perder o encantamento pela natureza e pelas diferentes formas de vida.

A **atividade 2** propõe questões abertas a diferentes interpretações. Não obstante, é possível tentar encontrar alguns eixos comuns. No **item a**, espera-se que os estudantes percebam que nas duas imagens podem ser observados alinhamentos e desenhos feitos diretamente na paisagem ou no ambiente. Há diferentes aspectos geográficos em cada paisagem: vegetação abundante, relevo e montes rochosos. No **item b**, verifique se os estudantes observam que, embora bastante diferentes, as imagens têm semelhanças: as duas apresentam situações artísticas em espaços externos. Além disso, todas as intervenções realizadas pelo artista são criadas somente com elementos da própria natureza, sendo possível perceber a interação do ser humano com o meio ambiente.

No **item c**, aborda os materiais utilizados pelo artista, que são folhas e pedras. Podemos também dizer que a própria natureza e o ambiente de cada ação são seus materiais de criação, já que acabam compondo a obra com os outros elementos. No **item d**, incentive os estudantes a criar conexões entre as imagens e o nome do movimento, mas deixe-os livres para opinar, sem estabelecer, neste momento, respostas certas ou erradas.

A atividade do boxe **Pergunta em casa** permite o desenvolvimento do TCT **Saúde**. Já a apreciação dos trabalhos de Richard Long e a reflexão sobre eles permitem o desenvolvimento do TCT **Meio Ambiente**.

TCT



PENSANDO ARTE



INFOGRÁFICO CLICÁVEL

Conexão com a terra

1. Observe as imagens a seguir. Elas apresentam obras de Richard Long, um artista nascido em Bristol (Reino Unido), em 1945. Ele é um dos artistas mais importantes e reconhecidos do movimento artístico Arte da Terra.



Richard Long. *Um círculo na Amazônia*, Brasil, 2016. Seis dias às margens do Paraná do Manori.



Richard Long. *Linha de pedra da estrada*, China, 2010. Instalação.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

66

Objeto digital

Para apoiar o trabalho com a Arte da Terra, acesse o **infográfico clicável** disponível no Livro Digital do Estudante.



2. Agora, reúna-se a alguns colegas e converse sobre as questões a seguir.

- a) O que você observa nas imagens?
- b) As imagens apresentam semelhanças? Se apresentam, quais são essas semelhanças?
2. b) Espera-se que os estudantes citem o fato de as obras serem compostas de materiais naturais e de serem intervenções em paisagens.
- c) Quais são os materiais de criação utilizados pelo artista em cada obra?
2. c) Materiais naturais: na primeira imagem, folhas; na segunda imagem, pedras.
- d) Em sua opinião, por que o movimento se chama Arte da Terra?
2. d) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes relacionem os materiais naturais usados pelo artista para criar as obras de arte ao nome do movimento.



PERGUNTA EM CASA

2. a) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem que observam fotografias em que obras de arte estão dispostas em meio a diferentes ambientes e que são feitas com materiais naturais, como folhas e pedras.

Você e sua família têm o hábito de caminhar pelas ruas do local em que moram? Convide um familiar para um passeio pelas ruas próximas a sua casa ou por alguma parte do bairro que queira conhecer melhor. Antes de começar a caminhada, leia as orientações a seguir.

- a) Fique em silêncio enquanto caminha.
- b) Explore com um familiar o trajeto e observe de que materiais são feitas as ruas (chão batido, paralelepípedos, asfalto).
- c) Observe como são as construções. São casas ou prédios? As casas são majoritariamente feitas de que materiais?
- d) Verifique se no caminho é possível avistar alguma vegetação. Que tipo de vegetação existe?
- e) Observe se há animais (cachorros, gatos, galinhas, cavalos, insetos, formigas, pássaros, etc.) pelo caminho.
- f) Houve alguma surpresa durante a caminhada?
- g) Pense em tudo o que você viu. Do que você mais gostou?
- h) Ao final, você e seu familiar devem refletir sobre como foi caminhar em silêncio, prestando atenção na caminhada e nas paisagens.
- i) Converse com a pessoa que caminhou com você sobre a experiência. Ambos devem falar sobre como se sentiram e sobre o que viram.
- j) Na escola, compartilhe a experiência com os colegas e o professor.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

A proposta do boxe **Pergunta em casa** deve ser realizada com um familiar. Por isso, se possível, converse antes com os responsáveis pelos estudantes sobre a atividade. O ideal é que a caminhada seja realizada com, pelo menos, uma pessoa adulta. A premissa da atividade consiste em exercitar o olhar e o corpo, entendendo a importância de viver os espaços a pé. Andar pelo bairro é também um ato político, de pertencimento e de ocupação dos espaços públicos que são de direito dos cidadãos. Além disso, caminhar acompanhado pode ser um importante modo de fortalecimento de vínculos afetivos entre crianças e adultos.

Sobre a avaliação

A seção **Pensando arte** é indicada como um momento de **avaliação formativa**. A avaliação das questões e do engajamento nas atividades práticas têm a função de inclusão dos estudantes e de regulação de suas aprendizagens. Dessa forma, você pode sistematicamente ajustar suas práticas pedagógicas às necessidades de cada estudante. Recomendamos que sejam feitos registros escritos do acompanhamento dos estudantes no **diário de bordo**, pois essas anotações oferecem fundamentação para os ajustes das estratégias de ensino.

Orientações

Comente com os estudantes que projetos como os de Maria Helena Bernardes e André Severo, Richard Long, Nils-Udo e Agnes Denes são diferenciados por levarem muitos anos para serem desenvolvidos. Além disso, em seus projetos, esses artistas trabalham sempre em colaboração com parceiros de outras áreas de conhecimento, como geógrafos, ambientalistas, antropólogos, entre outros. Explique que essas obras também envolvem a colaboração de pessoas que vivem e trabalham nos espaços que são ocupados e transformados pelos artistas. Com isso, se fortalece a ideia de que arte e vida não se separam, pois se retroalimentam, sempre trazendo novos aspectos a serem aprofundados, sentidos ou transformados.

Enfatize o quanto os deslocamentos territoriais são importantes para os artistas da Arte da Terra, que buscam, por meio de deriva e caminhadas, desenvolver diálogos mais intimistas com a natureza e seu entorno. As caminhadas servem como descoberta, criação e uma forma política de se posicionar, reivindicando o direito ao uso do espaço por parte de todos. Assim, os artistas da terra compreendem a importância do corpo em suas produções, uma vez que ele passa a ser parte das obras e da paisagem.

Enquanto você faz a leitura compartilhada da seção, verifique se os estudantes compreenderam a poética dos artistas desse movimento e também que a caminhada é um dos procedimentos utilizados por eles para a criação artística. Ao apresentar as obras, faça a leitura das imagens pre perguntando o que os estudantes observam, como é o lugar em que a obra se encontra, que materiais reconhecem, entre outras questões.

A apreciação de mais artistas da Arte da Terra que usam materiais naturais e caminhada em seus processos artísticos estimula o desenvolvimento dos TCTs **Meio Ambiente e Saúde**.

TCT

CONHECENDO MAIS ARTE

Expressão de artista



O local em que vivemos influencia quem somos e como nos desenvolvemos. Uma cidade grande e uma cidade pequena apresentam características e organização espacial diferentes que acabam interferindo diretamente em nossas experiências. Os trajetos que fazemos de casa para a escola, o tipo de locomoção (a pé, de ônibus, de carro), as vivências em praças, em parques e nas ruas, tudo isso interfere em nosso modo de viver e de explorar a cidade.

Os artistas do movimento Arte da Terra perceberam essa influência e, por isso, sentiram necessidade de explorar o mundo de outros jeitos. Observe a imagem a seguir.

© NILS-UDO/ARTIVIS, Brasil, 2025.
Fotografia: Buga/5AP Photo/imagplus



Nils-Udo. *O ninho*, 2005. Instalação, vista no Jardim Celular do Festival Nacional de Jardinagem BUGA 05 em Munique, Alemanha. Fotografia divulgada em 2005.

Nessa obra, o artista alemão Nils-Udo (1937-) criou uma estrutura gigante em um local público da cidade de Munique, na Alemanha, usando materiais naturais. Assim como ele, os artistas da Arte da Terra buscam uma conexão com a natureza, tentam dialogar com as paisagens e com os elementos naturais.

Nesse movimento, a arte não é feita somente de materiais, técnicas e linguagens convencionais, como a pintura e a escultura. A expressão do artista acontece por meio de ideias ou de ações realizadas em seu entorno. Esses modos de produção artística também são conhecidos como Arte Conceitual.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

68

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR01 As obras trabalhadas até este ponto, de Dani Sandrini, Richard Long, Nils-Udo e Agnes Denes, permitem que os estudantes identifiquem e apreciem diferentes linguagens e estilos visuais, ampliando a percepção e o repertório imagético ao relacionar arte e natureza.

EF15AR07 A introdução à Arte Conceitual e ao movimento Arte da Terra, com artistas como Nils-Udo e Agnes Denes, permite que os estudantes compreendam categorias do sistema das artes, como artistas, instituições e modos de produção.



O que é arte conceitual?

A Arte Conceitual é um movimento artístico que surgiu nos anos 1960, na Europa e nos Estados Unidos, e perdura até os dias atuais. Na Arte Conceitual, as ideias dos artistas são tão importantes quanto as formas. Então, a arte não precisa ser sempre bela ou agradável aos olhos. As obras devem comunicar, provocar e fazer pensar. Todas essas características são exploradas por meio de diferentes estilos, materiais e manifestações artísticas. Podemos dizer que a Arte Conceitual abriga vários movimentos artísticos, dentre eles a Arte da Terra.

Maleta de artista

As caminhadas (ou as derivas) são práticas comuns dos artistas conceituais e dos artistas da Arte da Terra. O desejo de se relacionar com o meio ambiente, de sair dos espaços fechados ou mais convencionais das artes, como as galerias e os museus, fez com que muitos deles passassem a explorar novas rotas e lugares, praticando caminhadas sem um destino de chegada.

Para os artistas da Arte da Terra, caminhar entre as paisagens é uma parte fundamental do processo de criar, de coletar materiais e de organizar as formas e os elementos que farão parte de suas obras. Então, a caminhada é um procedimento artístico valioso e tão fundamental quanto lápis e papéis.

Um exemplo disso é a artista Agnes Denes (1931-), que costumava caminhar em meio a sua obra *Campo de trigo – Um confronto*. No ano de 1982, ela plantou **2 hectares** de trigo em uma praça na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. A artista queria chamar a atenção das pessoas para os problemas ambientais das grandes cidades. Na imagem desta página, apresenta-se outra

versão dessa obra feita em Milão, na Itália. Assim, podemos perceber como a arte está relacionada a temas sociais, políticos e ambientais, buscando alternativas para um mundo sustentável.



Agnes Denes. *Campo de trigo – Um confronto*. Porta Nuova, Milão, na Itália, 2015. Reprise de 50 mil metros quadrados de área semeada com trigo.

2 hectares: equivalem a 20 mil metros quadrados.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Saiba mais

Para ampliar o conhecimento sobre as produções dos artistas citados, acesse os *sites* deles, disponíveis em: <http://www.richardlong.org/>; <http://www.agnesdenesstudio.com/index.html>; <https://www.nils-udo.com/?lang=en>.

Para entender mais sobre Arte da Terra, indicamos a leitura do texto disponível em: <https://artequeacontece.com.br/afinal-o-que-e-a-chamada-land-art/>. Acessos em: 7 ago. 2025.

Orientações

Nesta seção, os estudantes devem, com base nas ideias dos artistas da Arte da Terra, se conectar com seu entorno, pensar sobre pertencer ao planeta Terra, sobre a necessidade de preservar a natureza, como é ensinado pelos nossos ancestrais e pelos povos originários. Retome o conteúdo sobre os artistas estudados na unidade a fim de reforçar as possibilidades de criação. Se possível, apresente outros artistas ou imagens como possibilidades de criação e inspiração.

Essa etapa demandará uma atenção com relação às organizações prévias da saída a campo. Defina qual será o local percorrido, informe e solicite permissão aos responsáveis pelos estudantes e peça ajuda a um adulto da escola para levar os estudantes ao lugar. Oriente os responsáveis quanto às vestimentas adequadas e aos materiais necessários para a saída de campo, como luvas que protejam as mãos enquanto os estudantes colhem os materiais.

Esta atividade permite o desenvolvimento do TCT



Meio Ambiente.



FAZENDO ARTE

Arte da Terra



1. Assim como os artistas da Arte da Terra, você vai participar de uma caminhada, realizar coletas e fazer arte com o que a natureza oferece. Leia as orientações.

- a)** Forme um grupo com mais quatro colegas. Realize a caminhada conforme as orientações do professor. Leve uma bolsa ou sacola para carregar os materiais coletados e luvas para proteger as mãos.



Andréa Martini

- b)** Durante a caminhada, concentre-se no trajeto e procure prestar atenção nos detalhes da paisagem percorrida.
- c)** Observe o que há na paisagem. Colete os elementos naturais que estão pelo caminho (pedras, galhos, plantas, sementes). Não arranque plantas e tenha cuidado com os animais e com elementos que podem ser perigosos. Recolha somente aquilo que está pelo caminho e sempre use as luvas.
- d)** É possível que você encontre resíduos que não são da natureza, como papéis, plásticos e embalagens descartados de forma errada. Para a produção, recolha apenas os vestígios da natureza.
- e)** Na sala de aula, reúna-se a alguns colegas. Com eles, você vai criar uma obra com os elementos coletados.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL


70

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR04 Na criação coletiva de produções com elementos naturais coletados durante a caminhada, os estudantes experimentam formas de expressão que utilizam técnicas não convencionais e materiais sustentáveis.

EF15AR05 A atividade prática que inclui a caminhada e a criação coletiva com elementos naturais incentiva os estudantes a vivenciar o processo artístico em grupo, ocupando diferentes espaços da escola e dialogando com a comunidade.


EF15AR06 Ao apresentarem os trabalhos feitos em grupo e compartilharem a mensagem de cada criação, os estudantes dialogam sobre suas produções, construindo sentidos plurais para as experiências artísticas.

2. Depois de coletar materiais, é hora de planejar uma obra inspirada no movimento Arte da Terra. 


- a) Pense na ideia que você e os colegas querem expressar. O que é possível abordar por meio dos materiais da natureza? Que mensagem você gostaria de transmitir sobre o meio ambiente?
- b) Organize os materiais coletados.
- c) Pense em como você pode expressar as ideias do grupo. Crie formas diferentes, agrupe os elementos por semelhanças ou diferenças. Use a criatividade e teste possibilidades. O mais importante é a experiência em si, não o resultado.



Artes da Terra

3. Agora é o momento de criar. 

- a) Com o grupo, organize quem será responsável por realizar cada tarefa.
- b) Coloque as ideias em ação e crie sua arte.

4. Quando os trabalhos estiverem finalizados, apresente para a turma o que vocês e os colegas criaram. Fale sobre a proposta, mostre os materiais coletados, explique como foi a escolha do grupo e que mensagem quer deixar com o trabalho.  [4. Resposta pessoal.](#)

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Oriente a turma a explorar possibilidades de criação tanto do ponto de vista formal/compositivo (como os elementos coletados podem ser misturados, combinados entre si, alterados, etc.) quanto do conceitual, trazendo a importância do discurso do artista (no caso o discurso dos estudantes) com relação ao trabalho que será criado. Auxilie os estudantes a pensar como os elementos coletados podem ser misturados, combinados entre si, alterados, etc. Uma alternativa para a criação pode ser pensar nas composições com base em semelhanças ou diferenças dos materiais: seja por sua natureza (folhas, sementes, pedras, etc.), seja pelas texturas, pela coloração, pelo tamanho, etc. Ao longo do processo de criação, ofereça exemplos das obras dos artistas, a fim de fomentar ideias.

No tocante à temática e às problematizações que podem surgir na proposta, questione os estudantes sobre o que querem expressar, quais são suas principais ideias ao elaborar o trabalho e quais são as questões que gostariam de mostrar aos demais colegas da turma e da escola.

Articulação interdisciplinar

Uma alternativa interessante é realizar diálogos com outros professores da escola que podem se engajar na proposta, introduzindo conteúdos de Ciências ou Geografia, por exemplo. Dialogar com esses conteúdos fortalece a compreensão por parte dos estudantes acerca das conexões da Arte com outras áreas do conhecimento. Esse tipo de relação possibilita aos estudantes uma maior percepção no tocante ao fato de a arte fazer integralmente parte de sua vida, uma vez que conversa com diferentes fazeres e saberes que nos constituem em sociedade.

Orientações

Nesta seção, os estudantes são convidados a rever o percurso feito ao longo da unidade, que envolveu reflexão, experimentação e criação. É importante conversar sobre empatia, paciência e alternância de papéis, comuns nas aulas de Arte: em certos momentos, cada estudante apresenta; em outros, assume o papel de espectador.

Ao concluir a unidade, incentive a conexão com as propostas dos artistas. Além de conceitos de artes visuais e repertórios, foram trabalhadas noções de arte engajada, ou seja, produções que convidam a pensar sobre o mundo e outras formas de vivê-lo. As obras escolhidas também instigam reflexão e atenção ao presente. Estimule a turma a continuar observando detalhes, refletindo sobre ações cotidianas e compreendendo a relação entre ser humano e natureza.

Organize a sala afastando as carteiras e forme um círculo ou semicírculo para a autoavaliação. A seguir, são apresentadas algumas sugestões de encaminhamento para as questões da seção.

Na **atividade 1**, incentive os estudantes a manifestar o que pensam sobre os tipos de produção artística apresentados nesta unidade. Retome as noções de Arte da Terra e Arte Conceitual, ressaltando que o principal objetivo delas não é criar objetos acabados, mas experimentar o contato com materiais e ambiente.

Um dos objetivos desta unidade é despertar a sensibilidade dos estudantes para o seu entorno, e isso inclui explorar os espaços por eles habitados. Nesse sentido, na **atividade 2**, incentive os estudantes a registrar e relatar experiências de coleta de materiais da natureza. Explore a apropriação do espaço público e a noção de pertencimento, destacando que se sentir parte da natureza favorece o cuidado com ela e sua preservação.

Na **atividade 3**, incentive o conhecimento das produções dos colegas, ampliando repertório e senso crítico. Promova apresentações em que um estudante comente o trabalho de outro, abordando aspectos temáticos, compositivos e estéticos. Essa troca pode servir como avaliação, ao mesmo tempo que fortalece vínculos e cria um ambiente de cooperação.

A **atividade 4**, assim como as demais, não tem respostas únicas. Contudo, pode ser a mais significativa para avaliar o processo vivido sobre a Arte da Terra, pois evidencia o quanto os estudantes foram afetados pela importância do tema. Ela envolve não apenas aspectos das artes visuais, mas também a relação dos seres

humanos com questões ambientais urgentes. Sempre que possível, dê continuidade a esse tipo de reflexão em outras propostas de Arte e em diálogo com outras áreas do conhecimento. Ao escutar os relatos, instigue a turma a prosseguir explorando os espaços, observando paisagens e criando a partir desses eixos temáticos.



NESTA UNIDADE, VIMOS

- O movimento Arte da Terra nasceu na década de 1960, nos Estados Unidos e na Europa.
- Os artistas da Arte da Terra fazem uma imersão nas paisagens que os cercam e criam arte com os elementos da natureza. Eles caminham para se conectar com o meio ambiente e coletar materiais que farão parte de suas obras.
- As produções do movimento Arte da Terra chamam a atenção para a necessidade de cuidado com o meio ambiente.
- A Arte da Terra é uma manifestação de Arte Conceitual, na qual as ideias são tão importantes quanto as aparências das obras.
- Dani Sandrini é uma artista brasileira que resgata métodos artesanais em seu processo de criação e aborda seus vínculos familiares e ancestrais, além de questões relacionadas ao meio ambiente.
- Outros artistas da Arte da Terra, como Richard Long, Nils-Udo e Agnes Denes.

Para finalizar, responda:

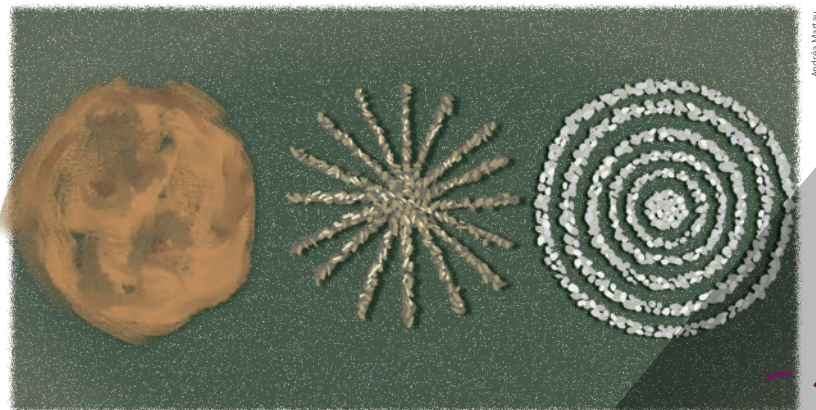
1. O que você acha dos artistas que produzem seus trabalhos em diálogo com a natureza? [1. Resposta pessoal.](#)
2. Como foi caminhar junto de sua turma? Você conseguiu ficar atento ao que estava em seu caminho e realizar as coletas? [2. Respostas pessoais.](#)
3. Você apreciou o resultado de sua produção artística e as demais produções dos colegas? [3. Resposta pessoal.](#)
4. Você se sentiu mais conectado à natureza e aos espaços públicos depois da experimentação com a Arte da Terra? [4. Resposta pessoal.](#)

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

72

Copie o mapa mental no caderno e complete-o com os desenhos que faltam.

Arte da Terra



Arte Conceitual



Materiais naturais
para criar

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Arte e
Educação da
natureza

Orientações

Comunique aos estudantes que o esquema da seção **Mapa da arte** é um mapa mental. Esse dispositivo permite organizar informações e conceitos de forma visual, utilizando recursos próprios do componente Arte, como a visualidade, a apreciação e a intervenção prática, para concretizar uma avaliação final da unidade. O aspecto lúdico do mapa mental auxilia os estudantes a consolidar os conceitos, as habilidades e as competências desenvolvidas na unidade pela perspectiva da conexão de saberes, que busca conectar e construir significado nos processos de aprendizagem pela junção dos elementos estudados, criando um sentido maior do que a soma de suas partes isoladas.

O objetivo de convidar os estudantes para inserir as próprias intervenções no mapa mental é propiciar um ambiente de aprendizagem ativa. Assim, sugere-se que a atividade seja conduzida de forma coletiva. Leia com os estudantes as imagens e os textos e oriente-os a completar as lacunas do mapa mental, incentivando que se expressem livremente por meio de desenhos ou palavras. Enquanto eles completam o mapa no caderno, você pode fazer o mesmo na lousa.

Ao optar por fazer isso com a turma toda, de modo coletivo, ou mesmo organizar os estudantes em grupos, oportuniza-se a negociação de ideias e de significados sobre o conteúdo, de forma dialógica entre os estudantes.

Independentemente do modelo de encaminhamento escolhido, após os estudantes terminarem os desenhos do mapa mental, é importante dispor de um momento de socialização das suas intervenções. Comunique a eles as relações positivas entre suas criações, informando como elas se complementam ou destacando detalhes de certos desenhos que chamaram mais atenção, seja pelo aspecto estético, seja pela assimilação do conteúdo estudado. Essa é uma etapa em que os estudantes podem compartilhar oralmente o que pensaram ao fazer seus desenhos e justificar suas escolhas de composição da imagem: cores e dimensões dos objetos, entre outros.

Sobre a avaliação

As seções **Fazendo Arte, Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte** são destinadas a uma etapa de avaliação formativa e somativa de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante os estudos. Elas são **formativas** no sentido de terem a função de sustentação dos percursos de aprendizagem e de ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados no componente Arte. E são **somativas** no sentido de sistematizarem processos individuais, coletivos, de natureza conceitual e prática. É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas ou conceitos e exercitar com cada estudante a reflexão continuada

de seus processos. Nessa etapa, é importante celebrar o sensível, o criativo, a colaboração, o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária. Essas seções finais são destinadas à autoavaliação dos estudantes e a uma avaliação dos conhecimentos adquiridos após a unidade. Caso algum estudante tenha dificuldade em completar o mapa, retome oralmente o que foi visto com a turma toda e compartilhe com os estudantes a consulta do portfólio ou do caderno para analisar os registros feitos durante o percurso.

Objetivos da unidade

- Compreender os conceitos de pulsação e andamento.
- Reconhecer a pulsação em diferentes elementos do cotidiano, no próprio corpo e em canções.
- Conhecer o metrônomo.
- Reconhecer alguns cuidados no trânsito, o significado das cores do semáforo e promover uma ação de educação para o trânsito.
- Experimentar movimentos acompanhando a batida das músicas durante um jogo.
- Produzir sons no corpo para que os colegas se movimentem.

Dicas de organização

- Nesta unidade, será necessária a escuta de áudios. Portanto, separe previamente o dispositivo de som.
- Para a seção **Fazendo arte**, será necessário um espaço amplo para realizar uma única roda com toda a turma.

Orientações

Nesta unidade, serão abordados os conceitos de pulsação e andamento na música e no cotidiano. O objetivo é reconhecer esses elementos em músicas, no corpo e no dia a dia. A proposta promove a compreensão de que, para fazer música juntos, todos precisam estar na mesma pulsação e no mesmo andamento.

A primeira imagem se relaciona com uma das propostas da unidade: fazer os estudantes identificar a marcação da pulsação da música indígena por meio da audição e os características dessa marcação e da experimentação.

Já a imagem do relógio simboliza o fato de a pulsação estar conectada às batidas regulares e constantes ao longo de determinado tempo.

UNIDADE

5

COMO FAZER MÚSICA JUNTOS?



Índigena da etnia Kapinawá durante apresentação do Toré, em Buíque (PE), 2023.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: **1, 2 e 3.**

Competências específicas de Linguagens: **1, 2, 3 e 5.**

Competências específicas de Arte: **1, 3, 4, 8 e 9.**

Habilidades: **EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15 e EF15AR17.**

Os **Temas Contemporâneos Transversais (TCTs)** abordados nesta unidade são **Multiculturalismo e Cidadania e Civismo.**

1. O que você acha que a pessoa da primeira imagem está fazendo?
2. Para que serve o objeto representado na segunda imagem?
3. Em sua opinião, o que a ação realizada pela pessoa da primeira imagem tem em comum com os ponteiros do relógio?



Relógio mecânico e analógico, que marca horas, minutos e segundos com ponteiros.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- Compreender o que são andamento e pulsação.
- Sentir diferentes andamentos e pulsações.
- Apreciar e analisar a marcação de uma música indígena.

75

Respostas

1. Resposta pessoal. Explique aos estudantes que o jovem indígena retratado na imagem está participando da cerimônia do Toré, ritual indígena de diversas etnias, que une dança, canto e música, utilizando os pés e maracás para marcar a pulsação.
2. A imagem representa um relógio, objeto que sinaliza a passagem do tempo de modo regular.
3. Resposta pessoal. As duas primeiras questões exploram características da ação e do objeto representados nas imagens com o objetivo de levar os estudantes a relacionar os passos constantes e regulares da dança indígena com o movimento dos ponteiros do relógio, igualmente constantes e regulares. Se necessário, pesquise com os estudantes vídeos que mostram a cerimônia do Toré, bem como o som de um relógio de ponteiro, para que possam fazer a relação demandada pela questão com mais propriedade. Durante a conversa, mencione e defina para os estudantes as palavras pulso, andamento, sincronicidade e regularidade. Peça a eles que deem exemplos de elementos do cotidiano em que é possível observar pulsação e andamento, como as batidas do coração, o som da corda na brincadeira de pular corda, etc.

Sobre a avaliação

As seções de abertura e **Aquecendo** apresentam conjuntamente elementos que permitem o exercício da **avaliação diagnóstica**. Essa avaliação tem como objetivo mapear o que os estudantes já construíram como repertório próprio de conhecimento, suas dúvidas, seus interesses e suas fragilidades. Dessa forma, direcione o trabalho com o conteúdo subsequente da unidade buscando contemplar características individuais de cada um deles. Na abertura, a avaliação diagnóstica se dá com base na apreciação e na análise comparativa entre as duas imagens apresentadas. A descrição dos

elementos das imagens – de seu conteúdo lúdico, estético ou poético – e a reflexão sobre a dança indígena e a relação com a constância e a regularidade do relógio permitem observar o desenvolvimento de cada estudante em sua individualidade. Na seção seguinte, **Aquecendo**, a avaliação diagnóstica ocorre por meio de atividades práticas de sensibilização e exploração do corpo e da ludicidade. Assim, é possível identificar o conhecimento prático dos estudantes e suas disposições atitudinais no que diz respeito à participação em atividades coletivas e de criação.

Orientações

Se possível, proponha a **atividade 1** na quadra da escola, com a utilização de colchonetes. Caso não tenha esses recursos disponíveis, faça na própria sala de aula. Se não houver espaço para que todos os estudantes fiquem deitados, é importante criar condições para que possam relaxar, mesmo sentados nas cadeiras, e que consigam fazer o que se pede em cada etapa. Espere-se que os estudantes realizem, antes da explanação teórica, uma prática para que possam identificar que há uma pulsação acontecendo dentro do corpo. Também é um momento para “escutar” o próprio corpo.

As respostas da **atividade 2** são pessoais. Promova uma roda de conversa e peça aos estudantes que compartilhem as respostas. Observe se eles fazem referência à percepção de regularidade e constância, tema desenvolvido nesta unidade, por meio dos conceitos de pulsação e andamento.

No **item a** da **atividade 3**, oriente os estudantes na brincadeira e reproduza músicas com andamentos diferentes. A seguir, sugerimos duas músicas. Em momentos diferentes de cada música, dê uma pausa, interrompendo-a, para que possam fazer a estátua.

- Araruna, Mundo Aflora (música lenta). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z-CcjQZhvzc>.
- Você chegou: Ayú, Barbatuques (música rápida). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5B5VDcVrHCU>. Acessos em: 27 maio 2023.

Você pode indicar ainda referências para que a turma amplie o repertório.

No **item b** da **atividade 3**, para organizar os estudantes, realize um sorteio, de modo que todos possam executar sons para a turma brincar. Caso não seja possível que todos façam a condução do jogo na mesma aula, repita em aulas diferentes, para que os interessados possam experimentar essa função. Antes de dar início à atividade, peça aos estudantes que, ao executarem o som, permaneçam por um tempo no mesmo andamento, para que o grupo consiga compreendê-lo e fazer movimentos consoantes com ele.



Ilustrações: Leo Teixeira

AQUECENDO

Sentir a pulsação do corpo

1. Você vai tentar ouvir ou sentir a pulsação de seu coração. Para isso, acompanhe as orientações a seguir.
 - a) Deite-se de barriga para cima e feche os olhos.
 - b) Em silêncio, inspire e expire. Dedique alguns segundos a relaxar o corpo.
 - c) Apoie as mãos acima do peito e espere alguns minutos.



- d) Posicione dois dedos na lateral do pescoço e espere alguns minutos.



- e) Coloque dois dedos no pulso da mão contrária e espere alguns minutos.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Se algum estudante da turma ou a escola tiver instrumentos e objetos sonoros, eles também podem ser utilizados nesta atividade, a fim de proporcionar uma variedade maior de sons.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR14 Os exercícios de sentir a pulsação do corpo e o jogo da estátua estimulam a percepção da intensidade, do ritmo, da pulsação e do andamento, possibilitando a exploração de elementos constitutivos da música em práticas corporais e sonoras.

2. Agora, converse com os colegas e o professor sobre a experiência. 

- a) Você conseguiu sentir o coração batendo quando apoiou as mãos sobre o peito? 2. a) [Resposta pessoal.](#)
- b) Você sentiu o coração batendo quando posicionou os dedos na lateral do pescoço? 2. b) [Resposta pessoal.](#)
- c) Você sentiu o coração batendo quando colocou os dedos no pulso? 2. c) [Resposta pessoal.](#)
- d) Se você conseguiu sentir as batidas de seu coração, o que você achou: ele bate de maneira rápida, como as asas do passarinho, ou de forma lenta, como os passos do elefante? 2. d) [Resposta pessoal.](#)

3. Você vai jogar **Estátua** com os colegas. 

- a) O jogo consiste em se movimentar de acordo com o andamento de cada música. Quando a música pausar, você deve parar imediatamente do jeito que estava e ficar como uma estátua.



- b) Você vai criar o som para os colegas jogarem **Estátua**! Escolha andamentos diferentes e faça sons com o corpo para que os colegas se movimentem. Não se esqueça de parar o som quando quiser que os colegas fiquem como estátuas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sobre a avaliação

A seção **Aquecendo** tem por objetivo iniciar a unidade com os estudantes por meio de uma atividade prática que envolve aquecimento corporal, sensibilização e apreciação dirigida. As atividades são compostas de forma que os estudantes tenham uma vivência prática logo no início do trabalho com a unidade e fiquem mais ativamente envolvidos e engajados.

Ao propor as atividades práticas, estabeleça uma rotina de criação de registros no caderno ou em outro local, como uma pasta física ou virtual, para a formação de um **portfólio** que poderá servir de instrumento avaliativo no decorrer do ano letivo. O portfólio é uma ferramenta útil para que você acompanhe o desenvolvimento de habilidades e competências da turma, mas você também pode criar um **diário de bordo** e fazer anotações sobre os estudantes com mais dificuldade ou facilidade.

Orientações

Analise com os estudantes as imagens que exemplificam os conceitos de andamento e pulsação. Em seguida, apresente os áudios e verifique se eles notam as diferenças.

Peça que leiam as legendas e incentive-os a mencionar outras referências de elementos do cotidiano em que é possível identificar pulsação. Com isso, eles devem discutir se o que foi citado apresenta uma batida regular, se há uma variação e se a batida é rápida ou lenta. A ideia é que compreendam que andamento e a pulsação são fundamentais na música, estando também presentes no dia a dia.

No **volume 2** desta coleção, foi exemplificado o conceito de duração com um som curto ou longo. Estabeleça a relação desses dois conceitos: duração e pulsação. O som será curto ou longo com base em uma pulsação e em andamentos de referência. Por exemplo, em um andamento *allegro*, a pulsação constante será rápida, ou seja, um som que dure apenas o tempo de um pulso será curto, enquanto um som que se prolongue durante o tempo de oito pulsos será longo. O andamento indica a referência para a pulsação.

Ao apresentar esse conteúdo para os estudantes, se possível, faça uma busca *on-line* pelas sonoridades indicadas e coloque para a turma ouvir. Assim, eles podem ter mais uma referência, caso não reconheçam nenhuma.

Objeto digital

Para apoiar o estudo desta seção, oriente os estudantes a acessar os **áudios 9 e 10** disponíveis no Livro Digital do Estudante.

CONHECENDO ARTE

Andamento e pulsação

Para que algumas pessoas consigam cantar ou tocar juntas, é preciso que todas elas estejam na mesma **pulsação** e no mesmo **andamento**. Isso significa que todos os que estão fazendo música juntos devem garantir a mesma regularidade e constância. Ouça o áudio e tente marcar com o pé a pulsação dela. Identifique quando o músico muda a pulsação, deixando a marcação mais rápida.



ÁUDIO 9



O que é andamento e o que é pulsação?

O **andamento** é a velocidade em que uma música é tocada ou cantada. Costuma ser identificado na linguagem musical por termos em italiano, como *allegro* (rápido), *andante* (moderado), *adagio* (lento), entre outros.

Já a **pulsação** é uma batida (ou a sensação da existência dessa batida) de modo constante e regular.

Não é apenas na música que se pode identificar andamento e pulsação. É possível encontrar um som regular e constante no corpo, como você viu na atividade anterior, e em diversas situações do cotidiano. Observe algumas delas e escute os sons.



ÁUDIO 10



Há regularidade e constância nos sons de pessoas que estão correndo juntas. Foto de pessoas correndo no Rio de Janeiro (RJ), 2023.

Bruno Martins Imagens/Shutterstock.com

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

78



Pixhyfaco/Shutterstock.com

O monitor de frequência cardíaca é um equipamento utilizado para medir quantas vezes o coração de uma pessoa está batendo por minuto. Ele reproduz sons com a mesma regularidade das batidas do coração.



Frederic/Pixabay.com

Os ponteiros do relógio se movem de modo constante.



Alf Ribeiro/Shutterstock.com

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

A sirene de uma ambulância emite sons constantes e regulares.

Orientações

Na atividade do boxe **Pergunta em casa**, a conversa entre os estudantes e seus responsáveis possibilita a troca e a participação dos familiares no processo de aprendizagem. Além disso, acrescenta exemplos de elementos em que é possível identificar uma pulsação, como o grilo cantando à noite, as máquinas de uma obra de construção civil, etc. Peça aos estudantes que compartilhem com a turma a diversidade de referências trazidas. Durante a conversa, é válido mencionar que também existem sons constantes e irregulares, como o de uma pessoa digitando no teclado do computador.

Na subseção **Maleta de artista**, ao apresentar o metrônomo, verifique a possibilidade de mostrar um vídeo de seu funcionamento à turma. Comente que em uma orquestra, por exemplo, alguns músicos precisam tocar juntos, e para isso o metrônomo é um bom aliado.

PERGUNTA EM CASA

Mostre para um adulto que vive com você os quatro elementos do cotidiano das imagens da página anterior em que é possível identificar sons regulares e constantes. Depois, pergunte a ele:

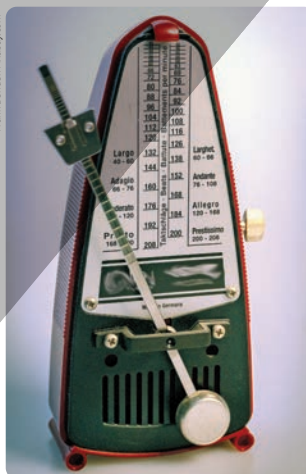
1. Há outro elemento do cotidiano em que há sons que ocorrem como uma batida constante e regular?
2. Qual é esse elemento?

Na próxima aula, compartilhe as respostas com os colegas e o professor.

Maleta de artista

O **metrônomo** é um equipamento que emite um alerta sonoro constante e regular (pulsação) com base no andamento escolhido. Ele foi inventado no século XIX, há mais de duzentos anos, por Johann Maelzel (1772-1838).

Esse equipamento auxilia músicos a tocar juntos, no mesmo andamento, com uma pulsação comum. Pode-se escolher o número de batidas por minuto (bpm), adequando ao andamento recomendado na partitura. Muitos compositores orientam na partitura qual deve ser o andamento da música, indicando o número do bpm ou um dos termos em italiano: *allegro* (rápido), *andante* (moderado), *adagio* (lento), entre outros.



Os metrônomos podem ser analógicos e digitais. Atualmente, também é possível baixar aplicativos de metrônomos. Na foto, metrônomo analógico.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

80

Expressão de artista



Uma característica recorrente nas músicas indígenas é a marcação clara da pulsação, seja com o som dos pés, seja com algum instrumento de percussão, como maracás, chocalhos com sementes, bastões e tambores. Além disso, é comum aparecerem sílabas acentuadas no canto nas músicas indígenas.

Ouçã a música “Nhãmândú Ovare” (Ao nascer do Sol) do grupo Nhěẽ Ambá.



ÁUDIO 11



Marcelo Kuaray

Grupo Nhěẽ Ambá, do Mestre Guarani Mbya Marcelo Kuaray, apresentando-se em Florianópolis (SC), em 2025.

Você conseguiu identificar muitos sons nessa música? Compartilhe com a turma todos os que você identificou.

Ao cantar sobre o nascer do sol, os Guarani expressam sua visão sobre despertar todos os dias com alegria e disposição, tendo como inspiração essa estrela, que não tem preguiça de aparecer diariamente. Eles também ensinam que é possível inspirar no brilho e no calor do sol.

Conte para os colegas como você acorda todas as manhãs. Você acorda inspirado e bem disposto ou com muita preguiça? [Resposta pessoal.](#)

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

81

Orientações

Ao abordar o conteúdo da subseção **Expressão de artista**, reproduza o áudio para os estudantes e verifique se eles conseguem identificar a marcação da pulsação, que nesse caso é feita com o som dos pés batendo no chão e de outros instrumentos. Reproduza mais de uma vez e incentive-os a acompanhar a marcação com palmas. Se algum estudante apresentar dificuldade em acompanhar a pulsação da música, tente variar, marcando-a com palmas ou algum outro instrumento percussivo, de modo que haja mais um elemento sonoro de referência. É possível até mesmo andar pela sala, seguindo a pulsação da música.

A escuta da música **TCT** “Nhãmândú Ovare”, do grupo Nhěẽ Ambá, em diversos momentos ao longo da unidade possibilita o diálogo com o **TCT Multiculturalismo**.

Objeto digital

Para apoiar o estudo da subseção **Expressão de artista**, oriente os estudantes a acessar o **áudio 11** disponível no Livro Digital do Estudante.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR13 A escuta da música indígena “Nhãmândú Ovare” e a observação de seus instrumentos permitem aos estudantes apreciar criticamente esse gênero, analisando como a pulsação e o canto marcam funções culturais e sociais ligadas à vida comunitária.

Orientações

Esta seção traz uma ilustração com informações relacionadas à educação para o trânsito. Peça aos estudantes que a observem e a descrevam. Pergunte-lhes se sabem do que a ilustração trata. É provável que eles digam que ela mostra um centro urbano onde há pessoas, carros, bicicletas e outros veículos.

Depois dessa primeira conversa, faça perguntas aos estudantes sobre as experiências deles em relação à segurança no trânsito: "O que devemos fazer antes de atravessar uma rua?"; "Como devemos respeitar o semáforo? O que as cores dele indicam?". Deixe que eles falem livremente sobre isso. Depois, peça aos estudantes que observem a imagem com atenção e mencionem os cuidados que estão sendo tomados pelos pedestres e ciclistas: olhar para os lados antes de atravessar; atravessar na faixa de pedestre e somente quando o semáforo de pedestre estiver verde; pedestres esperam para atravessar enquanto o farol está fechado; o ciclista está com equipamento de segurança, andando na ciclofaixa e respeitando o semáforo.

Comente com a turma que no Brasil existe o Código de Trânsito Brasileiro (CTB). Esse código define que a educação para o trânsito deve ser trabalhada também na escola, para que tenhamos um trânsito mais seguro.

Faça a leitura do texto e da imagem com os estudantes e, para as atividades dadas ao final, organize a turma em uma roda de conversa. Na **atividade 1**, peça aos estudantes que reflitam sobre outras medidas de segurança relacionadas ao ambiente onde vivem. Por exemplo, você pode sugerir faixas de pedestre e semáforo para uma travessia segura em frente à escola, caso não haja. Você também pode mencionar um semáforo com sinais sonoros, a fim de que pessoas cegas ou com baixa visão também atravessem com segurança. Comente que essas soluções podem ser pedidas pelos cidadãos às prefeituras, mas que são as prefeituras que se encarregam da gestão do trânsito nos municípios. Já na **atividade 2**, que fala exclusivamente de pedestres, deixe que os estudantes se manifestem livremente e anote as ideias, comentando cada uma delas.



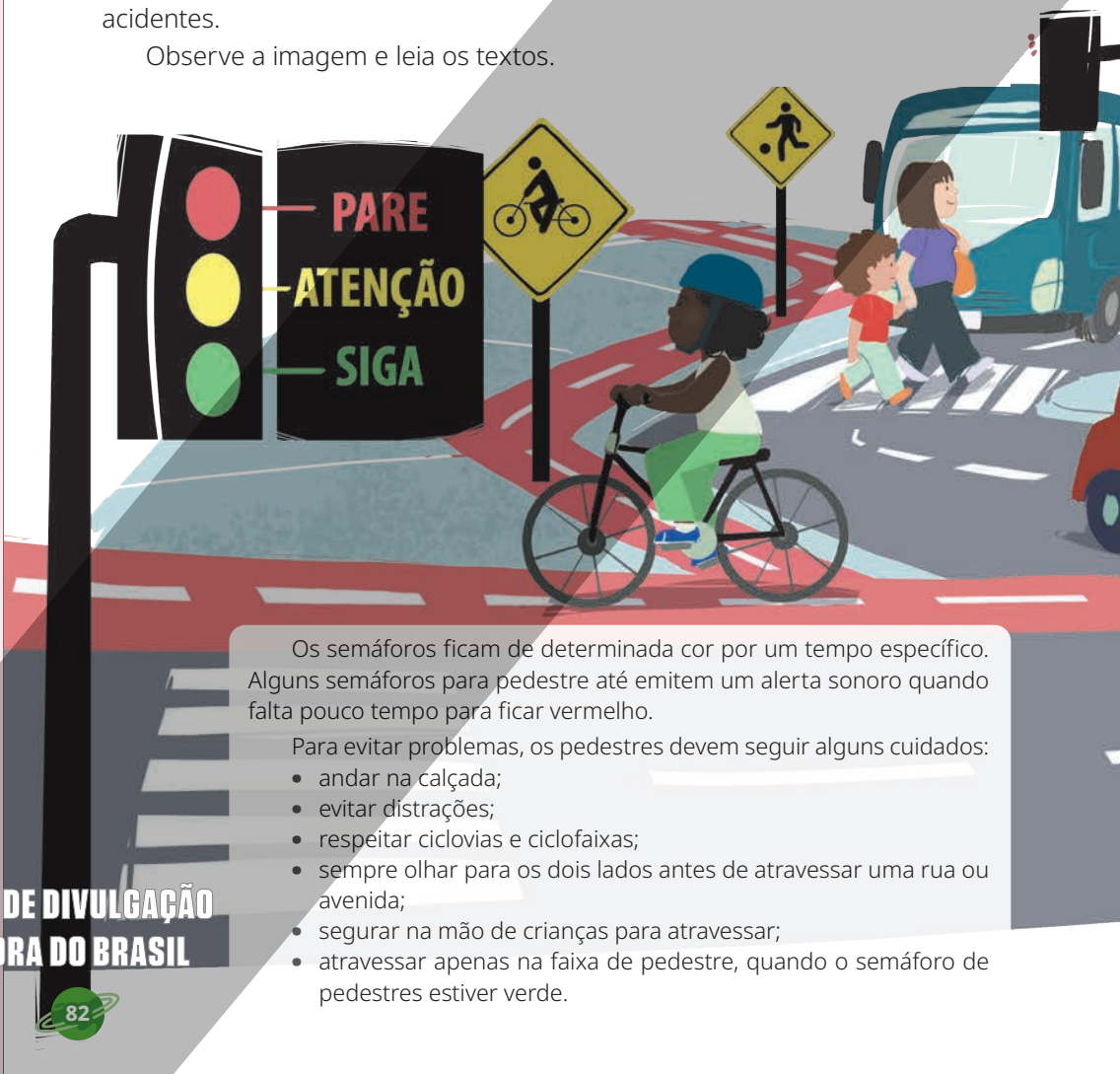
O MUNDO QUE NOS CERCA

Cuidado no trânsito



Nesta unidade, você viu que os músicos seguem a mesma pulsação e o mesmo andamento para tocarem juntos. Também, no trânsito, os motoristas devem seguir sinais e regras ao mesmo tempo, para manter o fluxo e evitar acidentes.

Observe a imagem e leia os textos.



Os semáforos ficam de determinada cor por um tempo específico. Alguns semáforos para pedestre até emitem um alerta sonoro quando falta pouco tempo para ficar vermelho.

Para evitar problemas, os pedestres devem seguir alguns cuidados:

- andar na calçada;
- evitar distrações;
- respeitar ciclovias e ciclofaixas;
- sempre olhar para os dois lados antes de atravessar uma rua ou avenida;
- segurar na mão de crianças para atravessar;
- atravessar apenas na faixa de pedestre, quando o semáforo de pedestres estiver verde.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

82

Alguns cuidados que os motoristas devem ter são:

- respeitar os sinais de trânsito;
- evitar distrações;
- sempre usar cinto de segurança;
- manter distância segura de outros automóveis e de pedestres;
- respeitar o semáforo;
- ter cuidado com pedestres e ciclistas;
- respeitar as faixas de pedestre e as ciclovias e ciclofaixas.



Agora que você já conheceu algumas dicas para ter mais segurança no trânsito, responda às questões a seguir.

1. No local onde você mora, o que poderia ser feito para tornar o trânsito mais seguro a motoristas, pedestres e ciclistas? *Resposta pessoal.*
2. Que outras dicas você daria aos pedestres para evitar acidentes? *Resposta pessoal.*

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

83

Orientações

Os cuidados relacionados às regras de trânsito permitem um diálogo com o TCT **Cidadania e Civismo**.

Atividade complementar

Proponha uma brincadeira com a turma a fim de trabalhar a educação no trânsito na prática. Para isso, reserve um espaço amplo, como a quadra ou o pátio da escola, e use um giz de lousa para desenhar no chão um circuito com ruas, calçadas, faixas de pedestre, ciclovias ou ciclofaixas, semáforos e guardas de trânsito. Organize os estudantes em automóveis, pedestres e ciclistas e comente que eles devem interpretar cada um enquanto você dará os comandos. Indique os sentidos das ruas, onde estão os semáforos e os demais elementos. Antes de partir para a ação, converse novamente sobre as regras de trânsito com os estudantes e explique a eles o que deve ser feito em cada parte do circuito. Com a ajuda de um cronômetro e com um apito, inicie a brincadeira.

Orientações

Maio Amarelo é um movimento internacional para promover a conscientização sobre segurança no trânsito. No Brasil, as campanhas do Maio Amarelo iniciaram em 2014. Se possível, mostre aos estudantes algumas dessas campanhas. Comente com eles também sobre o Observatório Nacional de Segurança Viária, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que desenvolve ações com o objetivo de diminuir acidentes no trânsito. O *site* dessa organização divulga ações, informações e dados sobre o Maio Amarelo.

A proposta desta seção é engajar a turma em uma ação para promover a educação para o trânsito. Prepare antecipadamente um bilhete aos responsáveis pedindo autorização para o passeio. Aproveite e comente que eles também podem participar se quiserem. Ao mesmo tempo, peça auxílio e autorização à coordenação da escola. Se sua turma for numerosa, será preciso o apoio de outros profissionais da escola, como coordenadores e outros professores no dia do evento. Aproveite a ocasião para criar um momento interdisciplinar, convidando professores de outros componentes curriculares para a caminhada.

Auxilie os estudantes na pesquisa sobre o Maio Amarelo e, se possível, peça a eles que levantem informações relacionadas ao tipo de informação que podem escrever nos cartazes, a fim de chamar a atenção das pessoas. Como o movimento Maio Amarelo é internacional, é possível encontrar diversas iniciativas pelo mundo.

Antecipadamente, prepare cartolinas, canetinhas, tinta guache e outros materiais para a produção dos cartazes. Você também pode sugerir que os estudantes escrevam ou desenhem nas camisetas e bexigas.

No dia do evento, explique aos estudantes que eles devem caminhar juntos, em fila, respeitando sempre o trânsito do local. Não é necessário fazer uma caminhada muito longa com as crianças. Sugerimos uma volta no quarteirão da escola.

Faça registros no dia e depois proponha a discussão sobre o que eles acharam da Caminhada amarela.

O trabalho de conscientização para a segurança no trânsito dialoga com o TCT **Cidadania e Civismo**.



ATITUDES QUE TRANSFORMAM

Maio Amarelo



O que vamos fazer?

Uma caminhada para conscientização da segurança no trânsito.



Com quem fazer?

Com os colegas e o professor.



Para que fazer?

Para melhorar a segurança no trânsito no entorno da escola e no município.



Como fazer?

1. Pesquise sobre o Maio Amarelo e verifique se em seu município há alguma campanha de conscientização para a segurança no trânsito.
2. Com a turma toda, planeje uma **Caminhada amarela**, cujo objetivo é conscientizar as pessoas da escola e da comunidade a trabalhar por mais segurança no trânsito.
3. Combine um dia e um horário para o evento. O professor vai precisar pedir autorização de seus responsáveis para a realização do passeio. Entregue a eles o pedido do professor e peça-lhes que assinem.
4. Separe camisetas amarelas e bexigas para usar no dia do passeio.
5. Prepare convites e entregue à comunidade escolar para que eles também participem.
6. Crie cartazes com frases sobre cuidados que devemos ter no trânsito. Use a criatividade!
7. Na data e hora combinadas, sempre respeitando as orientações do professor, caminhe ao redor da escola usando camiseta amarela, bexigas e cartazes para chamar a atenção da população.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL



Como foi participar da **Caminhada amarela**? Como as pessoas reagiram ao ver você e a turma caminhando perto da escola?

Saiba mais

Se possível, mostre aos estudantes a página do Observatório Nacional de Segurança Viária. Disponível em: <https://www.onsv.org.br/>. Acesso em: 27 maio 2025.



PENSANDO ARTE

1. Retome o que você estudou sobre pulsação, reflita sobre as perguntas apresentadas a seguir e, depois, compartilhe suas respostas com os colegas e o professor.



- a)** Ao sentir as batidas de seu coração, como você identifica a regularidade: rápida, moderada ou lenta? **1. a) Resposta pessoal.**
- b)** Quando corre, você identifica que a regularidade das batidas de seu coração aumenta ou fica mais lenta? **1. b) Resposta pessoal.**
- c)** E, quando você leva um susto, as batidas de seu coração ficam mais rápidas ou mais lentas? **1. c) Resposta pessoal.**
- d)** Ao estar em um ambiente em que há um relógio analógico de ponteiro, você consegue ouvir o som do ponteiro de segundos se movendo? **1. d) Resposta pessoal.**

2. Ouça novamente a música “Nhãmândú Ovare” (Ao nascer do Sol), do grupo Nhẽẽ Ambá. Depois, responda às questões a seguir no caderno.



ÁUDIO 11

2. a) Pelo som da gravação, é possível identificar um maracá fazendo a marcação da pulsação, mas os estudantes também podem identificar o som de pés ou até mesmo de algum bastão batendo no chão.

- a)** Que instrumento está marcando a pulsação da música?
- b)** Você conseguiu acompanhar a pulsação da música? **2. b) Resposta pessoal.**
- c)** Você acha que o andamento da música é rápido, lento ou moderado? **2. c) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem que a música tem um andamento moderado.**

3. Com a ajuda do professor, pesquise a imagem de um metrônomo digital para conhecer e utilizar o instrumento. Depois, faça o que se pede.

- a)** Em quantos bpm o metrônomo marca *allegro*? Busque descobrir e anote no caderno. **3. a) Entre 120 bpm e 139 bpm.**
- b)** Cante uma música e descubra, com a ajuda do professor, em quantas batidas por minuto está sua pulsação.
- c)** Escute novamente a música “Nhãmândú Ovare” e descubra o andamento dela. **3. c) Resposta pessoal. Espera-se que o estudante sugira uma música de seu repertório e a cante com senso de pulsação regular.**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

85

Objeto digital

Para apoiar a reflexão sobre os conteúdos estudados, oriente a turma a acessar novamente o **áudio 11**, disponível no Livro Digital do Estudante.



Orientações

Promova uma roda de conversa com os estudantes para que eles conversem sobre as atividades desta seção. Oriente-os a compartilhar oralmente as respostas que escreveram no caderno.

Na **atividade 1**, as respostas são pessoais e dependem das percepções que os estudantes têm das batidas do próprio coração e dos relógios analógicos. Para os **itens b e c**, espera-se que identifiquem que o coração bate mais rápido (acelerado), e, portanto, o pulso se acelera.

Na atividade 2, toque novamente o **áudio 11** para os estudantes. Nele, é possível identificar não só um maracá fazendo a marcação da pulsação principal, mas também o som de pés e de chocalhos com sementes, bem como o de algum bastão batendo no chão.

No **item b** da **atividade 3**, utilize a função do metrônomo **toque**, ou em inglês *tap*, em que o usuário marca um tempo e o metrônomo indica qual é. O metrônomo vai captar pequenas variações, então faça uma leitura aproximada. Por exemplo, se a marcação oscilar entre 78 e 82, considere 80 como a pulsação. Já no **item c**, é importante ter em mente o aspecto intercultural para mediar o uso do metrônomo e sua terminologia, aplicando-o com ressalvas à música indígena, bem como a outras músicas tradicionais brasileiras. Grupos tradicionais de música não necessitam de metrônomos ou de terminologias externas para explicar ou fazer sua música. Os instrumentos e recursos que marcam a pulsação na música Guarani, por exemplo, são recursos tecnológicos em seus próprios termos, que ainda carregam significados culturais e espirituais.

Sobre a avaliação

A seção **Pensando arte** é indicada como um momento de **avaliação formativa**. A avaliação das questões e do engajamento nas atividades práticas tem a função de inclusão dos estudantes e de regulação de suas aprendizagens. Dessa forma, você pode sistematicamente ajustar suas práticas pedagógicas às necessidades de cada estudante. Recomendamos que faça registros escritos do acompanhamento dos estudantes no **diário de bordo**, pois essas anotações oferecem fundamentação para os ajustes das estratégias de ensino.

Orientações

Oriente os estudantes durante a realização das atividades. O primeiro passo é encontrar um local amplo para que possam formar a roda. Pode ser na sala de aula com as cadeiras e mesas afastadas, no pátio ou na quadra da escola. Alerta os estudantes para que tenham cuidado durante a realização das atividades, para que não ocorram acidentes.

A **atividade 1** pode parecer uma atividade simples, porém, ao andar de mãos dadas em uma mesma direção, muitas vezes uma criança pode andar mais rápido e acabar puxando a que está ao lado e que está andando de forma mais lenta. O contrário também pode acontecer, e elas podem acabar se esbarrando. Portanto, andar juntos para encontrar uma pulsação comum dentro de um andamento predeterminado pode ser mais difícil do que se imagina. Talvez seja necessário fazer mais de uma vez alguns dos passos ou parar e recomeçar, revendo as orientações de cada etapa.

Toque mais uma vez o **áudio 11** para o desenvolvimento da **atividade 2**. Além de sentirem um pulso comum a todo o grupo, os estudantes baterão os pés ao som da música indígena. Caso tenha disponível algum tipo de chocalho para todos os estudantes, inclua mais uma etapa, orientando-os a tocar o chocalho ao mesmo tempo que fazem a marcação com os pés.


Desenvolvendo a BNCC

EF15AR15 A atividade de marcar a pulsação em roda, com os pés e palmas, promove a exploração de fontes sonoras corporais e sua relação com o ritmo, destacando como diferentes timbres podem marcar a regularidade musical.

EF15AR17 A proposta de sonorizar a roda em diferentes velocidades e andamentos, ao som da música indígena, possibilita aos estudantes experimentar improvisações coletivas com o corpo e a voz, criando formas colaborativas de fazer música.

FAZENDO ARTE

Sentir a mesma pulsação

1. Você já viu que para cantar e tocar juntas as pessoas precisam estar no mesmo andamento e sentindo a mesma pulsação. Agora, com os colegas, você vai encontrar uma pulsação em comum.
 - a) Com a ajuda do professor, organize a sala de aula, afastando mesas e cadeiras para criar um espaço livre.
 - b) A turma toda deve formar uma roda e dar as mãos.
 - c) Com os colegas, gire a roda para a direita, tentando andar na mesma pulsação. Perceba se você está andando mais rápido ou mais lento do que eles e ajuste o passo para acompanhá-los.



Ilustrações: Léo Teixeira

- d) Inverta a direção da roda. Agora, ainda de mãos dadas com os colegas, gire para a esquerda, andando na mesma pulsação do grupo.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

86

- e) Novamente, inverta a direção da roda, girando para a direita. O desafio agora é acelerar o passo, encontrando um andamento mais rápido.



Ilustrações: Leon Teixeria



É importante que todos encontrem o mesmo andamento, senão a roda pode se desfazer.

- f) Inverta mais uma vez a direção da roda, girando para a esquerda. Agora, desacelere o passo e encontre, com os colegas, um andamento bem lento.
- g) Na mesma direção, agora encontre um andamento moderado, marcando o som com os pés a cada duas pisadas. Ou seja, uma pisada forte e uma fraca.
2. Agora você vai encontrar um andamento e uma pulsação com os colegas, mas com a música “Nhãmândú Ovare” (Ao nascer do Sol), do grupo Nhẽẽ Ambá.



ÁUDIO 11

- a) Com a turma, forme novamente uma roda. Escolha uma direção para a roda girar e acompanhe a música, marcando o som com os pés batendo no chão.
- b) Faça a marcação dos pés, produzindo um som mais forte em algumas pisadas.
- c) Busque encontrar um andamento e uma pulsação comum a todos que estão na roda tocando (os pés) juntos.



3. Compartilhe com os colegas quais foram as dificuldades e as facilidades ao procurar uma pulsação e um andamento comuns.

3. Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



87

Objeto digital

Para apoiar o trabalho com a **atividade 2**, oriente os estudantes a acessar mais uma vez o **áudio 11** disponível no Livro Digital do Estudante.



Orientações

Nesta seção, os estudantes são convidados a rever a trajetória que fizeram ao longo da unidade. Eles participaram de atividades reflexivas, de experimentação e de criação. É importante nesse momento falar com eles sobre atitude empática, paciência e alternância de papéis, processo de grande incidência nas aulas de Arte, em que em dado momento o estudante deve se apresentar e em outro ele deve ser espectador dos colegas.

Com os estudantes, organize a sala de aula afastando as carteiras, de modo a abrir espaço para **autoavaliação**, e convide a turma para formar um círculo ou semicírculo. A seguir, são apresentadas algumas possibilidades de encaminhamento para as questões apresentadas nesta seção.

As respostas são pessoais, de acordo com a experiência de cada um. No entanto, é possível utilizar as práticas propostas na própria unidade para que os estudantes respondam com maior apropriação. Após o compartilhamento das respostas, avalie se alguma seção necessita ser revista para que tenham uma melhor compreensão dos conteúdos desta unidade.



NESTA UNIDADE, VIMOS

- O andamento é a velocidade em que uma música é tocada ou cantada.
- A pulsação é uma batida realizada de modo constante e regular.
- Como, em diversos elementos do cotidiano, é possível identificar pulsação e andamento.
- O metrônomo emite sons constantes e regulares. É usado por músicos para tocar no mesmo andamento.
- É comum as músicas indígenas terem uma marcação clara da pulsação, feita com o som dos pés ou com algum instrumento de percussão.



Para finalizar, responda:

1. O que foi necessário para que você conseguisse ouvir as batidas de seu coração? [1. Resposta pessoal.](#)
2. Durante a roda, em qual andamento sentiu mais dificuldade de encontrar um pulso comum com os colegas? [2. Resposta pessoal.](#)
3. Você conseguiu encontrar e acompanhar o andamento da música "Nhãmândú Ovare"? [3. Resposta pessoal.](#)

PARA IR MAIS LONGE



VISITA GUIADA

- Em seu bairro ou município há escolas de música? Se houver, faça com seus familiares uma visita a uma delas e aproveite para perguntar aos professores e estudantes dessa escola sobre os conceitos que aprendeu nesta unidade. Registre os pontos mais interessantes da conversa e compartilhe com os colegas da turma.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

88

Sobre a avaliação

As seções **Fazendo arte**, **Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte** são destinadas a uma etapa de **avaliação formativa** e **somativa** dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante os estudos. Elas são formativas no sentido de ter a função de sustentação dos percursos de aprendizagem e de ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados no componente Arte. E são somativas no sentido de sistematizar processos individuais, coletivos, de natureza conceitual e prática. É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas ou conceitos e exercitar com cada estudante a reflexão

continuada de seus processos. Nessa etapa, é importante celebrar o sensível, o criativo, a colaboração, o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária. Essas seções finais são destinadas à autoavaliação dos estudantes e a uma avaliação dos conhecimentos adquiridos após a unidade. Caso algum estudante tenha dificuldade em completar o mapa, retome oralmente o que foi visto com a turma toda e compartilhe com os estudantes a consulta do portfólio para analisar os registros feitos durante o percurso.

Copie o mapa mental no caderno e complete-o com os desenhos que faltam.



Andamento e pulsação

Metrônomo e batidas por minuto (bpm)



Andréia Mantovani

Relógio de pulso e sirene de ambulância



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
Caminhada amarela:
educação de trânsito
DA EDITORA DO BRASIL

Encontrar o mesmo andamento e a mesma pulsação

Orientações

Promova a atividade da seção **Mapa da arte** de forma coletiva. Leia com os estudantes as imagens e os textos e oriente-os a completar o mapa no caderno, incentivando que se expressem livremente por meio de desenhos. Enquanto os estudantes completam o mapa no caderno, você pode fazer o mesmo na lousa.

Comunique aos estudantes que a ilustração interativa se trata de um mapa mental. Esse dispositivo permite organizar informações e conceitos de forma visual, utilizando recursos próprios do componente Arte, como a visualidade, a apreciação e a intervenção prática, para concretizar uma avaliação final da unidade. O aspecto lúdico do mapa mental auxilia os estudantes a consolidar os conceitos, as habilidades e as competências da unidade pela perspectiva da ligação de saberes, que busca conectar e construir significado nos processos de aprendizagem pela conjunção dos elementos estudados, criando um sentido maior do que a soma de suas partes isoladas.

O objetivo de convidar os estudantes para inserir as próprias intervenções no mapa mental é propiciar um ambiente de aprendizagem ativa. Ao optar por fazer isso com a turma toda ou ao organizar os estudantes em grupos, é possível oportunizar a negociação de ideias e significados sobre o conteúdo de forma dialógica entre eles.

Após a produção dos desenhos por parte dos estudantes, é importante dispor de um momento de socialização das suas intervenções. Comunique a eles as relações positivas entre suas criações, informando como elas se complementam ou destacando detalhes de certos desenhos que chamaram mais atenção, seja pelo aspecto estético, seja pela assimilação do conteúdo estudado. Essa é uma etapa em que os estudantes podem compartilhar oralmente o que pensaram ao fazer seus desenhos e justificar suas escolhas de composição da imagem, de cores e de dimensões dos objetos, entre outros.

Objetivos da unidade

- Identificar o espaço como parte importante da dança.
- Conhecer e compreender o conceito de cinesfera.
- Experimentar movimentos pelo espaço, em diferentes direções e com distintas orientações.
- Conhecer o trabalho do coreógrafo.
- Conhecer e apreciar a obra de Pina Bausch.
- Compreender o conceito de coreografia.
- Elaborar e experienciar, por meio da criação individual e coletiva, uma coreografia.

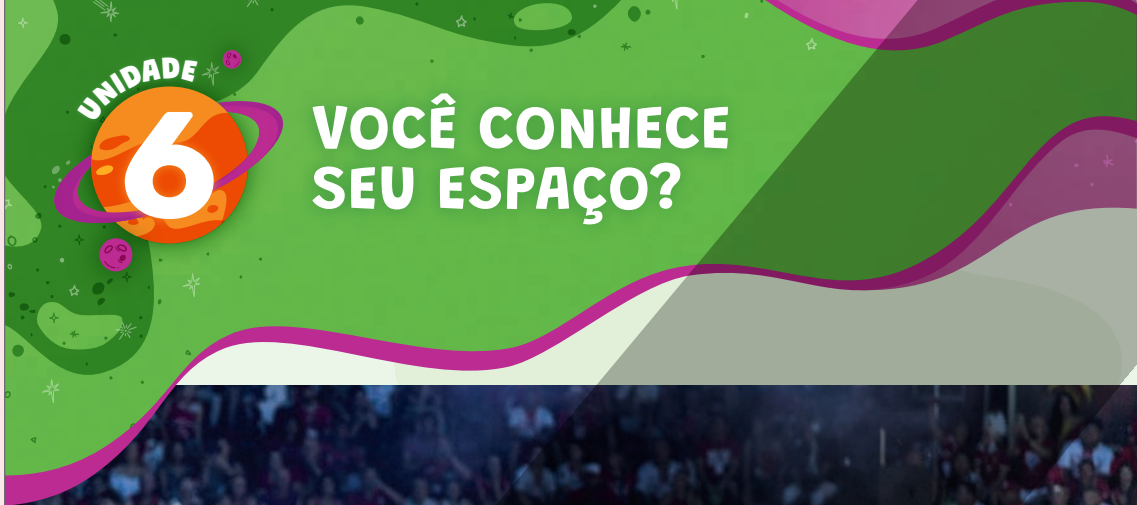
Dicas de organização

- Procure afastar as carteiras para organizar um espaço amplo na sala de aula. Dessa maneira as experimentações podem ser realizadas com mais segurança.
- Garanta que os estudantes usem roupas leves para a prática da dança. Como sugestão, indica-se que sejam orientados a usar as roupas da aula de Educação Física.

Orientações

Prepare a sala de aula para uma discussão coletiva, organizando os estudantes em círculo ou semicírculo. Promova a leitura das imagens, utilizando como ponto de partida os questionamentos oferecidos pelo Livro do Estudante. É possível acrescentar, se for o caso, outras que sejam necessárias para contextualizar o tema ou aproximá-lo do mundo dos estudantes. Incentive a turma a se manifestar com a promoção de um ambiente acolhedor para essa conversa inicial. Estimule uma escuta ativa e empática e acolha todas as respostas com interesse, aproveitando as oportunidades que surgirem de ampliação do tema.

Como introdução, explique que a primeira fotografia é do Festival de Parintins, uma das maiores manifestações culturais do Brasil. O evento ocorre no último fim de semana de junho e é conhecido pela vibrante disputa entre dois grupos folclóricos: o Boi Garantido (vermelho) e o Boi Caprichoso (azul). Cada agremiação apresenta espetáculos que combinam música, dança, teatro e alegorias, celebrando



Apresentação do Boi Caprichoso no Festival de Folclore de Parintins (AM), 2019.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



a cultura amazônica. As duas agremiações se apresentam no Bumbódromo, uma arena construída especialmente para o evento. Cada boi tem um tempo determinado para contar sua história, e a apresentação é avaliada por jurados com base em diversos critérios, incluindo a criatividade, a harmonia e a fidelidade às tradições.

Em 2018, o Festival de Parintins foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), destacando sua importância na preservação e promoção da cultura popular brasileira.

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 3, 4, 6, 8, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3 e 5.

Competências específicas de Arte: 4, 8 e 9.

Habilidades: EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11 e EF15AR12.

Os **Temas Transversais** abordados nesta unidade são **Economia** e **Multiculturalismo**.



1. O que as pessoas estão fazendo nas imagens?
2. Como são os movimentos delas?
3. Que sensações as imagens provocam em você?
4. Como é dançar com muita gente em um lugar espaçoso? E como é dançar em um lugar com pouco espaço para se mexer?



Cecilia Danz/Unicar Imagens

Apresentação do grupo afro Olóômi Ááyyé em comemoração da Semana da Consciência Negra em União dos Palmares (AL), 2022.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- Reconhecer o espaço escolar.
- Compreender o conceito de cinesfera.
- Praticar diferentes formas de explorar o espaço.
- Vivenciar movimentos em diferentes extensões e direções.



Respostas

1. Espera-se que os estudantes percebam que as pessoas estão dançando nas duas imagens.
2. Espera-se que possam perceber que as pessoas estão fazendo movimentos com os pés, mãos e que estão olhando para frente, fazendo parte de uma dança em conjunto, mas com movimentos individuais.
3. Resposta pessoal. Os estudantes podem mencionar as sensações de alegria, energia e vontade de se movimentar, bem como curiosidade para conhecer mais sobre essas danças e admiração pela beleza dos movimentos e pelo trabalho em equipe dos grupos de dança.
4. Espera-se que os estudantes identifiquem que em espaços grandes, com mais pessoas, os movimentos podem

ser amplos, alegres e cheios de energia, mas também exigem atenção para manter o ritmo e evitar colisões. Em lugares pequenos, é comum que o corpo se mova de forma mais contida, explorando gestos menores e mais controlados.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR08 As imagens do Boi Caprichoso em Parintins e do grupo afro Olóômi Ááyyé em União dos Palmares convidam os estudantes a apreciar manifestações de dança em diferentes contextos culturais, cultivando repertório corporal e imaginário ligados a tradições brasileiras.

Orientações

A segunda imagem mostra uma celebração afro-brasileira em um lugar histórico para a cultura negra do Brasil, o Quilombo dos Palmares. O Memorial Quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, em União dos Palmares (AL), um importante símbolo da resistência negra no Brasil. O local foi o principal centro do Quilombo dos Palmares, uma comunidade formada por pessoas escravizadas fugitivas que, no século XVII, estabeleceram uma sociedade autônoma e organizada. No auge, o quilombo chegou a abrigar cerca de 30 mil habitantes. A região foi tombada pelo Iphan em 1985 e, posteriormente, transformada em parque memorial em 2007, como resultado de uma luta de mais de 25 anos do Movimento Negro brasileiro.

O Memorial Quilombo dos Palmares é um espaço de celebração e de reflexão sobre a história e a cultura afro-brasileira. Desde 2018, o local tem sido proposto como sede oficial das comemorações do Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares, líder do quilombo.

Sobre a avaliação

A abertura e a seção **Aquecendo** apresentam elementos que permitem o exercício da **avaliação diagnóstica**. Essa avaliação objetiva mapear o que os estudantes já construíram como repertório próprio de conhecimento, suas dúvidas, seus interesses e suas fragilidades. Dessa forma, você pode direcionar o trabalho com o conteúdo subsequente da unidade buscando contemplar características individuais de cada um deles. Na abertura, a avaliação diagnóstica se dá com base na apreciação e na análise comparativa entre as duas imagens apresentadas. A descrição dos elementos das imagens, de seu conteúdo lúdico, estético ou poético, e a reflexão sobre elas permitem observar o desenvolvimento de cada estudante em sua individualidade. Na seção seguinte, **Aquecendo**, a avaliação diagnóstica ocorre por meio de atividades práticas de sensibilização e exploração do corpo e da ludicidade. Assim, é possível identificar o conhecimento prático dos estudantes e suas disposições atitudinais no que diz respeito à participação em atividades coletivas e de criação.

Orientações

Esta atividade propõe uma exploração prática e sensorial do espaço, fundamental para desenvolver a consciência corporal, a percepção espacial e a confiança entre os estudantes. É importante que eles experimentem movimentos em diferentes espaços e tempos e desenvolvam sua percepção corporal em relação a si e ao outro. A atividade também introduz, de forma concreta, noções que serão importantes para a compreensão do conceito de cinesfera de Rudolf Laban.

Ao trabalharem em duplas, sendo um integrante o guia e outro o explorador, os estudantes aprendem a se orientarem e se moverem de maneira cuidadosa e consciente no espaço coletivo. Essa experiência amplia a noção de segurança, respeito e atenção ao corpo do outro, além de incentivar a comunicação não verbal. Como os participantes exploradores estarão vendados, é fundamental que você enfatize a importância de toques leves, movimentos calmos e atitudes responsáveis durante a condução.

Para garantir a inclusão de estudantes com deficiências, cuide para adaptar a atividade conforme as necessidades específicas de cada estudante, como oferecer apoio adicional, modificar a forma de condução ou permitir o uso de recursos táteis e auditivos alternativos. É importante que todos possam participar de maneira segura e acolhedora, respeitando seus limites e potencialidades.

Desenvolvendo a BNCC


EF15AR10 A atividade de explorar o espaço da escola vendado e orientado por um colega promove a experiência de deslocamentos, direções e caminhos variados, ampliando a consciência espacial no movimento dançado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

92

AQUECENDO

Passar pelo espaço

1. Você já conhece seu espaço escolar, não é mesmo? Agora vai explorá-lo de um jeito diferente, com a ajuda de um colega. Siga as orientações. 
 - a) Convide um colega para ser sua dupla nessa exploração. Uma pessoa será o guia e a outra será o explorador.
 - b) A turma deve escolher um lugar da escola para realizar a exploração, que pode ser o pátio, a quadra, um corredor ou mesmo a sala de aula.
 - c) O explorador usará uma venda nos olhos e confiará nas orientações do guia para se deslocar pelo espaço.



Ilustrações: Leandro Francisco

- d) O guia pode usar os seguintes comandos:
 - Toque no ombro direito: virar para a direita.



- Toque no ombro esquerdo: virar para a esquerda.



Ilustrações: Leandro Francisco

- Toque nos dois ombros ao mesmo tempo: parar.



- Leve empurrãozinho nas costas: andar para frente.



DICA

Lembre-se de sempre usar toques suaves nos ombros ou nas mãos do explorador, tomando cuidado para não assustar ou machucar quem está sendo guiado.

- e) O guia deve andar devagar e com atenção, evitando obstáculos e garantindo que o explorador esteja seguro e confortável.
2. Depois de dar uma volta completa pelo local escolhido, é hora de trocar os papéis.
3. No final, converse com os colegas de turma sobre a experiência.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



93

Orientações

Antes de iniciar a prática, reúna a turma e explique detalhadamente as regras. Demonstre os comandos de toque que serão utilizados (virar à direita, virar à esquerda, parar, andar para frente) para que todos compreendam e se sintam seguros. Ressalte que o objetivo não é andar rápido ou fazer pegadinhas, mas cuidar do amigo e garantir uma experiência de confiança e acolhimento.

Ao final da atividade, reserve um momento para uma roda de conversa. Pergunte como foi ser guiado e guiar, o que sentiram ao explorar o espaço sem ajuda do sentido da visão e como essa experiência pode ajudar a pensar na dança, nos movimentos e na relação com o espaço ao redor.

Como ampliação, você pode sugerir trajetos mais desafiadores (respeitando a segurança) ou mesmo explorar diferentes velocidades e tipos de piso, sempre garantindo o conforto e a proteção dos estudantes.

Orientações

O espaço é um dos elementos estruturantes da linguagem da dança. O tema é essencial para o desenvolvimento de consciência corporal, autonomia no movimento e percepção do outro. Na escola, o trabalho com o espaço vai além do deslocamento físico, ele envolve também aspectos afetivos, simbólicos e expressivos que fazem parte da formação integral dos estudantes. Quando o corpo da criança se movimenta, ele ocupa, transforma e se relaciona com o espaço a sua volta, ampliando sua capacidade de expressão.

Um conceito fundamental para essa abordagem é o de **cinesfera**, desenvolvido por Rudolf Laban, artista e teórico do movimento que revolucionou os estudos da dança no século XX. Para Laban, a cinesfera é o espaço pessoal imediato ao redor do corpo, que pode ser alcançado sem que haja deslocamento do eixo corporal. Ao conhecer os limites e possibilidades desse espaço, os estudantes aprendem a se mover com mais liberdade e consciência, utilizando na prática diferentes direções, níveis, dimensões e relações espaciais.

Aproveite as imagens de grupos de dança para abordar a diversidade cultural com os estudantes, trabalhando o **TCT Multiculturalismo**.

Objeto digital

Para apoiar o trabalho com esta seção, peça aos estudantes que acessem o **infográfico clicável** disponível no Livro Digital do Estudante.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



CONHECENDO ARTE

INFOGRÁFICO
CLICÁVEL



O corpo no espaço

Você já percebeu como cada gesto que fazemos ocupa um espaço, desenha um caminho no ar e cria formas com o corpo?

Na dança, o espaço é mais do que o lugar em que estamos, ele é parte do movimento. Dançar é também explorar o espaço ao nosso redor, entre as pessoas e dentro de nós mesmos.

Quando dançamos, podemos nos mover em várias direções, ocupar muito ou pouco espaço, fazer gestos grandes ou pequenos, rápidos ou lentos.



Estudantes quilombolas ensaiando a quadrilha, dança típica das festas juninas, na quadra da Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda, Nossa Senhora do Livramento (MT), 2025.



Apresentação da quadrilha Escorrega mas Não Cai em festa junina de Campina Grande (PB), 2025.

94

Conhecendo melhor esse espaço, aprendemos a dançar com mais liberdade, atenção e consciência. Um dos pensadores que nos ajuda a entender isso é Rudolf Laban, que criou ideias importantes sobre como o corpo se movimenta. Uma delas é a cinesfera.



O que é a cinesfera?

A cinesfera é o espaço que o corpo pode ocupar quando está parado ou em movimento. É como uma bolha imaginária ao redor do corpo definida pelo limite que os movimentos dos braços, das pernas, da cabeça e do tronco podem alcançar em qualquer direção. É como se desenhássemos no ar com o corpo, criando formas e trajetórias com os movimentos.



QUEM FOI RUDOLF LABAN?

Rudolf Laban (1879-1958) foi um importante estudioso da dança que analisava como as pessoas se movem. Suas ideias ajudaram a criar um jeito novo de pensar a dança, influenciando muitos dançarinos e professores no mundo. Laban acreditava que o movimento é uma forma de expressão que nos ajuda a nos conectar com o mundo.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



Rudolf Laban com dançarinos da Ópera Estatal de Berlim em 1937.

Sz Photo/Bridgeman Images/Getty Images

Orientações

Explore as informações sobre Rudolf Laban com os estudantes. Se achar necessário, complemente dizendo que ele foi um bailarino, coreógrafo e teórico do movimento nascido no Império Austro-Húngaro, atual Eslováquia. Ele é reconhecido como um dos maiores estudiosos da linguagem do corpo e da organização do movimento na dança. Criou o sistema Laban Movement Analysis (Análise do Movimento de Laban), desenvolvendo uma abordagem que considera os elementos corpo, espaço, movimento expressivo e ritmo.

Comente com eles que Laban defendia que todo ser humano é capaz de dançar e que o movimento expressivo é uma forma de linguagem universal. Sua proposta é especialmente relevante para a educação, pois incentiva a liberdade de movimento, a escuta do corpo e a criatividade.

Saiba mais

Para conhecer mais sobre a obra de Rudolf Laban e sua influência no ensino de dança, recomenda-se a leitura do texto *Reflexões e reflexos do Sistema Laban/Bartenieff na prática docente em dança*, de Josiane Franken. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/cenamov/article/view/36205/26340>. Acesso em: 7 set. 2025. A autora reflete sobre a constituição do perfil docente em dança com base em múltiplas referências, destacando a presença da teoria de Rudolf von Laban no Brasil.

Orientações

Trabalhar com o conceito de cinesfera ajuda os estudantes a desenvolver consciência corporal, espacialidade, criatividade e expressão na dança.

Na **atividade 1**, o objetivo é levar a turma a refletir sobre os espaços do cotidiano e sua relação com os movimentos do corpo, estimulando uma observação crítica. Antes da atividade, proponha uma conversa sobre lugares amplos e apertados e como o corpo reage a eles. Dê exemplos de como nos sentimos em elevadores, escadas, calçadas, parques, praças e na própria sala de aula. Depois, oriente a reflexão sobre as perguntas propostas e acolha as respostas dos estudantes.

Na **atividade 2**, estimula-se o reconhecimento dos limites e das possibilidades do corpo no espaço pessoal de forma lúdica e imaginativa. Leia com os estudantes cada item e explore as imagens mentais criadas pelo uso das metáforas (pincéis, escovas, redemoinho, balão). Pergunte a eles o que imaginam quando pensam nessas metáforas e peça que imaginem como essas ideias podem ser transformadas em movimento.

Selecione músicas suaves e convide os estudantes a se moverem livremente sem saírem do lugar, com os olhos fechados com base nas propostas. Peça que se afastem uns dos outros, formando uma espécie de bolha pessoal. Caso o local não comporte todos os estudantes em pé, de forma confortável, faça a atividade em turnos.

Para garantir a participação de estudantes com deficiência, adapte as propostas conforme as necessidades de cada criança. Por exemplo, para estudantes com mobilidade reduzida, estimule o uso expressivo dos braços, do tronco, dos olhos ou da cabeça como partes principais do movimento. Se a criança for cadeirante, é possível convidá-la a imaginar e desenhar trajetórias com os braços, ou até mesmo explorar a cinesfera com a cadeira parada. O importante é que todas as crianças tenham a oportunidade de experimentar uma forma própria de expressão no espaço, respeitando seus limites e potencialidades. Também é fundamental orientar a turma a atuar com empatia e respeito, promovendo um ambiente seguro, colaborativo e acolhedor.

Ao fim dos movimentos, convide os estudantes a abrir os olhos devagar. Proponha uma roda de conversa sobre a experimentação.



PENSANDO ARTE

Como usamos a cinesfera?

1. **Converse com o professor e os colegas sobre as questões a seguir.**
 - a) Que lugares você conhece que têm bastante espaço para se movimentar? **1. a) Resposta pessoal.**
 - b) Em que lugares você sente que tem pouco espaço? **1. b) Resposta pessoal.**
 - c) Como seu corpo se movimenta nesses dois tipos de lugar? **1. c) Resposta pessoal.**
 - d) Que movimentos você mais gosta de fazer quando há bastante espaço ao seu redor? **1. d) Resposta pessoal.**
2. **Para conhecer o espaço que seu corpo ocupa, fique em pé, feche os olhos e faça movimentos sem sair do lugar, imaginando as situações a seguir.**
 - a) Seus braços são pincéis que pintam o teto.
 - b) Suas pernas são escovas que desenhavam ondas no chão.
 - c) Seu tronco consegue girar como um redemoinho.
 - d) Sua cabeça sobe leve, como um balão de ar.
3. **Agora, desenhe no centro de uma folha A4 uma figura que represente seu corpo. Ao redor, desenhe setas, linhas ou formas que mostrem como você se movimentou no espaço com os braços, pernas, cabeça e tronco. Use cores diferentes para representar cada parte do corpo. Depois, responda no caderno:**
 - a) Qual parte do seu corpo mais se movimentou? **3. a) Resposta pessoal.**
 - b) Que forma seu corpo desenhava no ar? **3. b) Resposta pessoal.**
 - c) O que você sentiu ao explorar o espaço com o corpo todo? **3. c) Resposta pessoal.**



Leandro Francisco

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

96

Após a atividade, os estudantes podem desenhar o que imaginaram (o pincel, as ondas, o redemoinho, o balão), conectando corpo e imagem.

A **atividade 3** tem o objetivo de estimular a observação e a representação do espaço corporal por meio de desenho. Ofereça papel, lápis de cor e uma folha de sulfite. Os estudantes devem registrar com desenhos as trajetórias feitas com o corpo na **atividade 2**. Incentive e ajude-os a fazer as legendas das partes do corpo e das direções utilizadas.

Ao final, recolha os desenhos e guarde a cinesfera da turma.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR09 Os exercícios de explorar a cinesfera, movimentando braços, pernas, tronco e cabeça como pincéis, escovas ou redemoinhos, estimulam os estudantes a compreender a integração entre partes e o todo corporal no movimento dançado.



Fotografia sequencial

Fotografar um corpo em movimento pode ser muito difícil. Se houver um atraso no clique da câmera, pronto, já é tarde demais. A fotografia sequencial é uma forma rápida de registrar várias vezes um mesmo movimento.

Sequência de registro de câmera fotográfica de garoto pulando em rio. Foto de 2022.



timh/Shutterstock.com

Para que as fotografias fiquem boas, é importante que a câmera registre as imagens com rapidez e que o ambiente esteja bem iluminado. Se o lugar estiver escuro ou a pessoa se mexer depressa e a câmera for lenta, a imagem pode sair borrada. Também é fundamental segurar com firmeza a câmera para que todas as imagens saiam parecidas e o corpo da pessoa fique bem no centro delas.

Durante a etapa de edição, as imagens podem ser organizadas em linha (uma do lado da outra) ou sobrepostas. Podem ainda ser animadas digitalmente, de modo a mostrar em uma única imagem o movimento completo.

Pense na dificuldade de registrar uma apresentação de dança, com muitos movimentos diferentes. Em um piscar de olhos, perde-se algum detalhe da coreografia. Com a fotografia sequencial, podemos ver como o corpo vai se mexendo aos poucos, quase como se fosse um passo a passo do movimento.

Na dança, a fotografia sequencial é muito útil, porque permite analisar como o corpo muda de posição, estudar os passos e compreender melhor como cada movimento começa, se desenvolve e termina.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

97

Orientações

Para trabalhar com o tema fotografia sequencial, proponha uma conversa com os estudantes sobre como podemos registrar os movimentos. Incentive a observação das imagens e faça as seguintes perguntas: “O que aconteceu primeiro?”; “Como o corpo se moveu?”. Em seguida, relacione essas imagens com os movimentos corporais explorados em sala de aula, reforçando que cada gesto tem começo, meio e fim. Essa observação ajuda os estudantes a perceber a forma e a intenção de cada ação corporal.

Atividade complementar

Organize uma atividade prática em que os estudantes criem pequenas sequências de movimento, com pulos, giros ou passos de uma coreografia trabalhada anteriormente. Divida a turma em grupos e se responsabilize pelos registros dos movimentos de dança dos participantes com uma câmera, que pode ser a do celular. Após a captura das imagens, monte uma sequência visual com os estudantes, colando as fotos em cartazes ou fazendo slides. Além de estimular a criatividade e a expressão corporal, essa proposta amplia o olhar sobre o uso da tecnologia como ferramenta artística e de investigação do movimento.

Sobre a avaliação

Ao propor as atividades práticas, estabeleça uma rotina de criação de registros no caderno ou em outro local, como uma pasta física ou virtual, para a formação de um **portfólio** que poderá servir de instrumento avaliativo no decorrer do ano letivo. O portfólio é uma ferramenta útil para que você acompanhe o desenvolvimento de habilidades e competências dos estudantes. Você pode criar também um **diário de bordo** e fazer anotações sobre os estudantes com mais dificuldade e sobre aqueles que têm mais facilidade.

Orientações

Ao trabalhar o conteúdo apresentado, é importante destacar que coreografar é organizar movimentos de forma intencional para criar uma dança. A coreografia pode ser simples ou complexa, mas sempre envolve escolhas sobre o espaço, o tempo, a direção e a qualidade dos movimentos. Ao explorarem processos de criação e composição, os estudantes ampliam sua capacidade de expressão e interpretação artística. O objetivo aqui é apresentar a ideia de que dançar não é apenas se movimentar livremente, mas planejar, criar e construir algo significativo por meio do corpo.

Explique às crianças que o fazer artístico é também uma forma de trabalho e que existem profissionais que atuam com dança, como bailarinos, coreógrafos, cenógrafos, figurinistas, iluminadores e produtores culturais. Essa abordagem ajuda a ampliar a compreensão sobre o mundo do trabalho e mostra que, assim como outras profissões, a arte envolve estudo, dedicação e organização para que os espetáculos aconteçam, valorizando o esforço coletivo e as diferentes funções que tornam possível uma apresentação artística.

O conteúdo desenvolvido nesta seção sobre o trabalho do coreógrafo dialoga com o TCT **Economia**.

Objeto digital

Para apoiar o trabalho com esta seção, peça aos estudantes que acessem o **infográfico clicável** disponível no Livro Digital do Estudante.

Saiba mais

Se possível, assista com a turma a algumas apresentações de dança, para que possam perceber como os movimentos dos dançarinos estão organizados e como a falta de organização afeta o resultado. Algumas sugestões: Baiana, de Barbatuques, por Galen Hooks Choreography (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nvld-GrNt5Y>) e Floresta encantada, por Cia de Dança Liberty, na 21ª Unesc em Dança (disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fG5BV_BDFWY). Acessos em: 28 abr. 2025.

CONHECENDO MAIS ARTE

A coreografia no espaço

Quando nos movimentamos dentro de nossa cinesfera, estamos descobrindo formas de expressão com o corpo. Cada gesto pode mostrar um sentimento, uma imagem ou uma ideia. Ao organizar esses movimentos com alguma intenção, em uma sequência pensada, podemos criar uma coreografia.

Fazer uma coreografia é como contar uma história com o corpo, e para que essa história funcione é preciso pensar nos movimentos, no ritmo e no espaço em que tudo isso vai acontecer.

Esse é um trabalho fundamental dentro da dança, e o coreógrafo é o responsável por ele. Esse profissional observa o espaço, pensa nos movimentos dos dançarinos e organiza tudo para que a dança aconteça da forma planejada, escolhendo como cada dançarino vai se mover, onde, quando e de que maneira.



Daniel Derezek/Fotarena

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

DA EDITORA DO BRASIL

Companhia de balé do Teatro Guaíra para apresentação do balé *Romeu e Julieta*, em Curitiba (PR), 2015.

98

Maleta de artista

Pina Bausch desenvolveu um método muito singular de trabalhar em grupo, tirando máximo proveito das histórias de cada um dos bailarinos que integravam sua companhia de dança. Ela fazia perguntas abertas a eles, de maneira que pudessem refletir sobre assuntos essenciais da vida, como:

- O que move você?
- O que faz você feliz?
- O que lhe dá medo?

Para ela, mais importante do que a técnica da dança eram as experiências de vida das pessoas. Em suas coreografias, Pina Bausch explorava histórias comuns, mas profundamente complexas, tendo como temas o amor, o medo, as perdas, a solidão e tudo mais que constitui as relações humanas.

Conhecendo as trajetórias de vida de seus bailarinos, Pina Bausch construía suas coreografias e, assim, os movimentos da dança ganhavam forma.

QUEM FOI PINA BAUSCH?

Pina Bausch (1940-2009) nasceu na Alemanha e seu nome artístico é uma abreviação de Philippina, seu primeiro nome. Ela foi uma das mais importantes coreógrafas, bailarinas e diretoras de dança dos últimos tempos.

A artista criou a dança-teatro (ou *Tanztheater*), um jeito de misturar dança, teatro, música, cenários e outros elementos, explorando as emoções humanas.



Pina Bausch em 2008.

Heming Kaiser/DDP Images/AFP

Orientações

Comente com a turma que o método de Pina Bausch priorizava a escuta do corpo e das emoções. Por meio das respostas corporais e verbais, a artista construía o material coreográfico. Esse processo valorizava a individualidade dos intérpretes, fortalecendo o sentido de coletividade e autenticidade em cena. Ao trabalhar o tema em sala de aula, incentive o olhar para o gesto cotidiano, a improvisação e a expressão de sentimentos por meio da dança, inspirando-se nessa abordagem para guiar as propostas de forma conectada com o universo dos estudantes.

Oriente a turma a fazer a pergunta do boxe **Pergunta em casa** com curiosidade, buscando escutar com atenção a resposta do entrevistado – pode ser um familiar, amigo ou alguém com quem convivem. Ao pedir que registrem a resposta relatada, trabalha-se a escuta sensível, aproximando os conteúdos trabalhados em sala de aula das experiências das pessoas que fazem parte da vida do estudante. O compartilhamento desses registros na aula seguinte fortalece o vínculo entre a escola e a cultura vivida fora dela, aproximando os universos pelos quais o estudante transita.

PERGUNTA EM CASA

Converse com uma pessoa próxima a você, que pode ser da família ou alguém com quem você convive, e compartilhe o que estudou sobre dança nesta unidade. Depois, faça a ela esta pergunta.

- Como você acha que um espetáculo de dança é planejado?

Ouçá com atenção e anote a resposta no caderno para compartilhar com a turma na próxima aula.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

99

Atividade complementar

Reúna os estudantes em roda e retome com eles as perguntas que Pina Bausch fazia aos bailarinos para conhecer seus sentimentos e inspirações:

- O que faz você feliz?
- O que deixa você triste?
- O que lhe dá medo?

Divida a turma em pequenos grupos e entregue as perguntas impressas em cartões. Cada estudante deve responder oralmente dentro do grupo, ouvindo também

a resposta dos colegas. Oriente-os a respeitar e valorizar as respostas uns dos outros.

Em seguida, reúna os grupos e peça a cada integrante que escolha uma resposta para compartilhar com a turma. Em seguida, esse estudante deve criar um movimento corporal que represente a resposta.

Para finalizar, converse com a turma sobre como a dança e a arte podem expressar emoções e experiências de vida.

Orientações

Apresente aos estudantes a artista Pina Bausch e comente que ela revolucionou a dança ao integrar o teatro em suas criações, originando o que hoje chamamos de dança-teatro. Ao trabalhar com improvisação e dar voz ativa aos intérpretes na construção das coreografias, Pina rompeu com a estética tradicional do balé e da dança moderna, criando espetáculos de grande impacto emocional e visual, que continuam a influenciar artistas de várias áreas.

Saiba mais

Para aprofundar o conhecimento sobre a trajetória da artista e seu método de trabalho, recomenda-se assistir ao documentário *Pina* (2011), dirigido por Wim Wenders (*trailer* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FgbhSfFOOXo>. Acesso em: 9 ago. 2025). O filme apresenta cenas de coreografias emblemáticas, como *Café Müller* e *Vollmond*, e traz depoimentos dos bailarinos da companhia de Pina, oferecendo uma visão mais completa de sua obra.

Expressão de artista

Ao longo do tempo, muitos coreógrafos e coreógrafas criaram formas únicas de usar o corpo e o espaço para se expressar. Uma dessas artistas é Pina Bausch, que desenvolveu um trabalho que transformou a dança em uma mistura de movimento, emoção e poesia. Ela gostava de misturar movimentos com gestos do dia a dia, expressões do rosto e até objetos no palco.

Pina usava o espaço de um jeito muito especial. Suas coreografias não aconteciam só no centro do palco. Os dançarinos se moviam por todos os lados, às vezes em grupos, outras vezes sozinhos, criando cenas que pareciam sonhos, lembranças ou sentimentos dançados.



Pina Bausch se apresentando em Essen, na Alemanha, 1971.



Apresentação do espetáculo *Água*, de Pina Bausch, em Paris, na França, 2008.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

100

A artista também gostava de usar elementos cênicos incomuns para a dança, como cadeiras, flores, água e até terra. Esses elementos ajudavam a transformar o espaço da dança e a contar histórias sem palavras.

Para Pina, dançar era uma forma de mostrar o que sentimos por dentro, usando o corpo e o espaço como uma tela de pintura.



Nathalie Vu-Dinh/Hans Lucidus/FP

Apresentação de *Barba Azul*, coreografado por Pina Bausch, em Paris, na França, 2022.



robble jack/Corbis/Getty Images

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

Apresentação do espetáculo *Café*, de Pina Bausch, em Londres, na Inglaterra, 2008.

101

Orientações

Antes de iniciar a atividade, crie um ambiente acolhedor e seguro para a turma, reforçando que o objetivo da proposta não é buscar movimentos perfeitos ou bonitos, mas expressões autênticas e pessoais, como fazia Pina Bausch. Converse brevemente com a turma sobre o papel da inspiração emocional no processo criativo e lembre a atividade que fizeram na seção **Aquecendo**, na qual exploraram a cinesfera, posteriormente conceitualizada na seção **Pensando arte**. Incentive a participação de todos, respeitando o tempo de reflexão e criação de cada um.

Durante o desenvolvimento da atividade, conduza cada etapa com calma. Primeiro, faça a pergunta-chave (“O que faz seus olhos brilhar?”) e dê alguns minutos para que todos possam pensar. As respostas dos estudantes podem ser simples, com exemplos concretos como: um bolo de chocolate, meu gato, brincar, dormir até tarde, etc. Ou podem aparecer respostas complexas, com exemplos abstratos: a amizade, o amor da minha família, o cheiro minha comida favorita, etc. Estimule a variedade de respostas, sem forçar interpretações complexas. Depois, ajude os estudantes a traduzir as próprias ideias em movimentos. Pergunte-lhes como seria “deslizar como a felicidade”, “saltar como um bolo de chocolate”, “abraçar como o cheiro da comida favorita”, etc. Circule pela sala, oferecendo sugestões individuais para enriquecer os movimentos dos estudantes.

Desenvolvimento a BNCC

EF15AR11 A proposta de experimentações coreográficas, inspirada no método de Pina Bausch, incentiva a criação e improvisação individual e coletiva, valorizando expressividade, estrutura e dinamismo do movimento.

FAZENDO ARTE

Experimentações coreográficas

Seguindo como inspiração o método de Pina Bausch, que utiliza perguntas como ponto de partida para suas coreografias, você vai experimentar criar movimentos inspirados nas coisas que são mais importantes para você. Leia as orientações a seguir.

1. Leia a questão a seguir, reflita e responda:
 - O que faz seus olhos brilhar? **1. Resposta pessoal.**
2. Escreva em uma folha A4 sua resposta e faça um desenho que a simbolize, para ter um registro da ideia principal.



Leandro Francisco

3. Com base em sua resposta à pergunta da **atividade 1**, reflita:

- Como eu dançaria isso? Que movimentos se assemelham à minha ideia? Com que parte do corpo? Com que ritmo? No chão ou de pé?

1. Respostas pessoais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

102

4. Ensaie seus movimentos individualmente, testando cada um deles várias vezes até se sentir pronto. Não tenha medo de errar ou fazer algo estranho. Lembre-se do que a dança é um caminho para o corpo se expressar.



Ilustrações: Leandro Francisca

5. Quando você e os colegas estiverem prontos, com a ajuda do professor, organize uma sequência para que todos apresentem seus movimentos. A ideia é que essa sequência seja praticada várias vezes, para que todos memorizem com o corpo os movimentos inventados.
6. Reúna com os colegas todas as respostas e os desenhos da turma para criar um livro dos elementos que faça brilhar os olhos de todos que o virem!



**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

Orientações

Na fase final, organize a apresentação coletiva: os estudantes devem se apresentar um de cada vez, mas em uma sequência contínua, um após o outro. Você pode dar um sinal (como uma palma) para indicar quando cada um inicia seu movimento e formar uma fila ordenada para a apresentação. Repita a sequência algumas vezes, para que o grupo memorize e perceba a coreografia coletiva formada com base nas expressões individuais. Ao final, reserve um momento para conversar com a turma sobre a experiência, destacando a coragem de criar e compartilhar algo pessoal por meio da dança.

Os textos e desenhos reunidos poderão ser revisitados no final do ano letivo, como retomada dos conteúdos.

Orientações

Na seção **Nesta unidade, vimos**, com os estudantes, organize a sala de aula afastando as carteiras, de modo a abrir espaço para autoavaliação, e convide a turma para formar um círculo ou semicírculo.

As perguntas são importantes para conhecer os interesses, as preferências e as dificuldades dos estudantes acerca dos processos de criação em dança. Mostre-se aberto às experimentações corporais, testando com eles, repetindo diversas vezes e, sobretudo, enfatizando que criar em arte (e na dança) requer que estejamos abertos aos erros, ao sentimento de fazer “feio”, de fazer “errado”, superando nossas vergonhas e dificuldades. Esses aspectos devem ser encarados com leveza, pois fazem parte de qualquer processo de criação.

A seguir, são apresentadas algumas possibilidades de encaminhamento para as questões apresentadas nesta seção.

Na **atividade 1**, promova uma conversa com os estudantes para que eles possam compartilhar o que acharam da atividade de expressão corporal e de exploração do espaço. Espera-se que eles tenham vivenciado uma relação de confiança e escuta com o colega, percebendo como o corpo do outro pode influenciar os próprios movimentos. A atividade ajuda a desenvolver a percepção espacial e o cuidado com o outro. Comente com eles como observou a colaboração mútua entre as duplas e incentive conversas sobre as sensações provocadas por guiar ou ser guiado.

Na **atividade 2**, espere que os estudantes tenham experimentado transformar sentimentos, lembranças ou preferências pessoais em gestos e movimentos. Mesmo que nem todos consigam se expressar com facilidade, o importante é valorizar o esforço criativo e a conexão entre emoção e corpo. Reforce que não há certo nem errado na dança e que o mais importante é a autenticidade da expressão.

Na **atividade 3**, espera-se que os estudantes tenham tido uma experiência positiva com as duas propostas de atividade prática. O objetivo é que eles reflitam sobre seus desafios individuais e percebam que cada corpo tem suas facilidades e limitações. Alguns podem achar fácil criar movimentos, enquanto outros podem ter mais facilidade com a repetição ou observação dos colegas. O diálogo sobre isso fortalece a autoestima corporal e a compreensão do processo criativo. Aproveite para registrar as dificuldades e

facilidades de cada estudante, para que as próximas produções de atividade levem esses itens em consideração.

Na **atividade 4**, espera-se que os estudantes tenham prestado atenção nas criações dos colegas e que isso tenha gerado inspiração, curiosidade e troca. A observação do outro faz parte da aprendizagem da dança. Retome com eles a importância do respeito pelas diferenças e destaque como cada proposta corporal traz algo único para o grupo.

NESTA UNIDADE, VIMOS

- O corpo se relaciona com o espaço ao redor.
- Na dança, o espaço também faz parte do movimento.
- A cinesfera, conceito criado por Rudolf Laban, é o espaço que o corpo alcança quando está parado ou em movimento, é como uma bolha imaginária ao redor do corpo.
- A coreografia apresenta movimentos criados e organizados com alguma intenção, contando uma história com o corpo.
- O coreógrafo é o profissional responsável pela criação das coreografias.
- Pina Bausch foi uma artista e coreógrafa importante para a dança, que usava cenários inusitados e que baseava suas obras em histórias e emoções da vida comum.

Para finalizar, responda:

1. Como foi a experiência de guiar e ser guiado pelo espaço? **1. Resposta pessoal.**
2. Você conseguiu transpor suas ideias para o corpo, seguindo a inspiração do método de Pina Bausch? **2. Resposta pessoal.**
3. Quais foram as partes mais fáceis e as mais difíceis dessas propostas de atividade? **3. Resposta pessoal.**
4. O que você aprendeu vendo os colegas dançar? **4. Resposta pessoal.**

PARA IR MAIS LONGE



VISITA GUIADA

- Em seu bairro ou município existem companhias de dança? Se possível, faça com seus familiares uma visita a um estúdio de uma companhia de dança ou assista a um espetáculo. Registre o que achar mais interessante e compartilhe com os colegas da turma.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

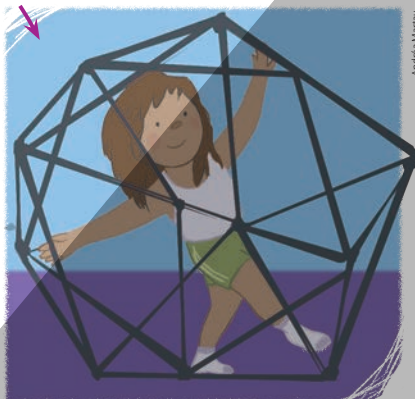
104

Copie o mapa mental no caderno e complete-o com os desenhos que faltam.

O corpo e o espaço



Cinesfera



Coreografia



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
Pina Bausch
DA EDITORA DO BRASIL

Dança das emoções

105

Orientações

Promova a leitura coletiva da seção **Mapa da arte** como uma forma de retomar os conteúdos da unidade, esclarecer dúvidas e acolher sugestões dos estudantes para as próximas aulas. Apresente o mapa mental como um recurso visual que ajuda a organizar as ideias de forma conectada, permitindo revisar conceitos, termos e relações abordadas ao longo da unidade.

Oriente a turma a construir, em grupo, uma nova versão do mapa mental em outro suporte, como uma cartolina, papel Kraft ou folha de *flip chart* ou no próprio caderno. Para isso, disponibilize materiais variados – lápis de cor, canetinhas, gizes, tintas – e incentive os estudantes a reelaborar os conteúdos apresentados, reorganizando os elementos e acrescentando novas ideias, palavras-chave e/ou desenhos que façam sentido para o grupo e que reflitam a experiência de todos com o conteúdo da unidade.

Essa proposta estimula a aprendizagem ativa, a negociação de significados e o trabalho coletivo, promovendo um momento de síntese e criação artística. Durante a atividade, incentive o diálogo sobre as escolhas feitas pelo grupo, os caminhos percorridos na aprendizagem e as conexões entre os diferentes conteúdos da unidade.

Após a elaboração do novo mapa, reserve um momento para socialização. Os grupos podem apresentar seus mapas à turma, explicando o que decidiram destacar e por quê. Comente as relações entre os elementos criados, destacando como cada mapa expressa de forma única a compreensão coletiva dos conteúdos.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR12 As questões finais da unidade convidam os estudantes a refletir sobre as vivências de guiar, ser guiado e criar coreografias, promovendo a troca de experiências pessoais e coletivas com respeito e abertura para diferentes repertórios.

Sobre a avaliação

As seções **Fazendo arte**, **Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte** são destinadas a uma etapa de **avaliação formativa e somativa** dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante os estudos. Elas são formativas por terem a função de sustentação dos percursos de aprendizagem e de ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados no componente Arte. São somativas por sistematizarem processos individuais, coletivos, de natureza conceitual e

prática. É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas ou conceitos e exercitar com o estudante a reflexão continuada de seus processos. Nessa etapa, é importante celebrar a criatividade, a colaboração, o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária. Essas seções finais são destinadas ainda à **autoavaliação** dos estudantes e a uma avaliação dos conhecimentos adquiridos após a unidade.

Objetivos da unidade

- Incentivar que os estudantes identifiquem teatralidades diversas presentes no cotidiano, incluindo as manifestações tradicionais locais em seus contextos.
- Apresentar um breve histórico do teatro de rua e grupos relevantes no cenário nacional, além de artistas populares.
- Conhecer e experimentar algumas características do teatro de rua: o trabalho de presença dilatada dos atores, o uso de máscaras, de bonecos, de figuras ampliadas e expansões corporais, a presença da música com instrumentos e o canto ao vivo, o cortejo, a arena, a apropriação de espaços específicos da cidade e a relação direta com o público.
- Traçar relações entre circo e teatro de rua, a característica mambembe dos artistas de rua e circenses e a presença do cômico nas duas formas de artes da cena.
- Estimular o debate sobre experiências intergeracionais de recepção cênica e inclusão: espetáculos para todas as idades, espetáculos de teatro de rua voltados para as infâncias e inclusão de pessoas com deficiência nas plateias.
- Elaborar e experimentar, por meio da criação coletiva, das experimentações com músicas e movimentos e do desenvolvimento de elementos cênicos (adereços, figurinos, maquiagem, estandarte), um cortejo teatral de rua.

Dicas de organização

- Nas propostas que envolvem experimentação e criação artística, oriente os estudantes para providenciar com antecedência roupas confortáveis para que possam executar os movimentos livremente.
- Providencie um espaço adequado para as experimentações. O ideal é utilizar um local amplo, como o pátio ou a quadra.
- Durante as discussões, lembre sempre a turma de manter uma escuta ativa e respeitosa quando os colegas tiverem a palavra. Dê preferência pela organização da sala em círculo ou semicírculo.

UNIDADE

7

TEATRO DE RUA É PARA TODO MUNDO?



Apresentação do Grupo Tá na Rua durante inauguração da Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro (RJ), 2011.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

106

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 3, 4, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3 e 5.

Competências específicas de Arte: 1, 3, 4, 8 e 9.

Habilidades: EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR23, EF15AR24 e EF15AR25.

Os **Temas Contemporâneos Transversais (TCTs)** abordados nesta unidade são **Multiculturalismo e Cidadania e Civismo**.



1. Você já assistiu a algum espetáculo ou apresentação de artistas na rua?
2. Você acha que o teatro pode acontecer em que lugares?
3. Observe as duas imagens. Quem são os espectadores? Há pessoas de idades diversas assistindo às apresentações?

João Prudente/Pulsar Imagens



Público organizado em roda assiste à apresentação do Bloco do Circo no Carnaval de Barão Geraldo, em Campinas (SP), 2025.

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- Perceber que as teatralidades estão em diversos espaços do cotidiano.
- Identificar e experimentar algumas características do teatro de rua.
- Conhecer grupos de teatro e artistas que trabalham com teatro de rua no Brasil.
- Explorar o fazer teatral em espaços da escola que não sejam a sala de aula.
- Criar um cortejo teatral e brincar disso com a turma.

107

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. Dê tempo e espaço para que cada estudante possa desenvolver sua resposta. Não há certo nem errado. Deixe que eles narrem as experiências que julgam próximas ou vinculadas às concepções de teatro que já tenham. Se mencionarem *shows* musicais, espetáculos de dança ou mesmo de mágica, por exemplo, incentive-os a pensar nos artistas de rua, em como é se apresentar na rua. Caso a turma não responda por algum motivo, auxilie trazendo algum exemplo que você conheça no município, bairro ou comunidade.
2. As respostas podem mencionar espaços que não são teatros, mas fazem parte dos vínculos comunitários dos estudantes: igrejas e outras casas de religião, clubes,

salões ou associações de bairro, projetos sociais, etc. O importante é que se chegue à conclusão de que o teatro pode acontecer em lugares diversos, e não necessariamente em uma sala de espetáculos.

3. Espera-se que os estudantes digam que há pessoas de diversas idades assistindo às apresentações. Pergunte à turma ao que eles assistem (mesmo que sejam programas televisivos, vídeos, desenhos animados, filmes, etc.) e se os adultos compartilham com eles esses momentos; ou seja, a que eles e os familiares assistem juntos. A percepção da possibilidade da fruição coletiva intergeracional de produtos culturais é um ponto a ser desenvolvido.

Orientações

Prepare a sala de aula para uma discussão oral e coletiva, organizando os estudantes em círculo ou semicírculo. Promova a leitura das imagens, utilizando como ponto de partida os questionamentos oferecidos pelo livro. É possível acrescentar, se for o caso, outras questões que julgar necessárias para contextualizar o tema ou aproximá-lo do mundo dos estudantes. Incentive a turma a se manifestar com a promoção de um ambiente acolhedor para essa conversa inicial. Estimule uma escuta ativa e empática e acolha todas as respostas com interesse, aproveitando as oportunidades de ampliação do tema que surgirem.

É importante nesta conversa inicial instigar os estudantes a identificar situações de teatralidade no cotidiano, como em cultos religiosos de que participam, nos espaços coletivos como festas e quermesses, nas feiras e nas ruas das cidades. A teatralidade aqui é entendida como modos extracotidianos de uso da voz e do corpo que chamem a atenção dos espectadores, ou seja, que fujam daquilo que seria o cotidiano, que alcancem as pessoas sensorialmente.

Sobre a avaliação

A abertura e a seção **Aquecendo** apresentam elementos que permitem o exercício da **avaliação diagnóstica**. Essa avaliação tem como objetivo mapear o que os estudantes já construíram como repertório próprio de conhecimento, suas dúvidas, seus interesses e suas fragilidades. Dessa forma, você pode direcionar o trabalho com o conteúdo subsequente da unidade, buscando contemplar características individuais de cada um deles. Na abertura, a avaliação diagnóstica se dá com base na apreciação e na análise comparativa entre as duas imagens apresentadas. A descrição dos elementos das imagens, de seu conteúdo lúdico, estético ou poético, e a reflexão do papel da criança e da cultura da infância permitem observar o desenvolvimento de cada estudante em sua individualidade. Na seção seguinte, **Aquecendo**, a avaliação diagnóstica ocorre por meio de atividades práticas de sensibilização e exploração do corpo e da ludicidade. Assim, é possível identificar o conhecimento prático da criança e suas disposições atitudinais no que diz respeito à participação em atividades coletivas e de criação.

Orientações

Esta proposta tanto pode ser desenvolvida em duas ou três sessões quanto pode ser condensada em um turno. O tempo de exploração dos locais é a peça-chave para que sua realização seja significativa.

Na primeira sessão, proponha um passeio de observação dos espaços físicos da escola fora da sala de aula e/ou do ambiente em que as aulas de teatro acontecem. Incentive os estudantes a serem “pequenos exploradores”, investigando cada canto da escola, cada possibilidade de espaço em que eles se imaginam no jogo teatral ou em uma cena. Incentive o olhar deles, mostrando espaços específicos e afirmando que ali poderia acontecer algo interessante, como uma cena ou uma brincadeira. Faça os “pequenos exploradores” levarem os cadernos e anotarem os espaços que julgarem mais interessantes. Após a exploração, peça a eles que formem grupos e que juntem as listas, comparem e escolham um lugar para improvisar.

Você pode fotografar esses espaços com o celular e separar os grupos de acordo com as preferências de cada um (máximo de três ou quatro grupos). Se possível, peça a outro professor ou algum auxiliar que acompanhe a atividade e as próximas sessões, já que haverá crianças trabalhando em espaços distintos da escola.

Na segunda sessão, é o tempo de exploração física dos espaços que estão no centro do desenvolvimento do trabalho. Incentive cada grupo a explorar e ocupar o espaço corporalmente, testando várias possibilidades de ser e estar ali. Brincando e outros, explorar os planos (alto, médio e baixo) e os deslocamentos possíveis são algumas ideias para que os estudantes possam fazer os testes. A orientação pode ser: “Ocupem o espaço escolhido do maior número de formas possíveis com o corpo de vocês”. Após esse tempo de exploração e investigação do corpo no espaço, dê a orientação para a realização de uma improvisação, auxiliando cada grupo a definir os três elementos básicos da improvisação: quem, onde e o quê. Após essa definição, deixe os estudantes à vontade para brincar e explorar a improvisação por algum tempo, lembrando-lhes que precisam definir começo, desenvolvimento e final.



AQUECENDO

Teatro fora da sala de aula

1. Você vai realizar uma expedição teatral para visitar espaços externos à sala de aula. Leia as orientações.

- Explore os espaços e as dependências da escola e faça um levantamento dos lugares que poderiam ser usados para criar uma cena teatral.
- Faça uma lista escrita de sua pesquisa nomeando os espaços.

2. Após explorar os espaços da escola, você vai passar a ocupá-los com o corpo.

- Forme um grupo com mais quatro colegas e escolha um espaço que você e seu grupo exploraram.
- Cada grupo da turma vai explorar o espaço que escolheu. Para isso, vocês podem brincar, dançar, pensar em possibilidades criativas de ocupar esse espaço.
- Teste todas as possibilidades. Como é se movimentar nesse espaço? Existe algum objeto nele? Qual? É possível interagir com esse objeto?



DICA

Você pode explorar locais como pátio, jardim, parquinho, caixa de areia, quadra de esporte, refeitório, biblioteca, entrada, saguão, corredores, etc.



Leandro Francisco


MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

108

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR19 As propostas de improvisação em espaços da escola incentivam os estudantes a identificar teatralidades em gestos, entonações e situações cotidianas, transformando-as em cenas com começo, meio e fim.

EF15AR20 A criação de cenas improvisadas em grupo nos espaços da escola promove o trabalho coletivo e autoral, articulando narrativas que partem de gestos cotidianos e de elementos culturais apresentados na unidade.

3. Ainda em grupo, você vai criar uma improvisação no espaço escolhido. 

- a) Primeiro, pense em que cena poderia acontecer ali: quais são os personagens? Em que lugar eles estão? O que acontece com eles?
- b) Com o grupo, defina rapidamente quem será cada personagem e como ocupar o espaço na improvisação.
- c) Lembre-se de que a cena precisa ter começo, meio e fim.
- d) Por fim, planeje onde o público ficará e como poderá ser organizado para assistir à cena: em círculo ao redor do espaço, na frente, nas laterais, etc.



DICA


Elementos da improvisação teatral:

Quem?


Personagens que realizam a ação.

Onde? Cenário, local da ação.

O quê? A situação, a ação que se desenvolve, aquilo que acontece em cena.

4. Com os colegas de grupo, apresente a cena para a turma. Aprecie com atenção e respeito as apresentações dos demais grupos. 



5. Converse com os colegas e o professor sobre a experiência. Para isso, forme uma roda em que todos possam se manifestar e escutar os colegas. A seguir, são apresentadas algumas questões que podem incentivar o bate-papo. 

- a) Quais foram as diferenças entre as cenas? 5. a) Resposta pessoal.
- b) Os espaços escolhidos modificaram as cenas? A mesma cena em outro espaço seria diferente? 5. b) Respostas pessoais.
- c) Como é ser espectador em cada espaço? 5. c) Resposta pessoal.
- d) Como foi a experiência de improvisar fora do lugar onde as aulas de teatro geralmente acontecem? 5. d) Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Na terceira sessão, dê um tempo para que os grupos possam retomar e reelaborar o que fizeram na aula passada. Passe em cada grupo e auxilie os estudantes a se organizarem e a definirem qual será o local que deverá ser ocupado pelo público (outras crianças e professores e/ou auxiliares envolvidos). Em seguida, estabeleça a ordem das apresentações das cenas.

Depois das apresentações, organize uma roda de conversa tendo as perguntas da **atividade 5** como condutoras do debate. Deixe os estudantes se expressarem sobre suas dificuldades e seus êxitos. Incentive a escuta e a crítica colaborativa ao comentar os trabalhos dos outros colegas.

Sobre a avaliação

A seção **Aquecendo** tem por objetivo iniciar o trabalho com a unidade por meio de uma atividade prática, que envolve a sensibilização por meio da experimentação, com o intuito de suscitar maior engajamento com o restante do conteúdo. A proposta de atividade prática é essencial para diagnosticar como os estudantes jogam em espaços diversos e abertos, como corporificam o jogo teatral fora da sala de aula ou de espaços fechados. Entender o teatro de rua passa pela experiência de jogar/brincar/atuar e ser espectador fora de salas de espetáculo. Ao perceber como a turma e cada estudante se coloca na proposta, você pode dar prosseguimento aos conteúdos da unidade, investindo em realizar outras propostas de jogos e brincadeiras que envolvam corpo e voz em espaços abertos.

Saiba mais

Para ampliar o conhecimento sobre propostas práticas de jogos teatrais, dramáticos e de improvisações que podem ser realizados em espaços múltiplos, recomenda-se a leitura de: SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais na sala de aula*: um manual para o professor. Tradução: Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2007. 321 p.

Orientações

Inicie esta seção contando aos estudantes que o teatro sempre esteve nas ruas e em espaços abertos. As primeiras manifestações teatrais da humanidade eram cantos, danças e a personificação de animais, realizadas com figurinos de peles de animais de caça ainda na Pré-História. Na Grécia antiga, as procissões em honra ao deus Dionísio eram realizadas em cortejos pelas ruas, com as pessoas cantando, dançando, tocando instrumentos como flautas e liras, ornamentadas com folhas de parreiras. Eram procissões festivas e alegres, como o Carnaval no Brasil, e os participantes se colocavam com o corpo e a voz diferentemente do que faziam no dia a dia, como acontece com o teatro.

É importante frisar que os artistas de rua, para que chamem a atenção dos transeuntes, precisam usar recursos cênicos expressivos e formais específicos. Para que o espectador de rua pare e assista à apresentação, ele deve ser “capturado” pelo que está presenciando.

Observe com os estudantes as imagens dos espetáculos *A desconhecida lenda de Maculelê* e *O amargo santo da purificação* e peça que identifiquem os figurinos, como são suas cores e formas, as máscaras, as maquiagens. Pergunte-lhes: “Esses elementos chamam a atenção?”; “Se vocês estivessem passando pela rua, parariam para assistir a essas apresentações?”. Aponte os diferentes elementos presentes nas cenas: instrumentos musicais, bonecos, uma atriz em nível mais elevado, o movimento que é perceptível pelas expressões exageradas ou pelos movimentos dos atores, etc.

Ao apresentar um percurso que atravessa manifestações e expressões culturais e artísticas distintas como o teatro de rua, as brincadeiras de boi, o Carnaval e a *commedia dell'arte*, a seção oportuniza um trabalho amplo com o TCT **Multiculturalismo**.

Objeto digital

Para ampliar o repertório sobre teatro de rua, peça aos estudantes que acessem o **infográfico clicável**, disponível no Livro Digital do Estudante.

TCT

110

CONHECENDO ARTE

Teatro de rua para todos os públicos

O teatro de rua é uma manifestação muito antiga. Ela é tão antiga quanto o próprio teatro, pois as pessoas começaram a fazer teatro nas ruas durante as festas e as **procissões**.

Há muitas formas de se fazer teatro de rua, como mostram os artistas que se apresentam em parques e praças e aqueles que usam lugares específicos da cidade para fazer seus espetáculos.

As teatralidades, porém, não estão presentes apenas nos espetáculos. Elas fazem parte do cotidiano e estão presentes no uso do corpo, da voz, dos gestos e dos movimentos que alguém faz para se expressar e se comunicar com as pessoas, como no caso de um feirante que usa o corpo e a voz para vender frutas e verduras. Quando executadas de forma exagerada ou diferente daquelas a que estamos acostumados, essas ações podem ter traços teatrais.



Roberts Chaves/Pulsar Imagens

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Em livros e vídeos podemos observar os feirantes cantando e fazendo movimentos para chamar a atenção das pessoas. Na foto, feira em Jequié (BA), 2025.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR18 O estudo das características do teatro de rua apresenta elementos como música ao vivo, projeção de voz, uso de máscaras, bonecos e instrumentos, permitindo aos estudantes reconhecer e apreciar diferentes formas dessa manifestação teatral em contextos variados.



INFOGRÁFICO
CLICÁVEL

Procissão:

tipo de desfile coletivo, feito geralmente a pé, que pode ser religioso, cultural, cerimonial, entre outros.

Você sabe por que o teatro de rua é diferente do teatro em lugares fechados? No teatro de rua, os artistas precisam chamar a atenção das pessoas, que nem sempre estão no local para assistir a um espetáculo. Assim, para atrair o público e prender sua atenção, eles têm de atuar com muita energia e vigor. No teatro de rua, a voz tem de ser alta e clara e é comum haver muita música ao vivo e cantos corais.

Os elementos visuais que os artistas que se apresentam na rua usam costumam ser bastante chamativos: figurinos com cores alegres, máscaras e maquiagem bem marcada, bonecos gigantes, pernas de pau e elevações de nível (atores uns sobre os ombros dos outros ou sobre bancos) são muito comuns.



A *desconhecida lenda de Maculelê*, espetáculo em que cantos, danças e brincadeiras tradicionais das culturas africanas e indígenas são explorados pelo Bando de Brincantes. Apresentação do grupo na Praça do Tambor, em Porto Alegre (RS), 2025.



**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

Elementos visuais como máscara e figurino chamam a atenção na peça *O amargo santo da purificação*, do grupo de teatro Ói Nós Aqui Traveiz. Apresentação no Parque Farroupilha, em Porto Alegre (RS), 2014.

Atividade complementar

Se possível, assista com os estudantes a dois *teasers* (vídeos com resumos curtos de mais ou menos um minuto) de dois espetáculos de teatro de rua para crianças: *Puli-Pulá*, do Grupo Cerco (RS), e *A desconhecida lenda de Maculelê*, do Bando de Brincantes (RS). Ambos contam com música ao vivo e diversos dos elementos cênicos já comentados. Pergunte aos estudantes se eles gostariam de assistir a esses espetáculos, comente que a música é executada (tocada e cantada) ao vivo pelos atores e peça que descrevam detalhadamente o que perceberam nos *teasers* (movimentação dos atores, danças, personagens, público, espaço cênico, instrumentos, etc). Assista a cada um mais de uma vez com a turma, pois são vídeos curtos. Não deixe de salientar como a participação ativa do público está presente no *teaser* de *Puli-Pulá*, por exemplo, sendo uma característica muito presente no teatro de rua.

- *Teaser* do espetáculo *Puli-Pulá*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z8k1gcPBS1M>.
- *Teaser* do espetáculo *A desconhecida história de Maculelê*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SM7qds4YIQL>. Acessos em: 9 ago. 2025.

Saiba mais

- Sugerimos dois livros sobre teatro de rua para aprimorar seu conhecimento.
- TELLES, Narciso. *Pedagogia do teatro e o teatro de rua*. Porto Alegre: Mediação, 2008. 112 p.
 - TURLE, Licko; TRINDADE, Jussara. *Teatro de rua e espaços abertos para a cena*. Salvador: UFBA: SEAD, 2020. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/644854/2/Teatro_de_Rua_Espa%C3%A7os_Abertos.pdf. Acesso em: 9 ago. 2025.

Orientações

Apresente aos estudantes as duas manifestações culturais tradicionais do Brasil mostradas no livro: o Bumba Meu Boi ou Boi Malhado e o Carnaval. Comente que, nas duas brincadeiras tradicionais apresentadas, as crianças são protagonistas, e é isso que interessa frisar, já que queremos que a turma também crie, monte, elabore e protagonize o próprio cortejo teatral de rua.

Faça a leitura do texto sobre a *commedia dell'arte*, um gênero teatral importante tanto para a compreensão do teatro de rua e de suas características quanto para a formação contemporânea de atores.

Sugerimos que o professor assista à videoaula disponível no Canal Multicultura (Secretaria da Cultura, SP), conduzida por Carlos Eduardo Carneiro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FnvYz_c7mXg. Acesso em: 9 ago. 2025. Essa videoaula vai ampliar seus conhecimentos sobre o assunto.

Caso você queira desenvolver o conteúdo com os estudantes, sugerimos que assista ao filme *A viagem do capitão Tornado* (1990), de Ettore Scola, sobre uma trupe teatral de *commedia dell'arte*. É possível fazer uma seleção de cenas para que os estudantes assistam a elas, mostrando o cotidiano da trupe e as apresentações em praças, palácios e outros espaços.

Além dos espetáculos teatrais, as manifestações culturais tradicionais como o Carnaval e o Bumba Meu Boi, que são brincados por crianças, adultos e idosos em todas as regiões do país, também são arte de rua. E há muita teatralidade nessas manifestações: histórias e lendas tradicionais são cantadas e contadas por meio dos atores e brincantes, dos figurinos e dos elementos teatrais.



Ricardo Oliveira/Pulsar Imagens

Crianças brincando em roda com o Boi Malhado, no município de Parintins (AM), 2024.



Cesar Dutra/Pulsar Imagens

Crianças divertem-se com as máscaras criadas nas oficinas de arte em São Luiz do Itaipava, 2012.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

112

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR24 O contato com manifestações culturais como o Bumba Meu Boi e o Carnaval, apresentadas como exemplos de arte de rua, possibilita aos estudantes caracterizar e experimentar brincadeiras, narrativas e expressões de diferentes matrizes culturais.

O começo do teatro de rua na Europa

Nas feiras livres da Itália, há quase 500 anos surgiu a *commedia dell'arte*, com personagens como o empregado espertalhão, os velhos ranzinzas, os enamorados, Arlequim e Colombina.

Na *commedia dell'arte*, assim como posteriormente no circo, os atores cantavam, tocavam instrumentos, dançavam, sabiam muitos textos de cor, executavam acrobacias corporais e improvisavam com o público presente. Eram artistas populares **mambembes**. Muitos faziam o mesmo personagem por toda a vida. Como podemos observar na pintura apresentada a seguir, nos espaços das feiras, as plateias eram compostas de bebês, crianças, adultos, pessoas idosas e até animais!

Dessa forma, podemos dizer que o teatro de rua é para todos. Contudo, grupos, artistas, entidades, produtores e governos devem garantir acessibilidade para as pessoas com deficiência nos espetáculos, como intérpretes de Libras, audiodescrição para pessoas cegas ou com baixa visão, entre outros recursos.

Mambembes:

artistas que levam sua arte de um lugar a outro, geralmente em trupes e/ou grupos, apresentando seus espetáculos em feiras, praças ou nos locais adaptados que encontrarem.



Balthasar Beschey. *La commedia dell'arte*, século XVIII. Óleo sobre tela, 33 cm × 43 cm.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

113

Orientações

Ao final da seção, apresentamos a importância do teatro de rua para o acesso de todos à arte e a questão da acessibilidade como absolutamente necessária para que o teatro de rua, e qualquer produção artística, garanta efetivamente o acesso de todas as pessoas. Para tanto, recomendamos que assista ao bate-papo com o Bando de Brincantes e a Rede Internacional de Artes Inclusivas do Conselho Brasileiro de Teatro para Infâncias e Juventudes (CBTIJ), intitulado “Provocações Sensíveis: Audiotransposição Poética no Teatro – Acessibilidade com sentidos diversos”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KX72deRVtgA>. Acesso em: 9 ago. 2025.

Converse com os estudantes sobre a inclusão das pessoas com deficiência nas plateias. Se houver crianças com deficiência na turma, deixe que elas se coloquem, compartilhando suas experiências como espectadores com os colegas. Algumas perguntas podem nortear essa conversa:

1. Como é para uma criança dentro do Transtorno do Espectro Autista se relacionar com um espetáculo com sons altos e visualidades chamativas? E com a mudança do espaço físico?
2. Como é para uma criança com deficiência intelectual entender os textos da peça teatral e os argumentos? Como seria uma transposição para “língua simples”? Como o professor pode auxiliar essa criança?
3. Como pessoas com deficiência visual e pessoas surdas se relacionam com o teatro? Como é a acessibilidade para cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida aos espetáculos, sejam eles nas ruas, sejam em salas de espetáculo?

Saiba mais

Sugerimos a leitura de uma reportagem e de um artigo acadêmico e a apreciação de um breve vídeo do Museu da Pessoa em que Mestre Zenóbio fala sobre seu trabalho.

- Reportagem do Portal Lunetas. Disponível em: <https://lunetas.com.br/cordao-da-bicharada-a-fantasia-infantil-de-ser-bicho-da-floresta/>.

- Artigo “O Cordão da Bicharada: a participação de crianças na brincadeira de rua no carnaval de Juabá-Cametá/PA”, de Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida e Elizete Tenório Valente. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4103>.
- Mestre Zenóbio no Museu da Pessoa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fciQuDCAzbk>. Acessos em: 9 ago. 2025.

Orientações

Na **atividade 1**, instigue os estudantes a descrever os figurinos, reconhecer e nomear os instrumentos da foto, observar o penteado da atriz que está em primeiro plano, entender como está acontecendo o deslocamento dos atores (em fila indiana no momento da foto) e que o público está seguindo os atores, como em um movimento de procissão, em que os fiéis seguem um andor com um santo, por exemplo. Esse formato de cortejo ou parada de rua é um daqueles possíveis no teatro de rua, chamado de “teatro de invasão”.

Na **atividade 2**, incentive a observação e a descrição detalhada, para que os estudantes percebam o número de atores, onde se localiza o público que aparece na foto e imagine se há outras pessoas assistindo frontalmente (peça que se coloquem no lugar da pessoa que tirou a foto: onde ela estaria posicionada para ter feito essa foto?). Comente o figurino colorido e os adereços, a maquiagem forte, a máscara usada pelo ator e, especialmente, o tamanho da atriz. Aproveite para instigá-los a pensar em como esse recurso cênico que deixa a atriz tão alta (possivelmente, uma perna de pau) surte efeito, chamando a atenção do público para a personagem.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



PENSANDO ARTE

Formas de teatro de rua

1. Observe a imagem e responda às questões no caderno.



André Burnier/Lume Teatro

2. a) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem que observam na imagem dois atores, que podem ser identificados pelo figurino colorido, pela maquiagem carregada e pela máscara que um deles está usando, além de pessoas que assistem à encenação, que acontece em um espaço público de uma cidade grande (o que pode ser comprovado pelos prédios ao redor da cena).

Parada de rua, espetáculo do grupo Lume Teatro, em local não identificado. Foto de 2009.

1. a) Está atrás dos atores, como em uma procissão.

a) Onde está o público do espetáculo?

b) Como estão caracterizados os atores?

c) O que os atores estão fazendo? Que ação eles realizam?

1. b) Estão com figurinos e maquiagens diferentes dos do público.

1. c) Os atores estão tocando instrumentos musicais; aparentemente, tocam alguma música.

2. Observe esta outra imagem e converse com os colegas sobre ela.



Pedro Isaias Lucas

a) Descreva detalhadamente o que você observa na imagem.

b) Que elemento mais chama sua atenção e por quê?

2. b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem que o que mais chama sua atenção é o tamanho da atriz, que se destaca em relação ao ator que contracenava com ela. Explique a eles que possivelmente a atriz está usando pernas de pau ou outro recurso cênico para deixá-la agigantada.

O amargo Santo da Purificação, espetáculo do grupo Ói Nós Aqui Traveiz, 2023.

3. Nesta imagem, o público está em círculo ao redor de uma espécie de máquina, composta de várias partes. No topo dela, há um ator. Observe-a com atenção e responda às questões no caderno.



Raquel Durigon/Pernas pro Ar

Espectáculo *Automáquina – Universo deslizando*, do grupo Pernas pro Ar. Praia do Cassino, Rio Grande (RS), 2014.

4. a) *Espera-se que os estudantes mencionem que os principais personagens de um auto de Natal são Maria, José e menino Jesus.*

- a) Que tipo de sonoridade e de movimento você acha que esse espetáculo de rua poderia produzir? 3. a) *Resposta pessoal.*
- b) Solte a imaginação para inventar sons e movimentos para essa máquina usando o corpo e a voz. 3. b) *Resposta pessoal.*
4. Os autos de Natal, que acontecem desde a Idade Média em diversas partes do mundo, são uma das formas mais tradicionais de teatro de rua. Sobre esse tema, converse com os colegas com base nas perguntas apresentadas a seguir.
- a) Você sabe quais são os principais personagens de um auto de Natal?
- b) Em seu bairro ou em sua cidade, há representações de autos de Natal ou da Paixão de Cristo na Páscoa? 4. b) *Resposta pessoal.*
- c) Você já assistiu a alguma dessas apresentações? Em caso afirmativo, conte o que viu. 4. c) *Respostas pessoais.*

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

115

Sobre a avaliação

A seção **Pensando arte** é indicada como um momento de avaliação formativa. A avaliação das questões e do engajamento nas atividades práticas tem a função de inclusão dos estudantes e de regulação de suas aprendi-

zagens. Recomendamos que faça registros escritos do acompanhamento dos estudantes no **diário de bordo**, pois essas anotações oferecem fundamentação para os ajustes das estratégias de ensino.

Orientações

A **atividade 3** deve ser respondida por meio de um jogo corporal e vocal, em que os estudantes devem sugerir sons e movimentos que poderiam ser realizados pela máquina. Organize-os em roda e peça a cada um que vá ao centro e se coloque no lugar da máquina, realizando um gesto e um som.

Na **atividade 4**, incentive os estudantes a contar suas experiências com espetáculos de rua de qualquer natureza e, em seguida, conduza a conversa para o auto de Natal e as encenações da Paixão de Cristo, que são representações de carácter religioso muito comuns em todo o Brasil. Peça que descrevam o enredo, o figurino, os personagens e suas principais ações. Pergunte ainda se essas encenações ocorrem em algum ponto fixo da cidade ou do bairro ou se são realizadas em cortejo. Se eles não conhecerem, explique-lhes que são peças teatrais realizadas nas ruas desde a Idade Média e que contam as histórias sobre a vida de Jesus Cristo, central nas religiões cristãs.

Atividade complementar

Sugerimos que assista com os estudantes ao vídeo do espetáculo *A saga de Canudos*, gravado em 2001 em apresentações do espetáculo no centro de Porto Alegre (RS) e no assentamento do MST em Charqueadas (RS). Os estudantes poderão conferir detalhes dos elementos cênicos e acompanhar depoimentos dos integrantes do grupo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OXx4uew7ze8>. Acesso em: 9 ago. 2025.

Esse vídeo pode ser um ponto de partida para um trabalho interdisciplinar com a área de História e Ciências Sociais, contextualizando a Guerra de Canudos, na qual as forças da República recém-instaurada (1889) dizimaram o povoado de Canudos (BA), nas últimas duas décadas do século XIX. Antônio Conselheiro (líder espiritual e comunitário) e 20 mil sertanejos agricultores do semiárido nordestino foram mortos pelo Exército Nacional, mas não sem resistência do povoado. Esse é um capítulo de alta relevância da História do Brasil.

Orientações

Antes de começar a parte prática da atividade, reúna os estudantes em círculo e peça a cada um que apresente a ideia do rosto do personagem e descreva quem ele é, o que faz, onde vive, seus hábitos, etc. Distribua, se possível, uma folha A4 com formatos de rostos ampliados para que eles façam o desenho. Caso não exista essa possibilidade, oriente-os a desenhar primeiro o rosto, sem traços característicos do personagem.

Em seguida, eles devem partir para a caracterização dos personagens. Como deve ser a maquiagem para que o rosto fique mais próximo do personagem escolhido pelos estudantes? Oriente-os a pintar o rosto usando lápis de cor ou canetas hidrográficas. Depois, peça-lhes que façam os detalhes: como será o cabelo? Terá chapéu ou outro adereço?

Por fim, peça aos estudantes que apresentem seu desenho aos colegas da turma e que expliquem como foi o processo de criação.

Atividade complementar

Você pode propor uma atividade com pintura facial aos estudantes. Para isso, é necessário ter os materiais adequados: maquiagem ou tinta para crianças, preferencialmente hipoalergênicas, para a pintura facial. Disponha de água, panos e toalhas, pincéis e outros materiais que achar necessários.

Oriente as crianças sobre o cuidado no uso das maquiagens (que não sejam ingeridas ou que não entrem nos olhos, boca e nariz) e a limpeza dos pincéis (devem ser limpos com um pedaço de papel-toalha e higienizado a cada cor usada e lavado, com água e sabão, quando forem utilizados em outra criança).

Se a escola não tiver espelhos fixos em alguma sala ou em algum banheiro, espelhos portáteis podem ser levados para a sala de aula. Contudo, oriente as crianças sobre o risco de quebrá-los e de se machucarem. Esteja sempre presente durante o manuseio dos materiais e o uso do espelho. Quando as maquiagens estiverem ao alcance dos estudantes, incentive-os a observar bem como são os pincéis, as pontas diversas, a largura de cada um, como funciona um lápis marcador, para que manuseiem os materiais e percebam a textura das tintas, das sombras ou outras maquiagens disponíveis.

CONHECENDO MAIS ARTE

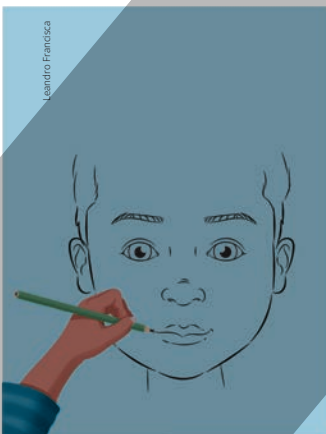
Maleta de artista

A maquiagem pode ser um recurso muito valioso para a caracterização dos atores no teatro de rua.

Você já experimentou brincar com maquiagem? Como seria uma maquiagem para o teatro de rua inventada por você?

Vamos aprender e responder a essas perguntas colocando a mão na massa!

1. Pense em que personagem você gostaria de caracterizar. Escolha um personagem que pudesse fazer parte de uma peça de teatro de rua.
2. Em uma folha A4 ou no caderno, desenhe o rosto do personagem de frente, inserindo detalhes como olhos, boca, nariz, sobrancelha, etc.
3. Em seguida, crie a maquiagem do personagem. Que tipo de personagem ele será? Que traços e cores essa maquiagem vai apresentar?
4. Desenhe também o cabelo ou pelagem (se for um animal), um chapéu, outro adereço ou um penteado específico.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

5. Quando finalizar o desenho, mostre-o aos colegas e converse com eles sobre os personagens criados.

Organize a turma em duplas, de modo que todas se enxerguem frontalmente no espelho, uma criança sentada e a outra em pé. A atividade pode ser realizada em duas etapas: metade das crianças da turma começa fazendo um croqui em uma folha à parte e depois a maquiagem, com auxílio de sua dupla. Quando terminarem, trocam de posição.

Divida os materiais entre as crianças de acordo com as necessidades das propostas dos desenhos de cada uma. Converse com as crianças sobre o cuidado com o rosto do colega, a delicadeza ao manusear os materiais e que essa é uma brincadeira, um jogo e uma experimentação, ou seja, não há certo ou errado.

Ao terminar as duas maquiagens da dupla, fotografe cada criança. As fotos podem ser com as crianças segurando o desenho do croqui que inspirou a maquiagem. Faça fotos das duplas de maquiados e maquiadores, já que a ideia é que as crianças também se auxiliem entre si, nas duplas, em um trabalho colaborativo. Em um próximo encontro, avalie a atividade em uma roda com a apresentação das fotos de todas as crianças, o compartilhamento dos desenhos e a avaliação delas de como foi a experiência de brincar e criar com maquiagens pensando em personagens teatrais.

PERGUNTA EM CASA

Pergunte a seus familiares que personagens do teatro eles conhecem. Em seguida, escolha um dos personagens mencionados e peça a ajuda de sua família para desenhar a maquiagem e o figurino. Para isso, você pode pesquisar também com a ajuda deles, na internet ou em livros e revistas, fotografias e desenhos do personagem, para ter ideias.

Faça seu desenho e, na próxima aula, apresente-o aos colegas e ao professor.

Expressão de artista

As artes circenses, que assim como o teatro e a dança são artes da cena, sempre tiveram uma forte ligação com as ruas, feiras e praças das cidades. Os artistas da *commedia dell'arte* eram mambembes e cômicos, ou seja, iam em carroças de uma cidade a outra levando sua arte e fazendo as plateias gargalhar.

O cômico (aquilo que nos faz rir e nos diverte) já existia na *commedia dell'arte* e faz parte do teatro popular: divertir e encantar o público é uma das características mais presentes no circo e no teatro de rua. O palhaço é um exemplo de figura que provoca o riso dos espectadores por causa de seu exagero.

Os circos, que até os dias de hoje geralmente são mambembes, por vezes, são a única forma de arte da cena que chega a municípios e locais mais afastados dos centros urbanos de um país grande como o Brasil.

A seguir, observe três números que são apresentados em quase todos os circos e por artistas de rua.

- **Malabarismo:** é a arte de manipular objetos, como bolas e bastões, de forma controlada e coordenada, sem os deixar cair.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

no em Santa Maria (RS), 2013.



Gerson Ceregi/Imagens

117

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR25 A apresentação da palhaçaria, junto da valorização do circo e de manifestações populares, possibilita aos estudantes conhecer e valorizar o patrimônio cultural popular brasileiro.

Orientações

No boxe **Pergunta em casa**, é sugerida uma ampliação da atividade, agora envolvendo os familiares dos estudantes. Oriente as crianças a pedir ajuda para pesquisar referências e, do mesmo modo, criar o personagem e sua maquiagem por meio de desenhos. Peça que tragam para a aula e promova um compartilhamento dos trabalhos.

Inicie os trabalhos da subseção **Expressão de artista** conversando com os estudantes sobre os conhecimentos que eles já possuem sobre circo. Pergunte quem já foi ao circo, o que havia lá e como se organiza um espetáculo circense. Em seguida, mencione os artistas de rua que executam números circenses: malabaristas em sinais de trânsito nas grandes cidades, engolidores de fogo e acrobatas em feiras e parques, palhaços e palhaças em espaços abertos realizando seus números, entre outros. Pergunte se os estudantes já assistiram a algum desses artistas.

Leia com eles o texto e converse sobre o cômico: o que eles acham engraçado? O que e por que algo os faz rir? Rir de alguém é igual a rir com alguém? Permita que os estudantes tragam exemplos de outras linguagens que fazem parte do cotidiano deles, como cinema, TV, internet, entre outros. Abra espaço para se falar sobre ética: o que fere os outros pode ser motivo de riso? Comente com eles que o modo como uma pessoa se veste ou fala na vida real, bem como suas características físicas, não deve ser motivo de julgamentos e de riso. Já o que é espetacular e teatral, desde que respeite as diferenças, pode, sim, ser indutor de riso.

Comente os três números circenses apresentados: palhaçaria, acrobacia e malabarismo. Pergunte-lhes o que cada um deles tem de especial. Provavelmente a questão da dificuldade na execução seja comentada sobre acrobacia e malabarismo, e também a virtuosidade dos artistas (quando fazem algo que não é qualquer pessoa que consegue fazer). Aqui é interessante abordar a questão do treinamento: a arte envolve muito trabalho, muitos acertos e erros, além da aprendizagem de técnicas. Ou seja: ser artista é um trabalho e precisa de estudo, esforço e dedicação para ser bem-feito.

- **Acrobacia:** é a arte de fazer movimentos complexos, usando força, equilíbrio, flexibilidade e agilidade.
- **Palhaçaria:** é a arte de combinar humor, improvisação, interação com o público e expressão corporal para atuar como palhaço.



Jáso Prudente/Pulsar Imagens



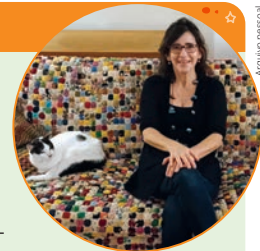
Miriam Bossa/fotografia

Artistas do Bloco do Circo se apresentam fazendo acrobacias em Campinas (SP), 2025.

Palhaça Manela, criada por Paola Mussatti, no espetáculo *Mina – Corpo multidão*, realizado em São Paulo (SP), 2025.

QUEM É PAOLA MUSATTI, A PALHAÇA MANELA?

Paola Musatti (1970-) é uma artista paulista pioneira na palhaçaria feminina no Brasil. Há quase 30 anos, cria e interpreta a palhaça Manela, atuando em hospitais com os Doutores da Alegria, em espetáculos de rua e em projetos como o Jogando no Quintal. Cofundadora do coletivo de palhaças, é referência na arte de fazer rir, explorando o ridículo humano com delicadeza e profundidade.



Arquivo pessoal


Paola Musatti em 2025.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



Cortejo teatral da criançada



1. Depois de aprender sobre o teatro de rua, que tal criar, produzir e apresentar um cortejo teatral pela escola? Leia as orientações. 

 - a) Com a turma toda, eleja uma temática para o cortejo teatral. Para isso, converse com os colegas, escute a opinião deles e vote em um tema que você prefira.
 - b) O professor vai contar os votos da turma. Decidido o tema do cortejo, defina com os colegas um título para ele.
 - c) Escolha uma música que seja representativa da temática para cantar com toda a turma e, se possível, acompanhada de instrumentos.
 - d) Confeccione com os colegas um **estandarte** com o nome da turma ou do cortejo.
 - e) Cada integrante da turma vai escolher seu personagem ou papel (de acordo com a temática do cortejo) e confeccionar elementos cênicos (figurinos, máscaras, perucas, adereços) adequados e que chamem a atenção pelo tamanho, pelas cores ou pelas formas.

Estandarte: espécie de bandeira que é carregada por um ou mais componentes de um grupo que atua nas ruas e o identifica. As escolas de samba, por exemplo, têm seu estandarte, apresentado nos desfiles pela porta-bandeira.



Desenvolvendo a BNCC

EF15AR23 O cortejo teatral envolve a produção de figurinos, máscaras, adereços, música e atuação em grupo, permitindo aos estudantes reconhecer e experimentar a integração entre diferentes linguagens artísticas em um mesmo processo.

Orientações

A proposta desta seção é uma sequência didática processual e coletiva, que pode ser desenvolvida como você julgar mais adequado ao seu planejamento. Apresentamos aqui um modelo de desenvolvimento em uma sequência de oito a dez etapas de trabalho.

Etapa 1: preparação

Como preparação, sugerimos assistir com a turma a vídeos de cortejos profanos (não religiosos neste caso, já que sabemos que no Brasil há a tradição das procissões em várias festas católicas, por exemplo). Como sugestão, deixamos um vídeo curto do espetáculo *Parada de rua*, do grupo Lume, de Campinas (SP): <https://www.youtube.com/watch?v=7uRYqajB9zM>. Acesso em: 9 ago. 2025.

Converse com os estudantes sobre o que é um cortejo, compare com os blocos de Carnaval e outras manifestações, explique que o cortejo da turma será teatral, que eles deverão escolher um tema e pensar em personagens brincando pelo espaço da escola.

Etapa 2: assembleia

Organize os estudantes de modo que todos tenham sua vez de falar e escutar, para que possam propor ideias de um tema a ser apresentado no cortejo. Vá listando as ideias de temas escrevendo-os na lousa e proponha uma votação no final, após os proponentes terem exposto suas defesas dos temas que propuseram. Com base no tema, peça que listem possíveis nomes para o cortejo e votem. Por exemplo, "Cordão dos vegetais", se o tema for a flora local ou o estudo dos vegetais em Ciências da Natureza. Os temas também podem estar atrelados a projetos mais amplos, levados a cabo pelo seu planejamento semestral ou o da escola.

Por envolver o compartilhamento com a comunidade escolar, essa proposta permite o diálogo com o TCT **Cidadania e Civismo**.



Orientações

Etapa 3: música

Após escolherem o tema e o nome do cortejo, os estudantes devem pensar em uma música já existente que tenha relação com ele. Incentive-os a fazer uma busca em casa e retornar com ideias para a música. Siga o modelo de assembleia da etapa anterior para sugerir e decidir, escutando as músicas caso não sejam de conhecimento de todos. Para a parte musical do trabalho, seria desejável a colaboração de um professor de Música da escola ou de alguém da comunidade escolar que toque algum instrumento e possa acompanhar os estudantes nos ensaios. Usar a gravação da música escolhida nos ensaios também é uma opção viável.

Etapa 4: estandarte

Assista com os estudantes a um vídeo que explica o que são os estandartes das agremiações carnavalescas em Pernambuco, da TVU Recife. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9j8xvmBOUZ4>. Acesso em: 9 ago. 2025.

Seria desejável o acompanhamento de algum familiar que saiba costurar, bordar ou pintar e que possa ajudar na tarefa de confecção do estandarte.

Inicie o trabalho com uma conversa sobre o que deve estar no estandarte: que imagens melhor representam o tema escolhido? Que símbolos? E cores? Desenhe na lousa as sugestões dos estudantes para o estandarte do cortejo. Comece a confecção partindo do croqui na lousa, em um tecido ou em TNT.


Etapa 5: personagens

Cada estudante pode escolher um personagem relacionado ao tema do cortejo. Por exemplo, se o tema for os seres do mar, pode haver um grupo de peixes, outro de baleias, outro de tartarugas, um de algas, etc. Se o tema escolhido for mais geral, como combate ao racismo, crianças negras e indígenas podem ser personagens negros e indígenas relevantes, como artistas, cientistas, políticos, enquanto as crianças brancas e de outras etnias podem representar objetos ligados à cultura negra de forma positiva, como alimentos, brinquedos, instrumentos, jogos, etc.

Faça uma lista na lousa relacionando o nome do estudante ao personagem escolhido. Peça em seguida que cada um desenhe o que imagina como figurino e adereços de seu personagem.

2. Agora você vai ensaiar e compartilhar o cortejo teatral com a escola. 

- Ensaiar é uma parte importante dos processos teatrais. É nos ensaios que surgem as ideias que vão acabar compondo o formato final do cortejo.
- Com os colegas, ensaie a música, defina a ordem dos participantes e experimente as movimentações dos personagens pelo espaço.

3. Chegou a hora de se divertir e levar o cortejo para o pátio e as áreas externas da escola, compartilhando-o com a comunidade escolar. 

- Com o professor e os colegas, escolha uma data e um horário para o cortejo.
- Convide quem quiser para a brincadeira e mostre tudo o que criaram com muita alegria!



**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

120

Etapa 6: figurino

Nesta etapa do trabalho, devem ser feitos os figurinos. Utilize materiais recicláveis, como retalhos de tecidos, fitas, lãs, plásticos diversos, papelão, jornais e revistas. Figurinos de roupas e adereços coletados pelas crianças em casa também podem compor o material cênico do cortejo, mas é interessante que elas criem seus figurinos, e não somente "vistam uma fantasia". Criar e executar na medida de suas possibilidades os elementos cênicos é parte do processo.

Etapa 7: ensaio

Nos ensaios, permita que os estudantes brinquem e experimentem no espaço externo à sala de aula todos os elementos confeccionados até agora: estandarte,

figurinos, adereços. Ensaie a música escolhida com eles, para que todos saibam cantá-la de cor. Insista que devem ter uma projeção boa, pois toda a escola vai ter de escutá-los. Se possível, faça com que usem instrumentos simples de percussão, como chocalhos, para acompanhar a música. Aqui seria desejável o professor de Música orientando o conjunto. O uso do espaço e o tipo de movimentação dos personagens, como se deslocam, caminham e dançam, também devem ser experimentados e jogados nos ensaios. Por exemplo: como uma borboleta se desloca de forma diversa a de um elefante? Se todos forem monstros, como cada monstro caminha e dança de forma monstruosa? Esses ensaios podem atrair a atenção de outros estudantes



4. Por fim, pergunte aos espectadores o que acharam do cortejo. 

- a) Para encerrar a experiência, após a passagem do cortejo, converse com as pessoas que estavam assistindo e pergunte o que elas acharam dele e como se sentiram ao participar de uma apresentação como essa.
- b) De volta à sala de aula, troque impressões sobre o que escutou do público com os colegas e o professor. Conte a eles também como você se sentiu ao participar do cortejo.



► da escola, mas isso é interessante, pois as crianças vão já se acostumando a interagir e estar nesse lugar de visibilidade. O número de ensaios pode variar de acordo com a necessidade do grupo: só quando se sentirem seguros e satisfeitos com o trabalho, a apresentação deve ser feita.

Etapa 8: cortejo

A decisão de quem serão os espectadores do cortejo teatral deve ser coletiva e ter a participação dos estudantes: se querem colegas de outras turmas do mesmo ano, ou toda a escola, se querem chamar cuidadores e famílias, etc. O importante é que os estudantes se sintam à vontade para brincar o cortejo teatral, mostrar seu processo improvisado, e não um resultado fechado, uma

peça finalizada, pois não é esse o objetivo da proposta. O foco deve estar no processo de criação coletiva.

Etapa 9: conversa com os espectadores

Proponha que os estudantes perguntem às pessoas que presenciaram o cortejo o que elas acharam. É importante salientar que algumas pessoas podem não apreciar tanto o trabalho, mas o relevante é que os estudantes tenham gostado de criar e brincar as etapas. Além de trazer para a roda as impressões dos espectadores, cada estudante pode relatar como se sentiu ao ser observado no cortejo. Aproveite e organize uma exposição de imagens fotográficas e vídeos capturados no dia da saída do cortejo, para que os estudantes tenham dimensão do trabalho que realizaram.

Orientações

Nesta seção, os estudantes são convidados a rever a trajetória que fizeram ao longo da unidade. Eles participaram de atividades reflexivas, de experimentação e de criação. É importante nesse momento falar com eles sobre atitude empática, paciência e alternância de papéis, processo de grande incidência nas aulas de Arte, em que em dado momento o estudante deve se apresentar e em outro deve ser espectador dos colegas. Lembrem-se de que os processos de criação coletiva são complexos e demandam escuta, negociação e que nem sempre terão sua ideia escolhida, gerando sentimentos de frustração. Lidar com a frustração também é uma habilidade emocional relevante que os processos de investigação em Arte propiciam.

A seguir, são apresentadas algumas possibilidades de encaminhamento para as questões apresentadas nesta seção.

Na **atividade 2**, mesmo que os estudantes não lembrem o nome dos grupos e as manifestações estudadas, retomar as imagens do livro pode auxiliá-los a escolher seus preferidos e justificar suas respostas.

Nas **atividades 3 e 4**, o foco será retomar com os estudantes todas as etapas pelas quais passaram até a finalização do cortejo. Cada um pode falar sobre sua participação no processo, o que aprendeu de novo, o que lhe pareceu mais prazeroso e também mais difícil de realizar. É importante que eles percebam que efetivamente protagonizaram todas as etapas do processo criativo, por meio de suas negociações, escolhas, da execução ativa. É desejável que consigam identificar a complexidade do trabalho criativo em grupo: a necessidade da escuta ativa, do respeito às ideias e opiniões dos outros, das escolhas democráticas, de abrir mão de suas ideias pessoais em nome do coletivo, mas tendo espaço para expressá-las também, da importância da cooperação, etc.

Na **atividade 5**, pretende-se identificar momentos de prazer e protagonismo, o que pode indicar o nível de engajamento e de segurança. Procure valorizar a expressão individual dos estudantes para que eles possam estar à vontade ao falar sobre o que sentem. Comente os desafios que os estudantes enfrentaram ao realizar um trabalho totalmente coletivo, reafirme suas capacidades de trabalho em grupo.



NESTA UNIDADE, VIMOS

- O teatro de rua pode ter públicos diversos e incluir todas as gerações.
- É possível fazer teatro em todos os lugares.
- O teatro de rua tem algumas características próprias, como o uso do espaço público, os elementos visuais chamativos, a música geralmente tocada e cantada ao vivo, a atuação enérgica dos atores, o cômico e o riso e a relação direta entre atores e espectadores.
- A *commedia dell'arte* foi o início do teatro de rua na Itália.
- O circo é uma arte mambembe e popular de caráter cômico.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes consigam levantar, coletivamente, alguns dos principais elementos que a unidade abordou como presentes no teatro de rua: uso de máscaras, de bonecos, de figurinos e adereços chamativos, presença de música ao vivo, o cômico, a relação direta entre espectadores e atores.

Para finalizar, responda:

1. Quais são os elementos cênicos presentes no teatro de rua?
2. Algum dos grupos ou artistas que foram estudados na unidade chamou mais a sua atenção? Por quê? 2. Respostas pessoais.
3. De que etapa da criação do cortejo você mais gostou? 3. Resposta pessoal.
4. Quais foram as dificuldades enfrentadas para trabalhar coletivamente com os colegas? Por quê? 4. Respostas pessoais.
5. Como você se sentiu participando da apresentação do cortejo na escola? 5. Resposta pessoal.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

122

Copie o mapa mental no caderno e complete-o com os desenhos que faltam.



Após a elaboração do novo mapa, reserve um momento para socialização. Os grupos podem apresentar seus mapas à turma, explicando o que decidiram destacar e por quê. Comente as relações entre os elementos criados, destacando como cada mapa expressa de forma única a compreensão coletiva dos conteúdos.

Sobre a avaliação

As perguntas contribuem tanto para a **avaliação formativa** quanto para a **avaliação somativa**, ao permitir que você observe o desenvolvimento corporal, social, atitudinal e expressivo dos estudantes ao longo da prática. Do ponto de vista **formativo**, questões como “Como você se sentiu participando da apresentação do cortejo na escola?” e “Quais foram as dificuldades enfrentadas para trabalhar coletivamente com os colegas? Por quê?” incentivam a autoavaliação, promovem a escuta das próprias sensações e ajudam a perceber como cada estudante está se apropriando da linguagem teatral e das atitudes cooperativas necessárias para o cumprimento das tarefas propostas, ajustando o percurso pedagógico conforme as necessidades da turma. Já a pergunta “Você gostou mais de qual das etapas de criação do cortejo?” permite identificar os interesses individuais e o grau de envolvimento com a proposta, possibilitando um planejamento mais sensível e responsivo. Por outro lado, a pergunta “Quais são os elementos cênicos mais presentes no teatro de rua?” pode funcionar como um indicativo **somativo**, pois envolve a mobilização de conhecimentos adquiridos durante o contato com os conteúdos e as práticas propostas nas atividades, permitindo verificar se os estudantes compreenderam noções do teatro de rua. A pergunta sobre grupos ou artistas que mais chamaram a atenção dos estudantes pode possibilitar inferir que as crianças compreenderam a relevância dos artistas de rua, do teatro de rua e das manifestações culturais tradicionais que ocorrem nas ruas no panorama cultural brasileiro, primordialmente. Assim, essas perguntas, quando analisadas em conjunto, oferecem uma visão abrangente do processo de aprendizagem – considerando tanto os aspectos subjetivos, atitudinais e relacionais quanto os conceituais e procedimentais.

Orientações

Promova a leitura coletiva da seção **Mapa da arte** como forma de retomar os conteúdos da unidade, esclarecer dúvidas e acolher sugestões dos estudantes para as próximas aulas. Apresente o mapa mental como um recurso visual que ajuda a organizar as ideias de forma conectada, permitindo revisar conceitos, termos e relações abordados ao longo da unidade.

Oriente a turma a construir, em grupo, uma nova versão do mapa mental em outro suporte, como cartolina, papel *kraft* ou folha de *flip chart* ou no próprio caderno. Para isso, disponibilize materiais variados – lápis de cor, canetinhas, giz, tintas – e incentive os estudantes a

reelaborar os conteúdos apresentados, reorganizando os elementos e acrescentando novas ideias, palavras-chave e/ou desenhos que façam sentido para o grupo e que reflitam a experiência de todos com o conteúdo da unidade.

Essa proposta estimula a aprendizagem ativa, a negociação de significados e o trabalho coletivo, promovendo um momento de síntese e criação artística. Durante a atividade, incentive o diálogo sobre as escolhas feitas pelo grupo, os caminhos percorridos na aprendizagem e as conexões entre os diferentes conteúdos da unidade.

Objetivos da unidade

- Compreender as relações entre arte e natureza por meio de artistas e obras que dialogam com esse tema.
- Produzir experimentações artísticas em ilustração botânica.
- Desenvolver o interesse pela observação da natureza e sua preservação.
- Desenvolver a atenção e a observação por meio dos exercícios de criação artística.
- Explorar a prática artística utilizando a técnica da aquarela.

Dicas de organização

- Procure deixar os materiais que serão usados nas práticas artísticas previamente separados.
- Tenha materiais de desenho e pintura complementares para disponibilizar aos estudantes.
- Tenha na sala de aula alguns panos e materiais para limpeza.
- Armazene potes e recipientes para realizar as misturas de tintas e outros preparos.
- Oriente os estudantes a trazer os materiais para a realização da seção **Fazendo arte**.

Orientações

Nesta unidade, serão trabalhadas noções relacionadas à criação artística em diálogo com a natureza. Para isso, desde as seções introdutórias, os estudantes terão a oportunidade de conhecer obras que dialogam com a natureza e o meio ambiente, com temáticas ou que são desenvolvidas com elementos naturais, como as produções da artista Betina Nilsson, que cria imagens por meio de impressões botânicas.

Na **atividade 1**, incentive os estudantes a observar o efeito de explosão ou dispersão dos elementos sobre o papel devido a sua organização sobre o suporte.

Na **atividade 2**, oriente os estudantes a relacionar a predominância de cores terrosas e as tonalidades menos luminosas ao tipo de matéria orgânica utilizado nas obras. As cores naturais dos componentes influenciam a paleta.



A NATUREZA INSPIRA A ARTE?



Coletivo particular

Betina Nilsson. Detalhe da obra *Grinaldas da terra II*, 2021. Pintura com impressão botânica e pigmentos naturais, 21 cm × 30 cm.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

124

Na **atividade 3**, explique que a artista cria seus trabalhos inspirada na natureza, usando as formas das folhas e flores para compor suas obras. As duas imagens são produzidas por meio da impressão botânica, também conhecida como *ecaprint*.

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 3, 4, 6, 8, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3, 4 e 5.

Competências específicas de Arte: 1, 4, 8 e 9.

Habilidades: EF15AR01, EF15AR02, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06 e EF15AR07.

Os **Temas Contemporâneos Transversais** (TCTs) abordados nesta unidade são **Multiculturalismo**, **Meio Ambiente** e **Saúde**.

1. O que você observa nas duas imagens? O que elas têm em comum?
2. Que cores estão presentes nas duas imagens?
3. Quais são as inspirações da artista Betina Nilsson? Que materiais você consegue identificar nas obras dela?



Betina Nilsson. Fragmento do processo de impressão botânica, 2021.

coleção particular

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- Conhecer diferentes artistas e seus processos de criação.
- Realizar experimentações artísticas com materiais variados.
- Produzir tintas com elementos naturais.
- Fruir as obras dos artistas apresentados.
- Refletir sobre as relações entre arte e natureza.

125

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Sobre a avaliação

A abertura e a seção **Aquecendo** apresentam elementos que permitem o exercício da **avaliação diagnóstica**. Essa avaliação objetiva mapear o que os estudantes já construíram como repertório próprio de conhecimento, suas dúvidas, seus interesses e suas fragilidades. Dessa forma, você pode direcionar o trabalho com o conteúdo subsequente da unidade buscando contemplar características individuais de cada um deles. Na abertura, a avaliação diagnóstica se dá com base na apreciação e na análise comparativa entre as duas imagens apresentadas.

A descrição dos elementos das imagens, de seu conteúdo lúdico, estético ou poético, e a reflexão do papel da criança e da cultura da infância permitem observar o desenvolvimento de cada estudante em sua individualidade. Na seção seguinte, **Aquecendo**, a avaliação diagnóstica ocorre por meio de atividades práticas de sensibilização e exploração do corpo e da ludicidade. Assim, é possível identificar o conhecimento prático da criança e suas disposições atitudinais no que diz respeito à participação em atividades coletivas e de criação.

Respostas

1. Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes observem as manchas de cor que compõem as duas imagens, identificando um rosto feminino na primeira e uma composição de folhas e pétalas na segunda. Ambas têm manchas e elementos naturais em sua composição.
2. Espera-se que os estudantes respondam que as duas imagens apresentam tons de marrom, alaranjado, verde, amarelo e lilás. Os tons podem variar de acordo com a impressão das imagens no livro.
3. Espera-se que os estudantes observem as manchas – algumas de mesma cor – e os elementos orgânicos e naturais como fatores comuns às duas imagens. Com base nisso, podem relacionar essa recorrência às motivações da artista, observando que ela se inspira tanto nas formas da natureza quanto nos efeitos que certos elementos podem provocar na criação das imagens.

Saiba mais

Para conhecer melhor a técnica do *ecoprint* e trazer outros exemplos aos estudantes, pesquise a produção da artista Nara Guichon e acompanhe o que ela fala sobre a impressão botânica no texto “Saiba mais sobre o *Ecoprint*”. Disponível em: <https://www.naraguichon.org/post/saiba-mais-sobre-o-ecoprint>. Acesso em: 13 jul. 2025.

Sobre a pesquisa da artista Betina Nilsson acerca das práticas artísticas com impressões botânicas, conheça mais na publicação *Contornos da impressão botânica: a relação entre mulheres e plantas na prática artística e educativa*. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/250543/001152580.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2025.

Orientações

A proposta de experimentação indicada tem por objetivo desenvolver processos de criação com base na observação e por meio da colagem. Explorando folhas, flores e outros fragmentos orgânicos, os estudantes trabalharão aspectos compositivos da criação de imagens: preenchimento do espaço, variação de texturas, tonalidades, contrastes, etc.

Solicite previamente aos estudantes que colem e tragam folhas, flores e gravetos encontrados em seu dia a dia. Ressalte a importância de selecionar somente aquilo que estiver caído no chão ou solto, explicando que não se deve arrancar as folhagens, e de lavar as mãos após a coleta. Uma alternativa é você mesmo providenciar esses elementos botânicos, a fim de garantir maior variação de espécies.

Incentive-os a buscar variações em seus trabalhos, testando possibilidades de distribuir os elementos botânicos, trocando posições e fazendo combinações variadas dos elementos antes de realizar a colagem definitiva. Explore a sensorialidade e a percepção dos estudantes com relação aos aspectos de cada folha, flor e graveto. Convide-os a sentir com as mãos (e com cuidado) as texturas desses elementos e instigue-os a nomear e comentar essas sensações. Quando finalizarem a colagem, sugira que explorem a criação de desenhos com grafismos e cores variadas, complementando as formas dos elementos naturais escolhidos para a colagem botânica.

Prepare um espaço para guardar os trabalhos dos estudantes e reserve o tempo necessário para a produção. Quando as produções estiverem finalizadas, ajude-os a expor os resultados e conduza o momento de apresentação e discussão sobre a experiência e as percepções de cada um.

Ao realizar as atividades práticas, estabeleça uma rotina de criação de registros no caderno ou em outro suporte, como uma pasta física ou virtual, para a formação de um **portfólio** que poderá servir de instrumento avaliativo no decorrer do ano letivo. O portfólio é uma ferramenta para você acompanhar o desenvolvimento de habilidades e competências dos estudantes. Também pode ser criado um **diário de bordo** com anotações para acompanhar a evolução da turma e os aspectos que merecem mais atenção.



AQUECENDO

Colagem botânica

MATERIAL

- Luva ou sacola plástica
- Gravetos, folhas e flores
- Papel Canson ou papel-cartão
- Cola
- Lápis de cor, giz de cera, canetas hidrográficas

1. Para iniciar seus estudos nesta unidade, você vai fazer uma colagem botânica. Leia as orientações.
 - a) Com cuidado e de preferência usando uma luva ou uma sacola plástica, colete flores, gravetos e folhas para sua produção.
 - b) Não arranque as folhas e as flores das árvores. Dê preferência às que já estão no chão.
 - c) Em uma folha de papel mais encorpado, como papel-cartão ou Canson, espalhe as flores, os gravetos e as folhas.
 - d) Experimente possibilidades de agrupar esses elementos no papel. Pense nas texturas, nas cores, nos tamanhos e nas espécies que combinam ou ficam mais interessantes juntas e separadas.



Vanessa Alexandre

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

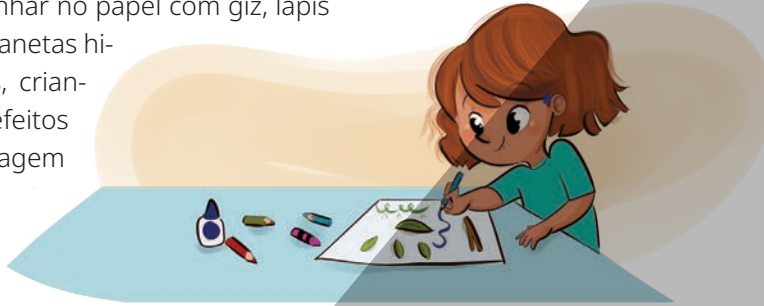
126



- e) Quando decidir como ficará sua composição, cole os elementos botânicos no papel.



Ilustrações: Vanessa Mourão

- f) Depois de colar os elementos, você pode desenhar no papel com giz, lápis de cor ou canetas hidrográficas, criando outros efeitos em sua colagem botânica.



2. Após finalizar a colagem, compartilhe o resultado com os colegas e observe as produções deles. Converse com eles e com o professor sobre o que vocês criaram. 
- a) Como você se sentiu ao criar uma colagem com elementos da natureza?
 - b) Que cores e elementos mais estiveram presentes nas colagens da turma?
 - c) O que você mais gostou de fazer nesse trabalho?
3. Com a ajuda do professor, que tal montar um mural com as colagens da turma? 
- a) Com a turma toda, escolha um local da sala para colar os trabalhos.
 - b) Reflita sobre como o mural pode ser montado. Que trabalhos podem ser organizados um ao lado do outro?
 - c) Com as decisões tomadas, ajude o professor a colar os trabalhos no mural da sala de aula.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

127

Sobre a avaliação

A seção **Aquecendo** tem por objetivo iniciar a unidade com uma atividade prática que pode envolver aquecimento corporal, sensibilização ou apreciação dirigida. As atividades são compostas de forma a permitir que os estudantes tenham uma vivência prática logo no início do trabalho com a unidade, de forma a ficarem mais ativamente envolvidos e engajados com o restante do conteúdo.

Na proposta apresentada, avalie o desenvolvimento dos estudantes quanto a exploração e criação artísticas envolvendo materiais naturais e se houve interesse em testar possibilidades de montagem e composição com as plantas coletadas. Avalie os aspectos formais obtidos, considerando se os estudantes conseguiram produzir composições variadas, incluindo espécies de plantas com formas, tamanhos e tonalidades diversificadas.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR04 A atividade de colagem botânica propõe o uso de flores, folhas e gravetos em combinação com desenhos, incentivando os estudantes a experimentar formas de expressão que utilizam materiais convencionais e não convencionais de modo sustentável.

Orientações

Esta seção tem por objetivo introduzir o conteúdo central da unidade, podendo destacar uma manifestação artística, uma expressão cultural, um artista ou uma obra de arte. As obras de arte escolhidas compõem, com o texto expositivo, uma experiência típica de apreciação e fruição artística, contextualizando fenômenos de acordo com a vivência dos estudantes e propondo reflexões conectadas com sua realidade. A seção pode ser conduzida como uma narrativa ou uma contação de histórias por você, professor, que pode ainda escolher determinadas palavras ou expressões do texto para reforçar conteúdos de alfabetização já trabalhados. Nesse sentido, a oralidade e o modo poético de conduzir o conteúdo vão aproximar os estudantes do assunto também por uma via afetiva, criando laços mais profundos entre você e os estudantes.

O percurso proposto pela seção possibilita o diálogo com o TCT **Meio Ambiente**, integrado ao trabalho de Betina Nilsson, Margaret Mee e Ana Flávia Baldisserotto.

Objeto digital

Para ampliar o repertório dos estudantes sobre *ecoprint*, peça-lhes que acessem o **infográfico clicável** disponível no Livro Digital do Estudante.



CONHECENDO ARTE

Observar e registrar as plantas



Você já observou a variedade de cores, formas e texturas das plantas?

A artista Betina Nilsson, autora das obras que conhecemos na abertura desta unidade, explora essa variedade em seu trabalho. Nas duas produções que observamos, a artista utilizou uma técnica chamada impressão botânica, também conhecida como *ecoprint*.



Coletagem particular



Coletagem particular

Detalhe da obra *Grinaldas da terra II*, de Betina Nilsson.

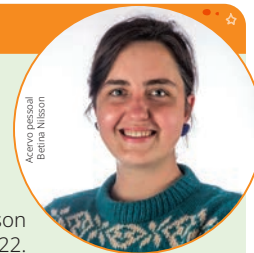
Detalhe do processo de impressão botânica, de Betina Nilsson.

O *ecoprint* consiste em imprimir imagens e estampas por meio de um processo de prensar e cozinhar plantas (folhas e flores). Os resultados são sempre inesperados e únicos. Isso acontece porque as etapas do processo podem provocar mudanças nas cores e na intensidade dos pigmentos naturais.

Nas produções de Betina, podemos perceber as formas e texturas das plantas que ela utiliza em suas composições, criando efeitos visuais muito diversos.

QUEM É BETINA NILSSON?

Betina Nilsson é uma jovem artista visual, *designer* e professora de Arte nascida em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Além de criar impressões botânicas, ela ministra oficinas de aquarela e de outras técnicas artísticas.



Arquivo pessoal
Betina Nilsson

A artista Betina Nilsson em 2022.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

128

Observar as características e as transformações das plantas é parte do trabalho dos botânicos, profissionais da Biologia que estudam esses seres vivos. Mas muitos artistas também dedicam tempo a observar e registrar a vida das plantas. Assim, criam obras diversas com essa temática.

Uma artista que se interessou bastante pela beleza e pela importância das plantas foi Margaret Mee. Com seu trabalho artístico e científico, Margaret deixou um grande legado para os estudos em Biologia, especialmente por suas expedições à Amazônia, onde registrou diversas espécies raras e ameaçadas de extinção da flora brasileira. A artista dedicou-se ativamente à preservação da Amazônia, protestando contra os desmatamentos ilegais da região.

Royal Botanic Gardens, Kew



Margaret Mee.
Strophocactus wittii, c. 1972.
Aquarela.

Royal Botanic Gardens, Kew



Margaret Mee.
Cattleya violacea,
1981. Aquarela.

QUEM FOI MARGARET MEE?

Margaret Mee (1909-1988) foi uma artista botânica inglesa que se dedicou a retratar a flora amazônica. Realizou 15 expedições solitárias pela floresta, documentando com precisão científica e beleza artística centenas de plantas, muitas hoje extintas, tornando-se um ícone da conservação.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



Joseli C. de Freitas/Estado Corredio

Margaret Mee em São Paulo (SP), em 1982.

129

Orientações

As artistas selecionadas para compor esta seção apresentam como principal característica o interesse pela observação da natureza, mais especificamente pelo universo das plantas e as possibilidades criativas que este apresenta. Betina Nilsson utiliza a técnica de *ecoprint* em suas obras, criando retratos de mulheres por meio da impressão botânica. Margaret Mee e Ana Flávia Baldisserotto, com sua postura investigadora, se dedicaram a observar atentamente a constituição formal de diferentes espécies vegetais. Margaret Mee foi uma grande pesquisadora botânica e chegou a descobrir espécies em suas incursões pela Floresta Amazônica. Seu fascínio pela floresta transformou-a também em uma grande aliada da luta pela preservação da floresta. Já Ana Flávia Baldisserotto traz em sua poética um olhar para as plantas que poucos têm por as considerarem inferiores: os inços. Ao dedicar seu tempo e sua observação a essas espécies, a artista nos convida a percebê-las de modo diferente, com um olhar mais sensível à sua beleza e à sua potencialidade, especialmente no caso das PANCs – que serão abordadas nas páginas 128 e 129.

Tanto os trabalhos de Mee quanto os de Baldisserotto mostram que a criação artística pode partir de inspirações muito simples, com base nas referências que nos cercam, as quais, por meio do olhar atento, podem se transformar em imagens dotadas de muita sensibilidade e beleza.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR01 As obras de Margaret Mee, que registrou espécies da flora amazônica, permitem aos estudantes identificar e apreciar uma produção artística que une ciência e arte, ampliando a percepção e o repertório imagético a partir de referências tradicionais e contemporâneas.

Orientações

Ao apresentar as obras da seção, peça aos estudantes que façam a leitura das imagens, perguntando o que eles observam, como são as cores e as formas das obras, o que mais lhes chama a atenção, entre outras questões objetivas. Depois, procure explorar o lado mais subjetivo com eles, verificando se percebem relação entre as obras apresentadas.

Articulação interdisciplinar

Verifique a possibilidade de um trabalho interdisciplinar com Ciências, para explicar aos estudantes a função de catalogar as plantas e a importância desse processo para evitar a extinção de espécies.

Observar as plantas com atenção é algo que também pode ser feito nos espaços urbanos. Muitas vezes, enquanto caminhamos, encontramos nas calçadas plantas que chamamos de mato ou ervas daninhas. Normalmente, arrancamos do jardim aquelas espécies que parecem feias ou que não têm valor medicinal.



Coletão particular. Fotografia: Denise Helfenstein

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

de Inês Baldisserotto. *Inço é arte*, 2016-2019. Exemplos de série de 35 aquarelas sobre papel, em tamanhos variados.

130

Foi pensando nessas plantas que a artista Ana Flávia Baldisserotto criou a série de aquarelas chamada *Inço é arte*. Nesses trabalhos, ela desenha e pinta as plantas que ninguém deseja ver ou cultivar nos jardins.

Ana Flávia Baldisserotto nos convida a uma reflexão sobre a importância dos **inços**, essa vegetação que cresce naturalmente em meio ao concreto e ao asfalto das ruas, contrariando toda a lógica que separa a natureza das pessoas que vivem nas cidades. Para a artista, os inços têm um valor ecológico e sentimental, pois conectam as pessoas à natureza e a outro modo de vida, menos acelerado.

No título de sua série *Inço é arte*, ela faz uma brincadeira com a frase “Isso é arte”, afirmando que os inços, ao ganharem novos significados pelas mãos da artista, viram arte.

Saiba mais

Sugerimos que assista ao vídeo de Betina Nilsson em que a artista explica um pouco sua pesquisa acerca de mulheres e plantas. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/historiasepraticasartisticas/2023/03/06/minha-pesquisa-em-5-minutos-betina-nilsson/>.

Para mais informações sobre o trabalho de Margaret Mee, acesse a página sobre a artista no *site* História das Artes, disponível em: <https://www.historiadasartes.com/margaret-mee-artista-dedicada-a-botanica-da-amazonia/>. Você também pode assistir ao vídeo “Margaret Mee and the Moon Flower”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2x8MtdPEpE>.

Para conhecer mais o universo artístico de Ana Flávia Baldisserotto, acesse o *site* da artista, disponível em: <https://anaflaviabaldisserotto.com.br/2024/08/15/arte-e-inco/>.

Acessos em: 11 ago. 2025.

QUEM É ANA FLÁVIA BALDISSEROTTO?

Ana Flávia Baldisserotto (1972-) é uma artista visual que nasceu na cidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Vive em Porto Alegre, onde produz desenhos, pinturas, aquarelas e realiza criações compartilhadas, que dialogam com diversas comunidades.

Ana Flávia Baldisserotto em 2025.



Acevia pessoal



Kat Tarsento/Shutterstock.com



Sammah/Shutterstock.com



Pam Walker/Shutterstock.com

FoxglovesAndStockings/Shutterstock.com

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Exemplos de inços que podemos encontrar no dia a dia ao andar pelas ruas.

131

Orientações

A fim de aprofundar as reflexões sobre a diversidade das plantas e ampliar as ideias da proposta artística de Ana Flávia Baldisserotto, converse com os estudantes sobre as PANCs.

Incentive a turma a conhecer mais sobre as PANCs e a descobrir onde, em seus contextos, elas estão presentes. Alerta-os para o fato de que nem todas as plantas que encontramos pelo caminho são comestíveis.

A conversa sobre as PANCs pode promover uma reflexão mais ampla sobre alimentação, mobilizando o TCT **Saúde**.

TCT

Articulação interdisciplinar

Esse é um conteúdo que pode ser trabalhado interdisciplinarmente, relacionado a conteúdos de Ciências e Geografia, por exemplo.

Plantas alimentícias não convencionais



As plantas alimentícias não convencionais (PANCs) são espécies que não costumamos encontrar e comprar nos mercados e feiras, mas que normalmente encontramos no pátio de algumas casas, em praças e parques da cidade, nas ruas, em terrenos baldios, entre outros lugares.

São plantas de crescimento espontâneo, isto é, normalmente aparecem em meio a outras vegetações, sem necessidade de cultivo ou cuidados. Pelo desconhecimento, muitas vezes são consideradas ervas daninhas ou inços. Em geral, as PANCs são muito nutritivas e saborosas, e seu preparo pode ser feito de diferentes maneiras.

Alguns exemplos de PANCs são ora-pro-nóbis, capuchinha, coração (flor) da bananeira e peixinho-da-horta.



Franco Hoff/Pixar/Imagens

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ora-pro-nóbis, planta cujas folhas podem ser usadas para alimentação.

132

Zé Pava/Imagens



Peixinho-da-horta, da qual se comem as folhas.



BY IBRAZIL/Shutterstock.com

Frango com ora-pro-nóbis: prato típico de Minas Gerais.

Adilson Sachobala/Shutterstock.com



Prato feito com a folha da planta peixinho-da-horta.



PERGUNTA EM CASA

Agora que você já sabe o que são PANCs, pergunte a seus familiares se já ouviram falar dessas plantas. Não se esqueça de contar a eles o que você descobriu!

Com as pessoas de sua casa, tente descobrir o nome de algumas plantas alimentícias não convencionais. Será que existe alguma espécie em seu quintal? Você já comou alguma?

Registre suas respostas no caderno e compartilhe com os colegas e o professor na próxima aula.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Na proposta do boxe **Pergunta em casa**, motive-os a levar essas novas aprendizagens para compartilhar com seus familiares, buscando expandir o conhecimento sobre o tema.

Saiba mais

Para saber mais sobre o assunto e trazer outros exemplos, você pode acessar o texto “PANCs: conheça as Plantas Alimentícias Não Convencionais”. Disponível em: <https://www.invivo.fiocruz.br/biodiversidade/pancs/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

Orientações

Nesta seção, os estudantes são convidados a experimentar o processo de criação de uma ilustração botânica, realizando uma pequena saída de campo. O intuito da proposta é incentivá-los a observar o entorno, despertar a curiosidade para o ambiente que os cerca e encorajá-los a conhecer mais de perto os espaços em que possam acessar a natureza. Atualmente, é reconhecida a importância do contato das crianças com ambientes naturais, bem como a necessidade de que sejam incentivadas a explorar áreas externas, à luz do dia, como forma de reduzir o tempo de tela, tão comum nos espaços internos e fechados. Nesse sentido, tão importante quanto o ato de desenhar é sair da sala de aula e se movimentar, estabelecendo trocas com os colegas e o professor.

Opcionalmente, caso a escola não tenha áreas verdes significativas, você pode trazer para a escola plantas de casa ou mesmo pedir que os próprios estudantes tragam da casa deles alguma planta de sua preferência. A eventual constatação da ausência de espaços verdes na escola pode motivar inclusive pequenas transformações em seu território, por meio do trabalho conjunto com gestores, colegas de outras áreas de conhecimento e a comunidade local.

Embora a proposta seja a realização de um desenho de observação que se pretende mais realista, um resultado mais satisfatório se dará na medida em que a observação e o desenho forem praticados constantemente. Por isso, incentive-os, como essa com mais frequência, suas propostas pedagógicas, rompendo bloqueios que envolvem a habilidade de desenhar.

Esta proposta tende a valorizar as sutilezas e a riqueza de detalhes que podem ser incorporados por meio da linguagem do desenho; por isso, é válido solicitar aos estudantes que façam o desenho de uma folha, ou parte de uma planta, por exemplo, a fim de que consigam ficar mais concentrados e atentos aos detalhes.



PENSANDO ARTE

Ilustração botânica

Vimos que as artistas Margaret Mee e Ana Flávia Baldisserotto fazem **aquarelas** com o tema de plantas. Você sabe o que mais as duas artistas têm em comum? Para seus trabalhos, elas realizam saídas de campo, isto é, saem para encontrar e observar as plantas que servem de inspiração para suas criações.

Nessas saídas, é comum ficar muitas horas contemplando os diferentes tipos de vegetação encontrados, seja na floresta, como fazia Margaret, seja na cidade, como faz Ana Flávia.

1. Você costuma observar as plantas que aparecem em seu caminho? Que tipos de planta você costuma encontrar em seu trajeto de casa para a escola? [1. Respostas pessoais.](#)
2. Inspirado pelas artistas, você realizará uma ilustração botânica. Para isso, você vai observar e registrar plantas que existem na escola.

Material

- Papel A4
 - Prancheta
 - Lápis grafite
- a) Explore a escola e procure plantas por todos os espaços. Onde estão aqueles matinhos que crescem livremente no meio da quadra de esportes, nas paredes ou na terra?
 - b) Se você não encontrar, escolha alguma planta ou árvore que existe na escola.
 - c) Observe cada detalhe, assim como fizeram as artistas. Preste atenção às formas, nas cores e nas tonalidades das plantas. Perceba os diferentes tipos de folha, os vários tons de verde, as texturas, etc.

Aquarelas:

desenhos realizados com a técnica da aquarela, que usa pigmentos mais diluídos em água.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

134

Valorize os momentos de partilha sobre a experiência da saída de campo, bem como sobre a experimentação desse lugar de ilustradores botânicos. Busque conhecer os aspectos mais apreciados pelos estudantes e os desafios encontrados durante a execução da proposta. Retorne as obras das artistas estudadas a fim de relembrar os exemplos e auxiliar em soluções visuais.



- d) Faça um desenho geral da planta, com o formato e os elementos principais da estrutura dela. Tente descobrir o nome da planta que você escolheu.



3. Depois de desenhar, retorne à sala de aula para finalizar o registro.
 - a) Agora é o momento de colorir. Tente lembrar as cores que você viu e coloque-as em sua ilustração botânica.
 - b) Se você souber, escreva o nome da planta ilustrada (por exemplo: dente-de-leão, roseira, grama, espada-de-são-jorge, etc.).
4. Por fim, apresente sua ilustração aos colegas. Conte tudo que você observou sobre a planta desenhada.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

135

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR02 A proposta de ilustração botânica incentiva a observação detalhada das plantas encontradas na escola e o registro gráfico de suas formas, linhas, cores e texturas, levando os estudantes a reconhecer elementos constitutivos das artes visuais.

Sobre a avaliação

A seção **Pensando arte** é indicada como um momento de **avaliação formativa**. A avaliação das questões e do engajamento nas atividades práticas tem a função de inclusão dos estudantes e de regulação de sua aprendizagem. Dessa forma, você pode sistematicamente adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades de cada um. Recomendamos que faça registros escritos do acompanhamento dos estudantes no **diário de bordo**, pois essas anotações oferecem fundamentação para os ajustes das estratégias de ensino.

Orientações

Na subseção **Expressão de artista**, as obras da artista Lilian Maus convidam os estudantes a refletir sobre o processo de criação que combina abstrações e figurações, por meio da observação de elementos e fenômenos naturais de diferentes ordens explorados pela artista: celestes, marinhos, terrestres, etc. Além da temática da artista ser relacionada a esses fenômenos, ela também utiliza, em algumas séries, tintas produzidas com pigmentos naturais.

Durante o estudo deste conteúdo, tente enfatizar com os estudantes três aspectos importantes na produção de Lilian Maus: a criação com base na observação minuciosa de determinado elemento (a artista cria imagens observando rochas ao microscópio, por exemplo); a gestualidade (percebemos pinceladas mais soltas e tintas mais aguadas que permitem maior liberdade e fluidez na experimentação); e a combinação de formas abstratas e figurativas em um mesmo trabalho. Por fim, é interessante contextualizar a ligação da artista com a natureza, temática sempre presente em suas pesquisas artísticas e teóricas.



CONHECENDO MAIS ARTE

Expressão de artista

Investigar diversas espécies de plantas e microrganismos faz parte da rotina da artista brasileira Lilian Maus, que recria esses universos por meio de suas cores e tintas. A artista representa esses temas em suas telas criando paisagens que misturam figuração e abstração.

Coleção particular



Lilian Maus. *N157*, série *Área de cultivo*, 2024. Aquarela, tinta caligráfica e guache sobre papel, 30 cm × 40 cm.



Coleção particular

Lilian Maus. *N162*, série *Área de cultivo*, 2024. Aquarela, guache e caneta acrílica sobre papel, 130 cm × 200 cm.

Lilian Maus combina diferentes técnicas em uma mesma tela: aquarela, guache, tinta acrílica e colagem, além de incorporar elementos gráficos em suas obras. Como resultado, temos diferentes efeitos, com manchas, cores vibrantes e elementos que podem ser reconhecíveis ou não.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

136

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR07 A apresentação do trabalho da artista Lilian Maus e do artista Jhon Bermond permite reconhecer categorias do sistema das artes visuais, como artistas, técnicas e modos de produção, além de relacionar práticas contemporâneas com saberes ancestrais.

Maleta de artista

Nas artes visuais, existem muitos materiais que as pessoas usam há muito tempo. Um exemplo desses materiais são as tintas fabricadas industrialmente, como tinta óleo, tinta acrílica, tinta guache, etc. Existem também formas antigas de fazer arte, que são chamadas de técnicas tradicionais.

Por outro lado, os artistas, com sua atitude curiosa e investigativa, buscam frequentemente criar os próprios recursos conforme as necessidades e as ideias que surgem.

Nessa busca constante e por meio da observação de outros modelos, os artistas também aprendem com os saberes ancestrais, como os que foram construídos e repassados por povos indígenas e africanos. Durante o processo de aprendizagem, surgem misturas e experimentações variadas, que servem tanto para criar obras quanto técnicas e materiais de produção.

Por exemplo, você sabia que é possível produzir tintas utilizando elementos orgânicos, como beterraba, terra, café e erva-mate? Já teve a oportunidade de criar tinta com recursos assim ou já observou alguma obra feita com esse tipo de material?



Bolas de lã tingidas a partir de plantas e minerais por meio de técnicas tradicionais peruanas.

Orientações

Ampliando a reflexão sobre o trabalho da artista Lilian Maus, **Maleta de artista** enfatiza os processos de experimentação artística com materiais naturais que podem ser utilizados para produzir pinturas e aquarelas. Os estudantes são convidados a pensar sobre tintas naturais e as possíveis matérias-primas utilizadas em sua produção.

Saiba mais

Conheça mais sobre a artista Lilian Maus e apresente outras imagens aos estudantes. Para isso, acesse sua página na internet, disponível em: <https://www.lilianmaus.art.br/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

Você também pode assistir a uma entrevista com a artista para entender melhor seus processos de criação. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=24FzB-Kxu_o. Acesso em: 11 ago. 2025.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

O conteúdo destas páginas se conecta, de forma transversal, a todas as propostas inseridas nesta unidade. O propósito é fazer uma “costura” entre os aspectos conceituais e formais das artes visuais em diálogo com outras áreas de conhecimento, uma vez que explora modos de construir, expressar e representar temas que falam sobre a natureza e o meio ambiente. Além disso, a seção apresenta aos estudantes o engajamento das artistas que expressam suas preocupações com as questões ambientais por meio de suas criações.

Aprendemos com a arte que o mais importante é estarmos abertos ao mundo, buscando construir diversas formas de comunicação e colaboração entre espécies. A arte nos ajuda a imaginar outras maneiras de experienciar a vida, transformando aquilo que parece impossível em realidade. Por isso, muitos artistas estão engajados em causas ambientais, realizando obras que denunciam, protestam e ajudam a cuidar dos nossos espaços em comum.

Incentive a turma a compartilhar ideias, pensar e propor alternativas para o cuidado e a preservação da natureza, entendendo que este deve ser um compromisso de todos nós.

Também somos natureza

Nas culturas indígenas, é comum a crença de que nosso corpo é constituído das memórias das outras espécies que já fomos em vidas passadas. Por isso, segundo as culturas dos povos originários, nossas células, então, seriam células formadas pelos vestígios da matéria de plantas, animais, minerais, entre outros elementos que compõem o planeta.

Segundo essa **cosmovisão**, é isso que nos faz sensíveis a esses outros seres, porque também somos capazes de sentir como eles.

Quando silenciarmos nossa voz e nossa mente e tentamos perceber onde estamos e o que há ao nosso redor, somos capazes de fazer uma conexão

com tudo que nos cerca. Em momentos assim, podemos nos sentir parte do todo e compreender que não há separação entre nós e a natureza, pois somos um único organismo.

Quando compreendemos que somos um só, nossas escolhas e nossos caminhos podem ser transformados, pois passamos a cuidar melhor da casa em que todos moramos: o planeta Terra.

Como você se sentiria se a sua casa fosse repleta de verde, como na imagem da artista Laíza Ferreira?

Cosmovisão:

conjunto de ideias, valores e crenças com os quais percebemos e entendemos o mundo e a vida.



Laíza Ferreira. *Corpo próspero*, série *Pèrègún*, 2025. Colagem sobre papel, 30 cm × 20 cm.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

138

A natureza nos ensina



Você sabia que a conexão com a natureza e o exercício de observá-la nos trazem grandes ensinamentos sobre o bem-viver?



Ailton Krenak durante cerimônia em que tomou posse na Academia Brasileira de Letras (ABL). Rio de Janeiro (RJ), 2024.

O ativista, líder e pensador indígena Ailton Krenak (1953) acha curioso que as pessoas tenham vergonha de falar com as árvores, os rios e as montanhas, mas não tenham vergonha de falar com seus carros. Para ele, isso mostra a desconexão dos seres humanos com a natureza. Segundo Krenak, é preciso nos reconectarmos à natureza, reconhecendo que dependemos dela e que não estamos separados dela. Ele valoriza a vida em todas as suas formas.

E você, já conversou com as plantas e com os animais? Como você se sente quando está em contato com cães, gatos ou outros bichos?

Cuidar dos animais também é parte importante de vida em comunidade. Não os maltratar, não os manter presos nem em cativeiros, zelar por sua saúde e alimentação é um dever social.

A arte tem um importante papel na construção desse modo de percebermos o mundo. Muitos artistas criam obras que nos convidam a observar como estamos cuidando de nossa casa. Trata-se de um convite à reflexão e à transformação.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

139

Orientações

Ao apresentar a perspectiva de Ailton Krenak sobre as possíveis formas com as quais o ser humano pode se relacionar com a natureza, o conteúdo possibilita um desdobramento relacionado ao TCT **Multiculturalismo**.



Orientações

Você pode solicitar o material necessário aos estudantes previamente e dividir os itens entre eles de modo que pequenos grupos providenciem materiais diferentes para compartilhar. Em geral, sugere-se cerca de 50 ou 100 gramas de cada tipo de pigmento por pessoa. A argila também pode ser adquirida em um único bloco de 1 kg e distribuída em partes para os estudantes. Ocasionalmente, é válido diversificar os tipos de argila, pois há cores de terra muito variadas e que oferecem resultados bastante ricos.

Tenha em sala panos e jornais velhos, que serão úteis na organização e na limpeza do espaço. Oriente os estudantes em relação aos cuidados necessários com o manuseio dos materiais, como: não ingerir, evitar contato com olhos e lavar as mãos após a atividade.

Retome com os estudantes os assuntos estudados e as artistas que foram referência. Converse com eles sobre as observações realizadas durante a saída de campo. Com base no que foi visto, incentive-os a criar imagens bem detalhadas, explorando os diferentes elementos da linguagem visual: linhas, texturas, pontos, variações de ritmo e direção.

Ao final do processo, proporcione um momento de compartilhamento das produções: peça aos estudantes que falem sobre suas ideias, dificuldades e descobertas durante a produção. Além disso, pergunte se eles se inspiraram nas obras estudadas e peça que comentem suas preferências.

Como última etapa, convide a turma para a limpeza da sala, limpeza e recolha dos materiais utilizados.



FAZENDO ARTE

Tintas naturais

1. Vamos criar tintas? É possível fazer isso com materiais que temos em casa ou que encontramos com facilidade.

Material

- Pó de café
- Erva-mate em pó
- Cúrcuma em pó
- Páprica em pó
- Argila
- Água
- Cola branca
- Pincéis
- Papéis
- Recipientes para preparar as tintas

- a) Use um recipiente para cada material orgânico: pó de café, erva-mate, cúrcuma e páprica.
- b) Dilua cada um em pouca quantidade de água e vá adicionando mais líquido conforme a cor desejada. Quanto mais água, mais clara e transparente sua cor ficará.



Não ingerir.
Evitar contato
com os olhos.



Vanessa Alexandre

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

140

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR05 A produção de tintas naturais e a criação de composições visuais a partir delas estimulam o trabalho individual e coletivo, possibilitando aos estudantes explorar diferentes espaços da escola para desenvolver suas produções.

EF15AR06 Após criar as tintas naturais e utilizá-las em composições botânicas, os estudantes compartilham suas produções e dialogam sobre os processos, construindo sentidos plurais a partir das experiências coletivas.

- c) Em um recipiente, dilua uma parte da argila em água. Depois use a mesma quantidade de cola branca e misture com a argila já diluída. Mexa bem até virar uma mistura uniforme.

DICA

Os pigmentos diluídos em água terão o mesmo efeito das tintas de aquarela, que são mais líquidas e transparentes.

A argila misturada em cola possibilita um efeito parecido ao da tinta acrílica, que é mais consistente e menos transparente.

É possível testar muitos outros pigmentos naturais. Siga investigando e criando suas tintas e cores!

Argilas em tonalidades variadas também geram colorações diferentes.

2. Com as tintas prontas, é hora de testá-las.

- a) Use as tintas que você produziu e o restante do material para criar uma composição botânica.
- b) Inspire-se nas artistas estudadas, pense nas plantas que você observou e em suas plantas favoritas.



Vanessa Alexandre

3. Apresente seu trabalho aos colegas e ao professor. Conte sobre seu processo e conheça as produções deles. Depois, converse sobre as questões a seguir.

- a) Que espécies de plantas você usou para criar seu trabalho?
3. a) Resposta pessoal.
- b) Você gostaria de usar suas tintas naturais com outros materiais orgânicos? Quais? E que outros suportes (tela, parede, etc.) gostaria de usar? 3. b) Respostas pessoais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Nesta seção, os estudantes são convidados a rever a trajetória que fizeram ao longo da unidade. Eles participaram de atividades reflexivas, de experimentação e de criação. É importante, nesse momento, falar com eles sobre atitude empática, paciência e alternância de papéis, processo de grande incidência nas aulas de Arte, em que em dado momento o estudante deve se apresentar e em outro ele deve ser espectador dos colegas.

Com os estudantes, organize a sala de aula afastando as carteiras, de modo a abrir espaço para autoavaliação, e convide a turma a formar um círculo ou semicírculo. Trabalhe com eles as questões apresentadas.

Na **atividade 1**, incentive os estudantes a contar suas descobertas, surpresas e percepções sobre o universo das artistas estudadas. Relembre com a turma os nomes das artistas e retome algumas obras para que eles avivem as memórias.

Na **atividade 2**, os estudantes podem indicar quaisquer obras de sua preferência. Espera-se que eles consigam construir justificativas que envolvam a fruição e a apreciação, extrapolando, em alguma medida, explicações genéricas e mencionando elementos como técnicas, cores, temáticas e materiais utilizados. Escute as respostas dos estudantes sobre suas preferências e tente descobrir as motivações de tais escolhas. Incentive-os a evitar respostas genéricas como “gostei” e “não gostei”, aprofundando os sentidos por trás de cada resposta. Mencione os elementos compositivos das imagens utilizadas, as temáticas etc.

Na **atividade 3**, motive os estudantes a compartilhar suas percepções, preferências e dificuldades durante o processo de criar as tintas com os pigmentos naturais. Pergunte se eles gostariam de seguir testando esses materiais ou se têm ideias de outras possibilidades de experimentação.

A **atividade 4** está articulada aos temas trabalhados ao longo desta unidade; por isso, demanda reflexões mais sensíveis e profundas por parte dos estudantes. Espera-se que eles reflitam sobre suas aprendizagens e comentem possíveis transformações de ordem atitudinal. Retome as produções dos artistas, lembrando de seu engajamento com as causas ambientais.



NESTA UNIDADE, VIMOS

- É possível criar imagens com a técnica da impressão botânica ou *ecoprint*. Nessa técnica, as cores e formas das plantas utilizadas criam efeitos diversos.
- As plantas são inspiração para as criações de muitos artistas, como Margaret Mee e Ana Flávia Baldisserotto, que realizam ilustrações botânicas.
- As ilustrações botânicas são feitas por meio de observações detalhadas das plantas, para que o artista consiga capturar suas formas e texturas.
- As plantas podem ser utilizadas para a fabricação de tintas, pois têm corantes naturais que proporcionam cores vivas às pinturas.
- As PANCs são plantas comuns, que crescem naturalmente, não exigem muitos cuidados e podem ser consumidas como alimentos.
- Podemos criar e experimentar artisticamente utilizando folhas, flores, gravetos e outros elementos encontrados na natureza.
- Preservar a natureza e criar espaços mais verdes e sustentáveis pode ser uma tarefa dos artistas e de todos nós, em diferentes contextos.



Para finalizar, responda:

1. Como foi a experiência de conhecer as produções das artistas que realizam ilustrações botânicas? [1. Resposta pessoal.](#)
2. Entre as obras apresentadas no livro, quais foram suas preferidas? Por quê? [2. Respostas pessoais.](#)
3. O que achou da experiência de criar suas tintas? [3. Resposta pessoal.](#)
4. Depois de saber mais acerca da importância das plantas e que elas podem ajudar nas criações dos artistas, fale sobre o que você aprendeu. [4. Resposta pessoal.](#)

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

142

Copie o mapa mental no caderno e complete-o com os desenhos que faltam.

Impressão botânica



Observação e ilustração de plantas



Plantas alimentícias
não contêm toxinas
(PANC)

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Plantas naturais

143

Sobre a avaliação

As seções **Fazendo arte, Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte** são destinadas a uma etapa de **avaliação formativa e somativa** de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante os estudos. Elas são **formativas** no sentido de ter a função de sustentação dos percursos de aprendizagem e de ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados no componente Arte. E são **somativas** no sentido de sistematizar processos individuais e coletivos de natureza conceitual e prática.

É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas ou conceitos e exercitar com os estudantes a reflexão

continuada de seus processos. Nessa etapa, é importante celebrar o sensível, o criativo, a colaboração, o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária.

As seções finais são destinadas à autoavaliação dos estudantes e a uma avaliação dos conhecimentos adquiridos após a unidade. Caso algum estudante tenha dificuldade em completar o mapa, retome oralmente o que foi visto com a turma toda e compartilhe a consulta do portfólio para analisar os registros feitos durante o percurso.

Orientações

Comunique aos estudantes que a ilustração interativa se trata de um mapa mental. Esse recurso permite organizar informações e conceitos de maneira visual, utilizando mecanismos próprios do componente Arte, como a visualidade, a apreciação e a intervenção prática, para concretizar uma avaliação final da unidade. O aspecto lúdico do mapa mental auxilia a consolidar os conceitos, as habilidades e as competências trabalhadas, pela perspectiva da ligação de saberes, que busca conectar e construir significado nos processos de aprendizagem pela conjunção dos elementos estudados, criando um sentido maior do que a soma de suas partes isoladas.

O objetivo de convidar os estudantes a inserir as próprias intervenções no mapa mental é propiciar um ambiente de aprendizagem ativa. Ao optar por fazer isso com a turma toda, ou ao organizar os estudantes em grupos, é possível oportunizar a negociação de ideias e significados sobre o conteúdo de forma dialógica e colaborativa.

Após a inserção dos desenhos no caderno por parte dos estudantes, é importante um momento de socialização das intervenções. Comunique a eles as relações positivas entre as criações, informando como elas se complementam ou destacando detalhes de certos desenhos que chamaram mais atenção, seja pelo aspecto estético, seja pela assimilação do conteúdo estudado. Essa é uma etapa em que os estudantes podem compartilhar oralmente o que pensaram ao fazer seus desenhos e justificar suas escolhas de composição da imagem, de cores e de dimensões dos objetos, entre outros.

Promova a atividade da seção **Mapa da arte** de forma coletiva. Leia com os estudantes as imagens e os textos e oriente-os a completar as lacunas do mapa no caderno, incentivando que se expressem livremente por meio de desenhos ou palavras. Enquanto a turma completa o mapa, você pode fazer o mesmo na lousa.



REFERÊNCIAS COMENTADAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

A BNCC define as competências, habilidades e objetivos de aprendizagem que devem orientar o ensino em todas as etapas da Educação Básica, incluindo o componente curricular Arte. No campo da Dança, o documento valoriza a experimentação, a apreciação e a reflexão sobre diferentes manifestações corporais, considerando a diversidade cultural brasileira.

Música

SCHAFER, Murray. *Educação sonora*. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

Série de 100 propostas de atividades de escuta e reflexão sonora, que são viáveis de fazer com diversas faixas etárias. O autor instiga o refinamento da escuta, com atividades que podem ser conduzidas por educadores especialistas ou não.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Unesp, 1991.

O autor aborda a ideia de paisagem sonora e discute uma educação musical possível, tendo como premissa a escuta ativa e reflexiva de sons do cotidiano.

Dança

LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978.

Clássico da teoria do movimento, o livro aborda os princípios do sistema de Laban, amplamente usado no ensino da dança.

MARQUES, Isabel. *Dançando na escola*. São

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

Essa obra busca fundamentar a teoria e a prática para a inserção da dança no contexto escolar.

SABINO, Jorge; LODY, Raul. *Danças de matriz africana: antropologia do movimento*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

A obra aborda as danças de matriz africana sob a ótica da antropologia do movimento, destacando sua importância como patrimônio cultural imaterial e ferramenta pedagógica.

Teatro

FERREIRA, T.; FALKEMBACH, M. F. *Teatro e dança nos anos iniciais*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

Esse livro, que foi parte integrante do Acervo do Professor do Plano Nacional Biblioteca na Escola (PNBE/2014) e teve distribuição em todas as escolas de Ensino Fundamental Anos Iniciais públicas do país, é uma introdução ao teatro e à dança com crianças, apresentando propositivamente sequências didáticas, jogos e exercícios diversos e fundamentados em artes da cena.

SPOLIN, V. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Mais do que um livro com orientações precisas sobre o método de ensino e aprendizagem de teatro desta autora, esse fichário é um riquíssimo material didático que poderá ser de grande valor às práticas teatrais com pessoas de todas as idades, orientando o processo de aquisição do saber fazer da linguagem teatral.

Artes Visuais

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. Porto Alegre: Zouk, 2015.

Nesse livro, a autora e artista Edith Derdyk nos mostra diferentes possibilidades de experimentarmos e conhecermos o universo do desenho enquanto linguagem e expressão nas Artes Visuais.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

O autor espanhol Fernando Hernández apresenta possibilidades de conhecer, aprender e experimentar a arte a partir das diferentes imagens que nos cercam, sejam elas artísticas ou de diferentes repertórios, como publicidade, animação, filmes, etc.

RICHTER, Ivone Mendes. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

Nessa obra, a pesquisadora Ivone Richter nos mostra a importância dos fazeres especiais, ou seja, das produções realizadas a partir dos métodos artesanais e tradicionais, utilizados por pessoas comuns, mas que têm grande importância estética e simbólica.

MANUAL DO PROFESSOR

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

CARO PROFESSOR,

Construir uma caminhada na docência na Educação Básica é uma das tarefas mais desafiadoras e belas que alguém pode enfrentar. Ela convoca pensamento, criação e movimento de saberes e fazeres dos diferentes campos disciplinares.

Inspirada nessa ideia de movimento, esta coleção convida estudantes e docentes a deslocar e ampliar experiências, pensamentos e modos de estar no mundo e de vê-lo. Os processos artísticos das quatro linguagens do Componente Curricular Arte – Artes Visuais, Dança, Música e Teatro –, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), orientam esse percurso.

Propõe caminhos para que os professores e as crianças vivenciem juntos a alegria e o desafio de conhecer e aprender arte, uma arte viva, presente no movimento das pessoas, na transformação dos espaços, nos ciclos da natureza e nas culturas do Brasil e do mundo.

A coleção promove diálogos com artistas de diferentes partes do planeta, destacando sempre a diversidade identitária do Brasil e o caráter universal da arte, capaz de provocar, questionar e sensibilizar independentemente de sua origem.

Acreditamos na arte como forma de expansão do sujeito e de contribuição para o desenvolvimento humano. As propostas exploram a reflexão, a criatividade, a comunicação, o desenvolvimento motor e a expressividade, desafiando positivamente os estudantes e tornando-os protagonistas de suas aprendizagens, com a mediação generosa do professor.

Que esta coleção seja um convite alegre à experimentação, à criação e à fruição.

Boa leitura e boas práticas!

As autoras, o autor e a equipe editorial

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

As capas desta coleção reúnem o talento vibrante de ilustradores de **todas as regiões do Brasil**, oferecendo um mosaico visual da **cultura** e da **criatividade brasileira**.

CONHEÇA SEU MANUAL

Para facilitar seu dia a dia na sala de aula, este Manual do Professor está organizado em diferentes partes que trazem informações relevantes. A seguir, conheça as seções e os boxes que o compõem.

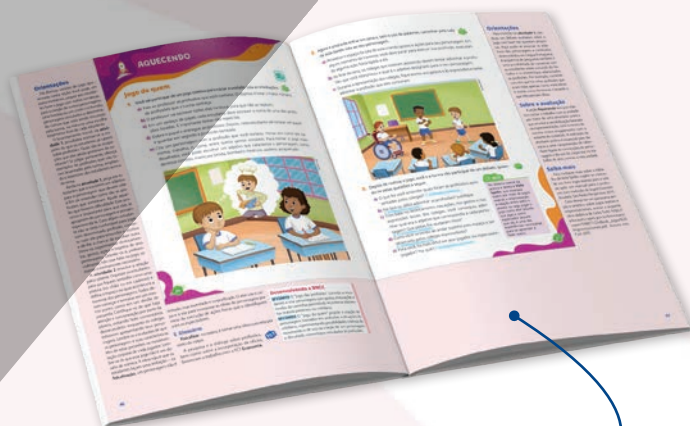


As **orientações gerais** são dedicadas a informações relevantes sobre os principais documentos que norteiam a coleção, textos que contribuem para a prática docente e apresentação da proposta metodológica e da estrutura da coleção.

Ainda nas orientações gerais, você encontra os **quadros de conteúdos** dos volumes e **sugestões de cronograma** para inserir a organização da coleção no planejamento da escola.



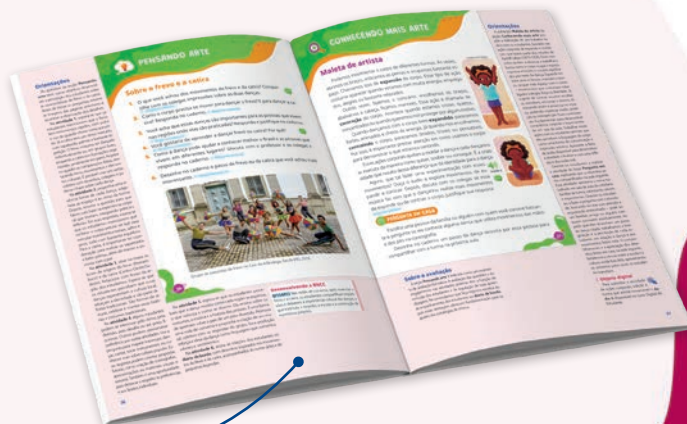
No Manual em formato U, nas **aberturas de unidade**, você encontra os **objetivos da unidade**, boxe com **dicas de organização** para as aulas e as indicações de que competências gerais, específicas de Linguagens e de Arte, habilidades e Temas Contemporâneos Transversais são trabalhados no decorrer das páginas. Você também encontra **orientações didáticas** para o trabalho com as imagens de abertura, as **expectativas de resposta** às questões apresentadas no Livro do Estudante e informações sobre como proceder com a **avaliação**.



No decorrer das unidades, além das orientações didáticas, você encontra **sugestões de bibliografia** para ampliar seus conhecimentos em Arte e para apoiar os conteúdos do Livro do Estudante, contribuindo para sua formação docente. Você também pode se deparar com **glossários** que explicam termos do mundo da arte para facilitar a leitura.



No Manual do Professor, também há sugestões de **atividades complementares** diversas que podem envolver a família e a comunidade escolar. No boxe **Desenvolvendo a BNCC**, são apresentadas as articulações entre as habilidades de Arte e os conceitos e procedimentos trabalhados nas páginas. Neste Manual, você também encontra os ícones **TCT** e **objeto digital**, que destacam momentos em que os Temas Contemporâneos Transversais são trabalhados e onde estão os objetos digitais que apoiam as aulas de Arte.



SUMÁRIO

I. Introdução	V
A BNCC.....	V
II. Pressupostos teórico-metodológicos	VIII
Concepção da área.....	VIII
Proposta das linguagens artísticas.....	IX
Concepção de aprendizagem.....	X
Diferentes formas de organização.....	XII
III. Inclusão	XIII
Metodologias diferenciadas e adaptações curriculares.....	XIII
Ambientes acessíveis.....	XIV
IV. Avaliação	XIV
Avaliação diagnóstica.....	XV
Avaliações formativa e somativa.....	XVI
Portfólio e diário de bordo.....	XVII
Autoavaliação.....	XVII
V. Matriz de planejamento	XVII
Matriz de planejamento de rotina.....	XVIII
Matriz de sequência didática.....	XVIII
VI. Planejamento anual	XIX
VII. Organização da coleção	XIX
Proposta pedagógica.....	XIX
Quadro de conteúdos.....	XX
Estrutura da coleção.....	XXVII
VIII. Referências comentadas	XXIX

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

DA EDITORA DO BRASIL

I. Introdução

Esta coleção foi elaborada de acordo com o marco da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tendo como referência o trabalho com competências, habilidades, atitudes e valores para a construção da cidadania plena do estudante e de uma sociedade democrática e justa. Nela, além dos conteúdos específicos de artes integradas, as linguagens das **artes visuais**, da **dança**, da **música** e do **teatro** são trabalhadas de forma paritária, sendo cada uma delas contemplada duas vezes por volume com diálogo entre si.

Os objetivos estruturantes dessa coleção são:

- apresentar uma trajetória de aprendizagem introdutória aos saberes e experiências da Arte, em artes visuais, música, dança, teatro e artes integradas;
- construir junto à comunidade escolar uma visão de mundo de ligação de saberes (interdisciplinar), intercultural, sensível, lúdica, democrática e antirracista;
- desenvolver competências e habilidades estipuladas pela BNCC;
- contribuir para o letramento, associado à interpretação e compreensão do mundo sensível, imagético, sonoro, corporal, narrativo e simbólico dos estudantes.

Com base nos fundamentos da Arte-Educação e da Educação, entremeados com os saberes e práticas específicos de cada linguagem artística, organizados em eixos transversais e poéticos, esta coleção convida professores e estudantes a vivenciar as práticas artístico-pedagógicas propostas de forma integrada com a vida, o indivíduo e a sociedade. Inspirada no pensador francês Edgar Morin, que em sua obra *O método* (2011-2013) utiliza termos que voltam a si mesmos, convidando-nos a refletir sobre eles mais uma vez, esta coleção se estrutura nos seguintes eixos: no 1º ano, **Vida da vida**; no 2º ano, **Sentido do sentido**; no 3º ano, **Terra da terra**; no 4º ano, **Ideias das ideias**; no 5º ano, **Humanidade da humanidade**.

Morin dá ao Volume 1 de *O método* o subtítulo de *Natureza da natureza*, buscando evidenciar a conexão necessária e transversal que liga a física, a biologia e a antropossociologia. Ele segue nomeando

outros volumes de sua obra com subtítulos que homenageamos, como *A vida da vida* e *A humanidade da humanidade* (respectivamente, os Volumes 2 e 5 da obra moriniana). Para além do projeto epistemológico de ligação de saberes que é proposto em sua obra, há uma dimensão poética e lúdica no jogo de palavras que desperta a imaginação, a indagação, a curiosidade, que consideramos valiosos recursos para construir esta coleção de Arte.

Compreendemos que a criança não é apenas um sujeito de direitos, mas também um agente social, com protagonismo e interlocução com seus pares e com o mundo adulto, protagonizando brincadeiras, jogos, experimentações e criações em cooperação com os colegas.

Assim, os conteúdos e as propostas de produção artística apresentados nesta coleção são contextualizados socioculturalmente, buscando traçar paralelos com a vida familiar e comunitária dos estudantes, bem como com as práticas artísticas de seu entorno, considerando as mais diversas realidades das escolas brasileiras.

Ao longo deste Manual do Professor, apresentaremos de forma mais detalhada cada uma dessas propostas e entendimentos sobre educação, além de mostrar formas de se trabalhar com a coleção, com planejamento e avaliação, inclusão e acessibilidade.

A BNCC

A BNCC é um documento de caráter normativo que define as **aprendizagens essenciais** a que todos os estudantes da Educação Básica têm direito.

Competências gerais

Para assegurar esses direitos, o documento propõe o desenvolvimento de dez **competências gerais** como norteadoras das decisões pedagógicas. Essas competências articulam-se de forma integrada ao longo de toda a coleção, a fim de promover o desenvolvimento dos estudantes (Brasil, 2018, p. 65).

Na BNCC, **competência** é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2018, p. 8).

Competências específicas de Linguagens e de Arte

Em articulação com as **competências gerais** propostas, a área de Linguagens e, por consequência, o componente curricular Arte devem garantir aos estudantes o desenvolvimento de seis **competências específicas de Linguagens** e nove **competências específicas de Arte**, contempladas na coleção (Brasil, 2018, p. 198).

As competências específicas de Linguagens ressaltam a construção do conhecimento como prática social, colocando o indivíduo em interação com o outro, com o seu ambiente e com o mundo.

Já as competências específicas de Arte consideram as especificidades do fazer artístico e sua aplicação em contextos diversos, promovendo uma formação integral que respeita a diversidade dos estudantes e os contextos locais.

Destacamos que a indicação de competências, com ênfase no “saber” e no “saber-fazer”, orienta a definição das **aprendizagens essenciais**, e não apenas dos conteúdos mínimos a serem ensinados.

Pelo fato de o componente curricular Arte ser composto das linguagens artísticas artes visuais, dança, música e teatro e de sua interação na forma de artes integradas, a BNCC propõe seis dimensões do conhecimento com a finalidade de articular e caracterizar a experiência artística, que são a **criação**, a **crítica**, a **estesia**, a **expressão**,

a **fruição** e a **reflexão** (Brasil, 2018, p. 194-195), contempladas na obra.

Unidades temáticas

Para garantir o desenvolvimento das competências específicas do componente curricular Arte por meio das linguagens artísticas, a BNCC considera cinco unidades temáticas: **artes visuais**, **dança**, **música**, **teatro** e **artes integradas**. Essa organização reflete uma visão não linear, rígida ou cumulativa com relação a cada linguagem” (Brasil, 2018, p. 197), respeitando tanto a especificidade de cada campo quanto suas inter-relações construídas socialmente.

As **unidades temáticas** definem um arranjo dos **objetos de conhecimento** adequados às especificidades dos diferentes anos do Ensino Fundamental. Os objetos de conhecimento, que devem ser entendidos como conteúdos, conceitos e processos, relacionam-se com um número variável de habilidades.

É importante salientar que nesta coleção há o cuidado para que as unidades temáticas não sejam tratadas de forma isolada – ou seja, buscou-se favorecer as inter-relações entre elas, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Por sua vez, as **habilidades** expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos estudantes nos diferentes contextos escolares.

Objetos de conhecimento e habilidades (1º ao 5º ano)

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
Artes visuais	Contextos e práticas	EF15AR01 Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
	Elementos da linguagem	EF15AR02 Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento, etc.).
	Matrizes estéticas e culturais	EF15AR03 Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
	Materialidades	EF15AR04 Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
	Processos de criação	EF15AR05 Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. EF15AR06 Dialogar sobre a sua criação e a dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
	Sistemas da linguagem	EF15AR07 Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores, etc.).

Dança	Contextos e práticas	EF15AR08 Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.
	Elementos da linguagem	EF15AR09 Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado. EF15AR10 Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.
	Processos de criação	EF15AR11 Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança. EF15AR12 Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.
Música	Contextos e práticas	EF15AR13 Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.
	Elementos da linguagem	EF15AR14 Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
	Materialidades	EF15AR15 Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
	Notação e registro musical	EF15AR16 Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
	Processos de criação	EF15AR17 Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.
Teatro	Contextos e práticas	EF15AR18 Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
	Elementos da linguagem	EF15AR19 Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas, etc.).
	Processos de criação	EF15AR20 Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais. EF15AR21 Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva. EF15AR22 Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.
Artes integradas	Processos de criação	EF15AR23 Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
	Matrizes estéticas e culturais	EF15AR24 Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
	Patrimônio cultural	EF15AR25 Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
	Arte e tecnologia	EF15AR26 Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> etc.) nos processos de criação artística.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

(Brasil, 2018, p. 200-203).

Temas Contemporâneos Transversais

Direcionados pela BNCC, os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) constituem um conjunto de assuntos relevantes para a formação cidadã que permeiam a sociedade e a vida dos estudantes, demandando um olhar integrado da escola (Brasil, 2019). A organização desses assuntos configura-se em quinze temas agrupados em seis macroáreas: **Meio Ambiente** (Educação Ambiental e Educação para o Consumo); **Economia** (Trabalho, Educação Financeira e Educação Fiscal); **Saúde** (Saúde e Educação Alimentar e Nutricional); **Cidadania e Civismo** (Vida Familiar e Social, Educação para o Trânsito, Educação em Direitos Humanos, Direitos da Criança e do Adolescente e Processo de Envelhecimento, Respeito e Valorização do Idoso); **Multiculturalismo** (Diversidade Cultural e Educação para Valorização do Multiculturalismo nas Matrizes Históricas e Culturais Brasileiras); **Ciência e Tecnologia** (Brasil, 2018, p. 13).

Compreendemos que a educação em Arte é um poderoso instrumento para a formação cidadã, capaz de dialogar criticamente com o mundo que nos cerca. Nesse sentido, os TCTs constituem uma importante contribuição para a proposta pedagógica deste material. Por isso, esta coleção mobiliza suas macroáreas de maneira orgânica e intencional, favorecendo um trabalho inter e transdisciplinar, que articula os conteúdos de Arte com Geografia, História, Língua Portuguesa e Ciências. Essa integração ocorre de duas maneiras principais. A primeira se dá pela relação espontânea entre as práticas artísticas estudadas e a vida social, sendo sinalizada pontualmente nas unidades no Manual do Professor em formato U. A segunda acontece de modo mais formalizado por meio de seções especiais como **O mundo que nos cerca** e **Atitudes que transformam**, que identificam questões contemporâneas – como a diversidade cultural, a sustentabilidade ou o uso crítico das tecnologias – e as vinculam ao universo da Arte, promovendo não apenas a reflexão, mas também um convite à ação e à transformação social. Dessa forma, a coleção posiciona a Arte como uma linguagem essencial para interpretar, questionar e intervir na realidade, formando estudantes mais sensíveis, críticos e participativos.

II. Pressupostos teórico-metodológicos

Nessa seção, apresentamos os objetivos estruturantes e a proposta teórico-metodológica da coleção, situando as referências que fundamentam o nosso trabalho no campo da Educação e da Arte. Compartilhamos aqui uma reflexão sobre infância e exemplificamos algumas das principais maneiras de organizar o espaço de sala de aula durante o trabalho com esse componente curricular.

Concepção da área

Esta coleção é construída no encontro de fundamentos de áreas como a Arte-Educação e a Educação, sendo permeada pelas particularidades disciplinares de cada linguagem artística e das artes integradas. As linguagens artísticas dialogam entre si por meio de saberes e práticas específicas e situadas, possibilitando revisitar certas manifestações culturais sob diferentes perspectivas e enquadramentos conceituais.

O professor é o ponto de confluência dessa multiplicidade, fazendo com que os conhecimentos, as habilidades, as atitudes e os valores mobilizados nas atividades sejam considerados no contexto mais amplo da vida escolar, da vida social, das individualidades dos estudantes e da interação com a família e a comunidade. Isso significa que o professor carrega uma responsabilidade ética que se desdobra a cada decisão, planejamento, avaliação e comunicação com os estudantes.

O estudante está no centro do processo educativo, e é a quem o professor dedica uma atitude ética e responsável. Essa atitude implica oferecer, constantemente, condições para o desenvolvimento da autonomia. Quando pensamos em crianças do 1º ao 5º ano, pode ser tentador sugerir que elas precisam de mais experiência prévia e disciplina comportamental para depois poderem tomar as próprias decisões, mas Paulo Freire argumenta o contrário:

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. [...] A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si,

é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade (Freire, 2008, p. 107).

Dessa forma, é no processo das tomadas de decisão individual e coletiva, vivenciando o impacto dessas decisões no bem-estar coletivo e nas produções artísticas realizadas, que os estudantes vão construindo a autonomia como um aspecto atitudinal central de sua ação responsável no mundo.

Essa construção da autonomia, no entanto, não é isolada. Ela se dá em meio a um complexo tecido de relações. Considerar as múltiplas relações entre as linguagens artísticas e os saberes escolares, entre o papel do professor e as potencialidades dos estudantes e entre a inserção social, familiar, comunitária e o cuidado individualizado requer uma visão sistêmica de educação e de sociedade. Apoiamo-nos no aparato conceitual desenvolvido por Edgar Morin, em sua busca pela superação de um modo fragmentado de construção do conhecimento, no ensino da condição humana e na construção de um futuro planetário comum, de superação das misérias sociais e ambientais (Morin, 2000).

Além disso, adotamos uma perspectiva que questiona a colonialidade do saber e compreende a diversidade cultural e artística sob o ponto de vista da ferramenta pedagógica da interculturalidade crítica, “que põe em questionamento contínuo a racialização, subalternização e inferiorização e seus efeitos de poder, como [do] visíveis maneiras de se fazer saber” (Walsh, 2009, p. 13). Por exemplo, na Unidade 1 do Volume 3, sobre música e cultura dos povos originários brasileiros, são apresentados os instrumentos musicais tendo como protagonistas as culturas e os indivíduos que fazem música, identificados em suas particularidades e reunidos em sua diversidade, evidenciando seus saberes e práticas como legítimas e fundamentais de serem estudadas. Na Unidade 2, do Volume 2, o trabalho com a ciranda envolve a valorização dessa prática da cultura infantil e sua relação com a cultura popular tradicional brasileira. A representação de pessoas, práticas e obras ocorre por meio dessa perspectiva, oportunizando a legitimação de seus saberes na construção dos conhecimentos sobre Arte.

Levando em conta a história do ensino de Arte no Brasil, tomamos como ponto de partida a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2014), que foi adaptada na construção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e ainda hoje é um plano compartilhado por pedagogos, licenciados e comunidade escolar. As reflexões da autora sobre Arte-Educação originam-se das artes visuais, questionando tendências históricas de seu ensino na escola e evidenciando os movimentos e as tensões gerados pela inserção da Arte na Educação Básica. A abordagem triangular consiste em (1) compreender o contexto histórico de produção da obra; (2) fazer uma interpretação, no sentido de um diálogo frente à obra, também chamada de leitura ou apreciação; (3) produzir a arte, no sentido de fazer, implicando também a subjetividade da pessoa e o aspecto criativo desse fazer. Eventualmente, a etapa do fazer foi chamada de releitura, apesar de o termo estar em desuso (Barbosa, 2012, 2014). Por exemplo, na Unidade 5, do Volume 2, a seção **Conhecendo arte** contextualiza a percussão corporal na cultura brasileira, com exemplos da catira, do xaxado e do coco. Em **Pensando arte**, os estudantes podem apreciar as faixas de áudio, interpretando o exemplo de escuta em função do contexto estudado. Em **Fazendo arte**, a turma experimenta o canto, com percussão corporal e movimentos corporais.

Proposta das linguagens artísticas

Por meio de uma abordagem contemporânea do ensino de artes visuais, compreendemos que as relações entre o fazer, o experimentar e o conhecer das diferentes linguagens, técnicas e materialidades são processos indissociáveis da reflexão sobre essa área de conhecimento (Hernández, 2007; Cunha, 2012), reverberando diretamente sobre nossas visões de mundo e o modo como nos posicionamos diante da vida. Para tanto, os estudantes são convidados a perceber como as artes visuais estão presentes no cotidiano e nos mais variados âmbitos da sociedade. Nesta coleção, a linguagem do desenho é tomada como um ponto de partida, dada sua potencialidade como meio de expressão e comunicação (Derdik, 2015), além de se fazer presente nas demais áreas de conhecimento, sobretudo nos processos que permeiam a alfabetização. Em uma perspectiva contemporânea, aprender os

diferentes conteúdos das artes visuais é um caminho para a sensibilização, a escuta e o respeito às múltiplas narrativas que constituem as mais distintas culturas e cosmovisões. Por meio do desenho, diferentes possibilidades de experimentação são acionadas, suscitando criações que dialogam com o espaço, espalhando-se para outros suportes e materiais. Nesse sentido, o desenho é compreendido como forma, ação e movimento, favorecendo a aproximação com outras linguagens artísticas.

Para a educação musical, Teca Alencar de Brito (2019) e Marisa Fonterrada (2008) são autoras brasileiras de referência, com abordagens que integram improvisação, criatividade e escuta, aspectos que valorizam as expressões das crianças. Ao compreender a prática musical como um jogo (sem competição, mas com ênfase na construção coletiva), é possível valorizar a música que emerge no momento presente – a improvisação. Assim, reconhece-se a reflexão das crianças sobre o fazer musical que produzem, suas ideias de música, bem como sobre o processo criativo (Brito, 2019). O trabalho da oralidade em música é incentivado por meio do aprendizado de ouvido entre pares e com o docente, compartilhando repertórios e práticas no decorrer do fazer musical (Queiroz, 2010). Ideias como materiais, expressão e forma são adaptadas com base no trabalho de Keith Swanwick (1994), entendidas também em suas relações com as demais linguagens artísticas e artes integradas. Essa adaptação ocorre nas subseções **Maleta de artista**, que explora de modo amplo a noção de materiais, e em **Expressão de artista**, que busca trazer para o vocabulário dos estudantes, de acordo com sua maturidade, a concepção de expressão na Arte.

A linguagem da dança está intimamente relacionada aos gestos e movimentos cotidianos, estabelecendo conexões entre a expressividade corporal e a vivência prática (Bertazzo, 2014). Estudar dança também implica compreender a estrutura dos movimentos e suas dinâmicas, conforme propõe Laban (1978), e fomentar a criação de sequências corporais que estimulem a percepção de si e o cuidado com o próprio corpo (Frank, 2013). No ambiente escolar, torna-se essencial refletir sobre como os elementos da dança se articulam com os diferentes contextos educacionais e com a multiplicidade de corpos presentes na escola, reconhecendo tanto as particularidades físicas quanto os marcadores sociais e étnico-raciais que atravessam as experiências de cada estudante

(Rengel, 2017). Nesse sentido, as unidades de dança desta coleção foram desenvolvidas com base nos estudos de Figuerôa, Vargas e Correia (2023), buscando integrar os processos de experimentação, apreciação e criação em dança. A proposta pedagógica contempla não apenas o desenvolvimento motor e expressivo das crianças do 1º ao 5º ano, mas também a ampliação do repertório cultural e corporal, por meio de brincadeiras, danças populares, jogos rítmicos e coreografias simples. Além de promover a construção da autonomia e do trabalho coletivo, as unidades têm como um de seus princípios o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural, incorporando diferentes manifestações da dança como formas legítimas de expressão e identidade. A dança é abordada como prática artística, experiência sensível e meio de construção de relações inclusivas e respeitadas no espaço escolar.

No que concerne ao teatro, a proposta aborda metodologias clássicas caras à pedagogia teatral no Brasil (Spolin, 1978; Koudela, 1984; Boal, 1998; Pupo, 2015; Cabral, 2012), articulando-as às diversas manifestações cênicas populares brasileiras, às *performances* culturais tradicionais e contemporâneas, ao audiovisual, entre outros. As noções de teatro são ampliadas, considerando-se desde as relações performáticas cotidianas até aquelas espetaculares organizadas, passando pelas práticas cênicas afro-referenciadas e por aquelas ligadas aos povos originários. A abordagem é processual e experimental, tendo os estudantes como protagonistas na exploração de seu corpo-voz e dos elementos constituintes da linguagem teatral, por meio do jogo, das práticas e de sua reflexão, alternando os lugares de espectador e de jogador na construção de espaços lúdicos criativos, dialógicos e formativos.

Concepção de aprendizagem

A transição do estudante da Educação Infantil para o Ensino Fundamental necessita de processos pedagógicos de acolhida e de continuidade, tendo como centro o protagonismo infantil e as culturas da infância, para que ele se sinta respeitado naquilo que acumulou de repertório e saberes, sendo incentivados a realizar atividades que são efetivamente capazes de fazer. De acordo com a BNCC (Brasil, 2018, p. 59), nessa fase da criança:

- ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, a história, a cultura, as tecnologias e o ambiente;
- o ponto de partida para se pensar o papel do professor é o estudante que adentra o espaço escolar. Nesse sentido, é importante que o professor se pergunte como esse espaço e os profissionais que ali atuam vão construir relações éticas e saudáveis com os estudantes. Considerar os estudantes como seres capazes de encarar os desafios e as aprendizagens que se vislumbram nessa fase é essencial. Conforme afirma Paulo Freire sobre o papel do professor, “uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se ‘aproximar’ dos objetos cognoscíveis” (Freire, 2008, p. 26);
- ao professor, cabe mediar as aprendizagens eticamente, de modo a propiciar que o estudante aprenda. A responsabilidade por esse processo exige um compromisso com o seu fazer profissional, além de contínuo aprimoramento. Como afirma Paulo Freire, “por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 2008, p. 39).

Uma forma de encarar a cultura da infância é compreender que as crianças são agentes sociais, com gostos e interesses, e que estabelecem com seus pares uma constante interlocução. Assim, ao articular a concepção de aprendizagem com a infância, é fundamental reforçar a importância de escutá-las e conduzir ações pedagógicas mediadas por essa escuta, que deve ser entendida amplamente, com base em questionamentos, verbalizações, construções de sentido, movimentação corporal, sons, silêncios e comunicação visual. Além disso, deve-se considerar a criança, em sua dimensão cidadã, como um sujeito ativo, competente e com direitos.

Esta coleção foi elaborada com a intenção de contribuir para a formação integral dos estudantes, articulando a experiência artística com o desenvolvimento de competências fundamentais, como a leitura, a escrita, o letramento matemático e o uso

social desses saberes. O trabalho com a oralidade, por meio de cantigas de roda com versos e rimas, reforça a consciência fonológica, o ritmo da linguagem e amplia o vocabulário. A participação em cirandas e a criação de improvisações, de enredos e narrativas assumem papel central no processo de leitura e escrita, pois fortalecem a expressão verbal, a escuta ativa e a construção coletiva do conhecimento, ampliando o repertório linguístico e cultural dos estudantes. O uso de imagens e símbolos e a criação de produções gráficas auxiliam na decodificação e compreensão de signos, estabelecendo pontes entre a linguagem visual e a escrita.

Ao promover a observação, a escuta, a expressão e a análise de diferentes formas simbólicas, a Arte amplia a capacidade de leitura do mundo e de interpretação crítica da realidade (Freire, 1989). A leitura e a produção de imagens, por exemplo, desenvolvem habilidades cognitivas semelhantes às envolvidas na alfabetização verbal, favorecendo o pensamento simbólico, a atenção e a memória (Vygotsky, 1998; Piaget, 1971). Nesse sentido, as atividades artísticas atuam na construção do conhecimento do estudante, auxiliando na formação de estruturas mentais essenciais para a linguagem oral e escrita.

No campo do letramento matemático, o movimento corporal explora conceitos de espaço, formas, sequências e ritmos, favorecendo a compreensão de padrões, simetrias e noções temporais. O trabalho com ritmo, métrica, contagem, percepção de proporções sonoras também atua para esse fim. A organização de cenas teatrais e a movimentação no espaço promovem a construção do raciocínio lógico e a noção de ordem, tempo e medidas espaciais. O trabalho com formas geométricas, escalas, proporções e padrões visuais amplia a percepção espacial e a capacidade de medir e comparar.

Como enfatiza Magda Soares (2016), o letramento envolve práticas sociais de linguagem, e a Arte, ao integrar práticas de leitura visual, de escuta e de produção simbólica, potencializa esses processos em contextos significativos. Assim, é possível afirmar os benefícios de abordagens integradas como as presentes nesta coleção, que valorizam a cultura, a linguagem e o pensamento crítico.

Isso pode ser observado no Volume 1, Unidade 6 – **Dançar também é brincar**, que trata da relação entre o brincar e o dançar. Essa unidade apresenta a brincadeira popular infantil “Corre cutia”, possibilitando o trabalho de acompanhamento da

leitura da cantiga e a identificação dos verbos que marcam a ação de correr na brincadeira.

Em meio ao desvendar do código verbal escrito, os estudantes dos anos iniciais podem descobrir uma nova relação com palavras, imagens, sonoridades e gestos por meio das linguagens artísticas. Nesses primeiros anos, o desafio de acessar o conteúdo do livro didático enquanto se aprende a ler requer uma atenção especial do educador em ponderar o que se espera que os estudantes assimilem conceitualmente e as formas pelas quais eles podem externalizar seus conhecimentos durante o contínuo processo avaliativo. Ao longo do conteúdo expositivo, são apresentados conceitos e jargões da área de Arte com os quais os estudantes vão se relacionar intelectual e praticamente. Por exemplo, eles vão construir para si a ideia de melodia na música, cantando, variando, criando e apreciando exemplos musicais selecionados. O saber-fazer uma melodia, do ponto de vista experiencial e em primeira pessoa, deve ser reconhecido em sua potencialidade, frente a um tipo de definição conceitual típica do mundo dos adultos. É comum na formação em Arte que conceitos basilares tenham multiplicidade de usos e contextos e é no acúmulo desse repertório, vivenciado de modo ativo e reflexivo, que os estudantes vão saber colocar em palavras e analisar criticamente as explicações culturalmente herdadas dos elementos formais das linguagens artísticas.

Para auxiliar nesse percurso, recomenda-se considerar a ludicidade e a narratividade na relação pedagógica com a criança. O aspecto lúdico remete à ideia de jogo, da intensidade da presença e das interações, de sua potência criativa, de seu aspecto colaborativo (sem classificação como perdedor ou ganhador) e da cultura compartilhada entre pares que favorece a continuidade da vida na infância.

O aspecto da narratividade é trazido à tona no encontro entre educador e educando, trabalhando a contextualização, a historicização, a problematização e a imaginação. Pensar o conteúdo expositivo como uma história a ser narrada, que desperta perguntas, imagens, sons, movimentos, gestos, encenação, traz para o mundo das crianças seu modo mais assentado de construção de conhecimentos. Alternar a exposição com perguntas, atividades, acionando o corpo em movimento, estimulando a criação e o próprio recontar da história é um caminho que mostra para o estudante que a Arte está a seu redor, seja nas experiências informais, seja naquelas mediadas pela escola.

Diferentes formas de organização

A forma como o professor organiza a turma e o espaço da sala de aula constitui fator determinante no processo de ensino-aprendizagem, especialmente quando se valoriza a inclusão, a diversidade e a adoção de metodologias ativas. Neves (2015) destaca que o ambiente físico escolar precisa ser repensado para “quebrar a rotina” e favorecer aprendizagens mais significativas e participativas. Ainda, conforme a autora, a disposição do mobiliário e o uso de recursos didáticos vêm carregados de valores e intencionalidades, expressando concepções pedagógicas, visões sobre os estudantes e expectativas de aprendizagem. A disposição dos estudantes pode reforçar práticas de exclusão, daí a necessidade de fazer a adequação do espaço aos diferentes perfis e aos objetivos das atividades propostas.

Uma disposição com espaço livre no centro, por exemplo, com cadeiras e mesas encostadas na parede é ideal para práticas corporais artísticas, como as da seção **Aquecendo**. Esse espaço livre também pode ser usado para que os estudantes estejam em roda, em pé ou sentados no chão. Essa disposição pode ser usada nos trabalhos da **abertura, Nesta unidade, vimos e Mapa da arte**, que oportunizam momentos de diálogo, reflexão e negociação de interpretações em grupo.

A disposição em U ou em círculo estimula o debate e a participação ativa, pois todos podem ver uns aos outros e ao professor. As configurações em U, em círculo ou em grupos pequenos promovem interações mais horizontais, favorecendo a escuta, o diálogo e o trabalho em equipe, pilares das metodologias ativas. Elas são ideais para discussões, levantamento de ideias e avaliações coletivas, como em **Conhecendo arte, Pensando arte, Nesta unidade, vimos e Mapa da arte**.

A disposição em ilhas de trabalho é ideal para trabalho em grupo de artes visuais ou na construção de elementos cênicos, como nas atividades da seção **Fazendo arte**.

Assim, você deve refletir sobre seu estilo de ensino e sobre como o ambiente pode apoiar diferentes estratégias. Essa flexibilidade é fundamental para atender às singularidades dos estudantes e consolidar uma prática pedagógica inclusiva.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

III. Inclusão

A Política de Educação Inclusiva no Brasil está sustentada por um conjunto expressivo de documentos legais que reafirmam o compromisso com o direito de todos à educação. Entre eles, destacam-se: a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394 (Brasil, 1996), a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência n. 13.146 (Brasil, 2015) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

A proposta de uma **educação inclusiva** ultrapassa o simples acesso ao ensino regular. Ela se sustenta na **garantia do direito à aprendizagem, à participação ativa e ao pertencimento de todos**, independentemente de suas necessidades ou condições físicas, cognitivas, sensoriais, sociais ou culturais (Mantoan, 2015). Trata-se, portanto, de proposta que exige das escolas o compromisso com práticas pedagógicas que assegurem **equidade de oportunidades**, reconhecendo e acolhendo a diversidade como princípio formativo. Isso implica a adoção de metodologias diferenciadas, adaptações curriculares, ambientes de aprendizagem acessíveis e formação continuada dos professores.

Para compreender plenamente esse compromisso, é crucial superar visões ultrapassadas que ainda permeiam o imaginário educacional. Tradicionalmente, percorremos um caminho que vai da exclusão (no qual o estudante é completamente im
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL passando pela segregação (estudantes com deficiência são atendidos, mas em ambientes especializados e separados dos demais) e pela integração (quando o estudante pode acessar a escola regular, mas é ele quem deve se adaptar ao ambiente e ao currículo preestabelecidos, muitas vezes sem o suporte necessário). O paradigma para o qual convergimos é o da inclusão, que inverte essa lógica: é o sistema educacional que se modifica para acolher a diversidade de seus estudantes, eliminando barreiras físicas, atitudinais, comunicacionais e pedagógicas para garantir a participação plena de todos.

Portanto, a verdadeira inclusão vai além da matrícula e da integração física. Ela se efetiva quando reconhecemos que cada estudante aprende de maneira única e, com base nesse princípio,

planejamos ações pedagógicas intencionais e criativas que permitam múltiplas formas de participação, expressão e representação do conhecimento, assegurando que todos tenham condições equitativas de aprender e se desenvolver no coletivo.

Metodologias diferenciadas e adaptações curriculares

É fundamental compreender que as adaptações curriculares podem ser classificadas em diferentes níveis: adaptações de acesso ao currículo (modificações no ambiente físico, recursos materiais e comunicação) e curriculares propriamente ditas (modificações nos objetivos, conteúdos, metodologia, avaliação e temporalidade).

Nesse sentido, princípios como os do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), presentes nos debates contemporâneos sobre inclusão, oferecem caminhos para eliminar barreiras à participação e à aprendizagem.

O DUA é uma abordagem pedagógica que busca tornar o ensino acessível para todos os estudantes, reconhecendo suas diferenças como ponto de partida para o planejamento. Baseado em evidências neurocientíficas sobre como as pessoas aprendem, fundamenta-se em três princípios fundamentais que dizem respeito ao **engajamento, à representação e à ação e expressão**.

Considerando as **adaptações curriculares**, os princípios do DUA orientam a oferecer múltiplas formas de engajamento dos estudantes, múltiplas formas de representação das informações por diferentes canais sensoriais (visuais, auditivos, táteis, etc.) e múltiplas formas de ação e expressão do conhecimento, como relatos orais, produções visuais, recursos audiovisuais e encenações (Cast, 20--).

No contexto das **metodologias diferenciadas** ou **estratégias pedagógicas inclusivas**, elas devem garantir a adaptação do ambiente, de métodos e recursos didáticos para a participação e a aprendizagem de todos (Sasaki, 2006), destacando-se:

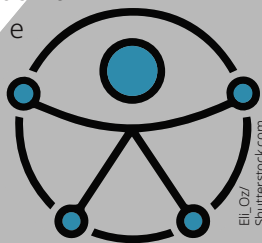
- a implementação de tecnologias assistivas quando necessário;
- a organização flexível de espaços e tempos de aprendizagem.

Ambientes acessíveis

A construção de ambientes educativos acessíveis e responsivos às diferentes necessidades dos estudantes passa pelo reconhecimento da diversidade e permite que cada um deles aprenda, respeitando-se sua singularidade.

A adaptação do ambiente escolar envolve modificações na infraestrutura para torná-lo acessível a todos, como sinalização tátil e auditiva, construção de rampas, instalação de elevadores, salas com recursos multifuncionais, adaptação de mobiliário, adequação de banheiros, criação de espaços sensoriais, entre outras medidas que promovam a autonomia dos estudantes.

Nesse contexto, vale destacar o **Símbolo Internacional da Acessibilidade Universal**, criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, que propõe a substituição do símbolo tradicional representado por uma figura de cadeirante, criado em 1986, pois busca a inclusão plena de todas as pessoas com deficiência física, auditiva, visual, intelectual e psicossocial, simbolizando autonomia, participação e igualdade de acesso para todos. Esse novo símbolo representa movimento, progressão e possibilidades, em contraposição à imagem estática anterior.



No Brasil, sua adoção vem ocorrendo de forma progressiva em instituições públicas, escolas, universidades, **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL** materiais didáticos e sinalização adaptados, especialmente após a promulgação da Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015).

IV. Avaliação

A avaliação e o planejamento são etapas codependentes no processo de formação curricular e na organização didática das aulas de Arte na Educação Básica. Uma boa avaliação necessita de um planejamento prévio e de uma comunicação assertiva com os estudantes sobre o que se espera deles em cada atividade e momento da progressão pedagógica. Comunicar como eles estão sendo avaliados e a que domínios específicos de cada linguagem

artística aquele fazer se dirige é papel do professor. É por isso que se considera que a avaliação tende a direcionar o processo pedagógico, pois estabelece um acordo entre estudantes e professores sobre os principais pontos que devem ser desenvolvidos nas ações educativas conceituais, atitudinais e comportamentais. Para tanto, um aspecto a ser considerado sobre a avaliação é que ela sempre estará diretamente relacionada aos objetivos em qualquer processo pedagógico. Ou seja, avaliar é ter como premissa retornar e responder às questões que são colocadas como objetivos de aprendizagem.

A avaliação propicia uma atitude crítica e reflexiva do estudante, mas também permite acesso, por parte do professor, à dimensão sensível, afetiva e expressiva individualizada de cada educando. Por isso, o objetivo da avaliação é convidar os estudantes a pensar os sentidos de se fazer arte na escola e como a arte transforma a experiência de estar na escola e de fazer parte da comunidade do entorno.

Dessa forma, em Arte, avaliam-se não apenas as produções artísticas dos estudantes, em observações técnicas e de repertório de cada linguagem, nas suas dimensões sonoras, visuais, de movimento e cênica, mas também os aspectos valorativos e atitudinais que permeiam as relações dele consigo mesmo, dele com seus pares e dele com o professor. Não obstante, é possível avaliar outras dimensões da presença da arte na escola por meio de suas reverberações atitudinais com relação à apropriação dos espaços: a ocupação, por meio de exposições e apresentações cênicas e musicais, por exemplo, amplia a noção de pertencimento dos estudantes, que se veem implicados em transformar os modos como a escola os recebe.

Historicamente, o ensino de Arte no Brasil foi marcado pela noção de livre expressão, em que se entendia a produção artística do estudante como fruto de sua mais pura subjetividade, o que dificultava ou impossibilitava uma avaliação objetiva por parte do professor (Barbosa, 2012). Mais do que isso, avaliar, nesse caso, era uma intervenção desnecessária na subjetividade do outro. Esse equívoco na concepção do fazer artístico e do desenvolvimento integral do estudante tem consequências até hoje, em que professores revelam dificuldade em avaliar os estudantes no componente Arte. Um argumento em favor da avaliação, nesse caso, é compreendê-la como parte da formação integral do estudante e entender que a Arte é também uma prática social, contextualizada

e que põe em diálogo aqueles que dela participam, construindo-se, assim, uma comunidade de aprendizagem artística, em que conhecimentos e valores são trocados, negociados e discutidos. Afinal, por ser uma prática educacional, o ensino e a aprendizagem de arte podem ser avaliados.

Outro caminho tomado na educação tem sido o de buscar objetividade na avaliação recorrendo a parâmetros mensuráveis, geralmente relacionados às técnicas de cada prática artística. Isso leva ao problema de reduzir a amplitude da Arte àquilo que é observável e controlável. Por exemplo, pode-se avaliar o canto pela afinação, pela rítmica e pela correta pronúncia das palavras. Por mais que estes sejam importantes, perde-se de vista, nesse caso, outros aspectos do fazer musical, como o envolvimento pessoal, o sentimento de pertencimento a um coletivo, o aspecto expressivo de se cantar, o sentido daquela música para cada pessoa, a motivação, o engajamento, entre outros. Portanto, a objetividade na avaliação tem o papel de evitar arbitrariedades e de comunicar efetivamente o que se espera do estudante, deixando margem para a escuta atenta de seu processo individual e da construção de significados pelo coletivo.

Ao compreendermos a complexidade dos processos que envolvem conhecer, aprender e experimentar em Arte, pautados tanto pela necessidade de aquisição de vocabulário próprio e instrumentalização para aprendizagem de técnicas específicas quanto pela necessidade de criar e experienciar elementos simbólicos e materiais que escapam à lógica prescritiva e padronizada, possibilitamos aos estudantes a confluência de outras formas de experimentar. Assim, ao compreendermos a importância de adotar métodos variados para avaliar em Arte, entendendo que os processos dos estudantes são sempre singulares.

Ao longo da coleção, lançamos mão de diferentes caminhos que podem ser combinados, a fim de respeitar os diferentes tempos de aprendizagem e aquisição de conhecimentos por parte dos estudantes. Nas propostas apresentadas, há abertura para que conteúdos sejam aprofundados, ampliados e desdobrados em outras práticas, buscando atender tanto os estudantes que necessitam de maior suporte (por meio de dicas e materiais de apoio indicados no MPU) como aqueles que têm necessidade de processos mais dinâmicos e variados (por meio das práticas que oferecem variações

e acréscimos de materiais, técnicas ou referências artísticas adicionais). Com base nesse modo de organizar a apresentação dos conteúdos teóricos e de propor os exercícios de criação e experimentação, levamos em conta a singularidade dos estudantes em seus processos próprios de conhecer, se apropriar ou se interessar pelas variadas linguagens artísticas, fomentando a autonomia em seus percursos formativos.

Outro ponto que corrobora para que a avaliação seja mais plural, abrangente e menos tecnicista ou meritocrática é a consideração e a valorização do contexto. Sabemos, comprovadamente, que avaliar é um ato complexo, mas necessário. Uma avaliação que não olha, em alguma medida, para as especificidades do contexto contribui para os processos de evasão escolar (Tourinho, 2010). Para tanto, a presente coleção não se restringe às contextualizações artísticas ou históricas, próprias de suas diferentes áreas, outrossim, aposta na contextualização social e cultural, que são imprescindíveis para a compreensão dos conteúdos artísticos e o entendimento de sua relevância pelos estudantes da Educação Básica. Destacamos as proposições do boxe **Pergunta em casa** como um exemplo que abarca tais preocupações em contextualizar os conteúdos estudados, buscando fortalecer vínculos com os familiares e a comunidade e construindo os saberes de modo compartilhado e indissociável da vida.

Os diversos instrumentos de avaliação reunidos nesta coleção visam apontar para o teor qualitativo da avaliação em Arte, o que significa considerar descritivamente o desenvolvimento de cada indivíduo e da turma como um todo, respeitando processualmente particularidades e acompanhando a progressão das aprendizagens.

Avaliação diagnóstica

A avaliação diagnóstica objetiva mapear o que os estudantes construíram como repertório próprio de conhecimento, suas dúvidas, seus interesses e suas fragilidades. Ela está geralmente vinculada ao início de um processo pedagógico ou de uma aula, em que se busca conhecer os estudantes em sua relação com o componente curricular Arte. Durante a avaliação diagnóstica, o professor se concentra em observar respostas corporais e sonoras, desenhos, relatos e a disponibilidade da turma para abarcar o tema proposto. França (2014, p. 100) escreve que, mesmo em uma atividade corriqueira, o professor pode se

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

perguntar: “O que [as ações da criança] revelam sobre o que ela já internalizou e, portanto, expressa de maneira autônoma? Que lacunas a serem cuidadas elas sinalizam? Quais necessidades são apontadas para a construção de novos conhecimentos?”. Dessa forma, o professor pode direcionar o trabalho com o conteúdo a ser estudado na unidade, buscando contemplar características individuais de cada um dos estudantes.

A **abertura da unidade** e a seção **Aquecendo** apresentam elementos que permitem o exercício da avaliação diagnóstica. Na abertura, a avaliação diagnóstica se dá com base na apreciação e na análise comparativa entre as duas imagens apresentadas. A descrição dos elementos das imagens, de seu conteúdo lúdico, estético ou poético e a reflexão do papel da criança e da cultura da infância permitem observar o desenvolvimento de cada estudante em sua individualidade.

Na seção **Aquecendo**, a avaliação diagnóstica ocorre por meio de atividades práticas de sensibilização e exploração do corpo e da ludicidade. Assim, é possível identificar o conhecimento prático da criança e suas disposições atitudinais no que diz respeito à participação em atividades coletivas e de criação.

Avaliações formativa e somativa

A avaliação formativa ocorre ao longo do processo educacional, gerando novas ações pedagógicas que retroalimentam novas propostas de aferição. Esse processo contínuo e em espiral visa à continuidade da aprendizagem e ao diálogo entre professor e estudante. Uma de suas funções é a inclusão dos estudantes e a regulação das aprendizagens. Dessa forma, o professor pode, sistematicamente, ajustar suas práticas pedagógicas às necessidades de cada criança. Recomendamos que faça registros por meio da escrita, gravação em áudio, vídeo, fotografias do desenvolvimento dos estudantes para que o acompanhamento seja sistemático. De acordo com Alves e Acevedo:

A avaliação deve levar em consideração as demandas, os interesses e os problemas do educando avaliado, por considerar que ele está em uma situação de exigência especial, mas que, entretanto, visa seu benefício. A partir das possibilidades que oferece o meio, o avaliador deve confrontar seu critério com

o do avaliado. Na medida em que o docente tiver construído suas considerações, ele estabelece trocas com o estudante para negociar suas conclusões e recomendações. Esta ação comunicativa faz parte da avaliação, já que contribui para as construções de aprendizagem significativas social e culturalmente, com uma posição crítica que permite uma transformação real, tanto do avaliado como do avaliador (Alves; Acevedo, 2002, p. 68).

As autoras comentam que o estudante, durante a avaliação, está em uma situação especial, que pode gerar um sentimento incômodo de ser observado, mas que essa ação visa a seu crescimento pessoal. De certa forma, o estudante também deve se abrir para os processos avaliativos para tirar o maior proveito deles, no sentido de ter um retorno individualizado sobre sua trajetória formativa que aponte os próximos caminhos a seguir. Alves e Acevedo (2002) apontam também para o fato de que a avaliação visa à ação comunicativa com o estudante, que inclui negociações e reflexão crítica, permitindo que ambas as partes sejam transformadas por esse processo.

No componente Arte, mesmo em uma etapa de fechamento do conteúdo estudado, a avaliação formativa permanece relevante por ter a função de sustentar os percursos de aprendizagem e proporcionar ajustes contínuos que se estendem aos próximos conteúdos trabalhados. Isso significa que há continuidade no processo avaliativo mesmo quando se alterna de uma linguagem artística para outra, quando se passa a trabalhar interdisciplinarmente ou com artes integradas.

A avaliação somativa, por sua vez, visa sistematizar processos individuais, coletivos, de natureza conceitual e prática. É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas ou conceitos e exercitar com o estudante a reflexão de seus processos. Nessa etapa, é importante celebrar o sensível, o criativo, a colaboração, o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária.

Na etapa final da unidade, as seções **Fazendo arte, Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte** são destinadas à etapa de avaliação formativa e somativa dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante os estudos. Destinam-se ainda à autoavaliação dos estudantes dos conhecimentos adquiridos ao término da unidade.

Portfólio e diário de bordo

Ao realizar as atividades práticas, estabeleça uma rotina de criação de registros para a formação de um portfólio, que poderá servir de instrumento avaliativo no decorrer do ano letivo. Essa é uma ferramenta útil para acompanhar o desenvolvimento de habilidades e competências. Funcionando como um arquivo pessoal que demanda curadoria, você pode registrar as atividades de aquecimento, de leitura de imagens, de projetos em grupo e de produções artísticas. Durante as produções, é interessante registrar o processo criativo e colaborativo, não apenas a produção final.

Periodicamente, é recomendável compartilhar trechos selecionados de seu portfólio com os estudantes, em uma proposta de avaliação formativa. O portfólio também pode ser um recurso valioso caso a turma passe por um momento difícil de mediação ou de desinteresse, resgatando processos e produtos bem-sucedidos que tragam de volta a motivação e a colaboração entre todos.

Em tempos de excessiva exposição nas redes sociais, tenha o cuidado de diferenciar o portfólio da cultura das redes, mesmo aproveitando a familiaridade dos estudantes com dispositivos tecnológicos e com o ser fotografado e filmado. Considere, quando for o caso, fazer a discussão sobre exposição da vida pessoal, redes sociais e preservação de direitos da criança e do adolescente, principalmente o direito à intimidade e privacidade.

O diário de bordo pode auxiliar no processo de documentação contínua, trazendo descrições, reflexões e problematizações do processo pedagógico sob seu ponto de vista. Registrar as dificuldades e potencialidades para, em um primeiro momento, observar a evolução da turma e do processo pedagógico é valioso não só para a avaliação dos estudantes como também para a autoavaliação do professor. Com o diário de bordo, você pode manter anotações individualizadas sobre casos que necessitam de sua atenção, bem como registrar a construção de uma relação mediada com os familiares nas reuniões pedagógicas de encontro com a família.

Autoavaliação

Na autoavaliação, o estudante é o sujeito que faz a avaliação, com base na mediação do professor. Esse é um recurso poderoso para dar voz aos estudantes, e para isso eles precisam se sentir

seguros de que suas opiniões e visões de mundo sejam acolhidas. Esse procedimento desencadeia não apenas um processo reflexivo crítico, mas também a dimensão sensível, afetiva e corporal. Relembrar a própria participação nos processos artísticos formativos, como aqueles experimentados em **Fazendo arte**, leva os estudantes a reviver aquelas experiências, agora com um olhar apreciativo e de ressignificação.

Quando utilizada durante o processo, a autoavaliação pode facilitar mudanças atitudinais e no percurso de aprendizagem. Por exemplo, em **Aquecendo**, o aspecto atitudinal é bastante relevante, pois o trabalho com o conteúdo está apenas no início e já é possível ajudar os estudantes a dar sentido àquela experiência de forma positiva, lúdica e sensível. Após as produções artísticas, a roda de conversa é uma boa oportunidade de autoavaliação e compartilhamento de processos individuais. Além do **Fazendo arte**, são oportunidades para essa autoavaliação as seções **Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte**.

V. Matriz de planejamento

O planejamento pedagógico é um elemento central para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. As matrizes de planejamento funcionam como ferramentas organizacionais que ajudam a estruturar suas práticas de forma sistemática e intencional, garantindo que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados de maneira progressiva e coerente.

A matriz de planejamento de rotina orienta a organização das atividades cotidianas, estabelecendo uma sequência lógica que favorece a aprendizagem e otimiza o tempo pedagógico.

Já a matriz de sequência didática permite o desenvolvimento aprofundado de conteúdos específicos ao longo de várias aulas, articulando diferentes estratégias e recursos para consolidar conhecimentos.

Ambas devem ser flexíveis e adaptáveis às necessidades da turma, considerando os diferentes ritmos de aprendizagem, as particularidades do contexto escolar e as diretrizes da BNCC.

A seguir, apresentamos modelos estruturais dessas matrizes que podem ser personalizados conforme a realidade de cada escola.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Matriz de planejamento de rotina

Período	Atividade/momento	Objetivos	Recursos	Duração	Observações
Acolhida	Roda de conversa inicial	Promover integração e diagnóstico inicial	Espaço circular, materiais de apoio	15 min	Verificar presença e estado emocional
Ativação	Aquecimento corporal e sensibilização	Ativar conhecimentos prévios	Jogos, desafios rápidos	10 min	Adaptar ao nível da turma
Desenvolvimento	Apresentação do conteúdo	Introduzir/sistematizar conceitos e práticas	Livro didático, materiais concretos	25 min	Utilizar diferentes estratégias
Prática	Atividades dirigidas	Consolidar aprendizagem	Exercícios, atividades práticas	20 min	Acompanhar individualmente
Sistematização	Síntese e registro	Organizar conhecimentos	Caderno, quadro, roda de conversa	10 min	Garantir compreensão
Fechamento	Avaliação do dia	Verificar aprendizagem	Autoavaliação, <i>feedback</i>	10 min	Preparar próxima aula

Matriz de sequência didática

Componente	Descrição	Detalhamento
Identificação	Dados gerais da sequência	Ano, componente curricular, duração total, número de aulas
Tema/conteúdo	Objeto de conhecimento central	Conteúdo principal e subtemas relacionados
Justificativa	Relevância pedagógica	Por que trabalhar este conteúdo neste momento
Objetivos	Geral: meta ampla da sequência	O que se pretende alcançar ao final
	Específicos: metas de cada etapa	Objetivos parciais de cada aula/momento
Habilidades BNCC	Códigos e descrições	Competências e habilidades a serem desenvolvidas
Conhecimentos prévios	Pré-requisitos necessários	O que os estudantes já devem saber
Recursos necessários	Materiais e equipamentos	Lista completa de recursos didáticos
Desenvolvimento	Aula 1: problematização inicial	Atividades de sensibilização e diagnóstico
	Aula 2: desenvolvimento I	Apresentação e exploração do conteúdo
	Aula 3: desenvolvimento II	Aprofundamento e prática dirigida
	Aula 4: sistematização	Organização e registro dos conhecimentos
	Aula 5: avaliação/aplicação	Verificação da aprendizagem
Avaliação	Instrumentos e critérios	Como e quando avaliar o processo
Produtos esperados	Resultados da aprendizagem	O que os estudantes produzirão
Bibliografia	Referências utilizadas	Fontes teóricas e materiais de apoio
Adaptações	Estratégias inclusivas	Adequações para diferentes necessidades

VI. Planejamento anual

O planejamento de um cronograma, de acordo com as necessidades de cada escola, é algo fundamental para que as aulas sejam bem aproveitadas e os estudantes tenham tempo suficiente para a realização das propostas. A seguir, sugerimos um planejamento que pode ser semestral, trimestral ou bimestral. Essa flexibilidade permite organizar as unidades da coleção da forma mais adequada ao seu contexto escolar.

Cronograma			Unidades
Bimestre	1º bimestre	1ª a 10ª semana	1 e 2
	2º bimestre	11ª a 20ª semana	3 e 4
	3º bimestre	21ª a 30ª semana	5 e 6
	4º bimestre	31ª a 40ª semana	7 e 8
Trimestre	1º trimestre	1ª a 13ª semana	1, 2 e 3
	2º trimestre	14ª a 26ª semana	3, 4, 5 e 6
	3º trimestre	27ª a 40ª semana	6, 7 e 8
Semestre	1º semestre	1ª a 20ª semana	1, 2, 3 e 4
	2º semestre	21ª a 40ª semana	5, 6, 7 e 8

VII. Organização da coleção

O livro didático é uma ferramenta estratégica de apoio no processo de ensino-aprendizagem de Arte. No âmbito do ensino, deve auxiliar na organização e no planejamento das aulas e, no âmbito da aprendizagem, atuar como um interlocutor qualificado para o estudante, contribuindo efetivamente para sua formação integral e seu desenvolvimento de práticas e saberes artísticos. Nesta coleção, essa ferramenta é articulada em torno de eixos transversais e poéticos que conferem unidade e profundidade aos cinco volumes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL Proposta de ensino de Arte

Os volumes são estruturados com base em um **eixo transversal e poético**, composto de uma palavra de amplo significado que retroage sobre si mesma, possibilitando um jogo de linguagem que oportuniza a experiência sensorial, lúdica e simbólica da aprendizagem em Arte. A inspiração para a utilização desse sentido recursivo vem do filósofo e educador Edgar Morin (2011-2013), que propõe a construção em movimento dos sentidos e dos conhecimentos com base na palavra que olha para si mesma. Esse tipo de estrutura permite uma ampla gama de procedimentos pedagógicos organizados progressivamente, além de possibilitar a concatenação de expressões culturais e artísticas entre os diversos campos da Arte, de diferentes tempos e localidades.

Volume	Eixo
1º ano	Vida da vida
2º ano	Sentido do sentido
3º ano	Terra da terra
4º ano	Ideias das ideias
5º ano	Humanidade da humanidade

O significado do tema **Vida da vida**, no Volume 1, pode ser entendido como aquilo que faz tudo existir, crescer e se transformar. É a parte invisível, mas importante, que está em tudo o que é vivo. Os artistas muitas vezes tentam mostrar a vida da vida em suas obras: nas cores que escolhem, nas formas que criam, nos movimentos de uma dança, na música que emociona ou nas esculturas que parecem respirar. Na Unidade 2 – **O que o meu corpo expressa?**, enfatizamos essa relação na atividade proposta para a seção **Aquecendo**, que ativa a percepção corporal por meio dos movimentos do corpo com base na intervenção de elementos da natureza.

No Volume 2, o eixo **Sentido do sentido** direciona o trabalho para a exploração dos cinco sentidos, bem como para os aspectos sensorio-motor de deslocamento do espaço e da qualidade de movimento do corpo. A Unidade 1 – **Que sons estão ao redor?** convida o estudante a explorar e vivenciar o conceito de paisagem sonora, propondo uma atividade de escuta do ambiente na seção **Aquecendo**, por exemplo. Na Unidade 3 – **Qual é o som do teatro?**, trabalha-se também o som, mas para compreender os elementos sonoros de uma obra teatral.

O eixo que estrutura o Volume 3 é **Terra da Terra**, no qual podemos explorar a materialidade dos objetos artísticos; sons, movimentos, cores e narrativas da natureza e dos animais; além da Terra como um patrimônio humano comum, que deve ser cuidada. Na Unidade 4 – **Quando a arte encontra a terra?**, os estudantes vão conhecer o movimento artístico Arte da Terra (*Land Art*) e experimentar uma caminhada para observar elementos pelo caminho.

O eixo **Ideias das ideias** é apresentado no Volume 4, permitindo uma reflexão sobre a própria criação artística, estabelecendo um jogo entre ideia, imaginação, valores e práticas artísticas. Na Unidade 3 – **Vamos jogar com o corpo e com a voz?**, são exemplificadas as variações da noção de atuação, ressaltando algumas das diferenças entre o trabalho dos atores no Oriente e no Ocidente. Na Unidade 2 – **Como se cria um movimento?**, contextualiza-se o *hip-hop*, que reúne diversas linguagens artísticas em torno de um protagonismo cultural periférico, como uma forma de expressão e convivência. Ao estudar os valores específicos das manifestações artísticas é possível acessá-los por meio da interculturalidade crítica e abrir novos horizontes de sentido para os estudantes em suas práticas artísticas.

No Volume 5, cujo eixo transversal é **Humanidade da humanidade**, é oportunizada uma reflexão sobre condição humana, convivência, coletividade, histórias de vida e de família, referenciada em manifestações artísticas e culturais relevantes. Na Unidade 4 – **Que histórias você deixa no mundo?**, os estudantes são convidados a refletir sobre as histórias familiares e as tradições ancestrais por meio de obras de Jaider Esbell, Helena Coelho e Julian Germain.

Além dos eixos que norteiam os volumes, a coleção se organiza de modo sistemático. Cada volume

contém oito unidades; cada uma delas dedicada a uma linguagem artística, na seguinte ordem: música, dança, teatro e artes visuais; com a repetição das linguagens nessa mesma sequência. As artes integradas estão contempladas em seções específicas dentro das unidades. Conteúdos tradicionalmente construídos como interlinguagens – por exemplo, *hip-hop*, *performance*, audiovisual, manifestações tradicionais brasileiras –, bem como elementos de sonoplastia, cenário e figurino são tratados por meio de uma linguagem artística específica e ampliados para as demais conforme o escopo do trabalho. A progressão em espiral dos conteúdos e práticas artísticas eventualmente leva uma mesma manifestação cultural ou prática artística a ser abordada em mais de uma unidade de linguagens artísticas diferentes, ampliando os modos como ela pode ser estudada e contextualizada.

As unidades são elaboradas em consonância com as competências gerais da Educação Básica, as competências específicas de Arte para o Ensino Fundamental, as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades mencionadas na BNCC para os anos iniciais do componente curricular Arte. Adicionalmente, são consideradas as competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental, no papel que as diversas coleções do segmento têm em auxiliar o letramento “de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (Brasil, 2018, p. 67-68).

As unidades incluem de três a seis habilidades de Arte da BNCC. Além disso, são incluídas propostas artístico-pedagógicas que garantam, ao longo dos volumes, a abordagem das competências gerais e das específicas de Linguagens e de Arte.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO Quadro de conteúdos DA EDITORA DO BRASIL

Os quadros a seguir trazem as competências gerais e as específicas de Linguagens e de Arte, as habilidades e os TCTs, de modo a facilitar a visualização dos eixos temáticos e da organização da BNCC na coleção.

Volume 3

Unidade 1 – Quais são os sons de quem sempre esteve aqui?			
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer músicas e artistas indígenas. • Identificar instrumentos de sopro, de cordas e de percussão usados em músicas indígenas. • Reconhecer a importância da respiração ao tocar instrumentos de sopro. • Identificar os contextos em que a música indígena está presente. • Conhecer uma narrativa tupi. • Experimentar a marcação de ritmo de música indígena usando os pés e as mãos. 		
Habilidades	EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR17, EF15AR23, EF15AR24 e EF15AR26		
Competências gerais	1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 2, 3, 4, 5, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 4, 5 e 6	TCTs	Multiculturalismo; Ciência e Tecnologia.

Unidade 2 – Como se dança na sua terra?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer e valorizar manifestações da cultura popular brasileira por meio da vivência de danças tradicionais, como frevo e catira, compreendendo suas origens e relações socioculturais. Desenvolver a consciência corporal pela observação e experimentação de movimentos específicos dessas danças, com ênfase na coordenação de mãos e pés, reconhecendo o corpo como instrumento expressivo. Estimular a criatividade e a expressão individual e coletiva em atividades práticas de exploração, improvisação e criação de movimentos, ampliando o repertório expressivo e promovendo a fruição estética. 		
Habilidades	EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR12, EF15AR23, EF15AR24 e EF15AR25		
Competências gerais	1, 3, 4, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 3, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Cidadania e Civismo.

Unidade 3 – Vamos fazer teatro em comunidade?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Promover a compreensão do teatro como uma arte eminentemente coletiva. Estimular o reconhecimento das manifestações cênicas das comunidades das quais os estudantes fazem parte. Conhecer as expressões teatro comunitário e oficina de teatro. Aproximar-se de grupos de teatro comunitário e de sua atuação. Entender os processos de aprendizagem relacionados ao fazer teatral. Conhecer quem foi Augusto Boal e apresentar alguns tópicos do Teatro do Oprimido. Perceber o teatro como um instrumento de tomada de consciência, letramento social e intervenção na sociedade. Experimentar jogos teatrais e exercícios que exploram reflexão, noções de concentração, atenção, propriocepção corporal, disponibilidade, escuta ativa, cooperação, confiança e trabalho em grupo. 		
Habilidades	EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20 e EF15AR21		
Competências gerais	1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 4, 7, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 4 e 5	TCT	Cidadania e Civismo.

Unidade 4 – Quando a arte encontra a terra?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Compreender o movimento artístico Arte da Terra (<i>Land Art</i>). Refletir sobre a relação dos artistas com a natureza. Apreciar manifestações das artes visuais contemporâneas do movimento Arte da Terra. Experimentar a produção artística com materiais naturais coletados durante saída de campo para observação. Compreender a Arte Conceitual. 		
Habilidades	EF15AR02, EF15AR03, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06 e EF15AR07		
Competências gerais	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 4 e 5	TCTs	Meio Ambiente; Saúde.

Unidade 5 – Como fazer música juntos?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Compreender os conceitos de pulsação e andamento. Reconhecer a pulsação em diferentes elementos do cotidiano, no próprio corpo e em canções. Conhecer o metrônomo. Reconhecer alguns cuidados no trânsito, o significado das cores do semáforo e promover uma ação de educação para o trânsito. Experimentar movimentos acompanhando a batida das músicas durante um jogo. Produzir sons no corpo para que os colegas se movimentem. 		
Habilidades	EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15 e EF15AR17		
Competências gerais	1, 2 e 3	Competências específicas de Arte	1, 3, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Cidadania e Civismo.

Unidade 6 – Você conhece seu espaço?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar o espaço como parte importante da dança. • Conhecer e compreender o conceito de cinesfera. • Experimentar movimentos pelo espaço, em diferentes direções e com distintas orientações. • Conhecer o trabalho do coreógrafo. • Conhecer e apreciar a obra de Pina Bausch. • Compreender o conceito de coreografia. • Elaborar e experienciar, por meio da criação individual e coletiva, uma coreografia. 		
Habilidades	EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11 e EF15AR12		
Competências gerais	1, 3, 4, 6, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCTs	Economia; Multiculturalismo.

Unidade 7 – Teatro de rua é para todo mundo?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivar que os estudantes identifiquem teatralidades diversas presentes no cotidiano, incluindo as manifestações tradicionais locais em seus contextos. • Apresentar um breve histórico do teatro de rua e grupos relevantes no cenário nacional, além de artistas populares. • Conhecer e experimentar algumas características do teatro de rua: o trabalho de presença dilatada dos atores, o uso de máscaras, de bonecos, de figuras ampliadas e expansões corporais, a presença da música com instrumentos e o canto ao vivo, o cortejo, a arena, a apropriação de espaços específicos da cidade e a relação direta com o público. • Traçar relações entre circo e teatro de rua, a característica mambembe dos artistas de rua e circenses e a presença do cômico nas duas formas de artes da cena. • Estimular o debate sobre experiências intergeracionais de recepção cênica e inclusão: espetáculos para todas as idades, espetáculos de teatro de rua voltados para as infâncias e inclusão de pessoas com deficiência nas plateias. • Elaborar e experienciar, por meio da criação coletiva, das experimentações com músicas e movimentos e do desenvolvimento de elementos cênicos (adereços, figurinos, maquiagem, estandarte), um cortejo teatral de rua. 		
Habilidades	EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR23, EF15AR24 e EF15AR25		
Competências gerais	1, 3, 4, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 3, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Cidadania e Civismo.

Unidade 8 – A natureza inspira a arte?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender as relações entre arte e natureza por meio de artistas e obras que dialogam com esse tema. • Produzir experimentações artísticas em ilustração botânica. • Desenvolver o interesse pela observação da natureza e sua preservação. • Desenvolver a atenção e a observação por meio dos exercícios de criação artística. • Explorar a prática artística utilizando a técnica da aquarela. 		
Habilidades	EF15AR02, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06 e EF15AR07		
Competências gerais	1, 3, 4, 6, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 4 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Meio Ambiente; Saúde.

Volume 4

Unidade 1 – Que som você tem?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer o timbre como uma propriedade do som. • Reconhecer o corpo como instrumento musical. • Conhecer manifestações culturais diversas que utilizam a percussão corporal. • Apreciar diferentes formas de produzir sons com o corpo. • Desenvolver práticas musicais utilizando o corpo como instrumento. • Ampliar o repertório de timbres e músicas que utilizam a percussão corporal. 		
Habilidades	EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR16 e EF15AR17		
Competências gerais	1, 3 e 4	Competências específicas de Arte	1, 3, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCT	Multiculturalismo.

Unidade 2 – Como se cria um movimento?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Compreender que o corpo tem um ritmo interno que orienta e organiza os movimentos e é influenciado por fatores como respiração, intenção e fluxo de energia. Proporcionar experiências de fruição e apreciação estética, desenvolvendo o olhar crítico e sensível dos estudantes. Promover o reconhecimento do <i>hip-hop</i> como movimento artístico e cultural que integra elementos de dança, música, poesia e artes visuais. Explorar a expressividade corporal como forma de comunicação por meio do <i>hip-hop</i>. 		
Habilidades	EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11 e EF15AR12		
Competências gerais	1, 3, 4, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Cidadania e Civismo.

Unidade 3 – Vamos jogar com o corpo e com a voz?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer o trabalho do ator como central à arte teatral. Conhecer diferentes tipos de trabalho de ator no teatro, comparando Ocidente com Oriente. Entender o trabalho do ator como um ofício, que depende de estudo, treinamento, esforço e dedicação contínuos. Conhecer conceitos caros ao campo teatral, como texto dramático, dramaturgia, relação palco-plateia e fisicalização. Identificar o corpo-voz como unidade e como ferramenta central na criação dos atores, seja no teatro, seja no cinema, seja na televisão. Traçar relações entre o melodrama no teatro e a linguagem das telenovelas, tão relevantes à cultura brasileira. Exercitar a voz por meio de exercícios vocais e entender sua relevância no trabalho dos atores. Propor a realização de jogos teatrais envolvendo diversos elementos que levem à compreensão inicial da construção de personagens. Elaborar e experienciar, por meio da criação individual e coletiva, uma improvisação com personagens. 		
Habilidades	EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR22, EF15AR23 e EF15AR25		
Competências gerais	1, 2, 3, 4, 8 e 9	Competências específicas de Arte	2, 3, 4, 6, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 5 e 6	TCTs	Saúde; Economia; Multiculturalismo; Cidadania e Civismo.

Unidade 4 – Como você cria com as coisas a seu redor?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Aprender sobre a linguagem da escultura contemporânea. Conhecer artistas que exploram a criação tridimensional por meio da arquitetura espontânea e da técnica assemblagem. Explorar materiais não convencionais para criar artisticamente. Conhecer os tridimensionais priorizando materiais de reuso. Fruir as imagens artísticas e os trabalhos produzidos em sala de aula. 		
Habilidades	EF15AR01, EF15AR02, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06 e EF15AR07		
Competências gerais	1, 3, 4, 6, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 4 e 5	TCT	Meio Ambiente.

Unidade 5 – Vamos inventar música?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer a improvisação musical. Conhecer alguns sinais de regência. Utilizar os sinais aprendidos para fazer música improvisada. Fazer música coletivamente. Refletir sobre música e criar uma composição musical com base na improvisação. 		
Habilidades	EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR17, EF15AR23 e EF15AR24		
Competências gerais	1, 3 e 4	Competências específicas de Arte	1, 2, 4 e 8
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Ciência e Tecnologia.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Unidade 6 – Quem pode mudar a dança?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver habilidades de equilíbrio estático e dinâmico por meio de práticas corporais orientadas, para promover maior consciência postural e estabilidade nos deslocamentos. Estimular o controle motor, global e fino, por meio da exploração consciente dos movimentos, a fim de favorecer a coordenação, a precisão gestual e a autonomia no uso do corpo. Ampliar a percepção do corpo no espaço e em relação ao outro. Compreender aspectos históricos, estéticos e estruturais do balé clássico e da dança contemporânea. 		
Habilidades	EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11 e EF15AR12		
Competências gerais	1, 3, 4, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 2, 3, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Ciência e Tecnologia.

Unidade 7 – Imagem e cena: teatro ou cinema?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Relacionar as linguagens teatral e audiovisual, introduzindo conceitos importantes a ambas. Comparar características do teatro e do cinema e entender a imagem como central nas duas linguagens. Reconhecer as diferenças entre ser espectador de teatro e de cinema. Compreender a função do diretor no teatro e no cinema. Reconhecer o teatro de sombras como patrimônio imaterial de diversos países do Oriente. Conhecer grupos de teatro que trabalham com a interface entre audiovisual e teatro e com teatro de sombras. Apresentar o trabalho de diretoras no panorama nacional das artes. Experimentar jogos e investigações práticas com sombras, dentro e fora da sala de aula. Introduzir noções básicas do uso da imagem no cinema, explorando enquadramentos, planos e ângulos. Criar, ensaiar e gravar uma cena em vídeo. Compreender a diferenciação entre as funções de diretor, ator, cinegrafista e roteirista, exercitando-as em um trabalho coletivo. 		
Habilidades	EF15AR18, EF15AR20, EF15AR23, EF15AR24 e EF15AR26		
Competências gerais	1, 2, 3, 4, 5, 9 e 10	Competências específicas de Arte	2, 4, 5, 6, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 4, 5, 6, 8 e 9	TCTs	Ciência e Tecnologia; Economia; Cidadania e Civismo.

Unidade 8 – A cidade pode ser um abrigo?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Trabalhar a noção tridimensional, explorando o fazer artístico com diferentes materiais: modelagem em argila e construção com sucatas e objetos. Explorar o universo de criação do artista brasileiro Francisco Brennand, referência na produção de esculturas e cerâmicas. Problematizar as relações de pertencimento e vínculo dos estudantes com a cidade em que vivem. Fomentar diálogos e reflexões sobre a cidade, enfatizando a importância do cuidado e da cidade como atitudes coletivas e transformadoras. 		
Habilidades	EF15AR01, EF15AR02, EF15AR03, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06 e EF15AR07		
Competências gerais	1, 3, 4, 6, 7, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 2, 3, 4, 7, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 4 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Cidadania e Civismo.

Volume 5

Unidade 1 – A gente pode escrever música?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer notação musical não convencional. Estabelecer recursos para elaboração de registro musical. Escrever um registro sonoro para que outra pessoa o execute. Executar um registro sonoro que outra pessoa escreveu. Indicar o registro de sons de uma música já existente. 		
Habilidades	EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR16 e EF15AR17		
Competências gerais	1, 3 e 4	Competências específicas de Arte	1, 3, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCT	Multiculturalismo.

Unidade 2 – Que histórias podemos dançar?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Compreender as expressões artísticas presentes nos festejos do Bumba Meu Boi, reconhecendo seus elementos visuais, musicais, corporais e simbólicos como manifestações culturais de grande relevância para a identidade brasileira. Analisar o papel da dança como linguagem narrativa, identificando como os movimentos corporais podem incorporar personagens e histórias, além de expressar emoções e acontecimentos, especialmente no contexto das danças populares tradicionais. Valorizar o Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, reconhecendo a importância das tradições populares, dos saberes coletivos e da diversidade regional nas manifestações artísticas, com especial atenção ao Bumba Meu Boi, como expressão de resistência e de criatividade. Desenvolver habilidades manuais e criativas na construção de adereços cênicos, como a cabeça de boi, compreendendo sua função na encenação e sua relação com os processos de criação colaborativa e artesanal. Vivenciar elementos coreográficos inspirados nos movimentos do Bumba Meu Boi, explorando o corpo como instrumento expressivo e comunicativo. 		
Habilidades	EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR12, EF15AR24 e EF15AR25		
Competências gerais	1, 3, 4, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 2, 3, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCT	Multiculturalismo.

Unidade 3 – As palavras entram em cena?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Compreender a palavra como elemento central à linguagem teatral. Reconhecer formas diversas da presença da palavra no teatro e na cena contemporânea: escrita, falada, cantada, recitada, em Libras, etc. Entender que o texto dramático pode ser a base e o indutor para uma encenação teatral. Identificar espetáculos que usem recursos de acessibilidade de forma poética, inseridos na criação e na cena. Conhecer o <i>slam</i>, suas características e sua forte presença nas culturas juvenis contemporâneas brasileiras. Reconhecer o repente como Patrimônio Cultural Imaterial. Produzir a escrita de uma cena teatral curta com base nas características do texto dramático tradicional. Experimentar exercícios de leitura em voz alta que envolvam corpo, voz e intenções diversas. Compreender o que é uma leitura dramática e como produzi-la. 		
Habilidades	EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21, EF15AR22 e EF15AR25		
Competências gerais	1, 3, 4, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 3, 5, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Cidadania e Civismo.

Unidade 4 – Que histórias você deixa no mundo?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Refletir sobre aspectos sociais e identitários com base em diferentes produções artísticas. Valorizar saberes ancestrais e familiares. Reconhecer manifestações das artes visuais contemporâneas. Apresentar algumas produções em fotografia. Participar da criação de um trabalho manipulando fotografias familiares. 		
Habilidades	EF15AR01, EF15AR02, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06 e EF15AR07		
Competências gerais	1, 3, 4, 6, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 4 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Cidadania e Civismo.

Unidade 5 – Como escrever música?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer a notação musical tradicional e sua função no registro de música. Obter recursos para elaborar registros musicais simples. Escrever e identificar símbolos básicos da notação musical tradicional. Acompanhar uma música com base em um registro sonoro ou escrito. Reconhecer por meio da escuta e da leitura o registro de sons de uma música já existente. 		
Habilidades	EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR16 e EF15AR17		
Competências gerais	1 e 4	Competências específicas de Arte	1, 3, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCT	Multiculturalismo.

Unidade 6 – Dançar faz parte da vida?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar aspectos constitutivos da cultura indígena em relação à dança. • Reconhecer e valorizar as tradições culturais dos povos indígenas como patrimônio imaterial e elemento formador da identidade brasileira. • Compreender a dimensão simbólica, ritualística e comunitária da dança nas culturas indígenas. • Participar de práticas corporais coletivas, explorando movimentos inspirados na linguagem da dança tradicional de diferentes povos, com ênfase na escuta, no ritmo e na convivência. 		
Habilidades	EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11 e EF15AR12		
Competências gerais	1, 3, 4, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCT	Multiculturalismo.

Unidade 7 – O que pode ser a performance?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar conceitos e características de arte da <i>performance</i>. • Relacionar <i>performance</i>, ancestralidade, tradição e arte contemporânea. • Trabalhar possibilidades de práticas artísticas intergeracionais, incentivando as relações entre crianças e pessoas idosas da comunidade. • Entender a <i>performance</i> como intervenção no cotidiano e sua dimensão de ativismo político e social. • Conhecer artistas que fizeram parte da história da <i>performance</i> e trabalhos emblemáticos na linguagem. • Apresentar o trabalho de <i>performers</i> brasileiros, na intersecção com as <i>performances</i> culturais e as tradições de matrizes indígenas e afro-brasileiras. • Desenvolver atividades que incentivem vivências práticas de elementos caros à linguagem performática, como os tempos dilatados, o uso insólito de espaços e as corporeidades em situações diversas das cotidianas. • Fomentar a fruição de <i>performances</i> com base em registros visuais e audiovisuais de <i>videoperformances</i> e de <i>fotoperformances</i>, além de registros de <i>performances</i> presenciais. 		
Habilidades	EF15AR20, EF15AR21, EF15AR24 e EF15AR25		
Competências gerais	1, 2, 3, 4, 8 e 9	Competências específicas de Arte	1, 2, 3, 4, 7, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens		TCTs	Multiculturalismo; Cidadania e Civismo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Unidade 8 – O que você manifesta em sua vida?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre problemas ambientais e sociais por meio da arte. • Conhecer artistas que usam a arte para abordar temas importantes de nosso tempo. • Incentivar o cuidado com a natureza e a participação na sociedade. • Apreciar manifestações das artes visuais contemporâneas, compreendendo sua expansão para além dos espaços convencionais, como museus e galerias. • Criar diferentes produções artísticas inspiradas nos artistas estudados. 		
Habilidades	EF15AR01, EF15AR02, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06 e EF15AR07		
Competências gerais	1, 3, 4, 6, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 4, 5, 7, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 4 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Cidadania e Civismo; Meio Ambiente; Ciência e Tecnologia.

Estrutura da coleção

Para oportunizar a realização da proposta artístico-pedagógica da coleção, ela foi organizada em seções, subseções e boxes. Por meio das seções, é possível planejar o espaço das atividades e segmentar os conteúdos e práticas vivenciados a cada encontro. As subseções dão apoio conceitual, pois nelas o conteúdo é trabalhado de modo mais aprofundado. Os boxes entram como indicações complementares, dicas, orientações, ampliação de repertório, para facilitar a sistematização de conhecimento. Ao utilizar a mesma estrutura organizacional para todas as linguagens artísticas, além de contemplar a integração entre as artes ao longo das unidades e em seções específicas identificadas como **Artes integradas**, torna-se possível estabelecer rotinas de aprendizagem que caminham por um roteiro familiar e construtivo, facilitando aos estudantes o reconhecimento de padrões e as progressões didáticas em cada unidade.

Abertura

O título que conduz a unidade é apresentado com duas imagens e atividades de avaliação diagnóstica, com ênfase na descrição das imagens, no levantamento de repertório prévio dos estudantes e na associação com a vida cotidiana, familiar e escolar. As imagens incluem obras de arte, além de registros de expressões artísticas e culturais e de práticas das culturas infantis. O exercício comparativo na leitura de imagens oferece aos estudantes a oportunidade de avaliação, a crítica, a contextualização e a interpretação dos elementos visuais. A abertura conta também com o box **Nesta unidade, você vai**, que indica os objetivos de aprendizagem da unidade.

Aquecendo

Apresenta uma atividade de experimentação, desenvolvida passo a passo. A prática pode ser de aquecimento, de sensibilização, de preparação do corpo, de exploração do espaço, de jogo, entre outras, para chamar a atenção sobre o assunto estudado. É elaborada tendo em vista sua repetição, com variações, a fim de consolidar as habilidades em seus aspectos práticos (considerando que a prática só se desenvolve por experiências continuadas).

Conhecendo arte

Apresenta texto expositivo, com análise de imagens, contextualização, elementos da linguagem artística estudada, contemplando as habilidades teóricas da BNCC mobilizadas na unidade. As obras de arte e as imagens escolhidas compõem com o texto expositivo uma experiência de apreciação e fruição artística, contextualizando fenômenos de acordo com a vivência dos estudantes e propondo reflexões conectadas com a realidade deles. Pode ser conduzida como uma narração, com a participação ativa dos estudantes. Incluir perguntas pontuais que estimulem a participação dos educandos e que possibilitem o acompanhamento formativo deles é uma boa ideia. Quando há uma continuação após o **Pensando arte**, a seção retorna com o nome **Conhecendo mais arte**.

Pensando arte

Seção de atividades, com questões dissertativas, discussões em grupo e atividades práticas. As atividades podem ser feitas individualmente ou em grupo, oralmente ou por meio da escrita e do desenho. Nelas, são trabalhadas as habilidades da BNCC, o contexto social dos estudantes e os aspectos práticos da linguagem artística em foco. As atividades permitem a condução de uma avaliação formativa, relacionando conhecimentos conceituais e práticos.

Maleta de artista

Subseção que apresenta um descritivo da materialidade e seu uso em uma expressão artística. O material pode ser algo comumente associado à produção artística. Material é tudo aquilo que pode ser “manipulado”. Não necessariamente é algo físico, palpável. Por exemplo, é possível manipular as alturas do som, uma parte do corpo, uma relação com o espaço, um enquadramento de imagem ou uma composição imagética. O trabalho consistente com a materialidade da prática artística e sua manipulação permite aos estudantes formar uma base de recursos para a construção de sua expressão.

Expressão de artista

Subseção que descreve um aspecto expressivo de um artista, uma obra ou uma manifestação

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

artística ou cultural. Pode ser a análise de um gesto cênico, de um movimento, de um trecho musical, de um recorte imagético. Um aspecto expressivo é aquele que pode ser relacionado também a um sentimento, como saudade, alegria, tristeza e surpresa, ou a algum aspecto afetivo de sociabilidade, como enraizamento, pertencimento, ancestralidade, entre outros.

Artes integradas

Texto expositivo, com imagens e contextualização de uma abordagem integradora entre as linguagens artísticas, seja em uma visão da arte contemporânea, seja em uma interpretação da cultura popular e dos saberes tradicionais.

O mundo que nos cerca

Abrange temas que propiciam a reflexão dos estudantes sobre princípios éticos, democráticos e inclusivos, com base nos TCTs. Apresenta imagens que relacionam questões contemporâneas, vida social dos estudantes e conteúdos estudados.

Atitudes que transformam

De caráter interdisciplinar, possibilita práticas reflexivas e ações voltadas para a cidadania, relacionadas ao TCT trabalhado na seção **O mundo que nos cerca**. Propõe uma ação social com protagonismo dos estudantes, envolvendo comunidade escolar e/ou entorno.

Universo digital

Com foco no letramento digital, traz assuntos relevantes para os estudantes e propostas práticas ou de reflexão que envolvem as tecnologias de informação e comunicação, seus limites, benefícios e cuidados que devem ser tomados.

Fazendo arte

Atividade de produção artística que retoma conceitos da unidade de forma ampla e evidencia a criação artística. Envolve avaliação do processo e da produção, levando os estudantes a refletir sobre trabalho coletivo, sobre a produção dos colegas e sobre a própria atuação. Propicia a avaliação formativa e somativa.

Nesta unidade, vimos

Retoma os principais conceitos e conteúdos trabalhados na unidade. É finalizada com questões que possibilitam verificar o entendimento dos estudantes sobre temas estudados. Propicia a avaliação formativa e somativa.

Mapa da arte

Atividade de síntese e avaliação da unidade. Combina palavras-chave com ilustrações. É uma apresentação gráfica do percurso de aprendizagem que relaciona os diversos conteúdos em uma proposta de ligação de saberes. O estudante toma parte ativa do mapa mental, completando com as próprias perspectivas e se colocando como protagonista no universo da arte. Propicia a avaliação formativa e somativa.

Boxes

Quem é/foi...?

Texto biográfico sobre o artista ou grupo artístico em que se busca valorizar a pessoa por trás da produção artística, mostrando sua fotografia, sua trajetória e sua importância no cenário artístico.

O que é...?

Traz conceitos-chave que os estudantes devem compreender ao estudar a unidade.

Pergunta em casa

Atividade que propõe a interação com a família e a comunidade. Os estudantes registram impressões das pessoas com que convivem e retornam para a sala de aula, para compartilhar com os colegas de turma. Essa troca de repertório busca incluir o entorno dos estudantes no processo educacional e despertar neles as potencialidades e aprendizagens que podem ter em casa e na comunidade, seja com saberes formalizados, seja por acúmulo de vivências.

Para ir mais longe

Sugestões de *sites*, livros, vídeos, filmes, músicas e visitas guiadas para ampliação de repertório.

Dica

Contém dicas para auxiliar os estudantes a entender algum conceito ou fazer alguma atividade.

VIII. Referências comentadas

ALMEIDA, F. de S. *Dança-relando: arte, educação e infância*. Curitiba: Summus, 2022.

Obra colaborativa que apresenta intervenções pedagógicas realizadas com crianças em ambientes escolares, integrando dança, música, poesia, cultura popular e tecnologias.

ALVES, E.; ACEVEDO, R. *La evaluación cualitativa: reflexión para la transformación de la realidad educativa*. Caracas: Petroglifo Producciones, 2002.

Na obra, as autoras apresentam uma visão sistemática de avaliação no contexto escolar. Com foco na avaliação qualitativa, elas apresentam definições pertinentes para os principais tipos de avaliação utilizados no ensino formal.

BARBOSA, A. M. *A imagem no ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

A autora comenta a abordagem triangular para o ensino da Arte, fazendo um balanço de sua trajetória desde as primeiras implementações em 1980. Essa abordagem tem sido ponto de partida para construção de políticas públicas e currículos na área de Arte.

BARBOSA, A. M. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Na obra, a autora revisita as principais tendências do ensino de Arte no Brasil, desde o século XIX até a implementação da ideia de arte-educação no Brasil.

BERTAZZO, I. *Gesto orientado: reeducação do movimento*. São Paulo: Senac, 2014.

A obra explora a importância do gesto na comunicação e propõe exercícios para a reeducação do movimento, visando aprimorar a expressão corporal.

BOAL, A. *Jogos para a criação e a comunicação de Janeiro: Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

No livro, organizado em forma de manual, é possível compreender os contextos de criação do Teatro do Oprimido de Augusto Boal e acompanhar diversas sequências de jogos teatrais que podem ser realizados por qualquer pessoa, envolvendo noções importantes para o saber fazer teatral.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 28 maio 2025.

A BNCC define as competências, habilidades e objetivos de aprendizagem que devem orientar o ensino em todas as etapas da Educação Básica, incluindo o componente curricular Arte. No campo da dança, o documento valoriza a experimentação, a apreciação e a reflexão sobre diferentes manifestações corporais, considerando a diversidade cultural brasileira.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos*. [Brasília, DF]: MEC: CNE, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.

O documento aborda os processos avaliativos a serem realizados pelos professores, traz a seção “As múltiplas infâncias e adolescências” e apresenta as características dos estudantes da faixa etária.

BRASIL. *Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 28 maio 2025.

Por meio do link informado, você pode acessar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação decretada em 20 de dezembro de 1996, que rege a Educação Básica.

BRASIL. *Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 9 ago. 2025.

A lei busca assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoas com deficiência.

BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução CNE/CEB n. 7, de 14 de dezembro de 2010*. [Brasília, DF]: MEC: SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.

Estabelece diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos, promovendo acesso, inclusão, qualidade e equidade na Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. *Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos*. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em: 9 ago. 2025.

O documento detalha os TCTs, analisando o desenvolvimento histórico desse aparato conceitual da Educação Básica e direcionando as possibilidades de se trabalhar com ele em articulação com os demais conteúdos definidos pela BNCC.

BRITO, T. A. de. *Quantas músicas tem a Música? ou Algo estranho no museu!* São Paulo: Peirópolis, 2009.

O livro faz um panorama multicultural em que é possível ler e ouvir músicas de diversos países, incluindo algumas feitas por crianças brasileiras.

BRITO, T. A. de. *Um jogo chamado música: escuta, experiência, criação e educação*. São Paulo: Peirópolis, 2019.

Brito faz reflexões sobre o fazer musical baseado na escuta das produções sonoras e das ideias de músicas que as próprias crianças têm sobre o que elas produzem, compreendendo a música como um jogo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

CABRAL, B. Â. V. *Drama como método de ensino*. São Paulo: HUCITEC, 2012.

Nesta obra, podemos acompanhar uma das muitas possibilidades metodológicas de trabalho com ensino-aprendizagem de teatro desenvolvida no Brasil, aqui com origem no drama inglês.

CARERI, F. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

A obra aborda a importância de experimentar os espaços da cidade por meio da caminhada como uma prática artística e ativa.

CAST. *Universal Design for Learning*. Lynnfield: Cast, [20-]. Disponível em: <https://www.cast.org/what-we-do/universal-design-for-learning/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

Traz informações sobre o *Design Universal* para a Aprendizagem (DUA), que tem por finalidade criar ambientes de aprendizagem inclusivos.

CORRÊA, J. F.; SANTOS, V. L. B. dos. *Docência em dança no contexto escolar*. Curitiba: Appris, 2024.

A presente obra oferece subsídios para consolidar a dança como componente curricular autônomo em escolas, com relatos, práticas pedagógicas e reflexões sobre a formação e atuação docente.

CORSARO, W. A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Por meio da sociologia da infância, o autor compreende que as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, cuja ação no mundo contribui não só para sua cultura de pares, mas também para a cultura dos adultos.

CUNHA, S. R. V. da. Questionamentos de uma professora de arte sobre o ensino de arte na contemporaneidade. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (org.). *Culturas da imagem: desafios para a arte e a educação*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2012. p. 99-123.

O capítulo trata da atuação da professora de Arte e apresenta a transformação histórica dos repertórios artísticos, culturais e imagéticos que cultivamos em nossas vidas.

DERDIK, E. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2015.

A obra é um guia de experimentação para o universo do desenho, tratando-o como uma linguagem artística fundamental nas artes visuais.

FALKEMBACH, M. F.; FERREIRA, T. *Teatro e dança nos Anos Iniciais*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

Guia prático de teatro e dança para crianças que reúne sequências didáticas, jogos e exercícios cênicos fundamentados pedagogicamente.

FERNANDES, D. Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens. *Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, v. 19, n. 41, p. 347-372, 2008.

Disponível em: <https://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1454/1454.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2025.

Nesse artigo, o autor destaca a avaliação como instrumento de regulação pedagógica.

FERNANDES, D. *Rubricas de Avaliação: Folha de apoio à formação – Projeto de Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica* (Maia). Lisboa: Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação (Portugal), 2021. Disponível em: https://afc.dge.mec.pt/sites/default/files/2021-04/Folha%205_Rubricas%20de%20Avalia%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 23 jun. 2025.

O documento apresenta as rubricas de avaliação como apoio a práticas avaliativas formativas.

FIGUERÔA, K. M.; VARGAS, P. P. I.; CORREIA, E. *Dança da escola: da teoria à prática*. Curitiba: Editora Intersaberes, 2023.

O livro explora o uso da dança como ferramenta pedagógica na Educação Básica, com embasamento nos contextos históricos, legais e metodológicos do ensino dessa linguagem.

FONTEERRADA, M. T. de O. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora da Unesp; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

A autora traz as abordagens educacionais de pensadores da educação musical, sobretudo ao longo do século XX, de forma a traçar um panorama histórico, valorizando uma prática musical criativa e fazendo uma crítica ao ensino de música tradicional.

FRANÇA, C. C. Sentidos da avaliação diagnóstica. *Música na Educação Básica*. Londrina, v. 6, n. 6, 2014.

No artigo, voltado para professores de música da Educação Básica, a autora explora o tema da avaliação diagnóstica, mostrando exemplos práticos e como desenvolver esse tipo de avaliação nas salas de aula.

FRANK, C. *Dança moderna: movimentos fundamentais organizados segundo os princípios da técnica de Martha Graham*. Porto Alegre: Acervo do Centro de Memória do Esporte, 2013.

A obra apresenta e sistematiza os movimentos essenciais da dança moderna com base na técnica de Martha Graham, uma das figuras mais influentes da dança no século XX.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

Esse livro é um guia ético e político que destaca a necessidade de se adotar uma postura crítica, dialógica e humanizadora nas práticas pedagógicas. Contribui para a compreensão de que ensinar envolve respeito ao saber do estudante, compromisso com a transformação social e valorização da autonomia.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

A obra ressalta a leitura como prática de liberdade e compreensão do mundo. É um texto que inspira práticas de leitura vinculadas à realidade dos estudantes, reconhecendo o ato de ler como instrumento de conscientização e emancipação.

HARTMANN, L. *Crianças contadoras de histórias*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2021.

O livro apresenta crianças de diversas nacionalidades e culturas não apenas como ouvintes, mas como contadoras das próprias histórias, colocando-as no papel de protagonistas e autoras.

HERNÁNDEZ, F. *Catadores da cultura visual: uma proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

A obra propõe uma imersão na arte por meio das imagens que nos rodeiam, incluindo referências da publicidade, animação e cinema.

KOUDELA, I. D. *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

Essa é uma autora-chave para a área de pedagogia do teatro no Brasil, pelas traduções de Viola Spolin e por experimentações práticas em teatro e educação realizadas e descritas, como neste livro. Aqui a prática teatral com crianças pequenas é desenvolvida por meio de jogos.

KRAUS, R. *The Expanded Field of Sculpture*. *October*, Cambridge, v. 8, 1978.

O ensaio discute a linguagem da escultura, argumentando que ela se expande para além dos materiais tradicionais, abrangendo novos formatos, meios e modos de apresentação.

KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

A obra propõe uma visão de mundo em que os seres humanos se compreendem como parte da natureza, assumindo o direito de participar e dar dela.

LABAN, R. *Do movimento à dança*. São Paulo: Summus, 1978.

Clássico da teoria do movimento, o livro aborda os princípios do sistema de Laban, amplamente usado no ensino da dança.

LOPES, V. N., RICARDO, D. Educação das relações étnico-raciais [...]. *Arte negra na escola: teatro*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, set. 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/deds/wp-content/uploads/2023/01/Arte-Negra-na-Escola-Teatro-2022.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2025.

Arte Negra na Escola é um projeto que tem a pretensão de funcionar como material didático de apoio ao cumprimento da Lei n. 10.639/2003, para uso na Educação Básica e Ensino Superior. O terceiro volume visa contribuir para o conhecimento da história do Teatro Negro e estimular práticas antirracistas em contextos educativos.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Summus Editorial, 2015.

Nesse livro, a autora explica o que é educação inclusiva e fala sobre os passos para implantá-la.

MARQUES, I. *Dançando na escola*. São Paulo: Cortez, 2018.

Essa obra busca fundamentar a teoria e a prática para a inserção da dança no contexto escolar.

MORIN, E. *O método*. Porto Alegre: Sulina, 2011-2013. v. 1-6.

A obra apresenta um ambicioso projeto intelectual que busca situar, no diálogo entre filosofia e ciência, as grandes questões humanas, partindo do objetivo de articular saberes, refletir sobre a condição humana e defender a construção de uma sociedade ética e plural.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

O autor desenvolve sete pilares para se pensar a educação na contemporaneidade, com foco no entendimento da condição humana e na complexidade do saber.

NEVES, M. *Organização do espaço acadêmico: “quebrar a rotina”*. 2014. Relatório Final (Mestrado em 1º e 2º ciclos do Ensino Básico) – Escola Superior de Educação Jean Piaget/Arcozelo, Vila Nova de Gaia, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/24091>. Acesso em: 20 maio 2025.

A pesquisa investiga como a reorganização intencional do espaço educativo, especialmente a sala de aula, pode favorecer aprendizagens mais significativas e participativas, destacando a importância da flexibilidade espacial como estratégia pedagógica inclusiva.

PIAGET, J. *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

A obra aborda o desenvolvimento cognitivo na infância, mostrando como a inteligência se constrói por meio das interações com o meio. Oferece fundamentos para compreender os estágios do desenvolvimento infantil e respeitar os ritmos de aprendizagem, favorecendo metodologias que partem da experiência concreta do estudante.

PUPO, M. L. de S. B. *Para alimentar o desejo de teatro*. São Paulo: Hucitec, 2015.

A obra é um compilado de artigos escritos por esta relevante autora da pedagogia do teatro no país, nos quais ela aborda questões de mediação cultural e formação de espectadores, entre outras concernentes ao ensino de teatro.

QUEIROZ, L. R. Educação musical e etnomusicologia: caminhos, fronteiras e diálogos. *Opus*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 113-130, dez. 2010.

Com base em referencial da antropologia e da etnomusicologia, o autor busca diferenciar e conceituar a música popular urbana da cultura de tradição

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

popular, mostrando ideias e pedagogias que respeitam a diversidade de abordagens possíveis na educação musical.

RENGEL, L. P. *et al. Elementos do movimento na dança*. Salvador: UFBA, 2017.

A obra introduz conceitos de Rudolf Laban, além de oferecer propostas para aulas, improvisações, oficinas e processos criativos.

RICHTER, I. M. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

A obra destaca o valor estético e simbólico dos fazeres artesanais e tradicionais, realizados por pessoas comuns.

SABINO, J.; LODY, R. G. da M. *Danças de matriz africana: antropologia do movimento*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

A obra aborda as danças de matrizes africanas sob a ótica da antropologia do movimento, destacando sua importância como patrimônio cultural imaterial e ferramenta pedagógica.

SANTOS, J. M. da S. *As toadas de bumba-meu-boi: sobre enunciados de um gênero discursivo*. Curitiba: CRV, 2024.

Essa obra analisa as toadas do bumba-meu-boi para compreender sua estrutura e circulação linguística.

SASSAKI, R. K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

O livro faz uma análise do desenho universal para ambientes físicos e das leis e políticas inclusivas.

SCHAFER, M. *Educação sonora*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.

Atividades de escuta e reflexão sonora que são viáveis de se fazer com diversas faixas etárias. O autor instiga o refinamento da escuta, com atividades que podem ser conduzidas por educadores especialistas ou não.

SCHAFER, M. *O ouvido pensante*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991

O autor aborda a escuta ativa e reflexiva, discutindo uma educação musical possível tendo como premissa a escuta ativa e reflexiva de sons do cotidiano.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

O livro amplia a noção de alfabetização ao incluir as práticas sociais de leitura e escrita. Auxilia na compreensão de que ensinar a ler e escrever envolve não apenas ter habilidades técnicas, mas também inserir o estudante em práticas culturais de letramento.

SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Esse livro está na base das metodologias colocadas em ação no ensino-aprendizagem de teatro no Brasil, no trabalho com crianças, jovens e adultos e na formação

de atores. Organizado de forma didática como um manual, apresenta uma introdução que define os conceitos trabalhados pela autora em toda a sua obra.

SPOLIN, V. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Mais do que um livro com orientações precisas sobre o método de ensino-aprendizagem de teatro, esse fichário é de grande valor para as práticas teatrais com pessoas de todas as idades, orientando o processo de aquisição do saber fazer da linguagem teatral.

STRAZZACAPPA, M.; MORANDI, C. *Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança*. Campinas: Papirus, 2006.

O livro apresenta uma reflexão sobre a formação do professor de dança e os desafios de unir arte e pedagogia.

SWANWICK, K. *Musical knowledge: intuition, analysis and music education*. Londres: Nova York: Routledge, 1994.

O livro aborda a visão do autor sobre a relação de conhecimento musical e sua teoria espiral do desenvolvimento musical, em que ele associa os termos materiais, expressão, forma e valor como camadas de significado da música.

TOURINHO, I. Retomando um tema delicado: avaliação e ensino de arte. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS "ENTRE TERRITÓRIOS"*, 19., 2010, Cachoeira. *Anais [...]*. Cachoeira: ANPAP, 2010. p. 2094-2106. Disponível em: https://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/irene_maria_fernandez_silva_tourinho.pdf. Acesso em: 4 set. 2025.

O texto é um apoio para entender questões relevantes sobre avaliação em arte, apresentando problemáticas que professores enfrentam sobre o assunto e que impactam as práticas de ensino.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

A obra é fundamental para compreender a aprendizagem como processo social culturalmente mediado. Oferece subsídios para pensar a importância da interação, da linguagem e da mediação pedagógica no desenvolvimento dos estudantes, valorizando o papel ativo do professor na criação de contextos de aprendizagem significativos.

WALSH, C. *Interculturalidade crítica e educação intercultural*. *In: SEMINARIO INTERCULTURALIDAD Y EDUCACIÓN INTERCULTURAL*, 2009, La Paz. *Anais [...]*. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 9-11 mar. de 2009. p. 13.

A autora apresenta diferentes perspectivas de interculturalidade na educação e justifica sua escolha pela interculturalidade crítica, defendendo a construção de práticas pedagógicas críticas, decoloniais e interculturais.